

PUBLICAÇÕES
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
FUNDADA EM 1863

Premiada nas Exposições do Porto (1865), Paris (1867), Filadelfia (1876),
Barcelona (1878) e Lisboa (1898)

Reconhecida como instituição de utilidade pública em Portaria de 22-2-1918 e regida pelo Decreto n.º 8630 de 9-2-1923

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

VOLUME V



PROPRIETARIA E EDITORA

A
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

SÉDE : — EDIFÍCIO HISTÓRICO DO CARMO

LISBOA — M. DCCCC. XXVIII

BIBLIOTHECA
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
Edifício Histórico do Carmo

3367

ARQUEOLOGIA E HISTORIA

BIBLIOTHECA
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEOLOGOS PORTUGUEZES
Edifício Historico do Carmo

3361

PUBLICAÇÕES
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

FUNDADA EM 1863

Premiada nas Exposições do Porto (1865), Paris (1867), Filadélfia (1876),
Barcelona (1878) e Lisboa (1898)

Reconhecida como instituição de utilidade pública em Portaria de 22-2-1918 e regida pelo Decreto n.º 8630 de 9-2-1923

ARQUEOLOGIA
E
HISTÓRIA

VOLUME V



PROPRIETARIA E EDITORA

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

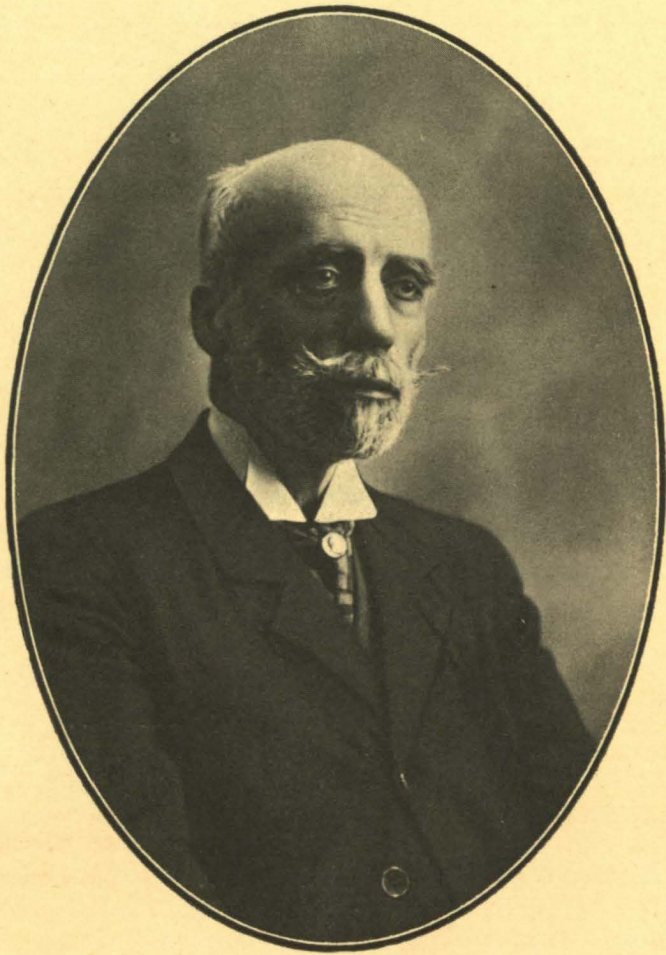
SÉDE : — EDIFÍCIO HISTÓRICO DO CARMO

LISBOA — M. DCCC. XXVI

ARQUEOLOGIA
E
HISTORIA

A responsabilidade dos escritos insertos nas publicações d'esta Associação pertence exclusivamente aos seus autores, cuja ortografia é, portanto, como é intuitivo, respeitada.





J. Leitold Vasconcellos

1926

AO SEU PRESIDENTE DE HONRA

Dr. José Leite de Vasconcellos

A ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

CONSAGRA E DEDICA ESTE NUMERO
DE "ARQUEOLOGIA E HISTORIA"

EXTRACTO DA ACTA DA SESSÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DE 26
DE NOVEMBRO DE 1925, A QUE PRESIDIU O PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO, DR. LUÍS XAVIER DA COSTA, SECRETARIA-
RIADO POR AFONSO DE DORNELAS E DR. MANUEL DOMINGOS
HELENO JUNIOR.

.....
«O senhor Doutor Joaquim Fontes propõe que o próximo número
de «Arqueologia e História» seja dedicado ao senhor Doutor José
Leite de Vasconcelos».

.....
«O senhor Presidente propõe que nesse número sejam publica-
dos o trabalho do senhor Doutor Fontes e os discursos dos senhores
D. José Pessanha e Doutor Felix Alves Pereira, bem como outros
trabalhos de sócios, o que foi aprovado por aclamação».

.....

ORDEM DE TRABALHOS DA ASSOCIAÇÃO
HISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA

PROPOSTA APRESENTADA NA SESSÃO DA ASSEMBLEIA GERAL
DE 20 DE JUNHO DE 1925 E VOTADA POR ACLAMAÇÃO NA SESSÃO
DE 27 DO MESMO MÊS E ANO, A QUE PRESIDIU
D. JOSÉ MARIA DA SILVA PESSANHA, SECRETARIADO
PELO MAJOR HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA
E LUÍS RUFINO CHAVES LOPES

Ex.^{mo} SR. PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

Os abaixo assinados propõem, nos termos do art.º 35 e seu § unico do Regulamento Interno desta Associação, que seja elevado a Presidente de Honra da Associação dos Arqueólogos Portugueses, unico lugar que lhe pôde competir na nossa Agremiação e digno da sua alta competência e respeitabilidade scientifica e social, o Ex.^{mo} Senhor Professor Dr. José Leite de Vasconcelos.

Lisboa 20 de junho de 1925.

Luís Xavier da Costa
Gustavo de Matos Sequeira
Alberto Sousa
Jacinto d'Andrade Albuquerque de Bettencourt
Jesuino Artur Ganhado
Julio Nunes de Freitas
Manuel Domingos Heleno Junior
Antonio José d'Avila do Amaral
José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcelos
Afonso de Dornelas
Conde do Almerjão

Francisco Nogueira de Brito
Luis d'Albuquerque Bettencourt
Luciano Ribeiro
Henrique Quirino da Fonseca
Luís Ferreira Lima
D. Maria do Carmo de Sousa Coutinho
Antonio Cesar Mena Junior
Augusto Cesar Cardoso Pinto de Queiroz
Luís Chaves
João Ribeiro Cristino da Silva
Eloi do Amaral
Carlos Meireles da Silva Carvalho
José Mendes da Cunha Saraiva
Vasco Semedo
D. José Pessanha
J. Cardoso Gonçalves
Augusto Vieira da Silva
J. M. Cordeiro de Sousa
Artur Lamas
José Paulo Pereira
Joaquim Fontes
Augusto Cardoso Pinto
Henrique Pires
Henrique de Campos Ferreira Lima
Conde de São Paio, D. Antonio
Frederico Gavazzo Perry Vidal
Francisco Soares O'Sullivam
José Rodrigues Simões
Joaquim Rasteiro
Felix Alves Pereira

DISCURSO DO SOCIO TITULAR
E VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DR. FELIX ALVES PEREIRA
NA SESSÃO DE 26 DE NOVEMBRO DE 1925

Sr. Presidente: Pedi a palavra para dar à proposta de V. Ex.^a o meu voto, que por si nada vale, mas que significa muito, porque êle representa o pensar e sentir de todos os nossos consócios.

Foi um critério da mais indiscutível justiça que a inspirou, mas é um preito que devíamos ao saber e ao trabalho, e é até uma envidada honra para todos nós.

Sr. Presidente: com as poucas palavras que pronunciarei e serão as que a convicção me ditar, não venho fazer à assembleia a revelação de um valor ignorado, de um trabalhador intelectual a cujo encomio eu tivesse de dedicar aqui longa e compacta argumentação; todos os que me estão ouvindo sabem em que alicerces se firma a estrutura científica do sr. dr. Leite de Vasconcelos; mas, velho discípulo, como me orgulho de ser, do eminente professor, o meu silêncio, nesta ocasião, seria para mim dura violência e amargo remorso.

Nove anos trabalhei estreitamente ao lado de S. Ex.^a no Museu Etnológico; mestre, exemplo e amigo, que tudo me foi ali o sr. Dr. Leite de Vasconcelos, como tal aprendi a venerá-lo, a admirá-lo, a estimá-lo e a conhecê-lo emfim.

Este infatigável investigador, que por si só trabalha e produz como quatro, reparte o seu tempo, avaramente contado desde as primeiras horas da manhã, pela Arqueologia, pela Etnografia, pela Filologia e pela Numismática. Em qualquer dêstes braços dessa grande árvore da Sciência, tem êle patenteado o seu saber forte, não cingido apenas a rápidas monografias de ocasião, mas prodigalizado em obras fundamentais que fariam isoladamente a reputação de qualquer homem de sciência e que hoje são rigorosamente indispen-

saveis nas bibliotecas dos eruditos. Mas se além destas produções de tomo, relacionarmos todas as outras suas publicações a que, sem as desvalorizar, poderemos chamar menores, formaremos sem hipérbole, uma enciclopédia grandiosa de volumes subordinados àquelas quatro sciências, afóra alguns escritos poéticos.

Foi assim que o consumado professor se tornou um extraordinário e benemérito apóstolo da instrução, não só pelos seus livros inúmeros, mas ainda pela fundação do Museu Etnológico Português.

Neste instituto, onde tem sido reünida enorme quantidade de monumentos do passado, o visitante encontra expostos numa série cronológica instructiva, os vestígios das gerações que se sobrepuzaram no solo, que é hoje a nossa Patria, e aí lê, em duas ou tres horas de deambulação, numa linguagem para a qual o alfabeto se dispensa, porque é a linguagem das coisas, o que só um grosso volume lhe ensinaria.

Quem se abalançou a esta obra tam generosa, tam árida e tam util? Em poucas dezenas de anos, conseguiu realizá-la o sr. Dr. Leite de Vasconcelos com uma pertinácia admirável. Existiria este monumento da instrução nacional sem o momento feliz da iniciativa do seu incansavel fundador? E' possível que existisse, mas a hipótese, como todas as deste teor, é fantástica, por isso que representa o avêso de um facto real e incontestável, que teve um agente proprio e determinado. Quem desempenhou essa missão de tam largo alcance foi o sr. Dr. Leite de Vasconcelos, e por tanto é sobre êle que recai toda a glória da ideia e da sua execução porfiada.

Depois de tam intenso labor, na aproximação da época da vida em que a tentação do descanso e o pêso dos louros colhidos deviam convidá-lo ao remanso da missão cumprida, não vemos o nosso consócio afrouxar no seu absorvente indagar de todos os dias; ao contrário, a cada hora o encontramos multiplicando a sua actividade, ou na Faculdade, ou na Academia, ou na Torre do Tombo, ou na Biblioteca, ou no Museu Etnológico, ou nas tipografias ou no meio dos livros incontaveis da sua livraria, estudando, ensinando, investigando, escrevendo sempre, e sempre revendo provas sem uma sombra de fadiga.

Sr. Presidente: sei quanto o acolhimento da sua despretenciosidade vai estremecer com o éco destas minhas palavras, mas elas não são mais que a voz iniludível dos factos de que todos dão testemunho e assim injustiça seria que ela emudecesse no próprio seio da nossa Associação, da qual este Consócio e Mestre ocupa o fastígio.

DISCURSO DO SÓCIO TITULAR E SECRETÁRIO
DA SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA,
PROF. DR. JOAQUIM MOREIRA FONTES,
NA SESSÃO DE 26 DE NOVEMBRO DE 1925

Por dever a que o meu coração me obriga, cumpre-me vir hoje perante V. Ex.^{as} justificar, se o facto precisa de justificação, a homenagem que a Associação dos Arqueólogos Portugueses pensa em dispensar nesta sessão ao Prof. José Leite de Vasconcelos. A personalidade deste sábio é de tal maneira notável que as minhas palavras seriam escusadas. E' praxe tambem em todas as colectividades scientificas que, em casos semelhantes, alguém diga alguma coisa das qualidades do homenageado. Eis a razão destas minhas mal alinhavadas palavras. Eis porque um dos mais novos dos seus discipulos aqui vem falar sobre o labor do Mestre.

A obra dêste nosso consócio pode ser examinada sob vários aspectos: como professor, arqueólogo, etnólogo, numismáta e filólogo, e seja qual for a facêta que se encare da sua inconfundivel personalidade, Leite de Vasconcelos merece sempre o nosso respeito e admiração.

O PROFESSOR: — Vindo muito novo para as lides scientificas, começando por assim dizer a desbravar terreno virgem em todos os ramos da sua múltiplice actividade literária, Leite de Vasconcelos encontrou diante de si o desdém e a ignorância do meio. Contra êles lutou anos e anos até que conseguiu, com poucos mais a ajuda-lo no nosso país, ver dar, às sciências que tem cultivado, o justo valor que elas merecem. Começando a colher lendas populares ainda estudante no Porto, mereceu-lhe este seu amôr à etnografia um epíteto jocoso dado pelos seus condiscipulos. Nada o desanimou, trabalhou sempre.

A vós que trabalhais, ou à luz da oficina,
 Ou mordidos do sol, em aspera campina,
 Entre as urzes crueis, batidos pelo vento ;
 A vós que vós servis da pena ou do martelo,
 Luzeiros do porvir, sacerdotes do belo,
 Atletas da palavra, heróis do pensamento ;
 A vós que sabeis bem o quanto à alma custa
 Escalar a montanha olímpica, vetusta
 Do ideal, para colher alguma ideia nova,
 Alguma fecundante, auríferã semente
 Aproximando o ceu e desviando a cova ;

A vós que dais valor a quem trabalha...

.....

E' que eu dedico, ouvi, meu canto juvenil.

Foi com estas palavras que o nosso consócio entrou nas suas lides de escritor, é esta a dedicatória da sua primeira produção literária *Poema da alma*. Adivinha-se já nestes versos o batalhador infatigável que tanto trabalhou para valorizar, entre nós, as sciências a que se dedicou.

Quem percorrer os seus *Ensaios Etnográficos*, em grande parte colectânea de artigos dispersos em jornais da provincia, vê, como Leite de Vasconcellos ao lado do estudo erudito da lenda, da quadra popular ou da superstição, insiste sempre no valor destas investigações. «Ninguém se ria das crenças do pobre povo! Os que mais se riem delas são os que menos estão no caso de lhes cômpreender a profunda significação», são palavras do nosso homenageado de hoje. O prólogo do seu livro *Tradições Populares em Portugal* é uma defesa calorosa dos estudos do *Folk-lore* nacional. Ali mostra e ensina, com argumentos irrefutáveis, o valor destes estudos e para que o publico sofra um estímulo mais constante acêrca destes assuntos iniciou, no mesmo ano (1882), a publicação de um *Anuário de Tradições Populares* de que saiu um único volume. No ano anterior (1880-1881), com Mont'Alverne de Sequeira, funda o *Pantheon*, revista, quinzenal de sciências e letras que se propõe «acompanhar o movimento intelectual moderno» e, o seu primeiro artigo nessa revista, *Mithologia Portuguesa*, começa com as seguintes palavras «á maioria das pessoas parece uma simples curiosidade ridícula o estudo dos costumes populares. Este preconceito é um dos

obstáculos que encontro ao colher as tradições, e preciso sempre de me valer de toda a minha seriedade e bons modos, para triunfar dele. Saiba-se porém que, assim como o geólogo, escavando a terra tira de lá prova da existência do Homem pré-histórico... assim o etnógrafo, nos costumes, poesias, superstições, contos, etc., descobre o viver dos antepassados». Os estudos etnográficos levam-no à arqueologia. Em 1884 publica um livrinho, que escreveu com entusiasmo, *Portugal Pré-histórico* que, apesar de antiquado seria bom ver mais difundido e na mão dos estudantes das nossas escolas, livrinho que nas palavras do seu autor «não se destina aos sábios, mas aos que de Arqueologia pré-histórica não têm noções nenhuma». Presidiu á sua factura o mesmo princípio em que sempre insiste nos seus trabalhos anteriores, o ensinar, o criar amor por essa sciência. Mais tarde funda o *Archeólogo Português* e é curioso percorrer os primeiros volumes desta revista. Nada de artigos de grande erudição. É a tribuna donde evangeliza, apesar de já ter criado um Museu, o então Museu Etnográfico, onde havia arquivado documentos pré-históricos, proto-históricos, romanos e até de etnografia moderna, e sobre ele haver publicado um folheto onde diz que o museu serve para educar o público e leva-lo a conhecer e a amar a sua pátria. No *Archeólogo* ensina as mais elementares noções de arqueologia, que num país onde a esta sciência fosse dado o valor que ela então já tinha no grande público de outras nações, seriam desnecessárias. Porém, entre nós, apesar de já haver então cultores notáveis da pré-história e de se ter realizado em Lisboa uma das mais importantes sessões (1880) do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, o grande público ficara alheado a esse movimento científico. E por isso escreve um artigo de divulgação sobre castros. Dá a sua definição, as suas características e classifica-os. A propósito de uma polémica entre os Padres José Brenha e Rocha Espanca, em que este último diz que as antas eram monumentos históricos, cabanas de pastores e de hortelãos e não sepulturas e que a palavra anta vem do latim *antrum*, isto quando já entre nós se havia publicado dois trabalhos fundamentais sobre estas construções, o de Pereira da Costa *Descripção de alguns dolmens ou antas de Portugal* em 1863, e a magnífica monografia de Carlos Ribeiro sobre os dolmens de Bellas e Sintra, *Noticia de algumas estações e monumentos pré-históricos*, em 1880, Leite de Vasconcellos intervem.

E sem uma palavra azêda, sem pretender mostrar a ignorância com que era tratada a questão, o que aliás já nesse momento se justificaria, pacientemente esclarece o problema.

Num outro artigo na mesma revista *Objeto da numismática*, diz o que é esta sciencia e escolhe uma moeda de então (50 reis de D. Luiz), como exercício, descrevendo-a; verdadeira lição prática e elemental. E poderíamos aumentar o numero de exemplos deste genero.

Entretanto continua a desenvolver à custa do maior trabalho e com grande zêlo o Museu Etnológico, e é escusado dizer a v. ex.^{as} quanto esta extraordinaria obra, um dos melhores museos do mundo com os seus 20.000 objetos expostos, tem influido na educação do público, e isto á custa de quanta cancelira, com verbas miseraveis e muitas vezes do seu bolsinho particular.

A numismática e a filologia merecem-lhe iguais cuidados e por isso criou cursos gratuitos na Biblioteca Nacional. Prepara as suas lições em casa, queixava-se-me ás vezes do trabalho que lhe davam, mas pontualmente, no curso de filologia que seguiu durante mezes, Leite de Vasconcellos explicava os textos, instrua e estava sempre pronto a desfazer qualquer dúvida que os seus discipulos de ocasião tivessem, e, se o caso era mais complicado, ia estudá-lo para casa e na proxima lição expunha os resultados das suas pesquisas.

A reforma republicana da instrução pública, levou-o à Faculdade de Letras, foi a sancção official que a patria devia a quem em toda a sua vida tem sido alem de um extraordinario investigador um educador. O meio hoje já é outro, não se precisa de recorrer ao ensino das coisas elementares, os conhecimentos gerais sobre qualquer sciencia estão muito mais divulgados. Por isso a actividade de Leite de Vasconcellos, neste ramo da sua obra, se modificou. E a sua lição inaugural do primeiro ano de lingua e literatura latinas na Faculdade de Letras é um modelo de erudição, de concatenação de varios factos (arqueológicos, etnográficos, filológicos e literários) donde sobresaí o valor da lingua da imortal cidade do Lacio.

Um dia um estudantinho do liceo, ha já muitos anos foi visitar o Museo Etnológico. Olhava os armários cheio de admiração pois que encontrava diante de ele um assunto novo, empolgante. Trazia consigo um modesto percutor de silex da estação de Liceia (Barcarena) ali colhido depois de uma visita a este local e a seguir á

leitura do *Portugal Pré-histórico* de Leite de Vasconcellos. O estudante comparava o utensilio coligido com os guardados no Museo de Belem. Passou êste e, com a maior simplicidade, dirige-se ao estudante, fala-lhe de arqueologia, faz-lhe uma lição prática, anima-o no interesse que nele havia despertado esta bela sciencia. Despede-se sem dizer quem era. Só mais tarde à volta do nosso homenageado do Egipto o estudante poude saber que tinha falado com Leite de Vasconcellos. Procura-o então no seu gabinete da Biblioteca Nacional, os estímulos recebidos são cada vez mais numerosos; empresta-lhe livros, interrompe sempre os seus trabalhos mal êle chega para o atender. Um dia, o acaso faz com que o estudante descubra uma estação paleolítica. Corre junto de Leite de Vasconcellos, mostra-lhe os objectos, expõe as suas duvidas e êste discute com o estudante do 6.º ano do liceu o achado como se ele fosse um arqueólogo. Incita-o a descrevêr o seu descobrimento. Leu três manuscritos que o estudante lhe levou, emendando-os, comentando-os quer na redacção, quer na ortografia, quer na parte técnica, sem um enfado.

Foi assim que entrei nas lides arqueológicas, foi assim que publiquei o meu primeiro trabalho científico, era, e é assim, que Leite de Vasconcellos, o sabio consagrado, criou discipulos. E, meus ex.^{mos} consócios não sei qual dos aspectos da sua complexa personalidade, mais hei-de admirar, se o Mestre, se o Sabio.

O ARQUEÓLOGO: — Mercê das circunstancias do meio a arqueologia nacional teve dificuldade em adquirir foros de sciencia a que tinha jus. O exemplo nobilissimo da Comissão dos Trabalhos Geológicos, hoje Serviço Geológico de Portugal, por causa das suas características especiais, devidas á orientação naturalista dos seus fundadores não podia singrar num país onde o cultivo das sciencias naturais quasi não existia, como quasi não existe ainda. E, apesar do altissimo valor dos homens que a compozeram, das suas notaveis publicações e do seu riquissimo museo, a instituição e os seus fins ficaram incompreendidos do grande publico. O exemplo da Sociedade Arqueológica Lusitana de Setubal, organizada em 1857, quasi com o fim exclusivo de explorar as ruinas de Troia, não foi secundado, nem imitado. Só a nossa Associação conseguiu vencer até hoje, com alternatvas de esplendor e decadencia que tem todas as colectividades scientificas. Estácio da Veiga consegue explorar o Algarve, desenterra materiais preciosos á custa de muito trabalho e dificuldades. No seu livro *An-*

tiguidades Monumentaes do Algarve, constantemente se queixa de falta de protecção. Morto êste investigador, a sua colecção estava em risco de se perder.

E' então que Leite de Vasconcelos, graças ao apoio de um ministro inteligente, o sr. dr. Bernardino Machado, consegue comprar para o Estado a colecção de Estácio da Veiga e que, junta a sua particular, consegue organizar em 1893 o núcleo primacial do Museo Etnológico. De aí em diante, á custa das maiores ecónomias, salva milhares de objectos de pedra ou bronze, vasos, lápides, mosaicos etc. de uma destruição certa. Consegue escavar grutas, antas etc. e arrecada os espólios recolhidos. E assim chegou êste homem quasi abandonado dos poderes publicos a juntar essa colecção formidável que o país se pode orgulhar de possuir.

Bastava pois que se lhe devesse êste unico serviço para que a nossa homenagem fosse justificada. Mas há mais, Leite de Vasconcelos não é só o coleccionador, dá vida ao Museo, os objectos estão classificados, sabe-se as condições em que foram encontrados muitos dêles e a sua proveniencia. E hoje uma visita ao Museo de Belem é um curso teórico e prático de Arqueologia nacional. E isto quasi só com alguns serventes, que na sua maioria se não interessam pelo assunto, e, de vez em quando com um conservador, tendo tido no entanto a sorte de alguns deles lhe terem sido colaboradores preciosos. Mas a sua actividade como arqueólogo não se limita a organizar o Museo. Além do *Arqueólogo Português*, onde colabora constantemente, com os seus 25 volumes (e só quem dirige publicações scientificas periódicas avalia quanto trabalho terá dado o manter por tão longo tempo essa revista cujo recheio é precioso) muitas obras se lhe devem. Não vou analisar todos os trabalhos arqueológicos de Leite de Vasconcelos. Lembrar-lhes-hei as *Religiões da Lusitania*. Obras de conjunto sobre a arqueologia pré-histórica do nosso país possuímos duas, o livro clássico de Cartailhac *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* e as *Religiões*. Apesar desta se ocupar mais exclusivamente do lado religioso dos povos primitivos da Lusitania, varios assuntos arqueológicos são aqui mais ou menos abordados, sempre com uma grande proficiencia. A ela temos todos que recorrer constantemente quando nos ocupamos da pré-história portuguesa. Nela se encontra quasi sempre uma indicação util, ha sempre um pormenor no texto ou em notas que serve de precioso

auxiliar ao pesquisador. Tanto na pré-história, como na proto-história ou na época romana os assuntos foram tratados exaustivamente para o momento da sua publicação. E' um primor de erudição e de probidade scientifica. Leite de Vasconcelos cita todas as fontes de que se serviu, e honestamente, quando não pôde ver o livro original, diz onde foi buscar a indicação. E escolhendo ao acaso, basta que nos lembremos, por exemplo, dessas 64 páginas em que descreve a romanização da Lusitania, em que esta é seguida quasi ano a ano e isto jogando com os dados archeológicos, com os textos, com os monumentos, etc. E' um capitulo de extraordinario valor como erudição e como método. Alguns dos problemas que mais estão actualmente na ordem do dia, como por exemplo, a arte rupestre galaico portuguesa, mereceram já a Leite de Vasconcellos um cuidado especial nas *Religiões*. Apesar do seu autor, na época em que escreveu esse volume da sua obra não ter elementos ainda que lhe permitissem profundar mais o assunto; o material escolhido e figurado é utilizavel e até algumas das ideias expostas são ainda aceitaveis.

Sobre a época do bronze em Portugal o unico esboço de sistematização que possuímos, deve-se à sua pena. Ali se estuda e relacionam materiais em grande parte recolhidos por êle. Entre estes figura um dos mais notaveis monumentos desta época, conhecido na Europa: uma tampa de uma sepultura de um guerreiro da época do bronze sobre a qual estão desenhadas as armas que o guerreiro usou em vida. Refiro-me á tampa da sepultura da Defesa (S. Tiago do Cacem).

Impossivel se torna no curto espaço de tempo de que posso dispor referir-me, mesmo ligeiramente, aos mais importantes trabalhos de archeologia devidos a Leite de Vasconcellos. Mas em nenhum campo desta sciencia êste investigador infatigavel deixou de marcar a sua actividade e a sua erudição. Não fez, e tinha condições para o fazer como nenhum outro, um trabalho de conjunto da nossa pre-história. A sua *História do Museu Etnológico Português* (1915) é ao mesmo tempo um resumo sucinto e um plano dessa obra..

Póde-se discutir a sua fórmula literaria, póde-se não concordar com as suas ideias, mas deve-se-lhe uma soma extraordinaria de optimos materiais, que os conhecimentos colhidos nas suas campanhas archeológicas, nas suas viagens a países estrangeiros e nas suas leitu-

ras fizeram elementos imprescindíveis a quem se dedica a êstes estudos. E coisa curiosa, não sendo Leite de Vasconcellos um naturalista apesar de médico (teve sempre maior predilecção para as investigações literarias), os seus escritos de arqueologia são no entanto vivos, não separa os objectos do Homem e da vida. Dotado de um grande poder de observação supre com ele em grande parte a sua talvez deficiente preparação em sciencias naturais. Apesar da sua obra sobre arqueologia pré-histórica ser mais etnográfica do que a de uma sciencia que utiliza mais os metodos de investigação das sciencias naturais e biológicas, quantos serviços ela prestou e prestará sempre áqueles que tenham uma estrutura mental educativa de preferencia mais de acôrdo com este genero de investigações. Por mim falo, á obra de Leite de Vasconcellos recorro sempre com o maior proveito.

O ETNÓGRAFO: — Falta-me competencia para examinar o nosso homenageado de hoje como etnógrafo. Foi a sciencia que primeiro cultivou, a ela tem dado grande parte do seu esforço. Os seus *Ensaios Etnograficos*, *As Tradições Populares em Portugal*, *Signum Salomonis*, «*Ex Libris*» *manuscritos de character tradicional*, *As Canções do Berço*, *A Barba em Portugal*, *A Revista Lusitana* com os seus 24 volumes, *De Campolide a Melrose*, etc., são obras de alto valor e em que os assuntos são tratados quasi sempre duma maneira exhaustiva. Pasma tanta erudição, tanta noticia que só com anos de trabalho se podem adquirir. Quantas vezes o tenho encontrado com livros os mais heterogéneos em que a maior parte da sua leitura tem que ser desperdiçada, para colher uma noticia que possa interessar á etnografia. A sua obra fundamental em que trabalha ha muitos anos e de que já publicou o plano (*Etnografia portuguesa. Tentáme de sistematização*) será como se póde julgar pela vastidão dêste e pelos trabalhos a que me acabo de referir um verdadeiro monumento. Quem conhece Leite de Vasconcellos, sabe os montes de verbetes, de notas, de pequenos apontamentos de que dispõe para a realizar.

O NUMÍSMATA E O FILÓLOGO: — A outros compete encarar Leite de Vasconcellos debaixo destes pontos de vista, eu sinto-me incapaz de o fazer. São sciencias quasi desconhecidas para mim. Mas as homenagens que lhe tem sido conferidas tanto como numismata como filólogo são seguras garantias de que se lhe podem aplicar as mesmas palavras que lhe fiz como educador e arqueólogo.

O HOMEM:— Ao tomar gostosamente a incumbencia de vir dizer a V. Ex.^{as} o alto valor de Leite de Vasconcellos, eu procurei calar o meu coração, aplicar aqueles princípios, a que ha pouco me referi, os de naturalista, e examinar, comparar, mostrar a obra deste sabio professor. Nem Leite de Vasconcellos precisa dos meus adjectivos, nem eu me propuz vir perante V. Ex.^{as} fazer o elogio académico da sua candidatura, nem mesmo isso está de acordo com os meus metodos de investigador. Procurei e creio ter conseguido abstrair no meu juizo o Homem e o Amigo. Calei o que a minha amizade que- reria dizer. Todos o conhecemos. Todos sabemos da sua modéstia. Conhecido no mundo inteiro entre os especialistas das sciencias que tem cultivado, muitos e varios galardões lhe tem sido dispensados e alguns dos mais altos como o premio Raul Duseigneur da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Pois a sua modéstia faz-nos sempre esquecer que estamos em presença de um sabio justamente apre- ciado nos meios scientificos. Quantas vezes aos seus amigos mais in- timos ele não expõe as suas duvidas e lhes pede a sua opinião, quando somos nós que sempre aprendemos com ele. E' isto uma prova da sua muito honestidade, do desejo de acertar, de ser compreendido nos seus trabalhos pelos que o lêem.

A êle devo grande parte da minha educação archeológica, e ne- nhuma tarefa mais grata podia tomar do que a de vir perante V. Ex.^{as} justificar a razão deste maximo preito que a nossa Associação lhe pode prestar, a quem, como êle, tanto tem trabalhado pela sciencia portuguesa, a quem, como êle, bem merece da patria.

ARQUEOLOGIA E HISTORIA

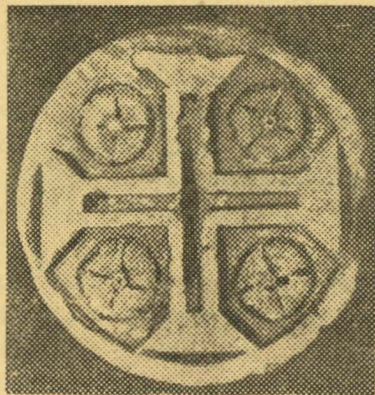
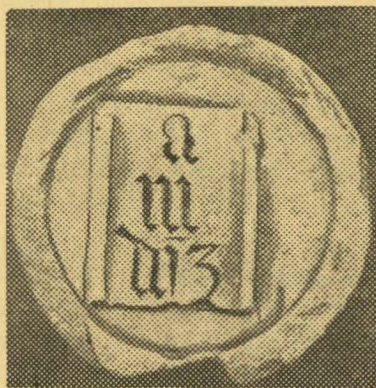
COMUNICAÇÃO

FEITA PELO SÓCIO TITULAR

J.-M. CORDEIRO DE SOUSA

À SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA, NA SESSÃO DE 9 DE NOVEMBRO DE 1926
ACÉRCA DE UMA ESTELA DISCOIDE OFERECIDA AO MUSEU

No passado mês de Outubro deu entrada no museu desta Associação uma formosa estela discoide dos fins do século xv, medindo



0,325 de diâmetro e 0^m,115 de espessura, proveniente do antigo adro da igreja de S. Pedro de Dois Portos.

Como conservador eleito pela Secção de Arqueologia Histórica, julgo-me no dever de chamar a atenção dos meus Ex.^{mos} consócios para essa interessante pedra.

Numa das faces tem insculpida a cruz de Cristo. Esta decoração é muito pouco vulgar, encontrando-se apenas repetida numa estela existente no já bastante valioso museu de Tomar. Entre os braços da cruz notam-se quatro rosetas. Na face oposta, gravadas numa larga fita que parece enrolar-se para um dos lados e possivelmente representa uma vida que findou, duas abreviaturas tornam a estela extremamente rara, pois é a única, deste género, que se conhece no País com o nome do defunto.

E' curioso que a cruz da Ordem de Cristo é aqui simplesmente decorativa, visto o nome representado pelas abreviaturas ser o de uma mulher.

ALGUMAS SIGLAS E ABREVIATURAS

USADAS NAS INSCRIÇÕES PORTUGUESAS

DESDE O FIM DO SÉCULO XII ATÉ O PRINCÍPIO DO SÉCULO XIX

POR

J. M. CORDEIRO DE SOUSA

E' evidente que não tenho a pretensão de fazer um *Lexicon Abbreviatarum*, ou sequer um modesto glossário em que figure a maioria das abreviaturas usadas, em séculos passados, nas inscrições lapidares portuguesas. Isso seria um trabalho necessário, decerto, mas para que não tenho nem elementos nem competência. Nestas poucas folhas reuno apenas as abreviaturas que fui encontrando, durante os meus estudos de epigrafia, por igrejas e museus e algumas extraídas de trabalhos alheios de cuja exactidão julgo não dever duvidar.

E' claro que considero como abreviaturas todas as palavras que, em geral, não eram escritas por extenso, sem a preocupação, desnecessária neste caso, de as agrupar ou classificar. Unicamente indico, além da sua significação, o século em que a abreviatura esteve mais em uso e um local onde poderá ser encontrada. E, se bem que a um pequeno numero falte esta última referência, pois a principio não me pareceu de maior utilidade a menção do local onde as colhêra e mais tarde, passados anos, já não foi possível recordar-me da sua proveniência; para lhe comprovar a autenticidade, bastará lembrar que, embora nas inscrições lapidares algumas não sejam duma grande vulgaridade, encontram-se todavia frequentemente em documentos manuscritos nos séculos correspondentes. E' esta uma pequena falta que facilmente pode ser corrigida.

Não tendo podido percorrer o norte do país, onde creio se en-

contrarão as mais antigas inscrições portuguesas, poucas abreviaturas pude reunir anteriores ao século XIII. A mais antiga inscrição de onde as colhi é do fim do século XII e está hoje no museu do Carmo. Das da Sé de Lisboa só uma, ou talvez duas, vão além do principio do século XIV.

*

Não nos demoremos pretendendo fixar a origem das abreviaturas nos últimos tempos de Roma, filiando-as nas célebres notas tironianas. A abreviatura é quasi tão antiga como os primeiros alfabetos e deve ter sido naturalmente adoptada como um modo de simplificar a escrita. Os romanos usaram-na, como outros povos anteriormente a haviam usado. Nas velhas inscrições hebráicas, assírias, púnicas, etc., encontram-se já abreviaturas.

A abreviatura simplificava a inscrição, sobretudo ganhando-lhe espaço, mas complicava-a pela dificuldade da leitura que necessariamente se tornava menos comprehensivel. E o que se fazia com a intenção de simplificar, passados séculos, quando justamente a inscrição devia lembrar certo facto ou determinada pessoa, é quando a pedra em que foi escrita, esboroada pela acção do tempo ou gasta, como a das campas nos pavimentos das igrejas e crastas, pela passagem contínua das gerações que se sucediam, apresenta uma das maiores dificuldades aos que consomem longas horas no trabalho ingrato duma decifração, tendo quantas vezes, quasi que adivinhar um pequeno grupo de caracteres aparentemente mudo, ou o imperceptivel sinal que outrora o completava e lhe dava som.

Depois do século IX, o emprego das abreviaturas atinge por toda a parte um verdadeiro exagêro de que ainda nas inscrições dos primeiros tempos da nossa nacionalidade se encontram alguns exemplos. Da maioria das palavras eram eliminadas uma ou mais letras; a vogal elevada á altura da entrelinha soava como se estivesse antecedi-da ou seguida por um *r*; uma pequena linha recta ou recurvada indicava a supressão de caracteres; e até uma simples inicial representava muitas vezes a palavra completa.

Muitas abreviaturas foram conservando-se por séculos successivos, até quasi aos nossos dias, outras deixaram de ser empregadas ou por desnecessárias, ou pela diferente forma de escrever usada nas

diversas épocas, ou ainda porque, com o andar dos anos, foram simplificando-se ou transformando-se. E assim é que certos sinais que correspondem a letras ou a sílabas suprimidas, muitas vezes, senão sempre, não são mais do que o vestígio, de caracteres que, com o tempo, foram perdendo a sua forma.

Alguns dêles só difficilmente poderiam aqui ser reproduzidos, razão por que tive de suprimi-los, exemplificando-os em parêntesis, ou mesmo de abandonar algumas abreviaturas.

A

A	Ano — s. xvi. <i>Tomar, N. S. da Conceição.</i>
A (com um pequeno traço cortando uma das hastes)	Afonso (?) — s. xv. <i>Inscrição do Zaire.</i>
Ā	Ar... — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
Ā	Afonso — s. xiv. <i>id.</i>
A ^o	Afonso — s. xiv. <i>id.</i>
A ^s	Anos — s. xvi. <i>Leça do Bailio.</i>
AB	Abril — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
ABBA ^A	Abadessa — s. xvii. <i>Lisboa, Sant'Ana.</i>
ĀBBA	Abadessa — s. xvi. <i>Odivelas.</i>
ĀCBPO	Arcebispo.
ĀCEBPŌ	Arcebispo — xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
ADS	A Deus — s. xv. <i>id.</i>
AFN ^o	Afonso — s. xv. <i>Figueiró. S. João.</i>
AG ^o	Agosto — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
AGT ^p	Augustus — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
ĀĪA	Anima — s. xii. <i>Museu do Carmo.</i>
ALBERG ^{RA}	Albergaria — s. xvii. <i>Cruz.º de Albergaria-a-Velha.</i>
ALG ^E	Algarve — s. xvii. <i>Arrifana.</i>
ALGŪA	Alguma — s. xvi. <i>Sintra, S.ª Maria.</i>
ALM ^{DA}	Almeida — s. xix. <i>Leça do Bailio.</i>
ALMOX ^E	Almoxarife — <i>Tomar, Cristo.</i>
ALV ^o	Alvaro — s. xvi. <i>id.</i>
ALX ^o	Aleixo — s. xvii. (?) <i>Sé de Lisboa.</i>
ALZ	Alvares — s. xvii. <i>Sagres, Cap.ª da Praça.</i>
AM	A madre — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
	Amen — s. xiii. <i>Santarem, Alcaçova.</i>
ĀM	Amen — s. xii. <i>Tomar, S.ª M.ª Olival.</i>
ĀM	Amen — s. xiii. <i>Tomar, Cristo.</i>
ĀNS	Anos — s. xv. <i>Ericeira, Fonte do Cabo.</i>
ANT ^A	Antónia — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>

ANTO	António — s. xvii-xviii. <i>id.</i>
ANGE ^A	Angela — s. xvii. <i>Tomar.</i>
ANIŪSAYROS	Aniversários — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
ANIVERS	Aniversário — s. xvi. <i>id.</i>
AÑS	Anes — s. xiv. <i>id.</i>
ANT ^O	António — s. xvi. <i>Sintra, S.ta Maria.</i>
APLŌS	Apóstolos — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
APOST	Apostólico s. xvii. <i>Varatojo.</i>
APPLI	Apostoli — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
AQ̇	Aqui — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
AQ ^I	Aqui — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
ARCBṖ	Arcebispo — s. xviii. <i>Sé de Braga.</i>
ARCBPŌ	Arcebispo — s. xv. <i>Museu dô Carmo.</i>
ARCEBPO	Arcebispo — s. xvi. <i>Sé de Évora.</i>
ART ^A	Artilharia — s. xix. <i>Bussaco.</i>
ASV̇P	Assunção — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
ĀṪ	António — s. xvi. <i>Tomar, S.ta M.a Olival.</i>
ĀTŌ	António — s. xvi. (?) <i>Castanheira.</i>
AVG ^O	Augusto — s. xvii. <i>Xabregas.</i>
AVT	Autem — s. vii. <i>Almourol.</i>

B

B	Beato — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
Ḃ	Bento — s. xiv. <i>id.</i>
BAL ^O	Bailio — s. xix. <i>Leça do Bailio.</i>
BAP ^A	Baptista — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
BAR ^{MEO}	Bartolomeu — s. xvii. <i>Apelação, Q.ta S.to Amaro.</i>
BAR ^{TO}	Barreto — s. xvii. <i>Sagres, Capa da Praça.</i>
RĪ	Seiscentos — s. xv. <i>Museu S. Geografia Lisboa.</i>
BN ^{DO}	Beneficiado — s. xvii-xviii. <i>Lisboa, Pateo D. Fradique.</i>
BN ^{DOS}	Beneficiados — s. xvii-xviii. <i>Coimbra S. Justa.</i>
BND ^O	Beneficiado — s. xvii. <i>Alyôr.</i>
BP ^O	Bispo — s. xvi. <i>Sé de Évora.</i>
BPO	Bispo — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
BR ^{DO}	Bernardo — s. xvii. <i>Tomar, N. S. Piedade.</i>
BRAG ^{CA}	Bragança — s. xvii. <i>Evora, Lotos.</i>
BTIAM	Bastião — s. xvi. <i>Tomar, S.ta M.a Olival.</i>

C

CA	Catarina — s. xvi. <i>Sintra</i> .
	Centésima — s. xiii. <i>Museu do Carmo</i> .
CA C	Ducentésima — s. xiii. <i>idem</i> .
CAN	Catarina — s. xvii. <i>Lisboa, Graça</i> .
CDE	Conde — s. xvi. <i>Tomar</i> .
CO	Conselho — s. xvii. <i>Lisboa, S. Domingos</i> .
CR AÇÃ	Creação — s. xv. <i>Museu S. Geografia Lisboa</i> .
C'ADO	Creado — s. xiv
CABB ^O	Cabido — s. xvii. <i>Sé de Lisboa</i> .
CABD ^O	Cabido — s. xvi. <i>idem</i> .
CADR ^A	Cadeira — s. xvii (?). <i>Taboado</i> .
CAMAR ^O	Camareiro — s. xvi. <i>Ouguela</i> .
CAMR ^A	Camara — s. xviii. <i>Moçambique, Camara Municipal</i> .
CAÕIC'	Canonicus — s. xiv. <i>Sé de Lisboa</i> .
CAP	Capela — s. xvi. <i>idem</i> .
CAP ^A	Capela — s. xvii. <i>Braga, Salvador</i> .
CAPPAM	Capitão — s. xvii. <i>Setubal, Bomfim</i> .
CAR ^L	Cardial — s. xvi. <i>Sé de Evora</i> .
CARID ^E	Caridade — s. xviii. <i>Lumiar, Alameda</i> .
CARV ^O	Carvalho — s. xviii. <i>Lisboa, Jesus</i> .
CAUALR ^O	Cavaleiro — s. xvi. <i>Sé de Lisboa</i> .
CAV ^O	Cavaleiro — s. xvii. <i>Sagres, Cap. da Praça</i> .
CAVALR ^O	Cavaleiro — s. xv. <i>Tomar, S. ta M. a Olival</i> .
CAVLR ^O	Cavaleiro — s. xvii. <i>Sagres, Cap Praça</i> .
CCC	Tricentésima — s. xiv. <i>Sé de Lisboa</i> .
^W CCC	Trezentos — s. xiv. <i>idem</i> .
CCCA	Tricentésima — s. xiv. <i>Odivelas</i> .
CCCC ^{TOS}	Quatrocentos — s. xv. <i>Valadares</i> .
CHANT	Chantre — s. xvi. <i>Sé de Lisboa</i> .
CID ^E	Cidade — s. xvii. <i>Braga, S. Marcos</i> .
CL	Calendas — s. xiii. <i>Museu do Carmo</i> .
CNA	Catarina — s. xvii. <i>Odivelas</i> .
CÕFRA	Confraria — s. xvi. <i>Tomar</i> .
COL ^O	Colégio — s. xvii. <i>Moçambique, S. Fr. co X. er.</i>
COLG ^O	Colégio — s. xvii. <i>id. S. Sebastião</i> .
COM ^{OR}	Comendador — s. xvii. <i>Apelação, Q. ta S. to Amaro</i> .
COMENDOR	Comendador — s. xix. <i>Leça do Bailio</i> .
COMP ^A	Companhia — s. xvii. <i>Moçambique, S. F. co X. er.</i>
CON ^{CO}	Conselho — s. xix. <i>Leça do Bailio</i> .
CON ^{TO}	Convento — s. xvii. <i>Tomar, Cristo</i> .
CONCÃO	Conceição — s. xix. <i>Museu do Carmo</i> .
CONSELHR	Conselheiro — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente</i> .
CONU ^{TO}	Convento — s. xviii. <i>Museu do Carmo</i> .

CONVTI	Conventi — s. xvii. <i>idem.</i>
GOP ^A	Companhia — s. xvii. <i>Moçambique, S. F.co X.er.</i>
COR ^{EL}	Coronel — s. xix. <i>Bussaco, Encarnadouro.</i>
COR ^{TA}	Cortina — s. xviii. <i>Sé de Coimbra.</i>
CŪSTRVX	Construxit — s. xii. <i>Almourol.</i>
CR	Casa Real — s. xviii. <i>Lisboa, Jesus.</i>
CRVZ ^{RO}	Cruzeiro — s. xvii. <i>Lumiar.</i>
CṪ	Cum — s. xiii. <i>Tomar, Cristo.</i>
CV (Pequeno traço cortando uma das hastes do v)	Cum — s. xii. <i>Almourol.</i>
CVI	Cujus — s. xii. <i>Museu do Carmo.</i>
CṪQ	Cumque — s. xii. <i>Almourol.</i>

D

D	De — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
	Dom — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
	Doutor — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
Ḑ	De — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
	Do — s. xiv. <i>id.</i>
Ḑ	Da — s. xiv. <i>Tomar, Cristo.</i>
	De — s. xiv.
D'	Deus — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
DA	Dia — s. xv. <i>Tomar, S. M.^a Olival.</i>
DE	Duque — s. xvi. <i>Sintra.</i>
Ḑ	Diogo — s. xiv, <i>Obidos, castelo.</i>
DO	Diogo — s. xv. <i>Inscrição do Zaire.</i>
D ^{TA}	Dita — <i>Figueiró, Carmo.</i>
DCTA	Djta — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
DCTO	Dito — s. xiv. <i>Id.</i>
DEDA	Dedicada — s. xvii
DESCENDE ^S	Descendentes — s. xvii. <i>Lisboa. S. Vicente.</i>
DESPD ^{AR}	De espaldar — s. xvii (?) <i>Tabuado.</i>
DEZ ^{OR}	Desembargador — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
DEZ ^{RO}	Dezembro — xvi. <i>Castanheira.</i>
DEZB ^{RO}	Dezembro — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
DEZBRO	Dezembro — s. xvii. <i>Sagres, Cap.^a Praça.</i>
DI ^O	Diogo — s. xvi. <i>Castelo da Feira.</i>
DIS	515 — s. xvi. <i>Museu do Carmo.</i>
DN	Divino — s. xvii. <i>Tomar, Cristo.</i>
DN̄	Domino — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
DÑA	Domina — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
DÑI	Domini — s. xii. <i>Almourol.</i>
DÑS	Deus Nosso Senhor. — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
DŪ	Dom — s. xvi. <i>Id.</i>

DÕ	Deo — s. xiv. <i>Id.</i>
DO'	Dois — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
DO ^A	Dona — s. xv. <i>Tomar, S.ta M.a Olival.</i>
DO ^S	Dois — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
DÕIZ	Domingues — s. xvi. <i>Id.</i>
DOM	Domingo — s. xvii. <i>Apelação, Q.ta S.to Amaro.</i>
DOM'	Domus — s. xii. <i>Almourol.</i>
DÕN'	Domnus — s. xiiii (?). <i>Sé de Lisboa.</i>
DÕNI	Domini — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
DOS	Domingos — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
DÕS	Domingos — s. xiv. <i>Id.</i>
DÕZ	Domingues — s. xiv. <i>Obidos, castelo.</i>
DË	Dicitur — s. xiv. (?) <i>Tomar.</i>
DËS	Deus — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
DËA	Dita — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
DTO	Dito — s. xv. — <i>Museu do Carmo.</i>
DËO	Dito — s. xiv. <i>S.ta Comba.</i>
DUCQ̃	Duque — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
DṼ	Duque — s. xv. <i>Id.</i>
DVX	Duxit — s. xii. <i>Almourol.</i>
DZ ^O	Dezembro — s. xvii. <i>Castanheira.</i>

E

E	Era — s. xii-xiii. <i>Museu do Carmo.</i>
Ë	Era — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Ē	Em — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
Ë	Est. — s. xii. <i>Almourol.</i>
Ë	Em — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Ë	Era — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
E ^A	Era — s. xiii. <i>Museu do Carmo.</i>
EDE	Idade — s. xviii. <i>Sé de Coimbra.</i>
EAN̄S	Eanes — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
ECLĒ	Eclesia — s. xii. <i>Bravães.</i>
ECCL	Eclesia — s. xiii. <i>S. Claudio.</i>
ECCLĒ	Eclesia — s. xii. <i>Museu do Carmo.</i>
EGEIA	Igreja — s. xvi. <i>Sé de Braga.</i>
EGIA	Igreja — s. xvi. <i>Braga, S. Bartolomeu.</i>
EIGĪ	Igreja — s. xiv. <i>S.ta Comba.</i>
EIGIA	Igreja — s. xiv. <i>Id.</i>
EIGĪA	Igreja — s. xiv. <i>Id.</i>
ER	Era — s. xiii. <i>Museu do Carmo.</i>
ERDO ^S	Herdeiros — s. xvii. <i>Vila Real.</i>

ERDR ^{OS}	Herdeiros — s. xvii. <i>Lisboa, Monte.</i>
ESCU ^{DO}	Escudeiro — s. xv. <i>Museu S. Geografia Lisboa.</i>
ESP ^{TO}	Espirito — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
ESPU ^Ã	Escrivão — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
EST ^O	Estado — s. xviii. <i>Moçambique, Misericórdia.</i>
E ^V	Eum — s. xii. <i>Almourol.</i>
EV (com um pequeno traço cortando uma das hastes do v)	Eum — s. xiv <i>Thomar.</i>
EX ^A	Excelência — s. xviii.
EX ^O	Excelentissimo — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
EXM ^{TO}	Excelentissimo — s. xix. <i>Leça do Bailio.</i>
EXCO ^{AM}	Excomunhão — s. xvii (?) <i>Taboado.</i>

F

F	Faleceu — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
FA ^O	Filha — s. xv. <i>Figueiró, S. João.</i>
F	Fernando — s. xvi. <i>Tomar, Cristo.</i>
FO	Filho — s. xvi. <i>Campo Maior.</i>
FOS	Filhos — s. xvii. <i>Tomar, Cristo.</i>
FR	Frei — s. xix. <i>Leça do Bailio.</i>
FA ^{CO}	Faleceu — s. xviii. <i>Moçambique, Misericórdia.</i>
FAD ^A	Fazenda — s. xvii. <i>Cascais, Cidadela.</i>
FAL	Faleceu — s. xix. <i>Varatojo.</i>
FAL ^{CO}	Faleceu — s. xvi. <i>Sintra, S.ª M.ª.</i>
FAL ^O	Faleceu — s. xviii. <i>Lisboa, Jesus.</i>
FALE ^{CO}	Faleceu — s. xvii. <i>Tomar, Anunciada Nova.</i>
FALECIM ^{TO}	Falecimento — s. xv. <i>S.ª M.ª Olival.</i>
FAS	Fazer — s. xvi. <i>Braga, S. João do Souto.</i>
FAZ	Fazer — s. xvi. <i>id., S. Gonçalo.</i>
F ^{ÃZ}	Fazer — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
F ^{ÃZ}	Fazer — s. xiv. <i>id.</i>
FELC ^{NA}	Feliciana — s. xvii. <i>Odivelas.</i>
F ^{ÊN} ^Ã	Fernão — s. xv-xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
FER ^A	Ferreira — s. xvi. <i>Castanheira.</i>
FEUR ^O	Fevereiro — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
FEVR ^O	Fevereiro — s. xvii. <i>Odivelas.</i>
FEVR ^O	Fevereiro — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
FI ^O	Filho — s. xv. <i>Tomar, Pegões.</i>
FID ^O	Fidalgo — s. xviii. <i>Lisboa, Jesus.</i>
FL ^{CO}	Faleceu — s. xvii. <i>Odivelas.</i>
FORT ^A	Fortaleza — s. xvii.
FORTZA	Fortaleza — s. xvii. <i>Moçambique, S. Sebastião.</i>

FR	Frei — s. xvii. <i>Leça do Bailio</i> .
FR ^A	Francisca — s. xvi. <i>Tomar, S.^{ta} M.^a Olival</i> .
	Freira — s. xvi. <i>Castelo da Feira</i> .
FR ^{CA}	Francisca — s. xvi. <i>Castanheira</i> .
FR ^{CO}	Francisco — s. xviii. <i>Figueiró, Carmo</i> .
FRAN ^{QA}	Francisca — s. xix. <i>Museu do Carmo</i> .
FRAN ^{CO}	Francisco — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente</i> .
FRAN ^{CO}	Francisco — s. xix.
FR ^{CO}	Francisco — s. xvi. <i>Castanheira</i> .
FRZ	Fernandes — s. xvii. <i>Museu do Carmo</i> .
FRZ	Fernandes — s. xvii. <i>Sé de Braga</i> .
FS	Fez — s. xvii. <i>Braga, Salvador</i> .
FV ^{RO}	Fevereiro — s. xviii. <i>Museu do Carmo</i> .
FZ ^{ER}	Fazer — s. xvii. <i>Moçambique, S. Sebastião</i> .

G

GA	Geral — s. xvii. <i>Museu do Carmo</i> .
GAL	Geral — s. xvii. <i>Setubal, Bomfim</i> .
GAR	Gaspar — s. xvii. <i>Alvór, Matriz</i> .
G ^{NAL}	General — s. xix. <i>Leça do Bailio</i> .
G ^o	Gonçalo — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo</i> .
G ^o	Gonçalo — s. xiv. <i>idem</i> .
GO	(traço cortando a parte superior do G) Gregório — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo</i> .
G ^{OR}	Governador — s. xvii. <i>Sagres, Cap.^a da Praça</i> .
G ^{CIA}	Garcia — s. xiv. <i>Guimarães, Colegiada</i> .
GE ^A	Guerra — s. xvi. <i>Sé de Lisboa</i> .
GE ^{AL}	General — s. xviii. <i>Madeira, Machico</i> .
G ^{EL}	General — s. xvii. <i>Sagres, Cap.^a da Praça</i> .
G ^{LIA}	Glória — s. xiv. <i>Sé de Evora</i> .
G ^{LLZ}	Gonçalves — s. xv. <i>Tomar, Pegões</i> .
GLZ	Gonçalves — s. xiv. <i>Evora, S. Francisco</i> .
G ^{LZ}	Gonçalves — s. xiv. <i>Sé de Evora</i> .
G ^{LZ}	Gonçalves — s. xvii. <i>Tomar, Anunciada Nova</i> .
G ^{NAL}	General — s. xviii. <i>Funchal</i> .
GO ^{VOR}	Governador — s. xvii. <i>Moçambique, S. Sebastião</i> .
GR ^{DE}	Grande — s. xvii. <i>Odivelas</i> .
GR ^{DES}	Grandes — s. xvii. <i>Idem</i> .
GRACIA ^A	Graciana — s. xviii. <i>Museu do Carmo</i> .
G ^{VAS}	Gervásio — s. xiv. <i>Sé de Lisboa</i> .

H

HERD ^{ROS}	Herdeiros — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
HÊRIQ	Henrique — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
HM ^O	Jerónimo — s. xvii. <i>Idem.</i>
HUI ^P	Hujus — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
HÛ	Um — s. xvii e xviii. <i>Museu Etnológico.</i>
HÛA	Uma — s. xvii e xviii.

I

I	In — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Ï	João — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo.</i>
IO	João — s. xiv. <i>idem.</i>
	Primeiro — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
IR	Irmã — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
I ^T A	Justa — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
I ^Ã	João — s. xvi. <i>Ouguela, Cruz de Galindo.</i>
IAZ ^O	Jazigo — s. xvii. <i>Sé de Lisboa.</i>
IB ^C	400 — s. xv. <i>Odivelas.</i>
IG ^{RA}	Igreja — s. xviii. <i>Coimbra, S.ta Justa.</i>
IGIA	Igreja — s. xvi. <i>Braga, Conceição.</i>
IG ^{RA}	Igreja — s. xvi. <i>Sintra, S.ta M.a</i>
IHIS	Joanis — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
IHNES	Joanes — s. xiv. <i>idem.</i>
IHNS	Joanes — s. xii. <i>Museu do Carmo.</i>
IHÑS	Joanes — s. xii. <i>Coimbra, S.ta Justa.</i>
IHS	Jesus — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
I ^H S	Joanes — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
IHSPT ^O	Jesus Cristo — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
I ^H U	Jesus — s. xv. <i>id.</i>
I ^H V	Jesus — s. xii. <i>Almourol.</i>
III	400 — s. xv. <i>Ericeira, Fonte do Cabo.</i>
ILL ^{MO}	Ilustrissimo — s. xviii. <i>Sé de Braga.</i>
IM	João (?) — s. xvi.
IMI	Jesus Maria José — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
I ^N RII	Januarii — s. xiii. <i>id.</i>
I Õ	João — s. xv. <i>Alcacer do Sal.</i>
IO ^Ã	João — s. xvi. — <i>Odivelas.</i>
IOH ^Ã NS	Joanes — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
IR	Irmã — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>

IRO	Janeiro — s. xviii. <i>Alvôr, Matriç.</i>
IRM ^{DE}	Irmandade — s. xviii. <i>Lisboa, Pateo D. Fradique.</i>
IS	15 — s. xvi. <i>Braga.</i>
ISOO	1500. — s. xvi. <i>Museu do Carmo.</i>
ISSX	1560 — s. xvi. <i>Goes.</i>
ISVS	Jesus — s. xviii. <i>Moçambique, S. F.co X.er.</i>

J

JAM	João — s. xv. <i>Museu S. Geografia Lisboa.</i>
JE	José — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
JA ^O	Janeiro — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
JHU	Jesus — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
JM ^O	Jerónimo — s. xviii. <i>Lumiar.</i>
JÕ	João — s. xvi. <i>Leça do Bailio.</i>
JOAQ ^M	Joaquim — s. xix. <i>Varatojo.</i>
JOH ^M	João — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
JÕYMO	Jerónimo — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
JUB	Jubilado — s. xix. <i>Buçaco, Encarnadouro.</i>
JUL	Julho — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>

K

KAL	Calendas — s. xii. <i>Santa Maria de Landim.</i>
KL	Calendas — s. xiii. <i>Coimbra, Santiago</i>
KLAS	Calendas — s. xiv. <i>Cete.</i>
KLS	Calendas — s. xiii. <i>Montemor o-Velho.</i>

L

LÇA	Licença — s. xvi. <i>Sintra, Santa Maria.</i>
LDO	Licenciado — s. xviii. <i>Guimarães, Colegiada.</i>
L ^O	Lopo — s. xv. <i>Tomar, Santa Maria Olival</i>
	Lourenço — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo.</i>
LAM ^{GO}	Lamego — s. xviii. <i>Sé de Coimbra.</i>
LBRS	Libras — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
LC ^O	Lourenço — s. xiv. <i>Torres Novas.</i>
LÇO	Lourenço — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo.</i>
LG ^O	Lago — s. xviii. <i>Moçambique, Misericordia.</i>
LINHA ^Ã	Linhagem — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
LIVREM ^{TE}	Livremente — s. xviii. <i>Idem.</i>

- LIX^A Lisboa — s. XVIII. *Figueiró, Carmo.*
 LOVR^{CO} Lourenço — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
 LX^A Lisboa — s. XVII-XIX. *Museu do Carmo.*

M

- M Madre — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
 Maria — s. XVII. *id.*
 Mártir — s. XVII. *Sé de Lisboa.*
 Mestre — s. XVII. *Museu do Carmo.*
 Milésima — s. XII. *id.*
 Mulher — s. XVII. *Tomar, S. Franc.co.*
 M̄ Milésima — s. XII. *Museu do Carmo.*
 M̄ Mil — s. XIV. *Tomar, Cristo.*
 M̄ Milésima — s. XIV. *id.*
 M̄^A Maria — s. XIV. *Sé de Lisboa.*
 M̄ Milésima — s. XIII. *Museu do Carmo.*
 MA^A Maria — s. XIII. *id.*
 Mesma — s. XVIII. *Museu Etnológico.*
 Missa — s. XVIII. *Evora, S.ta Catarina.*
 MDCA Mendonça — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
 MDE Magestade — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
 MDOV Mandou — s. XVII. *Moçambique, S. Sebastião.*
 E Mestre — s. XIV. *Obidos, Castelo.*
 M Madre — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
 ME Mestre — s. XV. *Figueiró, S. João.*
 EL Manoel — s. XVI. *Tomar, S.ta M.a Olival.*
 M Manoel — s. XVII. *Sé de Evora.*
 MEL Mulher — s. XVII. *Guimarães, Colegiada.*
 MER Miguel — s. XIV. *Sintra, S. Martinho.*
 ML Mariana — s. XVIII. *Museu do Carmo.*
 MNA Martinho — s. XV. *Lisboa, Carmo.*
 M̄ Mosteiro — s. XV. *Museu do Carmo.*
 MO Morador — s. XV. *Lisboa, Graça.*
 MOR Mandou — s. XVII. *Setubal, Bomfim.*
 MOU Muitas — s. XVI. *Sé de Lisboa.*
 MTAS Muito — s. XVI-XVIII. *id.*
 MTO Muitos — s. XVI-XVIII. *Coimbra, S.ta Justa.*
 MTOS Madeira — s. XVII. *Tomar, Anunciada Nova.*
 MAD^{RA} Magestade — s. XVII. *Lisboa, S. Vicente.*
 MAG Magestade — s. XVI. *Sintra, S.ta M.a*
 MAG^{DE} Margarida — s. XIX. *Museu do Carmo.*
 MARG^{DA}

M̄CO	Março — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
MĒDZ̄	Mendes — s. xv (?) <i>Sé de Lisboa.</i>
MEÿ	Meira — s. xv. <i>Museu de Tomar.</i>
MG ^{DE}	Magestade — s. xvi. <i>Museu do Carmo.</i>
MHA	Minha — s. xiv. <i>id.</i>
MHOHER	Mulher — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
MĪA	Misericórdia — s. xvi.
MIDI	Maria José de Jesus — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
MIN ^{TRO}	Ministro — s. xix. <i>Buçaco, Encarnadouro.</i>
MISS	Missionário — s. xviii. <i>Varatojo.</i>
MLHER	Mulher — s. xvi. <i>Tomar, S.ta M.a Olival.</i>
MNS	Minus (?) — s. xiiii. <i>Bravões.</i>
M̄IO	Maió — s. xiv. <i>Tomar, Cristo.</i>
MIR ^{DA}	Miranda — s. xv. <i>Lisboa, S. Cristóvão.</i>
MĪZ	Martins — s. xvi.
MIZ ^A	Misericórdia — s. xviii. <i>Moçambique, Misericordia.</i>
MĪA	Misericórdia — s. xvi (?).
MĪZ	Martins — s. xvi (?).
MOLHĪR̄	Mulher — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
MON	Monasterium — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
MONT ^O	Monteiro — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
MOST ^O	Mosteiro — s. xvii. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
MOSTR ^O	Mosteiro — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
MR ^{CE}	Mercê — s. xvii. <i>Sé de Lisboa.</i>
MRPM	Muito Reverendo Padre Mestre — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
M̄S	Martins — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
MT	Marta — s. xiv. <i>Guimarães, Colegiada.</i>
MĪ	Muito — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
MT ^O	Muito — s. xv. <i>Tomar, Cristo.</i>
MT ^{OS}	Muitos — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
MTA	Marta — s. xiv. <i>Guimarães, Colegiada.</i>
M̄TIM	Martim — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
M̄TINZ	Martins — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
MĪZ	Martins — s. xiv. <i>Tomar, S.ta M.a Olival.</i>
MTII	Martii — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
MVJ ^{TO}	Muito — s. xv. <i>Tomar, S.a M.ta Olival.</i>
MĪA	Misericórdia — s. xvi. <i>Museu do Carmo.</i>
MĪZ	Martins — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>

N

N	Nossa — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
N ^O	Nuno — s. xvi. <i>Goes.</i>
NTE	Neste — s. xvii. <i>Tomar, S. Fran.co.</i>

NACMT ^o	Nascimento — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
NACMT ^o	Nascimento — s. xv. <i>Tomar, Cristo.</i>
NÁRIO	Necessário — s. xviii. <i>id.</i>
NH [̃]	Nenhum — s. xvi. <i>Luç.</i>
NM	Nossa Madre — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
NNE	Nomine — s. xii. <i>Almourol.</i>
NNS	Nonas — s. xiii. <i>id.</i>
NOÏS	Nonis — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
NRI	Nostri — s. xiii. <i>Almourol.</i>
NS	Nosso Senhor — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
NSRA	Nossa Senhora — s. xvii. <i>Tomar, Cristo.</i>

O

OB	Obiit — s. xiii. <i>Museu do Carmo.</i>
OB ^o	Outubro — s. xviii. <i>id.</i>
OFF ^o	Oficio — s. xvii. <i>Braga, S. Marcos.</i>
OL ^{RA}	Oliveira — s. xvii. <i>Lisboa, Monte.</i>
OLIURA	Oliveira — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
OLR ^o	Oleiro — s. xvii. <i>Lisboa, Graça.</i>
OP	O padre — s. xvii. <i>Ericeira, Cruço.</i>
OQ	O qual — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
OQV	O quinto — s. xvi. <i>Goes.</i>
OR	Ora — s. xiii. <i>Museu do Carmo.</i>
ORIV ^D	Oriundus — s. xii. <i>Almourol.</i>
ORTE	Orate — s. xii. <i>id.</i>
OUV ^o	Ouidor — s. xviii. <i>Moçambique, C.^a M.^{al}.</i>
OVT	Outro — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
OVT ^o	Outubro — s. xvi. <i>Sintra, S.^{ta} M.^a</i>
OVT ^o	Outubro — s. xvii. <i>Figueiró, Carmo.</i>

P

P	Padre — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
P	Por — s. xvi. <i>Sé de Lisboa</i>
P	Pelo — s. xiv.
P	Por — s. xiv. <i>S.^{ta} Comba.</i>
P	Pre... — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
P	Per... — s. xiv. <i>id.</i>
P (cortado)	Per... — s. xiv. <i>id.</i>
PA	Para — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
	Pessôa — s. xvi. <i>Luç.</i>
	Primeira — s. xviii.

PAL	Provincial — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
PE	Padre — s. xviii. <i>Lumiar.</i>
	Pede — s. xviii. <i>Sé de Moçambique.</i>
PES	Padres — s. xvii-xviii. <i>Tomar, Cristo.</i>
PIMRO	Primeiro — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
P'IMEÿ	Primeiro — s. xv. <i>Tomar, Pegões.</i>
o	
P	Pedro — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo.</i>
PO	Primeiro — s. xv. <i>Tomar, S.ta M.a Olival.</i>
POR	Prior — s. xvii. <i>Lisboa, Pateo de D. Fradique.</i>
PR	Por — s. xviii. <i>Sé de Moçambique.</i>
PRA	Pereira — s. xvi. <i>Castelo da Feira.</i>
PA	Para, pera — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
PA (o p cortado)	Pera, — s. xiv. <i>id.</i>
PAC	Pace — s. xiii. <i>Montemor-o-Velho.</i>
PADR ^o	Padroeiro — s. xvii.
PD ^o	Perdão — s. xiv. <i>S.ta Comba.</i>
PDOE (o p cortado)	Perdoe — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
PEQ ^{no}	Pequeno — s. xv. <i>Alcacer do Sal.</i>
PER ^a	Pereira — s. xviii. <i>Sé de Braga.</i>
PES (o p cortado)	Peres — s. xiv. <i>Torres Novas.</i>
PEZ (o p cortado)	Peres — s. xiv. <i>Guimarães, Colegiada.</i>
PF	Padre frei — s. xvii. <i>Varatojo.</i>
P ^{iz}	Pires — s. xvi.
P ^{lo}	Pelo — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
PN	Padre Nosso — s. xvii-xviii.
PNAM	Padre Nosso Ave Maria — s. xvii-xviii.
PORT	Portugal — s. xiv. <i>Tomar, Cristo.</i>
PORT ^{al}	Portugal — s. xvii. <i>Moçambique, S. Sebastião.</i>
PORT ^s	Portugueses — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
PR	Prima — s. xix. <i>Buçaco, Encarnadouro.</i>
PRA	Pereira — s. xviii. <i>Moçambique, Misericordia.</i>
	Primeira — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
PR ^o	Primeiro — s. xvii. <i>Castanheira.</i>
PRESB ^{it}	Presbiter — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
PREZ ^{te}	Presidente — s. xix. <i>Leça do Bailio.</i>
PROV	Provincia — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
P ^s BR	Presbiter — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
PSVALMA	Por sua alma — s. xvi. <i>Sé de Braga.</i>
PVLPTO	Pulpito — s. xvi. <i>Lumiar.</i>

Q

Q	Quae — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
	Que — s. xvi. <i>Sintra, S.^{ta} M.^a.</i>
Q ^I	Que — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
Q ^{II}	Qual — s. xv. <i>id.</i>
	Que — s. xviii. <i>Id.</i>
Q ^{AL}	Qual — s. xviii. <i>Figueiró. Carmo.</i>
Q ^I	Qui — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Q ^I	Qui — s. xiiii. <i>Santarem, Alcáçova.</i>
Q ^I A	Quia — s. xii. <i>Museu do Carmo.</i>
Q ^I D	Quid. — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
Q ^{TO}	Quanto — s. xviii. <i>Lumiar, Alameda.</i>
Q ^U TOS	Quantos — s. xiv. <i>Santa Comba.</i>
Q ^V L	Qual — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
Q ^{ADO}	Quando — s. xv. <i>Alcáçer do Sal.</i>
Q ^{AN}	Que hão — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Q ^D	Quod — s. xii. <i>Museu do Carmo.</i>
Q ^{EL}	Que êle — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Q ^{ES}	Quais — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
Q ^{INTAA}	Quintanilha — s. xviii. <i>Tomar, Cristo.</i>
Q ^L	Qual — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Q ^{LL}	Qual — s. xv. <i>Alcacer do Sal.</i>
Q ^{LL}	Qual — s. xv. <i>Tomar, Pegões.</i>
Q ^{NDO}	Quando — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Q ^{OD}	Quod — s. xii. <i>Tomar, Cristo.</i>
Q ^{UM}	Quem — s. xviii. <i>Luso.</i>
Q ^{OTIDA}	Quotidiana — s. xviii. <i>Evora S.^{ta} Catarina.</i>

R

R	Responso — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
	Reverendo — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
R ^A	Rainha — s. xv. <i>id.</i>
R ^{DO}	Reverendo — s. xviii. <i>Sé de Lisboa.</i>
R ^{DOS}	Reverendos — s. xviii. <i>Tomar, Cristo.</i>
R ^O	Rodrigo — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
R ^O	Rodrigo — s. xiv. <i>Sintra, S. Martinho.</i>
R ^{TA}	Quarenta — s. xv. <i>Tomar, S.^{ta} M.^a Olival.</i>
R ^{TOR}	Reitor — s. xviii.
R ^{DO}	Reverendo — s. xviii.
R ^{DOS}	Reverendos — s. xviii. <i>Coimbra, S.^{ta} Justa.</i>

REIND ^{DO}	Reinando — s. xvii. <i>Moçambique, S. Sebastião.</i>
RELIG ^A	Religiosa — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
RESPT ^{TO}	Respeito — s. xvii. <i>id.</i>
REVS	Reversus — s. xvii. <i>Almourol.</i>
RIBR ^A	Ribeira — s. xviii. <i>Funchal.</i>
RIBR ^O	Ribeiro — s. xvi. <i>Xabregas.</i>
RN ^O	Reino — s. xvii.
RND ^O	Reinando — s. xvii.
RÖA	Roma — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
	Romana — s. xvii. <i>id.</i>
RODIC [']	Rodericus — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
ROIZ	Rodrigues — s. xvi. <i>Sé de Braga.</i>
RPM	Reverendo Padre Mestre — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
R̄S	Reais — s. xvii. <i>Sé de Braga.</i>

S

S	Santa — s. xvii.
	Santo — s. xvii.
	São — s. xvii.
	Senhor — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
	Sepultura — s. xvii. <i>id.</i>
	Scilicet — s. xii. <i>Almourol.</i>
S (cortado)	Ser... — s. xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
Š	São — s. xv. <i>Alcacer do Sal.</i>
S ^A	Senhora — s. xvii.
	Sepultura — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
	Sousa — s. xvi. <i>Sintra.</i>
	Sua — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
S ^{AS}	Sepulturas — s. xviii. <i>Figueiró, Carmo.</i>
S ^{AMDE}	Sua Magestade — s. xvii.
Š	Sueiro — s. xiv.
SO	Segundo — s. xv. <i>Inscrição do Zaire.</i>
SOB	Senhor — s. xvii. <i>Figueiró, Carmo.</i>
S ^R	Sepultar — s. xv. <i>id., S. João.</i>
S ^{RA}	Senhora — s. xvii. <i>id., Carmo.</i>
S ^{ES}	Senhores — s. xviii. <i>id.</i>
STA	Santa — s. xvii-xviii.
STO	Santo — s. xvii-xviii. <i>Sé de Braga.</i>
SA	Sua Alteza — s. xvii. <i>Leça do Bailio.</i>
SACRAM ^{TO}	Sacramento — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
SČA	Santa — s. xiv-xv. <i>id.</i>
SČI	Sancti — s. xiv. <i>Odivelas.</i>
SČÖS	Santos — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>

SEB ^{AM}	Sebastião — s. xvii. <i>Moçambique, S. Francisco Xavier.</i>
SEG ^{DA}	Segunda — s. xvi-xvii. <i>Tomar.</i>
SEG ^{DO}	Segundo — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
SEG ^O	Segundo — s. xv. <i>Museu S. Geografia Lisboa.</i>
SEMIN ^O	Seminário — s. xvii. <i>Varatojo.</i>
SÊPE	Sempre — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
SERENS ^{MA}	Serenissima — s. xvii. <i>Odivelas.</i>
SETR ^O	Setembro — s. xvii. <i>Figueiró, Carmo.</i>
SÊUIO	Serviu — s. xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
SIDE	Cidade — s. xviii. <i>Figueiró, Carmo.</i>
SIQ ^{RA}	Sequeira — s. xvii. <i>Castanheira.</i>
SM	Sua Magestade — s. xix. <i>Leça do Bailio</i>
SM ^O	Santissimo — s. xix. <i>Museu do Carmo.</i>
SNÇA	Sentença. — s. xviii. <i>Figueiró, Carmo.</i>
SN ^{RA}	Senhora — s. xvii. <i>Machico.</i>
SNA ^R	Senhora — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
SNOR	Senhor — s. xvi. <i>Tomar, Santa Maria Olival.</i>
SNORS	Senhores — s. xvi
SNR	Senhor — s. xvi. <i>Goes</i>
SOBRED ^A	Sobredita — s. xviii.
SÔR	Senhor — s. xiv. <i>Evora S. Francisco.</i>
SO ^R	Senhor — s. xvi. <i>Sé de Braga.</i>
SÔRS	Senhores — s. xvii. <i>Pero Negro, A da Guerra.</i>
SP ^A	Sepultura — s. xiv (?).
SP ^V	Espirito — s. xvi (?).
S ^R	Senhor — s. xvii. <i>Museu do Carmo.</i>
SRA	Senhora — s. xvii. <i>Figueiró. Carmo.</i>
SRES	Senhores — s. xvii. <i>id.</i>
SR ^{ÍDOR}	Servidor — s. xv. <i>Tomar, Cristo</i>
SS	Santissimo — s. xviii. <i>Museu do Carmo.</i>
SS ^{MO}	Santissimo — s. xviii. <i>id.</i>
ST	Estevão — s. xiv. <i>Guimarães, Colegiada.</i>
	Santo — s. xiii. <i>S. Claudio.</i>
S ^T	Estevão — s. xiv. <i>Museu do Carmo.</i>
STE ^Z	Esteves — s. xiv. <i>Lisboa, Graça.</i>
S ^T O	Santo — s. xiii.
SI ^Z	Esteves — s. xv. <i>Lisboa, Graça.</i>
SUICO (o s cortado)	Serviço — s. xv. <i>Sé de Lisboa.</i>
SV	Sum — s. xiii. <i>Museu do Carmo.</i>
SVS	Suis — s. xii. <i>Tomar, Castelo.</i>
S ✕	Santa Cruz — s. xvi. <i>Coimbra.</i>

T

T ^{AM}	Tabelião — s. XIV (?) <i>Sé de Lisboa</i> ,
TAM	Tabelião — s. XVII. <i>Lisboa, Pateo de D. Fradique.</i>
TEN	Tenente — s. XIX. <i>Leça do Bailio.</i>
TENE ^E	Tenente — s. XIX. <i>Buçaco, Encarnadouro.</i>
TER ^A	Teresa — s. XIX. <i>Museu do Carmo.</i>
	Terra — s. XV. <i>Museu Sociedade Geografia de Lisboa.</i>
TEYXR ^A	Teixeira — XVII. <i>Moçambique, N. S. Baluarte.</i>
TH ^A	Teresa — s. XIX. <i>Museu do Carmo.</i>
T ^O	Todos — s. XIV. <i>Santa Comba.</i>
T ^P O	Tempo — XVI. <i>Sé de Lisboa.</i>
T ^{RA}	Terra — s. XIV. <i>id.</i>
TRCR ^O	Terceiro — s. XVI. <i>Tomar.</i>
TT ^O	Titulo — s. XVII. <i>Museu do Carmo.</i>

U

U	5 — s. XII. <i>Leça do Bailio</i>
	♯ — s. XVII.
UCO	Vasco — s. XV. <i>Museu do Carmo.</i>
U ^E	Vicente (?) — s. XIV. <i>Sé de Lisboa.</i>
UCT	Vicente — s. XV. <i>id.</i>
UII	Septimus — s. XIII. <i>Museu do Carmo.</i>
UNDE	Universidade — s. XIX. <i>Buçaco, Encarnadouro.</i>

V

V	Virgem — s. XVII. <i>Sé de Lisboa.</i>
VA	Vila — s. XVIII. <i>Figueiró, Carmo.</i>
VAS	Vilas — s. XVIII. <i>Id.</i>
VCOS	Vasconcelos — s. XVII. <i>Id.</i>
VDE	Universidade — s. XVII. <i>Buçaco, S. José.</i>
V̂	Vero — s. XII. <i>Almourol.</i>
VAASQS	Vasques — s. XV. <i>Figueiró, S. João.</i>
VASCÓLOS	Vasconcelos — s. XVII. <i>Lisboa, Monte.</i>
VASCONLOS	Vasconcelos — s. XIX. <i>Leça do Bailio.</i>
VENDA	Veneranda — s. XIX. <i>Id.</i>
VENL	Veneravel — s. XVII. <i>Varatojo.</i>
VENR ^{OS}	Venerandos — s. XIX. <i>Leça do Bailio</i>
VIGRO	Vigário — s. XVII. <i>Museu do Carmo.</i>
VREY	Vice-Rei — s. XVII. <i>Moçambique, N. S. Baluarte.</i>

X

X	Cristo — s. xii.
XER	Xavier — s. xvii.
X ^o	Cristo — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
XL ^A	Quaresma — s. xii.
XPAÃOS	Cristãos — s. xiv. <i>Sé de Évora.</i>
XPÃO	Cristovão — s. xvi. <i>Evora S. Franc.co</i>
XPI	Cristi — s. xii. <i>Leça de Bailio.</i>
XPI ^{NA}	Cristina — s. xiv.
XPO	Cristo — s. xv. <i>Museu do Carmo.</i>
XPOUAM	Cristovão — s. xiv
XPOVÃO	Cristovão — s. xvi. <i>Leça do Bailio.</i>
XPVAO	Cristovão — s. xvi. <i>Tomar, S^{ta} M.^a Olival.</i>

Y

YAM	João — s. xv. <i>Inscrição do Zaire.</i>
Y	João — s. xiv. <i>Lisboa, Carmo.</i>
7 ^{BRO}	Setembro — s. xvii-xix. <i>Museu do Carmo.</i>
8 ^{BRO}	Outubro — s. xvii-xix. <i>Lisboa, S. Vicente.</i>
9 ^{BRO}	Novembro — s. xvii-xix. <i>Sagres, Cap.^a da Praça.</i>
10 ^{BRO}	Dezembro — s. xvii-xix. <i>Buçaco, Encarnadouro.</i>
&	e — s. xvii.
	et — s. xvii.
	et cœtera — s. xvii.
—	er — s. xv-xvi. <i>Sé de Lisboa.</i>
	supressão de letras — s. xiv-xvi. <i>id.</i>
~	m, n, er, ra, re — s. xiv-xvi. <i>id.</i>
	supressão de letras — s. xiv-xvi. <i>id.</i>
†	er, re — s. xiv. <i>id.</i>
‡	supressão de letras — s. xiv. <i>id.</i>
w	supressão de letras — s. xiv. <i>id.</i>
..	er, ra. — s. xv. <i>id.</i>
,	e — s. xvi. <i>Museu do Carmo.</i>
,	is, os, us — s. xiii-xiv. <i>Sé de Lisboa.</i>
9	con... — xiii-xiii
9 ^o	conselho — s. xiii-xiv.
w	contra — s. xiii. <i>Tomar.</i>
9	
9 [†]	contra — s. xiii.
9 ^{TRA}	contra — s. xiii-xiv.
9 ^{DE}	conde — s. xiv.
9 ^{UENTO}	convento — s. xiv.

UMA EXCURSÃO ARQUEOLOGICA À GALIZA

POR

JOAQUIM FONTES

... Galicia. No será aquel país, misterioso y lejano, con su mar fosco y sus montañas trágicas, una leyenda de una hermosura insuperable ?

(Azorin-El paisaje de España vista por los españoles).

Ha anos já, o meu querido amigo R. P. Eugénio Jalhay, (1), jesuita português emigrado em Espanha, descobriu cêrca do noviciado de Oya (provincia de Pontevedra) umas curiosas gravuras rupestres. Sabedor de que eu por essa ocasião estudava o grande santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val de Vez), ainda inédito, bizarramente me convidou a visitar os seus achados da Galiza e a utilizar-me dêsse material, para um trabalho que o Dr. Alves Pereira, P. Saraiva de Miranda e o autor prepararam sobre o assunto.

Aceitei o convite e parti para a Galiza.

*

* *

Quem conheça bem a Espanha sabe quão variada é a paisagem no visinho reino. Das Astúrias, com os Picos da Europa, a sua exuberante vegetação de uma região de uma facies alpina, pelas estepes

(1) A êste senhor quero aqui agradecer as constantes amabilidades com que me obsequiou durante os dias que estive em sua companhia, magnificamente hospedado no Colégio de La Guardia.

das Castelas à Andaluzia cheia de flores, de monumentos árabes a lembrar já êsse Marrocos misterioso do outro lado do Mediterraneo ; dos vales selvagens de Batuecas (Extremadura) quási desconhecidos ainda, onde Breuil e depois Hernandez Pacheco encontraram as célebres gravuras rupestres, até à *huerta* valenciana e à cidade do Cid, quantos aspectos diferentes, quantas belezas estranhas guarda a dentro das suas fronteiras a nossa vizinha Espanha. Mas dentro as mais lindas regiões da nação irmã, a Galiza ocupa um dos primeiros logares e, dum passeio por esta linda provincia espanhola, a quem tenha viajado muito, fica imperecível recordação de um dos mais belos aspectos da natureza do nosso continente. A caluniada Galiza bem merece ser metida no roteiro das mais belas excursões europeias. Da Galiza conhece-se o galego, de quem em regra se diz ser estúpido, mas seja-me permitido trazer para aqui uma anedota que o nosso confrade sr. Matos Sequeira conta no «Tempo Passado»: «Quando o galego, de volta à terra, é assediado com perguntas sobre as suas impressões de Lisboa, tem uma respòsta que não depõe a favor da sua estupidez: «A terra é boa; a gente é que é tôla. A agua é deles e nós bendemos-lh'a» (1) Na verdade, são da Galiza muitos dos mais notaveis políticos espanhóis, são galegos; Rosaria de Castro, uma das maiores poetisas da nação vizinha, Emilia Pardo Bazan, Valle-Inclan e quantos outros.

A Galiza e os seus homens são injustamente julgados. A Galiza, como o nosso Minho, é um vasto jardim florido, cheio de encanto e de beleza, mais belo do que êste por causa das suas rias, lagos magníficos que se não impressionam como os da Suissa por lhes faltar os altos cumes cheios de neve a fechar o horizonte, são no entanto muito mais risonhos. Rosaria de Castro descreveu de uma maneira tão bela e em poucas linhas os encantos da sua terra que nós não re-
cuámos em transcrever para aqui um pouco da sua prosa harmoniosa:

«Lagos, cascadas, torrentes, veigas froridas, valles, montañas, ceos azues e serenos com'os d'Italia, horizontes nubrados e malencónicos, anque sempre hermosos com'os ian alabados da Suiza; ribeiras apacibres e sereñinas, cabos tempestuosos qu'aterran e adimiran pó-la sua xigantesca e zorda cólera... , mares imensos... , qué direi más?

(1) Pag. 76, Lisboa, 1924.

Non hay pruma que poida enumerar tanto encanto reunido. A terra cuberta em toda-las estacions de herbíñas e de frores; os montes cheyos de pinos, de robres e salgueiros; os lixeiros ventos que pasan; as fontes y os torrentes derramándose fervedores e cristaiños, vran e inverno, xa pó-los risoños campos, xa em profundas e sombrisas ondanadas... Galicia é sempre um xardim donde se respiran aromas puros, frescura e poesia...» (1).

Esta é a região onde em Setembro de 1924 fiz a excursão arqueológica que hoje aqui venho relatar.

*
* *
*

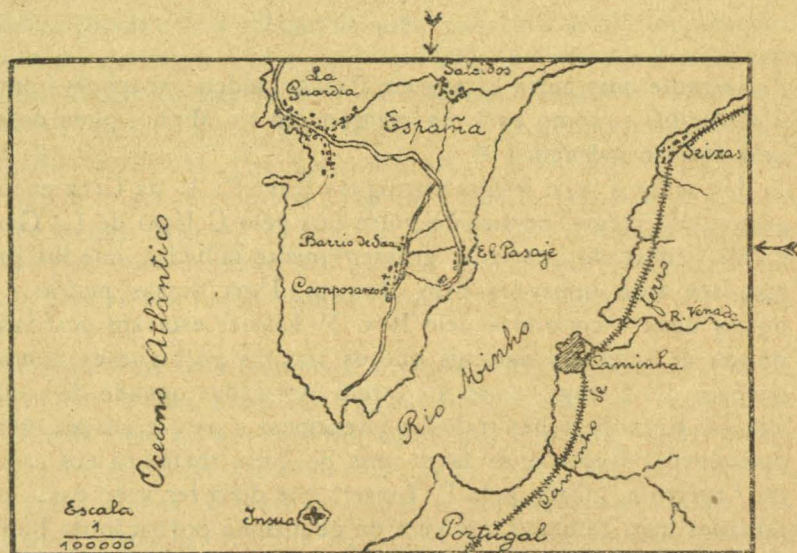
Durante uma curta estada em Pasage, aldeia espanhola fronteiriça a Caminha e, como esta, na margem do rio Minho, pude descobrir uma estação paleolítica (2).

Ha tempos já, o jesuíta português Rev. P. A. da Cruz encontrou perto do Colégio, conhecido entre nós pelo Colégio de La Guardia, várias pedras de quartzite, grosseiramente talhadas, que lhe pareceram ter sido utilizadas pelo Homem. Uma dessas pedras e mais outras duas encontradas pelo Rev. P. Luisier estavam guardadas no museu de sciências naturais que os jesuitas portugueses criaram no Colégio del Pasage, onde me foram mostradas quando da minha visita ali. Reconheci-lhes trabalho intencional e pareceram-me utensilios paleolíticos. Resolveu-se fazer uma pesquisa metódica nos arredores do Colégio e, guiado pelo P. Luisier, que dizia ter visto essas pedras talhadas num caminho que vem da pequenina povoação do Bairro de Saa á estrada de Pasage-La Guardia, fácil me foi achar o local onde

(1) Cantares galegos. Transcrito de Azorin: El paisaje de España visto por los españoles. Madrid, 1917, pag. 35.

(2) Esta parte do presente trabalho, referente à estação paleolítica de Camposancos, foi já publicada no n.º 1, vol. III, da revista *Brotéria*, série mensal (*Fé, sciencias, Letras*). Por amavel deferencia do Ex.º Sr. R.º Padre Tavares, seu director, podemos fazer de novo a sua publicação para que este relatorio não ficasse incompleto. O Ex.º Sr. D. Juan Dominguez Fontela, amabilissimamente, dignou-se enviar tambem as fotogravuras que acompanham a descrição d'este povoado paleolítico, favôr que muito nos penhorou.

se encontraram com relativa abundancia os instrumentos paleolíticos. Aparecem na verdade nêste caminho muitos utensílios, e a explicação dêste facto deve-se ao caso de, na ocasião do amanho das terras que ladeiam esta azinhaga, os camponezes trazerem à superficie essas pedras com os instrumentos agrícolas, e, para limparem as suas courelas de calhaus, atiram-nos para aqui quando estão perto do caminho, porque, se estão mais afastados, vão então collocá-los nos muros vedatorios das propriedades. A' superficie do terreno, poucos instrumentos encontrámos, mas nêste caminho e sobre os muros, fez-se farta colheita; isto fez-nos prever que deviam estar enterrados nos terrenos. A confirmação deste facto tivemos-la pouco depois, ao per-



Estação paleolítica de Camposancos. O encontro do prolongamento das duas setas diz o local onde se acharam os instrumentos.

correr as barreiras da estrada que vai de Camposancos a La Guardia, onde na verdade encontramos enterrados alguns instrumentos. E' a primeira estação paleolítica que se conhece na Galiza. Ali, naquele local, á margem do rio, viveu uma tribu humana durante o quaternário antigo, e da sua existencia resta-nos os seus utensílios soterrados nas aluviões do Minho.

As nossas pesquisas foram breves, mas, e apesar disso, proveito-

sas. E', porém, necessario estudar melhor do que o podemos fazer, êste local, os arqueólogos espanhois, a quem a Sciencia e a Espanha tanto devem, e o jesuita portuguez e distinto arqueólogo Rev. P. E. Jalhay, deverão explorar mais detidamente esta estação. Aqui fica a noticia do local, a descrição da indústria que nos foi possível recolher, bem como os problemas que ela suscita.

Os instrumentos da estação de Camposancos são de um talhe muito grosseiro. Feitos de calhaus rolados de quartzite e silex que o Minho trouxe de longe e depositou nas suas margens, devem pertencer ao paleolítico antigo (chelense). São *coups-de-poing* (ponteagudos e circulares), discos e grosseiros raspadores, bem patinados, de ares-

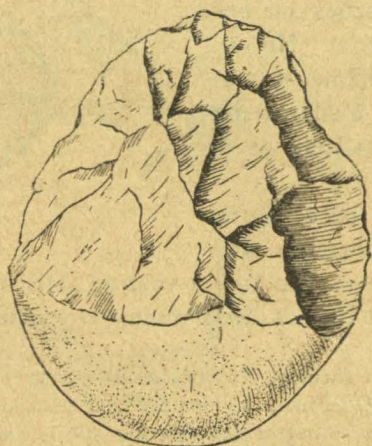


FIG. 1

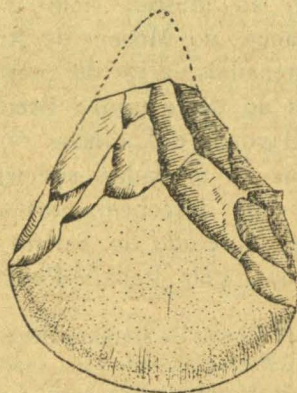


FIG. 2

tas um pouco gastas pelo uso e pelo tempo. Não se nota nêstes instrumentos o intuito de fazer um utensílio mais ou menos elegante; em todas as peças colhidas em Camposancos, o Homem que os fez teve só a preocupação do fim a que eram destinados.

A-pesar-de na rica estação do Casal do Monte (arredores de Lisboa) se terem colhido muitos instrumentos de tipo chelense, raros são aqueles tão grosseiramente trabalhados como os da estação galega; no entanto, notam-se grandes analogias e ha mesmo peças dêstes dois locais absolutamente idênticas.

Em Espanha e Portugal tem-se encontrado outras estações de uma indústria semelhante.

Em Torralba (Soria) (1), Laguna de la Janda (2), Puente Mocho (3), encontraram-se instrumentos idênticos aos de Camposancos. Breuil na bacia do Guadiana (4) e provincia de Cadiz, entre Castelar e Almoraima (5) achou a mesma industria, e, num seu trabalho (6), refere-se a outros locais ainda inéditos onde ha estações semelhantes. O mesmo arqueólogo descobriu em Portugal, em Arronches, instrumentos paleolíticos cujo talhe é idêntico ao dos utensilios de Camposancos. Ainda no nosso país, além da estação do Casal do Monte e suas congêneres dos arredores de Lisboa (7), temos nas Caldas da Rainha (S.^{to} Isidoro) (8), arredores do Porto, Viana do Castelo e ainda em Arcos de Val de Vez (inéditas) (9), estações que pertencem ao mesmo ciclo industrial. No sul da França, no Museu de Angoulême, vi também utensilios varios de quartzite e silex semelhantes ao dêste tipo, e Breuil cita mais os de Dax, Bayonne e Toulouse (10).

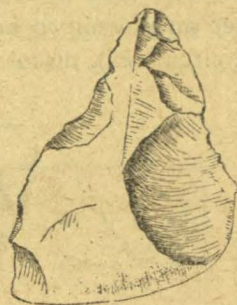


FIG. 3

Hoje há já dados suficientes para pensar depois dos descobrimentos do chelense africano e sobretudo do Sahará, que esta indústria veio de Africa para a Europa, pela Italia e Península Ibérica, mas muito especialmente

(1) H. Breuil. La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre). *O Arqueologo Português*, vol. xxiv, 1920; H. Obermaier. *El Hombre fósil*. Madrid, 1916.

(2) E. Hernandez Pacheco. Las tierras negras del extremo sur de España y sus yacimientos paleolíticos. Madrid, 1915.

(3) J. Cabré e P. Wernert. *El paleolítico inferior de Puente Mocho*. Madrid, 1916.

(4) H. Breuil. Glanes paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana. *L'Anthropologie*, vol. xxviii, 1917.

(5) Breuil. La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre). *O Arch. Port.*, vol. xxiv, 1920. Stations chelléennes de la Province de Cadix, *Institut Français d'Anthropologie*, 20 de Maio de 1914.

(6) *Ibidem, Ibidem.*

(7) J. Fontes. *O Homem fósil em Portugal*, Lisboa, 1923.

(8) Alves Pereira. Industries lithiques sur les rives de la lagune de Obidos. *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, vol. vii, Lisboa, 1916.

(9) Devem-se estas ao nosso amigo Rev. P. José Saraiva de Miranda, benemérito da arqueologia portuguesa. Relevantísimos serviços lhe tem este senhor prestado e os seus achados sobre o paleolítico, de grande importancia, em breve serão publicados.

(10) La station paléolithique ancienne d'Arronches. *O Arch. Port.* etc.

por esta, de aí a grande importancia que tem êstes achados tanto no nosso paiz como no reino visinho. Camposancos vem-nos demonstrar que chegou tambem à Galiza essa mesma fase industrial.

Fig. 1 — Grande *coup-de-poing* de quartzite, feito de um calhau rolado. Talhe muito grosseiro, à *grands éclats*, em grande extensão da face figurada; a outra, bem como a base do instrumento, é a superfície rolada do calhau. A-pesar do talhe ser feito só numa das faces, o artista paleolítico conseguiu obter nesta peça, por golpes habilmente dados, um bordo em zig-zag. Sinais de utilização nos bordos e parte superior do *coup-de-poing*. As arestas estão um pouco apagadas pela erosão. Dimensões: $0^m,12 \times 0^m,105 \times 0^m,065$.

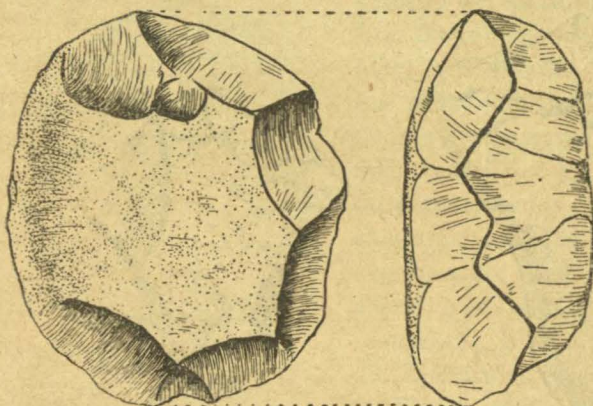


FIG. 4

Este tipo é bastante raro nas estações portuguesas. Assim no Casal do Monte, a mais rica de todas estas, entre 155 *coups-de-piong*, unicamente 5 apresentam esta característica — o talhe só numa das faces. Bourlon, que escavou a caverna de Moustier, encontrou na camada oitava

(acheulense) alguns *coups-de-poing* dêste tipo. No entanto o grosseirismo e as características do trabalho dêste exemplar assim como o dos utensílios colhidos em Camposancos, fazem-nos antes admitir para êle uma maior idade (chelense).

Fig. 2 — *coup-de-poing* de quartzite, ponteagudo. O trabalho desta peça é mais cuidado que o da anteriormente descrita. E' feita de um calhau rolado, de que existe na base e em quasi toda a outra face do instrumento a superfície natural dêste. A ponta partiu-se e a fractura é antiga. Bordos em ligeiro zig-zag, com nítidos vestígios de utilização. Dimensões: $0^m,085 \times 0^m,09 \times 0^m,037$.

Fig. 3 — Esta peça é tambem de quartzite. A base é a superfície natural do calhau, assim como grande parte da face representada na

gravura. Talhe grosseiro, só a ponta foi mais cuidadosamente trabalhada. As reduzidas dimensões dêste instrumento fazem com que os bordos, quando se faz a sua preensão, possam ser difficilmente usados, e na verdade é a ponta que tem mais vestígios de utilização. Dimensões: $0^m,085 \times 0^m,085 \times 0^m,04$.

Fig 4 — *coup-de-poing* discoidal ou arredondado. Nesta gravura representa-se um tipo vulgar em Camposancos, a descrição que se vai fazer dêste utensílio é a mesma que fariamos para todos os outros ali coligidos. O Homem quaternário colhia um calhau rolado, achatado, quasi circular, e num dos bordos, por golpes alternados dum lado e doutro da pedra, levantava uma série de lascas de maneira a

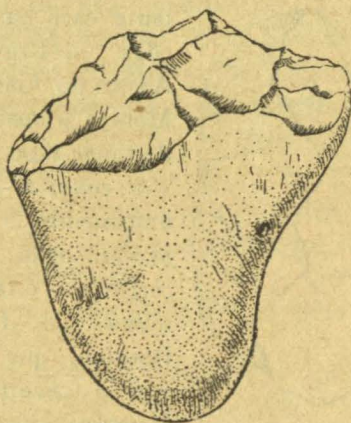


FIG. 5



FIG. 6

obter um bordo em zig-zag; quando porém algum dêsses golpes não dava o resultado desejado, uma segunda pancada mais ligeira e dada mais perto do bordo, levantava outra lasca mais pequena e assim êste se tornava mais sinuoso. O resto do instrumento é a superfície natural do seixo rolado, o que permite uma forte preensibilidade. O bordo tem muitos vestígios de utilização. E' uma peça grosseira, mas para o fim que se tinha em vista, feita com um espírito de utilidade indiscutível. E' um utensílio não raro nas estações portuguezas.

Fig. 5 — E' um tipo de instrumentos que não encontramos descrito nas monografias que neste momento consultamos, mas que se nota também em 3 peças de Casal do Monte, únicas conhecidas até hoje no nosso país (fig. 6). A um calhau rolado mais ou menos em

forma de leque e que se adelgaça bruscamente por duas chanfraduras laterais para a outra extremidade de maneira que dê uma boa preensão, talhou-se a extremidade superior (a mais alargada) de um lado e doutro, de modo que se obtenha um forte e cortante bordo em zig-zag. Se o trabalho é grosseiro, pois que se reduz a talhar a pedra como quem aguça um pau, não se pode deixar de admirar a maneira como foi concebido este instrumento. A escolha da forma do seixo é bem feliz, pois as duas chanfraduras laterais permitem não só uma boa preensibilidade — é um forte cabo — como o alargamento brusco da outra extremidade proibe, quando da sua utilização, que o

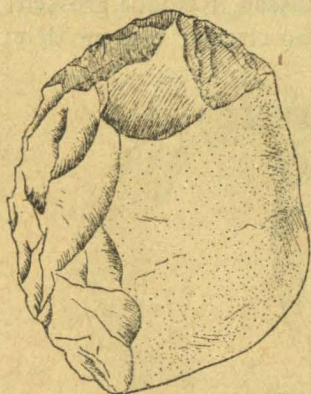


FIG. 7

instrumento escorregue na mão. O ter-se deixado em quasi todo o utensilio a superficie do calhau rolado, é tambem uma idea feliz, pois devendo servir estes instrumentos para dar fortissimas pancadas, se se tivesse desbastado a superficie natural, a mão magoar-se-hia. Não podemos deixar de pensar, ao ver este instrumento, no machado neolítico, esta peça é o seu natural antepassado. Deveria servir como o machado, para esmagar e cortar materiais resistentes. E' de quartzite e foi muito usado. Dimensões: 0,^m13 X 0,^m115 X 0,^m05.

Fig. 8 e 9 — Nas fig. 7, 8 e 9 representam-se instrumentos idênticos, o primeiro do Casal do Monte, os outros de Camposancos. Só o bordo direito foi trabalhado como se fôsse um raspador. A maior parte da face figurada e toda a posterior é a superficie arredondada e lisa do seixo. Breuil descobriu em Arronches um instrumento análogo (1).

Não queremos deixar de pôr em paralelo estas peças e as *hachas de mano* moustერიenses de Cueva Morin (2) e Castillo (3). E' o mesmo tipo de instrumentos, só a técnica variou. Enquanto os daquelas grutas são feitos sobre grandes lascas intencionalmente levantadas dos

(1) Station paléolithique ancienne d'Arronches. *O Arch. Port.*, etc.

(2) Conde de la Vega del Sella. El paleolítico de Cueva Morin (Santander) y notas para la climatología cuaternaria. Madrid, 1921.

(3) Obermaier. El Hombre fósil, Madrid, 1916.

núcleos, deixando-se-lhes intacta a face que tem o bulho de percussão e trabalhando-se-lhes a outra de maneira a obter-se um bordo cortante, nos grosseiros instrumentos de Camposancos onde o Homem não tinha chegado a tal progresso industrial, faz um utensilio semelhante de calhaus rolados, achatados, trabalhando só um bordo (fig. 8). ou mesmo três bordos (fig. 10). Este último tipo é curioso porque faz lembrar vagamente na sua forma um gigantesco *grattoir caréné*, Dimensões: fig. 8=0,^m105×0,^m09×0,^m055; fig. 9=0,^m105×0,^m09×0,^m04; fig. 10=0,^m087×0,^m095×0,^m046.

Fig. 11 e 12—Raspadores de quartzite, muito usados. Talhe na face figurada, a outra é lisa com o bulho de percussão. Retoque grosseiro em ambos os bordos. O da fig. 11 é de bordo circular e só um dêles

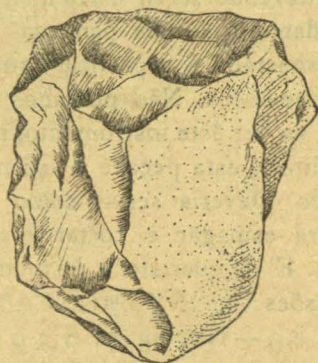


FIG. 8

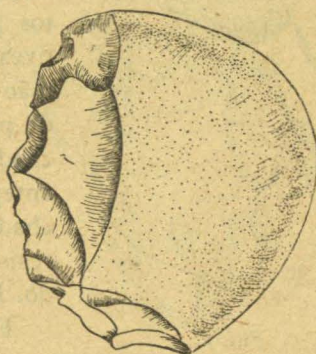


FIG. 9

tem retoque e sinais de utilização, no outro, não trabalhado, está a superfície natural do calhau. O da fig. 12 é triangular e ambos os bordos foram utilizados. Dimensões: fig. 11=0,^m10×0,^m085×0,^m045; fig. 12=0,^m075×0,^m06×0,^m023.

Fig. 13 — Disco de quartzite muito trabalhado na face figurada, a outra é a superfície de um calhau rolado muito arredondado.

Fig. 14 — Núcleo de sílex. E' uma linda peça. O seu aparecimento faz-nos pensar numa série de instrumentos de mais reduzidas dimensões, de que não trouxemos senão o exemplar da fig. 12.

Tais são os unicos vestigios que encontramos dêsses homens que em épocas muito remotas habitaram a linda terra da Galiza, á beira

de um rio que lhe ministrava farta colheita de matéria prima para a confecção dos seus rudes utensílios em face duma das mais lindas paisagens peninsulares que conhecemos.

São os mais velhos pergaminhos duma região tão rica em história, em arte e em belezas naturais.

*

* *

Uma das mais lindas estradas da Península é sem duvida a que vai de La Guardia a Vigo, sempre à beira mar. Depois da ultima curva da estrada que nos esconde, aquela vila até ao grande pôrto de

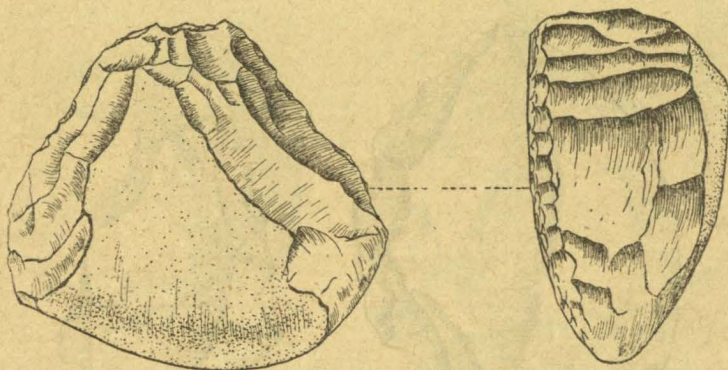


FIG. 10

mar — o melhor da costa atlantica das Espanhas — que é esta cidade, o panorama que se oferece constantemente ao viajante é de uma beleza indescritivel. E' o Oceano muito azul a perder-se de vista à esquerda, desfazendo-se em espuma no bater contra os rochedos da costa, são altas serras à direita, cobertas de pinheirais umas, escalvadas outras, enquanto a estrada corre por fértil planicie cheia de milheirais, em linha recta, a perder-se de vista. Varias povoações, afogadas em arvoredo se encontram a cada instante. Uma delas chama-se Raiña, que a tradição diz ter êste nome em memória da nossa Rainha D. Isabel que por ali passou e ali descançou quando da sua peregrinação a Santiago de Compostela.

Lá para o norte, os ilheus da baia de Vigo, esfumados pela ne-

blina, fecham o horizonte. De Baiona até esta cidade, a estrada segue quasi sempre à beira da ria, essas maravilhosas rias galegas, êsses fjordes encantadores, de uma poesia e de um bucolismo que a minha pena não sabe descrever.

A poucos quilómetros de La Guardia, fica a vilória do Oya, aqui, tem os jesuitas um noviciado num velho convento, á beira do oceano, no fundo de uma enseadasiha encantadora. Passado êste, e depois de uma caminhada de três quartos de hora pela estrada, encontra-se uma venda conhecida pelo Serralho. Um caminho tortuoso á beira desta taberna dirige-se para o monte. Por ele seguimos atravez das fazendas, onde, mulheres de saias arregaçadas, de tranças caídas pelas costas, à moda galega, e de lenço encarnado na cabeça, apanhavam

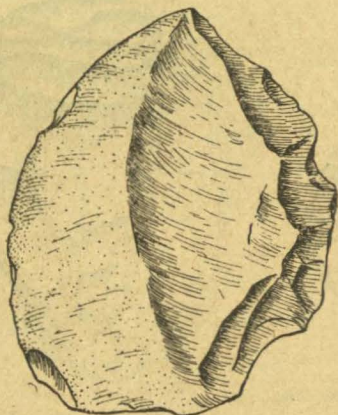


FIG. 11



FIG. 12

o milho. A menos de meia encosta, encontra-se uma grande lage de granito, conhecida na região pelo Penedo de Villadesuso. Foi neste rochedo que o P. Jalhay encontrou as curiosas gravuras rupestres de que nos vamos ocupar.

A arte pré-histórica tem varias modalidades conforme a época da sua factura e as regiões onde se manifestou. E' no quaternário, no paleolítico superior, que pela primeira vez ela se nota; datam já daqui as primeiras obras de arte. Elas podem ser divididas para comodidade de estudo em duas categorias: a arte mobiliária dos franceses (estatuetas, gravuras sobre ossos, pedras, etc.) e a arte parietal ou rupes-

tre (sobre superficies rochosas) Deixando aquela que não nos interessa no nosso caso particular, temos já gravuras rupestres no aurignacense, as primeiras conhecidas, de uma importancia extraordinária. Mas é no maglalenense que a arte quaternária toma o seu maior desenvolvimento. A beleza extraordinária de muitas dessas gravuras e pinturas em cavernas e abrigos ao ar livre, é bem conhecida. São obras primas, inexcedíveis de realismo. Ora essa arte realista é exclusiva da Europa ocidental, enquanto que para o oriente se nota antes



FIG. 13

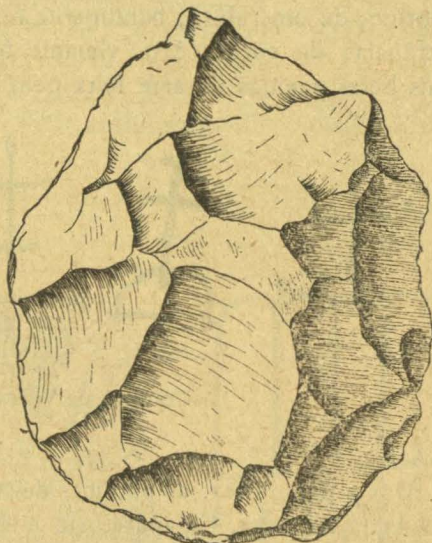


FIG 14

uma arte estilizada. E' no sul da França e da Espanha que ela floresceu principalmente ⁽¹⁾. Nota-se, porém, aqui duas correntes artisticas que levaram os arqueólogos a dividir esta região em duas províncias debaixo dêste ponto de vista: a franco-catábica e a de sudeste e oriente da Espanha. A primeira tem como características a de ser exclusivamente animalista ⁽²⁾ e o de essas figuras haverem sido feitas no interior de grutas. Na segunda, o motivo por excelencia dos artis-

(1) Encontram-se tambem alguns raros exemplares na Italia.

(2) E' certo que se encontram nalgumas grutas verdadeiros mas rarissimos ensaios da figura humana.

tas quaternários é a forma humana, pintada em abrigos ao ar livre. Tanto numa como noutra provincia ha verdadeiras obras primas. As grutas de Combarelles, Font de Gaume, Teijat, Tuc d'Audou- bert, etc., em França, La Pasiaga, Castillo, Peña de Candamo, Alta- mira, etc., em Espanha são santuários de arte dignos de visitar. A esta ultima chamou alguém a Capela Sixtina da arte quaternária, e na ver- dade, quem percorrer os sombrios e misteriosos corredores desta ca- verna e admirar as grandes pinturas do teto, representando muitas delas, animais já desaparecidos, pinturas de um vigor de traço, de um colorido, de um relêvo, habilmente feito, aproveitando saliências e re- entrâncias da rocha, êsse viajante folheia nesse momento uma das mais belas paginas de arte feita pelo Homem.

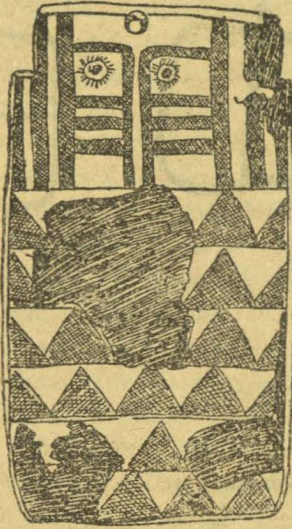


FIG. 15

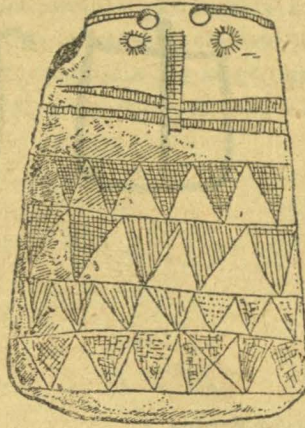
Gravuras de Villadesuso (Oya)

(Segundo fotografia de P. Jalhay)

Mas a-par destas, as pinturas de Alpera, Gogul, Cueva del Charco del Agua Amarga, Calapatá, etc., não lhe ficam atrás. E' o Homem em danças religiosas, em caçadas, em combates, etc. São pequenas *silhouettes* cheias de vida, de movimento, são quadrinhos da vida de então. Com o final do paleolítico êsse grande movimento artistico desaparece, e, no período da transição dêste para o neolítico, o Homem entra noutra fase de arte: a estilisação. Piette em Mas-d'Azil, encon- trou uma série de calhaus rolados com pinturas em que essa caracte- rística se manifesta pela primeira vez no ocidente europeu. Á forma bela que requeria qualidades excepcionais do desenhador, segue-se a figura estilizada, porque ao Homem não interessa já a forma mas sim a ideia subjectiva que ele liga a essa estilisação. E assim, a Europa cai nessa mesma fase artistica que perdura pelos tempos fora até aos tempos proto-históricos, salvo rarissimos exemplares que se encontram esporadicamente.



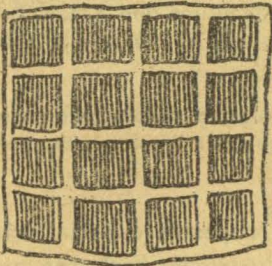
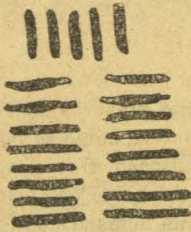
a



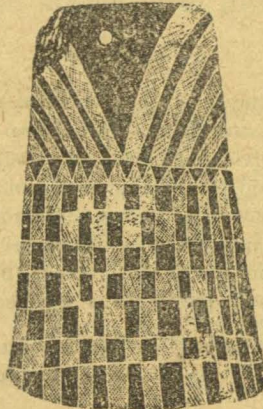
b



c



d



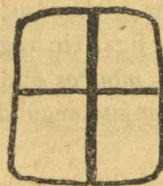
e



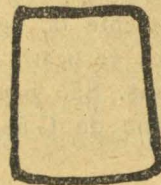
f



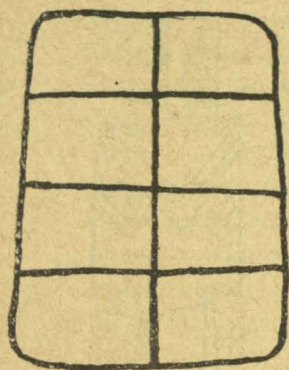
j



l



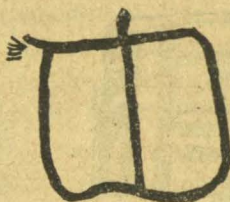
k



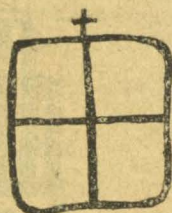
g



h



i



m

a) — Placa de lousa Mertola

b) — Idem da Herdade dos Cavaieiros

c) — Idem de Idanha-a-Nova, (segundo Leite de Vasconcelos)

d) — Pictografia do Cachão da Rapa, (segundo J. Cabré)

e) — Placa de lousa de Viana do Alentejo, (segundo Estacio da Veiga)

f, g, h, i, j, k, l, m,) gravuras do santuário pré-histórico do Gião (Cabana Maior, Arcos de Val-de-Vez).

*
* * *

Nesta estampa comparam-se as placas de lousa com algumas gravuras do Gião e que abundam na arte rupestre galaico-portuguesa. Deve tratar-se, como se pode notar, do mesmo motivo religioso em varios estadios de estilisação. E' o mesmo idolo, representado mais ou menos esquematicamente. E assim como nas placas de lousa, umas são antropomorfas outras perderam essa forma humana, tambem nas gravuras nós vemos representações das placas dêste ultimo tipo (f, g, k, l) e outras em que a figura do ídolo está gravada (h, i, j, m). As gravuras do Gião vem esclarecer esta hipótese a que Breuil já se referiu.

Nota: — Já depois de começado a imprimir êste trabalho enviou-nos o nosso Mestre e amigo o Prof. Obermaier um folheto em que esta hipótese é tambem defendida.

A Galiza, como Portugal, tem uma arte rupestre especial, são gravuras, ou melhor, insculturas em grandes superficies rochosas, em geral grandes lages de granito á superficie do solo, colocadas horizontalmente ou ligeiramente inclinadas, sendo raros os desenhos em paredes verticais. O povo, liga, em regra, ideias misteriosas a estas gravuras. São *penedos dos mouros* onde ha tesouros escondidos. No santuário do Gião, êsses sinais, segundo uma velha de um povoado

próximo, representavam cada mouro que morria na localidade. Segundo ela, a família ou amigos, piedosamente iam gravar nos rochedos que estão no cume desta montanha um sinal, uma cruz, por cada mouro que morria. Mas corre pelo povo àcerca deste monte, que estão enterrados nele muitos tesouros e já não é a primeira vez que as pessoas crentes ali vão de noite fazer escavações ou voltar alguns pedregalhos que julgam esconder debaixo deles as grandes riquezas que os mouros deixaram encantadas.



FIG. 16

Montes de Muimenta (Paradela, Pontevedra).
Segundo Sobrino Buhigas

São deste genero as gravuras que o P. Jahlhay descobriu em Villadesuso, (fig. 15) são signais cruciformes, que o estudo das sucessivas estilizações ajuda a interpretar. Representam elas homens e mulheres.



FIG. 17

Magor (Marin, Pontevedra).

Segundo Sobrino Buhigas

Muitas vezes o Homem tem bem desenhado os caracteres do seu sexo. Estes sinais e covinhas que tanto abundam no nosso Minho cobrem em grande parte o penedo de Villadesuso. Na Galiza abundam tambem em outros locais figuras de animais estilizados, circulos, meandros etc., enigmas que o arqueólogo ainda não conseguiu deci-

frar. As bellissimas collecções dos Srs D. Castro e Sampedro e Sobrino Buhigas (fig. 16 e 17) (1) bem merecem ser publicadas, pois que esta arte apesar de rude, tem o maior valor e é quasi desconhecida. Sobre ella Cabré publicou as gravuras de Torre de Hercules e da Eira dos Mouros (2). Mais algumas noticias esparsas ha, no entanto esta curiosa manifestação artistica não o foi ainda estudada como o merecia. Em Portugal alem do Gião (inédito) ha tambem muitas de essas gravuras na sua maioria publicadas pelo prof. Leite de Vasconcellos (3). A monografia que está sendo feita sobre o Gião (fig. 18, 19, 20 e 21 est. I) preencherá essa lacuna e para ali nos reservamos para dar mais detalhes (fig. 22) sobre este assunto tanto mais que o Rev. P. Jalhay dará noticia das gravuras de Villadesuso noutra lgar (4).

* * *

Um ultimo local visitámos, nêsse passeio pelas terras galegas, foi a Sta. Tecla e com o seu estudo terminaremos a nossa palestra.

Quem de Caminha olhar em frente terras de Espanha notará um monte de forma cónica, muito regular a lembrar-nos a *silhouette* de um vulcão. Isolado dos outros montes, á beira do Rio Minho e metido pelo Oceano dentro, parece sair das aguas azuladas do rio e do mar. Sobee abruptamente para os ceu. Está coberto de arvoredos que lhe resguarda amorosamente os flan-



F. G. 23
Espada de Santa Tecla

(1) Sobre los origenes y fundacion de Pontevedra. In *Faro de Vigo*, n.º 17296 de 16 de agosto de 1923. Obermaier. Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Boletim Arqueológico de la Comision Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense*, III, n.º 148 e 149, fig 1,2,3,4,5, Est. I, II, Orense, 1923.

(2) J. Cabré e J. Gonzales del Rio. Los grabados rupestres de la Torre de Hercules (La Coruña). *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 3.ª serie, Vol. xxxii, ano xix, Madrid, 1926.

(3) *Religiões da Lusitania*, Vol I, Lisboa, 1897. Pode-se consultar com proveito sobre o assunto o trabalho de Obermaier: Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Boletim Arqueológico de la Comision Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense*, Vol. vii, Orense 1923.

(4) Ao nosso amigo R. do P. Jalhay agradecemos a autorisação para aqui publicarmos algumas das gravuras por ele descobertas na Galiza.

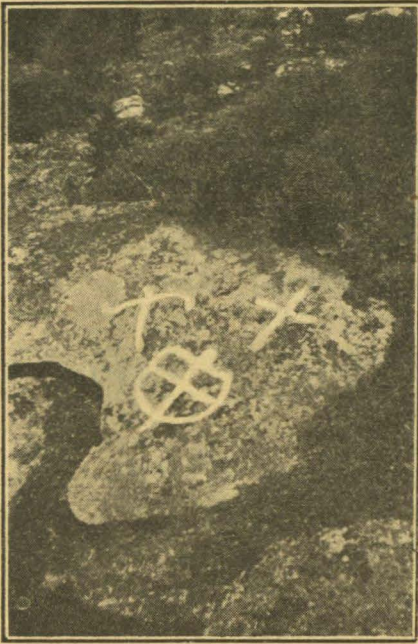


FIG. 18

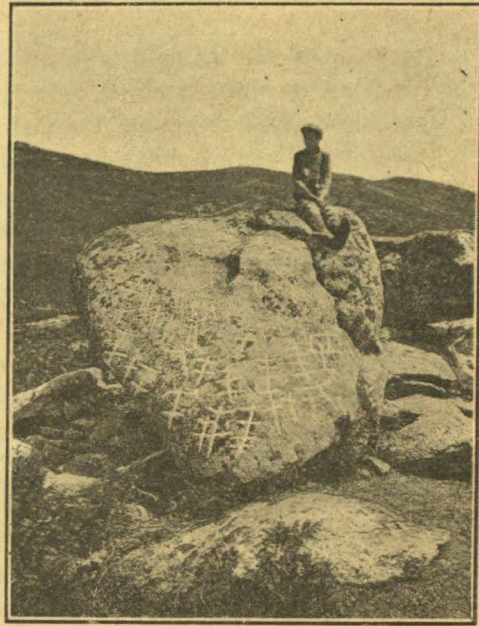


FIG. 19

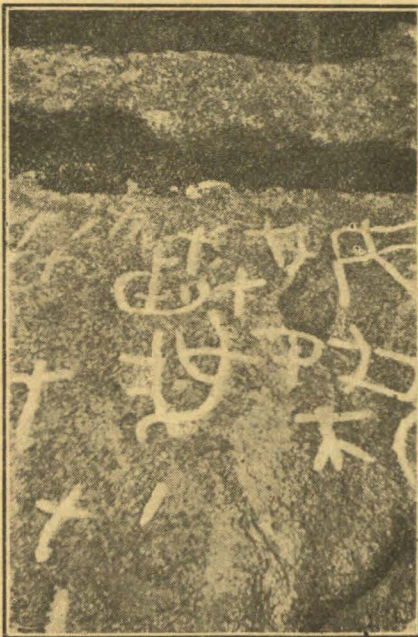


FIG. 20



FIG. 21

GRAVURAS RUPESTRES DO SANTUARIO DO GIÃO

(Fotografias do autor)

cos empinados e lhe regula o contôrno. É o monte de Sta. Tecla, importante para a arqueologia e que teve tambem papel de destaque na história de Portugal. A paisagem é na verdade encantadora vista daquela terra portuguesa, mas o panorama de Sta. Tecla para a nossa patria é de uma beleza extraordinária. A nossos pés o Minho, muito largo de aguas azuis e tranquilas, corre por entre as însuas formadas pelas areias trazidas pela corrente, na

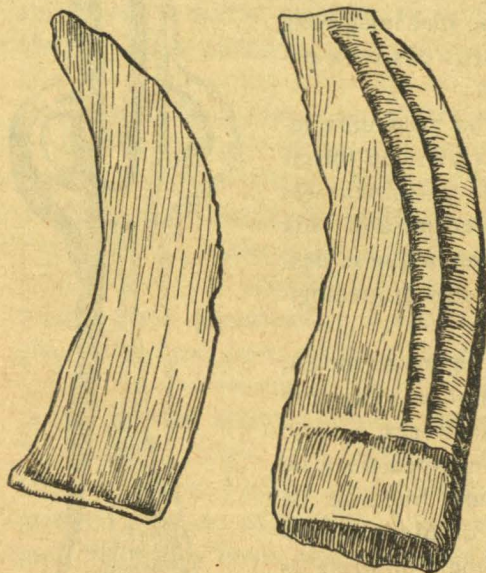


FIG. 24

- a) — Foice de Santa Tecla.
b) — Foice de S. Tiago de Cacem.

outra margem as nossas povoações de Caminha, Vilar, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Vila Nova da Cerveira, etc., muito brancas, destacam-se do azul-violeta das serras escarpadas e maciças de S. Paio e Arga, a fazerem de fundo. Os meandros do Minho coleiam por entre as margens suaves e cheias de milheirais do lado de Espanha, mais alcantiladas do nosso lado, até Vila Nova de Cerveira onde uma volta mais pronunciada do *talweg* nos esconde para sempre essa fita de agua. Em frente de nós o Coura que corre por vale apertado entre

as serras de Arga e S. Paio, lança-se no Minho. Isto para o lado sul e oriente. Para ocidente o oceano a perder-se de vista, e para o norte as serranias de Terroso e lá muito em baixo a risonha vila de La Guardia, com as suas ruas muito alinhadas, quasi vista de cima, ao fundo de uma ensiada bem abrigada onde barcos de pesca de fraldam velas afim de sairem para o mar.

O quadro, de que aqui se dá pálida ideia, é um dos mais belos que os meus olhos tem visto, e, ao encanto dêsse local se deve o conhecimento da importante citânia de Sta. Tecla, que a benemérita

«Sociedade Pró-Monte de La Guardia» tem desenterrado dos entulhos seculares que a cobriam.

Mal imaginava Napier, quando saindo de Setubal, se dirigiu a bordo do vapor «Cidade de Edinburgo», para tomar a Figueira da Foz aos miguelistas, o que não pôde fazer porque a arrebentação do mar proibiu o desembarque e se dirigiu a Caminha para a tomar, cujo plano de ataque estudou do alto de Sta. Tecla, mal imaginava Napier, diziamos, que tinha a seus pés uma povoação algumas vezes milenária.

Em La Guardia fundou-se ha anos uma sociedade «Sociedade Pró-Monte» afim de tornar acessível êste monte conhecido pelos seus extraordinários panoramas. Foi ao cortar a estrada que hoje chega até ao cume da serra que se descobriram casas, muralhas, objectos arqueológicos de grande valor científico.

Com uma prudencia digna de maior elogio, resolveu a «Sociedade Pró-Monte» explorar essas ruínas que o acaso lhe patenteára, e como nenhuns dos seus socios era um especialista no assunto, resolveu officiar à «Junta Superior de Excavaciones y Antiguedades de Madrid», pedindo que alguém de competencia dirigisse os trabalhos que a Sociedade custiaria. Foi encarregado de essa missão, o meu amigo Rev. P. D. Ignacio Calvo que por varias vezes ali tem estado a fazer explorações mais ou menos extensas conforme o permitem os fundos da Sociedade que ávida e orgulhosamente guarda as preciosidades encontradas em St.^a Tecla no seu museusinho de La Guardia. (1)

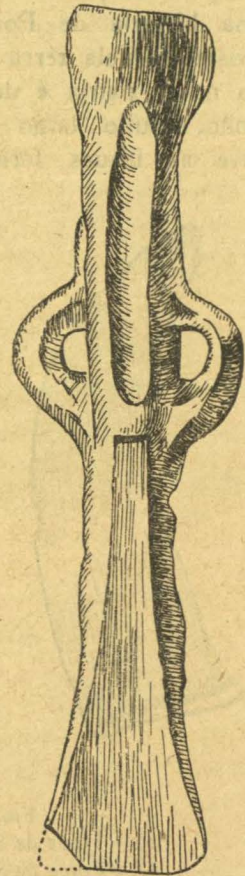


FIG. 25
Machado de Caminha.
Tipo galaico-português.

(1) Ignacio Calvo Monte de Santa Tecla. La Guardia (Portevedra). Exploraciones arqueológicas verificadas en los años 1914 a 1920. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 1920.

Ibidem. Monte de Santa Tecla en Galicia. Memoria acerca de los trabajos realizados em 1922-23. *Memoria da Junta Superior de Excavaciones y Auntiguedades*, Madrid. 1924.

E assim hoje nós podemos saber quais as civilizações que ali se sobreposeram e desvendar um pouco da vida dos habitantes de êste monte.

A ocupação de êste local pelo Homem data da idade do bronze. Esta fase da evolução humana em Sta. Tecla é marcada pelo achado de espadas, punhais, foices, vasos de barro e gravuras rupestres. As laminas de espadas e punhais são de um tipo banal em Portugal. São laminas mais ou menos longas dêste metal, conforme se trata de uma ou de outra destas espécies de instrumentos, tendo nas bases furos afim de que o punho de madeira ou de outra qualquer substancia facilmente destructivel (pois hoje só restam as laminas) lhe podessem ser cravados com pregos ou rebites. (fig. 23)

Estácio da Veiga refere-se a laminas identicas encontradas em Tavira (Quinta das Antas), Zambujeira (Castro Marin), Serro da Eira da Estrada (Almada do Ouro), e em necrópoles entre Torre dos Frades e S. Bartolomeu (Castro Marin). Os exemplares desta ultima localidade foram achados em sepulturas, que Estácio da Veiga classificou como pertencentes à época do cobre. (1) No Museu Etnológico existe uma espada encontrada numa sepultura em Reguengo em que se usou o mesmo processo de encabamento e Leite de Vasconcellos na sua importantissima exploração do Castro de Pragança (Bombarral) coligiu dois punhais e um pedaço de espada semelhantes aos de Sta. Tecla. Este processo de encabamento é no entanto o menos vulgar no nosso paiz. A lamina ordinariamente prolongava-se para alem dos furos dos rebites, de maneira que, o punho adaptando-se a esta parte servia simplesmente para não magoar a mão e ficava portanto mais sólido. Mesmo já no calcolítico, como por exemplo, nas grutas de Palmela, necrópole de S. Martinho (Sintra), Outeiro de S. Mamede etc, o processo de encabamento era quasi sempre êste, isto é, a lamina da seta ou do punhal perlongava-se por outra porção mais delgada ou mesmo aguçada para entrar no punho de madeira ou doutra qualquer substância. (2) Só os

(1) Antiquidades Monumentaes do Algarve. Vol iv, Lisboa, 1891.

(2) Cartailhac. Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal, Paris, 1886, pag. 134.

A. J. Marques da Costa. Estações pré-históricas dos arredores de Setubal. Separata de *Archeólogo Português*, vii a xv, pag. 97, fig. 414 e pag. 8. Lisboa 1910.

rebites não eram ainda utilizados e a fixação do utensilio ao cabo devia fazer-se com cordas (muitas laminas têm na base chanfraduras com êste intuito) e resina. A' parte o processo de encabamento, a forma das laminas dos punhais e espadas é comun tanto no nosso paiz como em Espanha. E' dos modelos mais simples.

O aparecimento da foice é tambem importante. Não abundam os achados de êstes objectos na Peninsula. Em Portugal onde tantos utensilios da época do bronze tem sido encontrados, ha um numero reduzido de foices (Mertola, Pragança, S. Tiago do Cacem etc.)

De reduzidas dimensões (fig. 24), como as do nosso paiz, afasta se delas por ligeiros promenores. E' no entanto um tipo semelhante. Não tem as nervuras a todo o comprimento de uma das faces, como se nota nos exemplares portuguezes, e uma simples lingueta metálica na base do instrumento servia para tornar mais sólido o encabamento. Se o numero de foices achado na Península é redusido, em França é porem muito elevado (em 1919 era de 438). Déchelète ligava êste facto com a acupação ligure nêsse paiz. Elas são ali mais abundantes na regiões onde se efectivou aquella occupação do que nas outras partes da França. Os ligures eram na verdade muito agricultores. Issel, que estudou com cuidado essa civilisação, frisa bem êste facto. As figuras rupestres estudadas por êste auctor mostram-no claramente. Entre elas abundam os bois atrelados a charruas e a foice é tambem representada. No entanto não se pode pensar que a foice de Sta. Tecla fosse importada.

Ela deve ser de factura indígena. Os exemplares encontrados na Suissa e França são mais encurvados do que os portuguezes e os de St.^a Tecla. Por outro lado, ha anos já, publicamos um curioso exemplar de molde de fundição de foices, encontrado nos arredores de Lisboa (Cacem), pelo meu querido e chorado Mestre P. Choffat. (1) Esta peça tem o maior valor pois é o unico molde da idade do bronze que existe em Portugal e Espanha. E se tinhamos provas indirectas de que a fundição de êste metal se fazia na Peninsula só o achado de êsse exemplar confirmou tais suposições. E' certo que se encontravam machados em que se notavam as rebarbas deixadas pela má justapo-

(1) J. Fontes. Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocannes. *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*. Vol. VII. Lisboa 1916, pag. 127.

sição das duas partes do molde e outros com «boutons de caulée» ou gitos (fig. 25). Por outro lado acharam-se em Boa Vista (freguesia da Rapa, Celorico da Beira) dois machados de bronze que tem as suas faces cheias de rugosidades provenientes das asperezas do molde em que foram feitas, molde provavelmente de granito de contextura grosseira, e, curiosa coincidência o granito da região é de um grão muito grosso. ⁽¹⁾ Todos êstes factos eram favoráveis á hipótese de uma fundição regional. Não era admissível que se fizesse a importação de machados sem estarem terminados afim de serem aperfeiçoados por artistas que não soubessem fazer a fundição do metal. Porem a prova indiscutível está no molde do Casal de Rocanes. E é natural mesmo que essa industria tivesse um grande desenvolvimento para cá dos Pirinéus. Não só os abundantes achados de objectos de bronze e tesouros de fundidores ou mercadores justificam tal hipótese, como por outro lado a notavel riqueza de cobre e estanho da Península o fazem prever.

Um dos capitulos mais interessantes da arqueologia de esta época é sem duvida, o do comercio do estanho pela sua indispensabilidade para com o cobre se obter o bronze. De maneira que os paizes onde não existe êste metal ou onde ele era desconhecido, tinham que fatalmente o importar. Ora a Península Ibérica tem jazigos de estanho. Encontra-se êste metal em Espanha, principalmente em Cartagena e Galiza, em Huelva como no nosso Alemtejo ha tambem êste metal mas em quantidades muito reduzidas e de difficil exploração. No nosso paiz ha mais estanho nos districtos de Castelo Branco, Viseu, Aveiro, Porto e Bragança, mas as minas mais notaveis são as de Traz-os-Montes, do Marão e Beira Alta, estas ultimas exploradas desde D. Manuel I. E' no entanto admissível que elas fossem conhecidas desde a mais alta antiguidade, e, que os fundidores da idade do bronze desta parte da Península trabalhassem com o estanho dêstes jazigos. Teria o maior interesse fazerem-se estudos arqueológicos nestas regiões que esclareceriam este problema.

Que importancia teriam tido então estas minas da Galiza e norte de Portugal? Tanto para umas como para outras não temos hoje resposta, mas *á priori*, não pode deixar de se admitir que elas deveriam ser conhecidas desde essa época. A abundancia de

(1) J. Fontes. *Ibidem, ibidem.*

objectos de bronze achados no norte do nosso país e nesta provincia espanhola, justificam esta hipótese. Por outro lado, ha um tipo vulgar de machados na Galiza e no Minho (fig. 25), machados *à talon*, onde são muito abundantes, conhecidos tambem na Andaluzia e que são muito mais raros no oriente da Península. E isto é uma prova da importancia que tiveram as forjas galaico portuguesas nessas épocas.

Varios autores crem que a Península tivesse um papel notavel sobre as civilisações da época do bronze no Mediterraneo. Imitaram hipóteses varias, julgando trocas comerciais entre as ilhas do Mar Egêo e a Ibéria. Obermaier, Gimpera e outros autores que tem estudado o problema não crem nêsse comercio, e o certo é que só nas Baleares ha vestigios indiscutíveis da influencia egeia ou micénica. Gimpera, diz que «esta relacion en la edad del bronce con el Oriente no nay ningun indicio que la apoye. Lo unico que podria admitir-se seria el comercio de metales y aun indirecto, de manera que si fuese verdad que hubiesen podido llegar los metales de España a Oriente; habia sido a traves de quien sabe quantos intermediarios... Desde el punto de vista de la Prehistoria europea es, pues, dificil admitir que en los momentos iniciales de la edad del bronce existiese una relacion normal de comercio del estaño entre la Península y el Oriente del Mediterraneo» (1). E' só mais tarde que se encontram vestigios certos das relações comerciais entre a Península e a parte levantina dêste mar; é no final da idade do bronze ou começo da idade do ferro que êste facto se averigua. E' com a fundação do reino ou cidade de Tartessos ou Tarshish e de Gadir (Gades) pelos fenícios que o cobre e o estanho da Península vão para o Oriente em troca de objectos vários que se encontram em certo numero para cá dos Pirineos. E', pois, provavel que ele fosse para ali levado de longe, o que está de acordo com a lenda das Cassetérides, essas ilhas misteriosas que os antigos punha cá para o Ocidente perdidas no meio do Oceano enraivecido e infinito. Onde seriam essas Cassetérides? E' dificil admitir que nesta época de que nos estamos ocupando, os povos de então soubessem quanto eram ricas em estanho as Ilhas Britânicas; é só mais tarde que os fenícios se atrevem a sulcar com as suas naus

(1) Ensaio de una reconstrucción de la etnologia prehistorica de la Península Iberica. *Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo*, Santander, 1922, pag. 50, nota 1.

as costas atlânticas da Europa. Mas as Cassetérides já eram então conhecidas ainda que envoltas em misterio. Estariam elas na Galiza e norte de Portugal, regiões montanhosas de difícil acesso, de povos aguerridos, e que tanto trabalho deram depois aos romanos a conquistar? A independência e a rudesza dos primitivos habitantes destas regiões é conhecida, a história e os conhecimentos arqueológicos o confirmam. Não ha muito o demonstrámos para a estação de S. Julião de Caldelas, povoado que o povo-rei conquistou, onde se encontra a tégula romana a par de louça indigena muito grosseira como a da idade do bronze (1). Essa selvejaría dos indigenas do N. W. da Peninsula seria grave obstaculo a invasões extranhas. Comerciariam mas difficilmente admitiriam invasores. A estas condições geográficas e a êstes caracteres da sua povoação se pode dever o mistério com que eram olhadas essas regiões. A hipótese das Cassetérides se localisarem nesta parte da Ibéria, é pois verosimil e aceite por muitos arqueólogos (2). Só mais recentemente, depois dos fenícios e romanos chegarem á Galiza e navegarem mais para o norte, se soube que mais além havia umas ilhas com estanho, e as lendárias Cassetérides perderam-se então debaixo do ceu nevoento da Inglaterra.

De maneira que os objectos de bronze encontrados em S.^{ta} Tecla, podem ser devidos a uma industria local, tanto mais que na Galiza, como dissemos, abundam os objectos de bronze. Obermaier, que recentemente estudou as colecções galegas, refere-se a muitos deles (3), e nós vimos na colecção de D. Castro de Sampedro, que êste senhor bizarramente nos mostrou, muitos utensílios de bronze e entre eles um belo machado de tipo galaico-português (fig. 25).

Além dêstes achados de objectos metálicos em S.^{ta} Tecla, a que nos referimos, ha uma curiosa gravura rupestre que representa um machado chato, o tipo mais banal destes utensílios copia do do neolítico. Já na idade do cobre, Santos Rocha, por exemplo, encontrou um machado com a mesma forma no dolmen N.^o 2 da ne-

(1) J. Fontes. La station de «S. Julião», aux environs de Caldelas. *Bull. de la Soc. Port. des Sc. Nat.*, vol. VII, pag. 198, Lisboa, 1916.

(2) Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia. *Loc.cit.*, Orense, 1923, pag 34 e seguintes.

(3) *Ibidem, ibidem*, pag. 23 e seguintes, fig. 12 e 2 (2.^a parte)

crópole de Monte Velho (freguesia de Alvor, Algarve) (4) e daí em deante êsse tipo em forma de cunha tem sido encontrado em todas as regiões do nosso paiz. O que indicava essa gravura rupestre? Ela encontra-se a-par-de *covinhas* e *silhouettes* humanas num rochedo numa extensão de 6^m por 2^m, e, o curioso, é que, quando se fez posteriormente uma muralha (época romana) esta foi interrompida sem razão justificativa nêste ponto. A extensão dos desenhos e êste facto leva a pensar que se dava a êstes desenhos particular estima. Está averiguado que o machado era objecto de culto. Desde o neolítico que em certos dolmens da Bretanha (2) e nas grutas artificiais da Champagne (3) apparecem gravuras de machados. Na nossa terra, como noutros paizes, não são raros os machados de pedra polida com orificios para serem usados como amuletos. Alguns deles são tão minúsculos e feitos de materiais tão frageis, que só um fim votativo justifica a sua factura. O prof. Leite de Vasconcellos na sua obra «Religiões da Lusitania», apoiou esta tese com indiscutíveis argumentos (4). Por outro lado, ainda em Portugal, na necrópole de S. Marinho em Sintra, Anta da Estria e grutas de Cascais, acharam-se representações de machados neolíticos encabados, feitos de calcareo (5). Estes objectos tinham evidentemente um fim cultural. Mais posteriormente, em França (idade do bronze), ha machados minúsculos dêste metal, que só como objectos de culto teriam utilização (6). E nêste mesmo paiz e na Italia, tanto na idade do bronze como na do ferro, se tem coligido machados com desenhos (circulos, swásticas, etc.) ou associados a figuras de cavalos, cisnes e que são indiscutivelmente objectos religiosos (7).

Sabemos por outro lado, quer pela tradição histórica, quer pelas excavações do Oriente do Mediterraneo (Creta, etc.), que a bi-

(1) Santos Rocha — Materiais para o estudo da idade do cobre em Portugal. pag. 53, fig. 54, Figueira da Foz, 1911.

(2) J. Déchellette — Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine vol. II, pag. 479, Paris, 1910.

(3) *Ibidem, ibidem.*

(4) Vol. I, pag. 143.

(5) Cartailhac — Les ages préhistoriques, etc., pag. 108 e segs.

(6) Déchellette — Manuel d'Archéologie, etc., vol. II, pag. 253, fig. 88.

(7) Déchellette — Manuel, etc., vol. II, pag. 479 e segs.

pénne era objecto especial de culto (4). Mesmo na época romana, segundo Déchelète, ha uma inscrição de Castelar de Cadenet, em que se menciona a oferenda de um machado a Marte e outro a Dexasiva (deusa de uma fonte?) em cumprimento de um voto. (2)

Foi, como se vé, um culto muito espalhado e mantido durante muito tempo em toda a Europa. A gravura de Sta. Tecla prova, por seu lado, que cá para os confins do ocidente, junto ao mar, êsse culto se mantinha.

A que período da idade do bronze pertenceriam os objectos encontrados em Sta. Tecla? Os estudos feitos sobre estas épocas na Península não são ainda suficientes para se poder responder com certeza a êste assunto. A unica civilização que se individualiza é a de El Argar ou argárica, com machados chatos, punhais, pontas de flexa, alabardas (do mesmo tipo das de silex de Monte Abrão), espadas, braceletes etc., com a sua cerâmica acinzentada sem ornamentos. Os

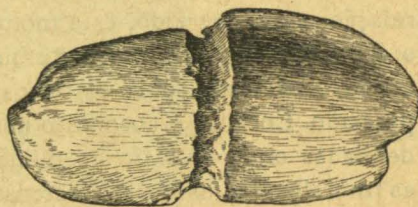


FIG. 26

Machado da mina de cobre de Ruy Gomes (Alentejo).

Segundo Pereira da Costa.

seus tumulos eram ou de inumação em cistas quadrangulares pequenas ou em grandes vasos, ou em sepulturas de incineração em vasos enterrados. Tanto em Espanha como em Portugal ha achados indiscutíveis desta época. Mas em Sta. Tecla os objectos de bronze e a cerâmica não esclarecem o arqueólogo. O machado chato de bronze aparece não só nos tumulos da faze de El Algar, como por exemplo, nas sepulturas do cemitério de Panoias de Ourique (Leite de Vasconcellos) mas onde as tampas das sepulturas tem gravadas as armas de guerreiros da idade do bronze e onde a cerâmica é ornamentada. (3) Gimpera pensa porem que a exploração das minas do

(1) R. Dussaud—Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la mer Egée, pag. 143, 338 e segs., Paris, 1914.

G. Glotz — La civilisation égéenne, *Bibliothèque de Synthèse historique*, pag. 268, Paris, 1923.

(2) Déchelète. Manuel etc., vol II, pag. 483, nota 1.

(3) Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Archeólogo Português*, XI, pag. 179 e XIII, pag. 300.

norte de Espanha sejam da época de El Argar e que a essas explorações pertençam os machados de minas, machados feitos de seixos alongados com um sulco em toda a sua parte mediana para o encabamento (1). Esses machados tem aparecido em minas de cobre de Espanha e Portugal. Pereira da Costa (2) descreveu alguns da mina de cobre de Ruy Gomes do Alentejo (fig. 26), no museu de La Guardia está guardado um destes utensilios encontrados em Sta. Tecla. Este facto, juntamente com a simplicidade dos machados e espadas e gravura rupestre do machado apoiam a hipótese de Gimpera.

Mas se Sta. Tecla é já notavel pelos seus achados da idade do bronze se tantos e tão variados são os problemas que ela suscita em relação a este período, este monte é porem mais suggestionador para o arqueólogo e para o viajante que percorra a grande cidade da idade do ferro edificada sobre os restos do povoado anterior já então desaparecido. Encanta e absorve o nosso espirito visitar as suas casas arredondadas onde viveram ha muitos seculos varias gerações humanas, as muralhas e os fossos defensivos, as escadarias, as suas ruas. O que nos poderiam contar essas pedras dessa citânia de Alem-Minho. Que costumes, que creanças, que tipo teriam êsses habitantes de Sta. Tecla? E o olhar pescudador do arqueólogo interroga o menor caco, a mais insignificante pedra para recompôr, ao menos a traços largos, as características dessa civilização desaparecida.

Sta. Tecla foi uma citânia muralhada para se defender de inimigos externos. Cercaram-na de uma forte muralha de 1^m,50 a 1^m de espesura cujo circuito tem 700^m de comprimento por 150^m de largura. (fig. 27). Duas portas permitiam a entrada na povoação, uma ao norte, outra ao sul. Esta, de que nos restam poucos vestigios, é já da época romana, com os seus batentes bem aparelhadas a indicarem uma civilização superior. A do lado Norte, ao fim de uma alta escadaria de toscos degraus, é muito curiosa. (fig 28, Est. II). Foi por ela que subimos, por ela entramos na citânia, por essa escada por onde os homens da idade

(1) Bosch Gimpera. La arqueología prerromana hispánica, pag. 171. Este trabalho está apenso ao livro de Schulten : Hispanhia, traduzido do alemão por Gimpera e Artigas Ferrando. Barcelona 1920.

(2) Pereira da Costa. Noticias de alguns martellos de pedra, e outros objectos, que foram descobertos em trabalhos antigos da mina de cobre de Ruy Gomes no Alentejo. *Journal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, n° 5, Lisboa, 1868.

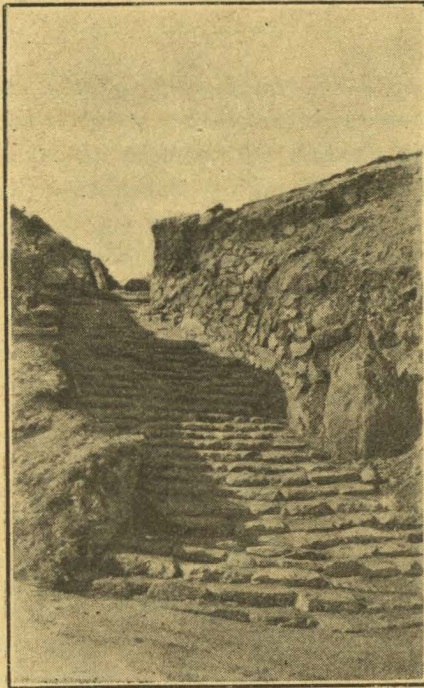


FIG. 28

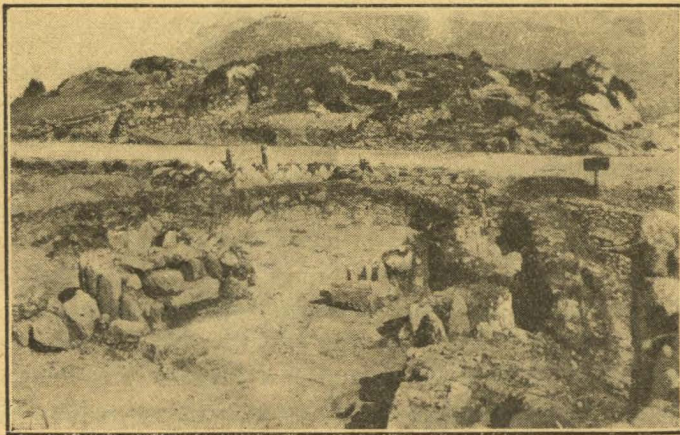


FIG. 29

CITÂNIA DE S.^{TA} TECLA

(Fotografias da Soc. Pró-Monte)

do ferro iam para a caça, para a lavoura e quem sabe se para a guerra, e por onde à tarde passavam de regresso aos seus lares, e isto, ha pelo menos 20 seculos. Os umbrais desta porta são de granito toscamente esquadrados. Ao fim da escada e antes desta porta ha outra mais pequena que dá para um recinto que talvez fosse destinado aos guardas que tinham que vigiar êste ponto fraco da muralha. Dois caminhos, duas ruas pavimentadas com grandes lages, como em

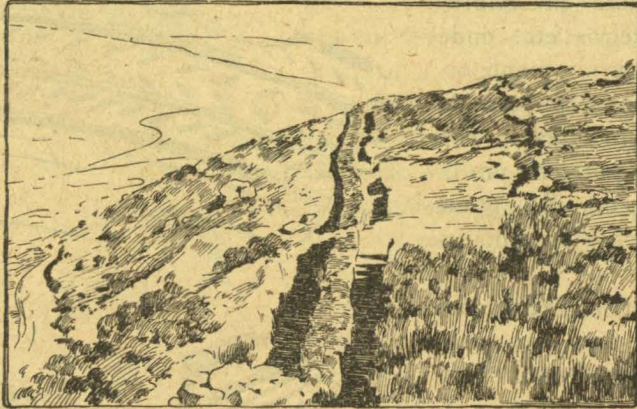


FIG. 27
Muralha de Santa Tecla

Sabrôso e Briteiros no Minho, (1) á direita e á esquerda conduziã à povoação. Varios bairros estão já descobertos. As casas são, em regra, redondas e as suas paredes feitas com pedras aparelhadas na face que fica voltada para o exterior. Ainda que estas não tenham formas regulares elas são porem colocadas de maneira que se adaptam uma às outras, o que dá um aspecto curioso quasi ornamental a essas edificações (fig. 29, Est. II). Na parte interior as paredes são feitas de pedras mais pequenas e mais irregularmente postas. Os alicerces acenam directamente sobre a rocha que em regra serve de pavimento às casas, noutras um espesso e forte cascalho alisa as irregularidades do chão. O mesmo se observa em Sabrôso, Briteiros, Sta. Luzia, Sanfins, Paderne etc. em Portugal. Essas casas não seriam muito altas

(1) Cartailhac. Les ages préhistoriques etc., pag. 271.

(1, m 70 a 0,70). O tecto de colmo ou de peles acentaria sobre um pilar que se erguia a meio da casa. Elas tem algumas vezes compartimentos anexos e comunicavam para o exterior por uma porta de que restam as soleiras onde se notam orificios para os gonzos ou só de um lado para uma unica porta ou dos dois e outro orificio ao meio para o fecho quando havia duas meias portas. Em regra os batentes são despidos de ornamentação ao contrario do que se nota em Sabrôso e Briteiros etc. onde estes são curiosamente ornamentados, enfeites de uma origem oriental. Em frente da porta ha um ligeiro lagado. Só numa casa se encontrou uma janela.

Durante as excavações dentro e fora das casas encontraram-se muitos objectos que estão guardados no Museu de La Guardia. São moinhos de tipo pré-histórico e romano, anforas e pedaços de cerâmica ornamentada, fibulas, utensilios varios de bronze, ferro e pedra, pedras insculturadas, estátuas etc., rico espólio ainda não completamente estudado.

A cerâmica é muito curiosa e importante. Ha-a ornamentada e de pasta lisa. A primeira tem motivos decorativos semelhantes aos de Sabrôso e Briteiros. São listas de traços feitos com a unha ou com um estilete; círculos concentricos, o motivo conhecido entre os arqueólogos por dente de lobo, festões e serie de SS. (fig. 30) Esta ornamentação é muito curiosa. Trata-se de uma estilisação de desenhos de patos, muito conhecida na Europa. Em vasos de bronze da época do ferro ha o mesmo motivo ornamental. Déchelète figura vasos de



FIG. 30

Cerâmica ornamentada de Santa Tecla.

Villanova (Italia) em que ele aparece. Este autor diz mesmo, que os círculos concentricos, as rodas o os desenhos de patos se encontram em quasi todas as peças de bronze com ornatos martelados da época do ferro (Hallstat) (1). Segundo Cartailhac, o mesmo motivo se nota nas necropóles do Caucaso, exploradas por Chantre, como tambem se vê no vale do Danubio (2). É sem duvida o mesmo ciclo de civilização que chegou ás rudes citânias galaico-portuguesas.

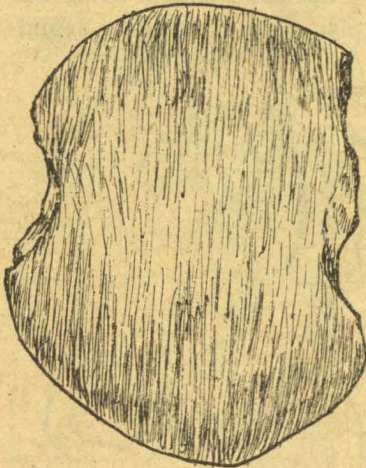


FIG. 31
Peso de tear de Santa Tecla
(Colecção do autor)

Alem da cerâmica lisa e da romana, ha outra mais grosseira e lembra-nos ter visto cerâmica carregada de mica, e que devia ter pertencido a vasos da mesma forma e de pasta igual à que descrevemos ao estudar a estação de S. Julião de Caldeas (3).

Abundam tambem em S.^a Tecla os cossoiros como nos castros de Aquem-Minho.

As fibulas desta citânia são importantes e algumas delas estão em bom estado de conservação. A fibula é para o arqueólogo, como que um fossil precioso pois o seu estudo esclarece-nos muito acerca da cronologia da estação ou necrópole onde é encontrada. As de Sta. Tecla

obedecem a dois tipos. Um dos mais vulgares que José Fortes na sua classificação sôbre as fibulas do noroeste da Península denomina tipo de Sabrôso, (4) é composto por um arco semi-circular de onde sae o alfinete que vai acentar numa goteira ou descanzo, de apêndice ornamentado, avultando na sua altura varios anelêtes, terminando êste por um botão (fig. 32). Diz êste autor ser o tipo denominante em Sabrôso e que Martins Sarmiento tinha na conta de pré-romano. Aparece no entanto em castros onde a civilização do Povo Rei impôrou, como em

(1) Déchelètte. Manuel d'Archéologui etc., II pag. 431 e seg.

(2) Cartailhac. Les ages préhistoriques etc., pag. 200.

(3) J. Fontes. La Station de «S. Julião» aux environs de Caldeas. *Bull. de la Soc. Port. des Sc. Nat.*, Vol VII, pag. 198, Est. xxiv, fig. 1 e 9, Lisboa, 1916.

(4) José Fortes. As fibulas do noroeste da Península. *Portugalia*, II, pag. 16.

Briteiros, Bagunte, Castro dos Mouros (freg. de Vilar dos Mouros), Monte Redondo (Braga), Castelo (freg. de Guifões) etc. Para este autor o tipo de Sabrôso é uma imitação que no entanto não reproduz «servilmente o modelo da Champagne céltica; é um produto de factura indígena derivado de uma forma generica de La Tène».

Um outro genero de fíbulas de Sta. Tecla é semelhante a este, que vimos descrevendo, mas em que porem, o alfinete de segurança é composto de duas partes: o arco com o apêndice caudal numa das extremidades e na outra um orificio no qual era introduzida a segunda porção da fíbula, a mola e o alfinete. Por outro lado o apêndice caudal é liso tendo na sua parte terminal um grande botão (fig. 31). É o tipo de Sta Luzia, segundo José Fortes, tambem produto indígena alterado dos modelos de La Tène (1).

São como se vê curiosos exemplares a que adeante, quando quisermos determinar a idade da citânia, nos teremos que referir.

De entre os numerosos utensílios encontrados em Sta. Tecla queremos aqui falar dos chamados pesos de tear ou de rede — pequeno seixo rolado e achatado a que a meio se fez duas chanfraduras

em cada um dos seus bordos (fig. 31). Abundam estas pedras tanto no alto do monte de Sta. Tecla como na sua falda junto à margem do Minho onde o prof. Leire de Vasconcellos e eu encontramos bastantes. Dissemos que essas pedras podiam ser consideradas como pesos de tear ou de rede. Os encontrados no alto do monte talvez tenham sido utilizados nos velhos teares da citânia, mas os encontrados embaixo, junto ao rio poderiam antes ter servido aos pescadores de Sta. Tecla, ainda que nenhuma destinação morfológica haja entre eles. Mas é para atender o local onde foram encontrados. Por outro

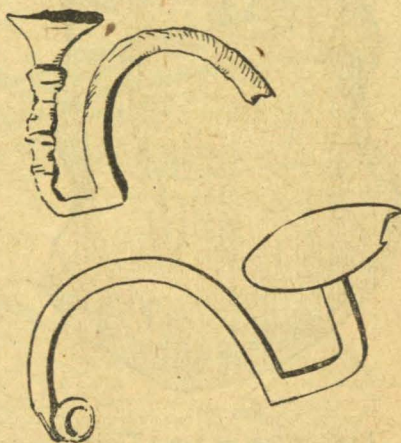


FIG. 32

Fíbulas de Santa Tecla

- a) — tipo de Sabroso.
b) — tipo de Santa Luzia.

(1) *ibidem, ibidem*, pag. 19.

lado os habitantes de Sta. Tecla, proximos do mar, e do rio alimentavam-se de peixe e marisco. Um *conchero* em Sta. Tecla e outro á beira da estrada que vae de Camposancos a La Guardia atestam êste facto. E coisa curiosa, em carta recente o Rev. P. Luisier, com quem

visitei êste *Kjoekkenmoëdding*, diz-me ter aqui encontrado louça negra, ossos de animais e um dos tais pesos (1). Creio que a hipótese de eles terem servido de pesos de rede é fortemente apoiada por êste descobrimento (1).



FIG. 33

Estatueta de pedra de Santa Tecla
(Galiza).

Sta. Tecla, não é rica em pedras ínculturadas como Briteiros e Sabrôso. Não vemos nela, como se nota nestas, os humbrais das portas curiosamente ínculturados, no entanto ha varias pedras com figuras semelhantes (círculos, tipos derivados da swástica, espirais etc.) tanto em pedras soltas como sôbre rochas. Mas se os cinzeis dos artistas se não ocuparam em ornamentarem as casas, eles utilizaram-se já a fazerem estatuetas. Uma delas, muito curiosa, representa um homem. E' de feitura grosseira, toscamente esboçada com os traços da cara apenas marcados, os braços pegados ao torax a que duas chanfraduras laterais marcam redicula-mente a cintura e se ela não tem valor como obra de arte tem-no no entanto para o arqueólogo (fig. 33). É

uma peça importantissima, uma das raras estatuetas que nos restam dêsses rudes habitantes do ocidente da Península. Comparando-a com

(1) Conf. Joaquim Fontes. La Station de «S. Julião» etc. *Bull. de la Soc. Port. des Sc. Nat.*, Vol VII, pag. 201, Est xxiv, fig. 3 a 8, Lisboa. 1916.

as estatuas dos guerreiros lusitanos temos que pensar numa mesma inspiração artistica. Se a collocarmos ao pé da do Monte Castro de Capelludos (Villa Pouca de Aguiar) (1) a semelhança é muito grande (fig. 34). O mesmo sentimento artistico, rude na verdade mas já anciando por crear obras de maior valia, presidiu à factura dêstes dois monumentos.

A par de esta estátua grosseira ha no Museu de Sta. Tecla, uma estátueta de bronze, de um Hercules, de uma época posterior, bem lançada e elegante a atestar só por si a imposição nesta citânia da civilização romana. Leite de Vasconcellos referiu-se já a esta obra de arte nas Religiões da Lusitania, (2) como também foi publicada ha anos no Archeologo Português (3).

Relacionando os materiais encontrados em Sta. Tecla com os das outras citânias portuguesas pode-se marcar com bastante justesa qual a civilização da idade do ferro que aqui imperou. Vimos que algumas fíbulas e a cerâmica de Sta. Tecla são iguais ás de Sabrôso. Por outro lado a ornamentação de várias pedras e algumas das figuras rupestres daquela tem símiles em Briteiros. Sabrôso é um castro préromano, enquanto que Briteiros e Sta. Tecla nos revelam a par de utensilios de civilização indigena outros indiscutivelmente romanos. Uma das fíbulas da citânia galega é idêntica a uma de Sta. Luzia mas êste castro, infelizmente em grande parte por explorar metódica-

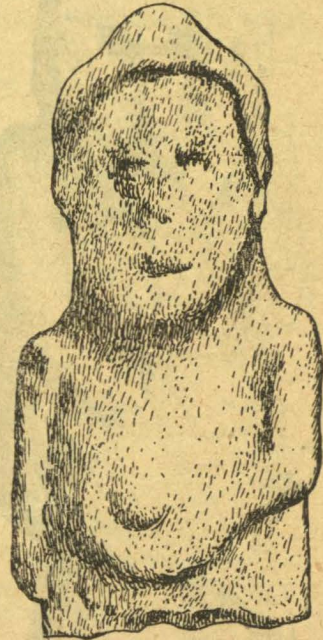


FIG. 34
Estatua de um guerreiro lusitano de Castro de Capelludos

(1) José Leite de Vasconcelos. Estatua de um guerreiro lusitano. *O Archeólogo Português*, VII, pag. 23, Lisboa, 1902.

(2) Vol. III, pag. 289, fig. 135, Lisboa 1909 a 1913.

(3) J. Leite de Vasconcellos. Estatueta romana de Hercules. *O Arch. Port.* III, pag. 63, Lisboa, 1897.

mente, não nos pode servir grandemente de guia. No entanto, podemos pensar, salvo se mais profundos estudos derem novos ensinamentos, que Sta. Tecla começou a ser habitada antes da invasão romana, na mesma época de Sabrôso. Mas mais feliz do que esta, assistiu como Briteiros, Sta Luzia e tantos outros castros, á invasão das hostes romanas e poudo gosar os beneficios de uma civilização requintada que, se irritava o sentimento de independencia dos agueridos habitantes dos castros peninsulares e principalmente da Lusitania, trazia beneficios a que os vencidos de pressa se adaptavam e que os tornava mais felizes.

Mas Sta. Tecla não nos parece ter sido habitada durante toda a idade do ferro; o estudo feito anteriormente dos achados arqueológicos e em especial o das fibulas conduz, como vimos, a supô-la da segunda idade do ferro (La Tène I, La Tène II?). Bosch Gimpera tem tambem esta opinião (1).

Tais são os importantes problemas que aos olhos do arqueólogo vão surgerindo as importantes ruinas desta citânia galega. No alto do monte, junto ao cruzeiro monumental que ali atesta outra civilização e outra religião, vemos a nossos pés a citânia por entre os rasgões que o vento faz no nevoeiro vindo do mar. Mais tarde êste levado pelo vento, nessa tarde de trovoada, desapareceu para o interior, vale de Minho acima, e o sol veiu dourar o alto dos montes e os pesados cúmulos que toldavam o ceu. A paisagem toma um aspecto escantador. E o nosso espirito tão fortemente impressionado pelas sensações recebidas ao percorrer as ruas, as casas de Sta. Tecla, sofre nova emoção perante o espectaculo maravilhoso que se desenrola a nossos olhos, no alto de êsse monte onde tantas scenas se terão passado e que outro mais denso nevoeiro, o do tempo, nos esconde mas que o arqueólogo teima sempre em desvendar. E ali ficamos, eu e os meus companheiros da excurção, presos à maravilha da paisagem que a nossos olhos se patenteava nessa melancólica tarde de setembro, paisagem cheia de côr e de pitoresco, enquanto uma rapariga apanhando lenha por entre os pinhais cantava a *muiñera* com as suas notas muito sustentadas, tristes, quasi lamentosas, lembrando-se talvez, a

(1) Bosch Gimpera. *Op. Cit.*, pag. 189 nota n.º 1,

pobre, do noivo, emigrado lá para as Americas que, como diz uma cantiga galega :

Nim me falas nim me miras,
Castigo d'o meu pecar.
Camifinos que eu andiven
Quen poidérvos andar ! (1)

Março de 1925. (2)

(1) A' Sociedade Pró-Monte que nos cedeu as fotografias de Sta. Tecla e ao Sr. Varela Aldemira que desenhou as gravuras dêste trabalho queremos agradecer publicamente a sua colaboração neste trabalho.

(2) Conferencia realisada na Associação dos Arqueólogos Portugueses.

NOTA JUNTA DURANTE A IMPRESSÃO — Sobre as gravuras da Viladesuso publicou recentemente o P.^e Jalhay um artigo, Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia (alredores de Oya, provincia de Pontevedra). *Boletín arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y artísticos de Orense*, T. VII, n.º 167, Orense, 1926.

SUBSIDIOS
PARA O ESTUDO DO MISSAL
DE
ESTEVAM GONÇALVES NETTO

POR

J. CARDOSO GONÇALVES

Socio efectivo da Associação dos Arqueologos Portugueses

PALAVRAS PRELIMINARES

Fazia parte o estudo que vou lêr, do material escolhido para duas ou tres conferências que deveria realizar na Universidade Livre. Tem ainda, por isso, um character de vulgarisação, que lhe quiz conservar, limitando assim as minhas responsabilidades.

E' certo que pretendo apenas chamar a atençaõ para a obra magnifica dum artista portuguez, e incitar quem me ouve a ir vêr à Biblioteca da Academia das Sciências de Lisboa tão formoso livro. Não trago documentos originaes, mas a copia, que se diz exacta ⁽¹⁾, do Missal de Estevam Gonçalves Netto. E com a lição dêste e com a ajuda de alguns bons livros, que tenho a fortuna de possuir, intento preencher a hora que concederam para a minha propaganda.

Nêste estudo tratarei primeiro de expôr o pouco que sei da vida de Estevam Gonçalves Netto e do seu protector, o Bispo de Vizeu — D. João Manoel; depois mostrarei algumas das maravilhas de arte, que esmaltam este lindo cimélio: por fim descreverei mais circumstanciadamente a estampa da *Ceia* comparando-a com a *Ceia* de Leonardo de Vinci e as doutros pintores. E da comparação não vai resultar desmerecimento para a obra do nosso grande iluminador.

Eis o programa, de que não me afastarei muito.

Começo immediatamente.

(1) Vide *Nota final*.

O MISSAL DE ESTEVAM GONÇALVES NETTO

Temos sobre a meza a reprodução dêste notavel codice iluminado. Mas, antes de tentar descrevê-lo vamos, esboçar um rápido estudo —que não pôde ser exaustivo— da personalidade, tão envolta em sombras ainda, do seu insigne autor, Estevam Gonçalves Netto. Á mingua de documentos originaes lembrámo-nos de recorrer ao proprio Missal para chegar a conclusões, que ajudem a descobrir a verdade. Assim, iremos servir-nos dalgumas das subscrições, que se encontram no Missal, para fixar datas da biografia do artista e da sua obra incomparável.

— A primeira subscrição encontramos-la logo na estampa do frontispicio :

*Steph. Gl̃. Abbas
Sereiensis FAC. 1610*

Esta data de 1610 é considerada, de ha muito, como a do inicio da composição do Missal. Diz-nos que o artista era então abade de Serêm.

— Existe outra subscrição na estampa da *Adoração dos Pastores*. E' como segue :

Steph. Gl̃. Abbas Sereiensis

Não nos dá qualquer esclarecimento aproveitável.

— O mesmo acontece na estampa da *Resurreição*. A subscrição, que ali se encontra, é do seguinte teor :

Steph. Gl̃. faciebat.

— Mas já na subscrição, sem duvida incompleta, da estampa da *Descida do Espirito Santo* nos aparece a indicação dum novo cargo eclesiastico :

Secanon. Vise N

Parece que se refere à nomeação de cónego da Sé de Vizeu, sem indicar porém qualquer data. Igual referencia existe na estampa da *Ceia*.

— Na subscrição da estampa da *Assumpção de Nossa Senhora*, lêmos :

Steph canonicus Visén.

Não ha a menor duvida de que o iluminador insigne é já conego da Sé de Vizeu. Na subscrição suprimiu-se o apelido *Gonçalves*.

— Finalmente, a pag. 58, na orla inferior da tarja, existe a ultima subscrição :

*Steph Gl̃ cano-
nicus Visensis. Faciebat 1622*

O codice não termina porém nesta página, pois contem 76 de texto.

¿ Que devemos concluir ?

Que o Missal não foi terminado em 1622, como até hoje se affirmou.

Pelo contrário, a prestármos fé às subscrições, parece-nos poder dizer que Estevam Gonçalves concluiu a sua obra prima quando era já conego da Sé de Vizeu, nesta cidade e depois de 1622; isto porque para compôr o Missal, a partir da página 58, ainda necessitaria de bastante tempo, como é lógico supôr ⁽¹⁾, não podendo com certeza termina-lo em 1622.

Conforme os pormenores biográficos apresentados por António da Cunha Taborda ⁽²⁾, Abade de Castro ⁽³⁾, José Feliciano de Cas-

(1) O cardeal patriárca D. Francisco de S. Luís na sua *Lista de alguns artistas portuguezes* escreve, referindo-se ao Missal : «Foi começada esta admiravel obra em 1610, sendo o seo auctor abbade de Serém ; foi por elle mesmo continuada quando já era cónego da Sé de Vizeu, e acabada em 1622, como consta das subscrições que nelle se lêem em differentes logares». Deve estar certo, menos na data. E' bom recordar que E. G. tomou posse do logar de conego em 8 de outubro de 1622.

(2) *Regras da Arte de pintura*.

(3) *Archivo pittoresco* — Vol. 10, pag. 72.

tilho (1), as datas inscritas — 1610-1622 — representariam o inicio e a conclusão do famoso Missal, assim como a seriação dos cargos ecclesiásticos de Estevam Gonçalves: abade de Serêm em 1610, conego da Sé de Vizeu em 1622. Acrescenta-se vagamente que o nosso illuminador ainda exerceu outro cargo: o de capelão do seu devotado protector D. João Manoel, Bispo de Vizeu. Dataria daí o favor dêste que nunca esmoreceu e a que Estevam Gonçalves soube ser grato, oferecendo o Missal ao seu Bispo, facto que se comprova logo na estampa do frontispicio, da qual um dos motivos ornamentais são as armas dos Manoeis, casa a que pertencia o Bispo de Vizeu e de que descendem as dos Tancos, Atalayas e Vila-Flôr.

«Por sôbre estas armas, escreve José Feliciano de Castilho no seu citado *Estudo*, o pintor substituiu o timbre (que devia ser o côto d'agua com espada) pelo barrete de Bispo, sendo até mesmo n'estas minúcias exacto o nosso artista, visto como a alta hierarchia ecclesiástica figura-se pelo número de nós pendentes, tendo 3 o abbade, 6 o bispo, 10 o arcebispo e 15 o cardial. Aqui estão pintados 6 nós, como a esse tempo competia a quem ainda então não era senão bispo».

Sobre a oferta do Missal ao Bispo de Vizeu debatem-se duas opiniões: a do Abade de Castro, que afirma ter o artista entregue a sua maravilhosa obra ao Bispo de Vizeu depois dêste o ter elevado à dignidade de conego; a de Castilho, sustentando a tése contrária, que a oferta precedêra a nomeação, e determinaria por conseguinte o acto gracioso daquêle principe da Igreja.

Já vimos que não pôde considerar-se o ano de 1622 como o da conclusão do Missal. E como foi incontestavelmente nêsse ano que Estevam Gonçalves obteve o canonicato (tomou posse em 8 de outubro de 1622), somos forçados a concluir a favor do Abade de Castro e contra a opinião de Castilho.

De Estevam Gonçalves pouco mais temos a expôr e esse pouco está ainda inçado de incertezas e de duvidas. No estudo de Ferdinand Denis, que anda sempre apenso à reprodução do Missal, ou no original em francez ou na tradução portugûesa de Mendes Leal, intitulado *Da illuminura dos códices manuscriptos em Portugal*, diz o sábio polígrafo, sempre tão dedicado às nossas cousas:

(1) *Estudo sobre o Missal de Estevam Gonçalves* — Rio de Janeiro 1874.

«Não se atinha unicamente o grande artista á execução dos seus minuciosos primores; incitava tambem as outras artes do desenho. Na arrecadação dos vasos sagrados e preciosas alfayas da Sé de Vizeu, conserva-se ainda um sumptuoso calix, que só serve nas grandes festividades (escrevia-se isto em 1815), e tem no pé as armas dos Nettos com esta inscripção em volta :

Estevam Gonsalves Netto. anno. 1626»

Neste ponto Ferdinand Denis confiou-se no que escrevera António da Cunha Taborda nas suas *Regras da Arte de Pintura*, que é como segue :

«No Thesouro da Cathedral de Vizeu ha delle memoria : existe um calix rico, que serve unicamente nas festividades principaes, e tem no fundo da base as armas dos Netos, com esta lenda na circumferencia : Estevão Gonsalves Netto — Anno 1626. A. B. H. V.» (obr. cit. ed. de 1922, pag. 206).

Pode dizer-se que quasi todos os outros biografos, quando tratam deste caso, têm ido beber à fonte do precioso livro de Cunha Taborda, incluindo Raczynski, que no *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* se limitou aliás a traduzir aquele trecho. Mas têm errado todos como vamos vêr.

O interessante calix guarda-se hoje no Museu de Grão-Vasco em Vizeu e é assim descrito no Catalogo respectivo, elaborado pelo illustre director do mesmo Museu, sr. Francisco Augusto Moreira :

«Calice de prata dourada com tintínabulos de cristal. Na parte inferior da base tem o brasão do conego Estevão Gonçalves, abade de Serêm e conego de Vizeu (1626), autor do missal manuscrito e iluminado conhecido por *Missal de Estevão Gonçalves*. Tem ainda em volta no brasão a seguinte inscripção :

*T. Este. Calix, Dexou. O. Conigo.
Estevão Gl̃. Netto. T.
A. B. Fc. V. 1626*

Eis a famosa lenda de Cunha Taborda, errada como se vê no trecho transcrito deste autor.

De outra suposta obra nos fala Cunha Taborda :

«No livro das missas annuaes, que o Cabido he obrigado a fazer celebrar por varias instituições, achaõ-se estabelecidas pelo mesmo Estevão Gonsalves dez pela sua alma e de seus pais, e cinco pela do Bispo, D. João Manoel. He com tudo de reflectir que este Livro, chamado das missas de prima, porque todas são celebradas pelos Capellães a esta hora, tem o frontespício illuminado com as armas dos Abreus, e nelle se acha em muito boa letra vermelha a seguinte inscripção = Gaspar de Campos e Abreu Chantre e Conego na Sé de Vizeu mandou fazer este livro á sua custa 1618. = Que elle fosse o seu Author, nem se pode crer, nem tambem negar, visto que nos emprazamentos capitulares do tempo, em que viveo Estevão Gonsalves, se acha assignado; e combinando-se a letra delle nestes com a do referido deixa a duvida, de quem o illuminasse». (Obr. cit. pags. 206 e 207).

Rematando o seu artigo, Antonio da Cunha Taborda escreve : «Não podemos proferir sem magoa, que ignoramos outras muitas particularidades deste insigne varão tão respeitavel pelos talentos Pictoricos, como o seria talvez nos diversos ramos scientificos : sabemos apenas ter acabado os seus interessantes dias a 29 de julho de 1627» (1).

D. João Manoel, o protector de Estevam Gonçalves, foi sagrado Bispo de Vizeu na Igreja da Graça de Lisboa, em 21 de março de 1610. De Vizeu foi transferido para o Bispado de Coimbra por morte do bispo D. Martim Afonso Mexia, tomando posse em 26 de março de 1625.

Vagando o episcopado de Lisboa por falecimento de D. Afonso Furtado de Mendonça, foi eleito em 1632 para este elevado cargo ecclesiástico, recebendo tambem do rei intruso Filipe III a nomeação de Vice-Rei de Portugal. Retido em Madrid, onde estava na ocasião concluindo os negócios da junta dos bispos reunida em Tomar em 1626, só tomou posse do episcopado, e ainda assim por procuração, em 13 de maio de 1633. D. João Manoel faleceu 20 dias depois da posse no

(1) Na assemblea geral de estudo da Associação dos Archeólogos Portuguezes, em que apresentei este trabalho, a 8 de maio de 1926, o sr. Matos Sequeira revelou a existencia doutro livro iluminado por Estevam Gonçalves Netto, depositado em certa corporação de Lisboa.

Paço da Ribeira onde estava residindo como Vice-Rei; e foi sepultado na capela-mór da Igreja do Convento de Jesus em Lisboa, para cuja construção contribuíra do seu bolso (1).

O Missal de Estevam Gonçalves fôra depositado pelo falecido prelado na Livraria daquele Convento.

Por portaria de 23 de outubro de 1834 passou esta Livraria, (que o celebrado padre Fr. José Mayne conservára e organisára à sua custa, como consta dos proprios termos do documento official a que nos estamos referindo) para a posse da Academia Real das Sciências.

Eis a razão por que o famoso cimélio está hoje na bibliotéca desta douta corporação (2).

Devemos confessar que nos é antipática a figura de D. João Manoel.

A circumstancia de ter aceito o cargo de Vice-Rei de Portugal não abona o seu amor e dedicação pela pátria. Mas a história que nos conta o sr. dr. António Bayão nos seus tão curiosos *Episodios Dramaticos da Inquisição* (1.º vol. pag. 63 e segs.) não é menos elucidativa para a revelação do seu feitio moral.

Narrêmos sucintamente o caso :

«Em 24 de março de 1614 escrevia o Bispo de Vizeu D. João Manoel á Inquisição de Coimbra contando como a ele se dirigiram primeiramente um advogado Simão Nunes e outras pessoas depois, acusando o conego Baltazar Estaço de casos que por prenderem com a disciplina eclesiástica, foram á censura do afamado jesuita Francisco Soares e doutros abalisados teólogos».

Em data de 28 de julho do mesmo ano dava entrada no carcere da Inquisição de Coimbra o referido acusado, autor dum interessante livro *Sonetos, canções, eglogas e outras Rimas*, (3) impresso naquela cidade pelo impressor da Universidade Diogo Gomes Loureyro, no ano de 1604.

Ao desgraçado conego penitenciário eram atribuidos certos peccados galantes, accusação de que se defendeu por uma fórmula originalissima.

(1) Dictionario *Portugal* dos srs. Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues.

(2) *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterários e artisticos de Portugal* por José Silvestre Ribeiro — Vol. VI — pags. 119 e 120.

(3) Um exemplar dêste livro raro foi vendido ao sr. dr. João de Deus Ramos no leilão Azevedo-Samodães, por 40 escudos. Era o lote n.º 1133 descrito no 1.º volume do respectivo catalogo, pag. 304.

Em todo o processo D. João Manoel mostrou-se feroz e inexorável perseguidor do pobre sacerdote.

Baltazar Estação só conseguiu livrar-se das garras inquisitorias 14 anos dobados sobre a sua prisão, não sem que primeiro tivesse sido posto a tormentos e saído depois no Auto de Fé, que se realizou em Lisboa em 5 de outubro de 1620.

O *Missal Pontifical* de Estevam Gonçalves Netto é uma obra prima da arte portugêsa do século xvii. Ao aparecer na época em que se manifestava já a decadência do Renascimento, o *Missal* é um prodígio do génio. Levado a exposições internacionais, à França e à Inglaterra, a critica unanimemente o sagrou como joia do mais alto valôr. Merece por isso um estudo atento, que ponha em relêvo as suas belezas extraordinárias e incomparáveis.

Não terá na sua illustração este precioso cimélio um carácter nacional bem vincado, a não ser talvez no aspecto dôce e tranquilo das paisagens; haverá máu desenho e falta de perspectiva nalguns pormenores dos seus ornamentos soberbos. Mas todas as faltas, que se lhe notam, falecem se olharmos ao conjunto, deixando-nos apenas vêr então as tarjas surpreendentes que marginam o texto e algumas das estampas, de que destacaremos, para a nossa preferéncia, a da *Ceia*.

A educação artistica do grande iluminador não foi certamente mui cuidada.

Poderemos até admitir que fosse um autodidacta, actuando mais por intuição que por superabundancia de conhecimentos técnicos.

Não é o nosso artista um tragico: veja-se a estampa do *Calvario* (1), onde não nos consegue dar a impressáo que a tremenda scena requiere; examinem-se as tarjas na parte da *Missa dos defuntos*, cujos motivos ornamentaes — caveiras, ossos, brandões... — são diminuidos francamente pelo contraste das côres mais vivas da palêta do pintor, em fantasias de composiçáo, onde não foram até esquecidas as flores e os frutos; contemple-se ainda na estampa que abre a *missa dos defuntos*, o *Cadafalso* levantado na vasta nave dum templo bem iluminado da luz natural, jorrando abundante da janela cimeira como que a afugentar o luto e a dôr, que no quadro deveriam predominar.

(1) Vide — *Nota final*.

Onze são as estampas do *Missal*, representando:

A glorificação da Igreja (frontispício), *Adoração dos pastores*, *Adoração dos Reis Magos*, *Ceia*, *Calvário*, *Resurreição*, *Descida do Espírito Santo*, *Assumpção de Nossa Senhora*, *Cadafalso* (frontispício da missa dos defuntos), *Jesus entre os doutores*, *Nossa Senhora recebendo o Menino das mãos de S. Francisco d'Assis*.

Todas as paginas do texto da missa (76 são elas) estão enquadradas em tarjas de 15 centímetros de largura, onde o artista exímio conseguiu inserir uma ornamentação variadíssima, servindo de comentário ao texto da respectiva pagina.

Não sabemos, a despeito de buscas reiteradas, se outro missal existe composto nas mesmas originaes condições.

Somos em crêr que não, o que aumenta o extraordinario valor dêste manuscrito famoso.

As tarjas são lindíssimas, verdadeiros primores de arte: já o dissémos e nisto queremos insistir. Se alguns motivos ornamentaes se repetem, são sempre apresentados sob novas modalidades.

Os emblemas da Paixão e as legendas evangelicas alternam graciosamente com elementos da flora e da fauna — flores, frutos, aves... Desapareceram os monstros apocalipticos, tão do aprazimento dos iluminadores mediévaes. As paisagens são claras, limpidas; os frutos apetitosos, frescas as rosas. Combinam-se as côres sem contrastes irritantes, revelando assim um bom gosto raro; e conservam ainda no original o primitivo brilho. Os finos toques de ouro, a estilisação graciosa das figuras evangelicas, a surpreendente pintura a *grisaille* de algumas miniaturas, mantêm o observador sob o dominio do encanto! Veja-se mais a delicadeza, o mimo de certas iniciaes, onde se nos deparam deliciosas paisagens, lindas figurinhas angelicas.

Examinemos algumas dessas pequeninas maravilhas:

A pagina 6. Inicial da palavra *In*. Assenta sobre uma miniatura representando S. João Evangelista na ilha de Patmos, á beira dum lago, de aguas azuis, onde deslisam barquinhos. No horizonte, num nimbo de luz, ergue-se a figura de Cristo, pairando gloriosa sobre a mansidão das aguas (1).

(1) *Apocalypse*. — Cap. I.

— 7 Eil-o abi vem sobre as nuvens, e todo o olho o verá, e os que o traspassa-

A pag. 36—Inicial da palavra *Teigitur*. A inicial *T* figura a cruz — *commissa* ou *patibulata* — que era entre os gentios o simbolo da vida e da salvação. A' cruz enrosca-se a serpente de metal. Em volta, ajoelhada, a multidão dos hebreus, feridos pelas serpentes como castigo das suas murmurações e descrença. Domina a teoria dos penitentes a figura levantada de Moysés, erguendo os braços para a cruz. (4)

A pag. 51 — Inicial *R* da palavra *Resurrexi*. A figura de Cristo, que venceu a lei da morte e resuscitou, forma a *perna* da letra, que se completa com as pontas do rico manto desdobrando-se ao vento. Fundo em rede de ouro.

ram. E baterão nos peitos, ao vel-o todas as tribus da terra; assim se cumprirá. Amen...

— 9 Eu, João, vosso irmão, que tenho parte na tribulação, e no reino e na paciencia em Jesus Christo, estive em uma ilha que se chama Patmos, por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus.

(4) Saindo do Egypto para a Terra da Promissão, sob as ordens de Moysés, os israelitas sofreram mil inclemencias durante a viagem. Não podendo suportar tantos males murmuraram de Deus e foram castigados. Eis a narrativa do Velho Testamento, que explica perfeitamente a inicial :

Numeros. Cap. 21.

— N.º 4 E partiram tambem do monte Hor pela estrada, que conduz ao Mar Vermelho, para rodearem o paiz de Edom. E começou o povo a enfastiar-se do caminho e do trabalho :

— N.º 5 E falando contra Deus e contra Moysés, disse : Porque nos tiraste do Egypto para virmos a morrer neste ermo ? Falta-nos pão, não ha agua : a nossa alma se enfastia já deste levissimo manjar.

— N.º 6 Por esta causa enviou o Senhor contra o povo umas serpentes, que queimavam como fogo, a cujas mordeduras como fossem muitissimos os que morriam,

— N.º 7 Vieram ter com Moysés e lhe disséram: Nós pecámos, porque temos falado contra o Senhor e contra ti : roga-lhe que nos livre destas serpentes. E orou Moysés pelo povo.

— N.º 8 E o Senhor lhe disse: Faze uma serpente de metal e põe-n'a por signal : todo o que sendo ferido olhar para ela, viverá.

— N.º 9 Fez pois Moysés uma serpente de metal, e pol-a por signal : e os que estando feridos olhavam para ela, saravam.

(Versão do Padre Antonio Pereira de Figueiredo).

A pag. 54 — Inicial *S* da palavra *Spiritus*. Côr azul e rosa sobre fundo unido de ouro. Dois anjinhos adoráveis, um deles com uma avesinha pousada na mãosita esquerda, equilibram-se na curva da letra em atitudes graciosas. Remata a inicial (1) — pela parte superior — uma pequenina cabeça de cavalo com suas crinas; a redea — minuscuro, quasi invisível traço — é agarrada por um dos anjos; Quereria assim o insigne iluminador figurar o *hippocampo* ou *cavalo marinho*, aliás fantasticamente estilizado e colorido?

Segundo já dissémos, as tarjas são quasi todas ornamentadas como comentario symbolico ao texto da missa. A fantasia do iluminador está portanto sujeita ás imposições da liturgia. Vamos tambem exemplificar, descrevendo e explicando a ornamentação dalgumas delas. Servir-nos-hêmos em certos pontos do *Estudo* de José Feliciano de Castilho.

A estampa do Calvario anda sempre junta a esta parte do texto da missa.

Segundo informação do sr. dr. Pereira Reis, digno Prior da freguesia dos Anjos, desta capital, foi a inicial *T* que deu origem á estampa do Calvario, explicando-se o caso pelo seguinte modo:

O Evangelho da Missa começa pela palavra *Teigitur*. Ora aconteceu que os *iluminadores* e copistas que se entregavam ao trabalho de escrever e adornar os manuscritos dos *missaes*, começaram a estilisar a inicial *T*, cada vez mais insistentemente. Um momento surgiu em que um artista desconhecido se lembrou de tomar o *T* como a figuração da verdadeira cruz; daí o aparecer a imagem de Cristo sobre o madeiro infamante. Houve depois necessidade de separar do texto a figuração do suplicio do Salvador. Disto proveiu o aparecimento da estampa, tradição que continuou até hoje, apesar de não estar de acordo com as prescrições liturgicas e canonicas: o logar desta estampa não deveria ser, em verdade, nesta parte do Missal.

Segundo E. Male, os cristãos por muito tempo não se atreveram a representar o seu Deus sofrendo o suplicio da crucificação que era o dos escravos. No seculo iv já aparecia a Cruz sobre o Golgota mas era uma cruz de ouro, adornada de pedras preciosas, uma cruz triunfal. O mundo ia, porem, convertendo-se ao cristianismo e o pensamento religioso não cessava de meditar no têmea da crucificação, que é — por assim dizer — o centro do Evangelho. A partir dô seculo v a crucificação aparece francamente, ora sob a forma helenistica, representando o Cristo glabro e desnudado, ora sob a forma siriaca, em que se figura o Salvador usando barba e uma comprida túnica, que lhe veláva a nudez. (*L'art religieuse du XIIe siècle en France*).

O aparecimento da estampa do Calvario nos missaes deve ser, sem duvida, posterior ao seculo v.

(1) Vid. *Nota final*.

Pag. 1 — O texto refere-se á Natividade. No cantochão está a antifona :

Rex pacificus magnificatus est (O Rei pacífico foi exaltado).

O hino — *Christe, Redemptor omnium* (Christo redemptor dos homens).

A antifona — *Dum ortus fuerit sol de cœlo* (Logo que do céu tiver o sol nascido).

E a oração : *Concede te pedimos omnipotente Deus, que o novo nascimento do teu Unigenito feito Homem nos livre do antigo cativo em que nos tem o jugo do peccado...* (tradução do latim).

Vejamos como Estevam Gonçalves comentou esta pagina. Observamos primeiro que as letras são vermelhas nos títulos e policromas nas iniciais, sendo as outras dum tom de sépia, que não era certamente o da primitiva, pois a applicação desta côr á pintura parece datar de 1780, sendo portanto posterior á composição do Missal. A côr primitiva seria o negro (da nóz de galha) e só a acção do tempo explicará o tom actual. Este facto é vulgar nos codices iluminados, como pode verificar-se, por exemplo, no *Apocalypse de Lorrão* depositado na Torre do Tombo.

A composição da tárja é a seguinte :

Na parte superior vê-se um anjo de azas verdes, rompendo nuvens e sustentando nas mãos uma fita, onde se lêem as palavras — *Evangelizo vobis gaudium*.

Na orla inferior figura-se um vasto campo e nele dois bustos de pastores — um velho e uma rapariga, de braços erguidos, exprimindo o terror ante a refulgente luz que do horisonte desponta. Nos dois lados — a meio — vemos os pastores conduzindo suas ofertas ao *menino Jesus*. (Vid. José Feliciano de Castilho — *Obr. cit.*).

Pag. 2 — Refere-se o texto á adoração dos Reis Magos. No cantochão estão as antifonas :

Ante luceferum genitus (Gerado antes da aurora) ;

Magi videntes stellam. (Os magos vendo a estrela) ;

o hino — *Hostis Herodis impie* (Herodes impio inimigo) ;

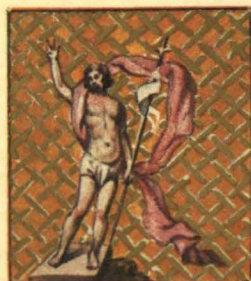
e a oração — *Oh! Deus que no presente dia aos gentios guiados pela tua estrela, manifestaste o teu Unigenito: concede propicio que aqueles que já te conhecemos pela fé, sejamos levados até á contemplação da beleza da tua majestade...* (tradução do latim).



MISSAL DE
ESTEVAO GONÇALVES

INICIAL DE PAGINA 54
(TAMANHO NATURAL)
TIRADO PELO ORIGINAL

INICIAL DE PAGINA 51
(TIRADO PELA REPRODUÇÃO)



MISSAL DE
ESTEVAO GONÇALVES

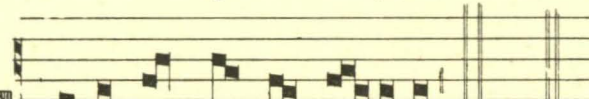
IN EPIPHANIA DOMINI.

Ad Vesperas Antiphona:~



An te lu ci ferum ge nitus:-

Hymnus :~



Mof tis He ro des im pi e :-

Ad Magnificat Antiphona:~



Ma gi ui den tes ste llam -

Oratio :~

Eus qui hodierna die Vnigenitum tuum gentibus stella
duce reuelasti: concede propitius: ut qui iam te ex side
cognouimus usq; ad contemplandam speciem tuæ celli
tudinis perducamur. Per eundem Dominum nostrum Iesum chris
tum filium tuum qui tecum uiuit & regnat in unitate spiritus sanc
ti Deus per omnia sæcula sæculorum. Amen:~

Na parte superior da tarja, em fundo escuro, vê-se a estrela de ouro que conduziu os Magos; e no meio das tarjas laterais, os ricos vasos que continham o incenso e a mirra. Na parte inferior é figurada a caixa que encerrava o ouro. Mas as alegorias não ficam por aqui: «... não se satisfez ahí o pintor com esses emblemas: impregnado nos dizeres da lei nova, quiz estender mais as allegorias. Ora o Ev. S. Lucas I, 79, diz: *Illuminare his, qui in tenebris et in umbrā mortis sedent* (1). E, pois que o Redemptor veio *allumiar os que vivem de assento nas trevas*, tal missão é aqui figurada d'este engenhoso modo: Nos 4 angulos estão 4 cabeças cegas, duas d'ellas simplesmente, e outras duas, porque uma venda se lhes crava por ambos os olhos: significando talvez, no 1.º caso, a cegueira natural, no 2.º a que era aggravada pelo peccado, de que o Salvador veio remir-nos».

«Ainda isto lhe não bastou. A lei da graça habilitava o homem para a terra da promissão, e portanto a Natividade do Senhor recordava as palavras de Moysés (Deuter. I — 24,25): *Venerunt usque ad vallem botri, et consideratā terrā, sumentes de fructibus ejus, ut ostenderent ubertatem, attulerunt ad nos* (2). E pois o valle era o do cacho (*vallem botri*) e da terra abençoada foram levados fructos (*sumentes de fructibus ejus*), completou o nosso miniaturista o esplendido trabalho dessa tarja com oito ramos e cachos de lindos fructos e flores... E' de crêr que tal haja sido aqui a intenção mystica de Gonçalves...» (Vid. Castilho—Obr. cit.).

Pag. 41 — Consagração do pão e do vinho.

A oração diz: *Sobre os quaes te pedimos te dignes lançar um olhar e recebe-los benignamente, assim como recebeste os do justo Abel teu servo e o sacrificio de Abrahão, nosso patriarcha,*

(1) S. Lucas I.

— ...79. Para allumiar os que vivem de assento nas trevas, e na sombra da morte; para dirigir os nossos pés no caminho da paz.

(Versão do P.º Antonio Pereira de Figueiredo.)

(2) Deuteronomio I.

— 24. Os quais tendo-se posto a caminho, e passando as serras, vieram até ao Vale do Cacho: e depois de considerada a terra,

— 25 Tomando dos seus fructos, para mostrarem a sua fertilidade, nol-os trouxeram, e disseram: Excelente é a terra, que o Senhor nosso Deus nos ha de dar.

(Versão do P.º Antonio Pereira de Figueiredo.)

e o que te ofereceu o teu sumo sacerdote Melchisedech, sacrificio santo e ostia immaculada... (tradução do latim).

Lateralmente vêem-se a meio das tarjas : do lado esquerdo as figuras de Abrahão e de seu filho Isaac, preparando-se aquele para o cruento sacrificio deste ordenado por Jeová ; do lado direito a figura de Abel, orando junto da pira.

Na tarja superior está escrito em caractéres hebraicos o nome de Jeová ; na inferior deparamos Melchisedech, sumo sacerdote e Rei de Salem, oferecendo o vinho e o pão. A proposito desta parte do sacrificio da missa diz-nos o seguinte o abade Martigny no seu *Dictionnaire des Antiquités chrétiennes* (artigo : *Eucharistie*):

«— Como figura evidente do sacrificio eucharistico, temos um mosaico na Igreja de S. Victal de Ravena, datado do seculo vi, e representando o sacrificio de Melchisedech tal como é versado no capitulo XIV do Genesis (1). Este sumo sacerdote está de pé diante dum altar, onde se vêem dois pães e um calix com vinho ; levanta os braços e estende as mãos para essas ofertas ; está vestido com a penula (2) por cima da tunica apertada na cintura, de tal guisa que parece um sacerdote do rito grego no altar. Do outro lado está Abel de pé, com as mãos erguidas ao ceu, como para associar-se a este sacrificio. Sabe-se que o Cordeiro oferecido a Deus por Abel é a mais antiga figura do Cordeiro divino, que devia imolar-se um dia pela salvação dos homens. Por outro lado, o sacrificio de Melchisedech, composto de pão e de vinho, é a figura mais clara do sacrificio eucharistico, em que existem os mesmos elementos e que não é outro senão a renovação perpetua do Cordeiro de Deus. O artista, ou melhor a Igreja que o dirigia, quiz assim aproximar duas figuras do mesmo misterio, uma da outra distanciadas de mais de 2000 anos...»

Completando esta interessante noticia, podemos acrescentar que na mesma cidade de Ravena, na *Igreja de Santo Apolinario in Classis* outro mosaico existe representando o mesmo misterio. Neste mo-

(1) *Genesis* — XIV.

— 18 Mas Melchisedech, rei de Salem, ofereceu pão e vinho (porque era sacerdote do Deus Altissimo).

— 19 Abençoou a Abrão, dizendo : Bemdito seja Abrão pelo Deus Altissimo : que creou o ceu e a terra.

(Versão do P.º Antonio Pereira de Figueiredo).

(2) Veja — Rich. *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, art. *Paenula*.

saico, Abel é figurado a oferecer o cordeiro. (4) Em frente do altar vê-se Melchisedech, que oferece o pão e o vinho.

A' direita está Abrahão preparando-se para imolar seu filho Isaac. (2)

Neste mosaico aparecem juntas por consequencia as tres personagens figuradas nas tarjas e citadas no texto da oração, o que ainda é mais interessante para o nosso caso.

Têm sido debatidas varias questões a proposito deste Missal.

¿E' ou não original a obra de Estevam Gonçalves? Couse alguma consta ainda de positivo a tal respeito.

Démos já a entender que não acreditavamos na cuidada educação artistica do nosso iluminador. Pensamos tambem que nunca saiu de Portugal. ¿Como se explicaria por outra fórmula que tivesse composto — a nosso vêr — uma estampa magnífica — a *Ceia* — e outra de menos valor talvez — o *Calvario*?

Se fosse um imitador seria logico pensar que procurasse os melhores modelos. E o Missal seria assim um conjunto de primores, o que não acontece. Apesar das conjecturas de Tabora, perfilhadas por José Feliciano de Castilho, baldadamente percorreremos os museus em busca dos apregoados modelos, que tenham sido aproveitados por Estevam Gonçalves. (3)

(1) *Genesis*, IV.

— 4 Abel tambem ofereceu das primicias do seu rebanho, e das suas gorduras; e olhou o Senhor para Abel e para os seus dons. (Versão do P.^e Antonio Pereira de Figueiredo).

(2) *Genesis* XXII.

.. 9 — E chegaram ao logar que Deus lhe havia mostrado, no qual levantou (*Abrahão*) um altar e sobre ele preparou a lenha: e tendo ligado a Isaac, seu filho, o poz no altar sobre o feixe de lenha.

— 10 E estendeu a mão e pegou no cutelo para imolar seu filho.

— 11 E eis que lhe gritou do céu o Anjo do Senhor, dizendo: Abrahão Abrahão. O qual respondeu: Aqui estou.

— 12 Continuou o Anjo: Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças mal algum. Agora conheci que temes a Deus e não perdoaste a teu filho unico por amor de mim.

(Versão do P.^e Antonio Pereira de Figueiredo).

(3) Antonio da Cunha Tabora escreve:

«As composições (*de Estevam Gonçalves*) são belissimas, e cheias de muita novidade; o desenho he correcto; o colorido admiravel; e porque se assemelha ao de

e o que te ofereceu o teu sumo sacerdote Melchisedech, sacrificio santo e ostia imaculada... (traducção do latim).

Lateralmente vêem-se a meio das tarjas: do lado esquerdo as figuras de Abrahão e de seu filho Isaac, preparando-se aquele para o cruento sacrificio deste ordenado por Jeová; do lado direito a figura de Abel, orando junto da pira.

Na tarja superior está escrito em caractéres hebraicos o nome de Jeová; na inferior deparamos Melchisedech, sumo sacerdote e Rei de Salem, oferecendo o vinho e o pão. A proposito desta parte do sacrificio da missa diz-nos o seguinte o abade Martigny no seu *Dictionnaire des Antiquités chrétiennes* (artigo: *Eucharistie*):

«— Como figura evidente do sacrificio eucharistico, temos um mosaico na Igreja de S. Victal de Ravena, datado do seculo vi, e representando o sacrificio de Melchisedech tal como é versado no capitulo XIV do Genesis (1). Este sumo sacerdote está de pé diante dum altar, onde se vêem dois pães e um calix com vinho; levanta os braços e estende as mãos para essas ofertas; está vestido com a penula (2) por cima da tunica apertada na cintura, de tal guisa que parece um sacerdote do rito grego no altar. Do outro lado está Abel de pé, com as mãos erguidas ao ceu, como para associar-se a este sacrificio. Sabe-se que o Cordeiro oferecido a Deus por Abel é a mais antiga figura do Cordeiro divino, que devia imolar-se um dia pela salvação dos homens. Por outro lado, o sacrificio de Melchisedech, composto de pão e de vinho, é a figura mais clara do sacrificio eucharistico, em que existem os mesmos elementos e que não é outro senão a renovação perpetua do Cordeiro de Deus. O artista, ou melhor a Igreja que o dirigia, quiz assim aproximar duas figuras do mesmo misterio, uma da outra distanciadas de mais de 2000 anos...»

Completando esta interessante noticia, podemos acrescentar que na mesma cidade de Ravena, na *Igreja de Santo Apolinario in Clasis* outro mosaico existe representando o mesmo misterio. Neste mo-

(1) *Genesis* — XIV.

— 18 Mas Melchisedech, rei de Salem, ofereceu pão e vinho (porque era sacerdote do Deus Altissimo).

— 19 Abençoou a Abrão, dizendo: Bemdito seja Abrão pelo Deus Altissimo: que creou o ceu e a terra.

(Versão do P.º Antonio Pereira de Figueiredo).

(2) Veja — Rich. *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, art. *Paenula*.

saico, Abel é figurado a oferecer o cordeiro. (1) Em frente do altar vê-se Melchisedech, que oferece o pão e o vinho.

A' direita está Abrahão preparando-se para imolar seu filho Isaac. (2)

Neste mosaico aparecem juntas por consequencia as tres personagens figuradas nas tarjas e citadas no texto da oração, o que ainda é mais interessante para o nosso caso.

Têm sido debatidas varias questões a proposito deste Missal.

¿E' ou não original a obra de Estevam Gonçalves? Cousa alguma consta ainda de positivo a tal respeito.

Démos já a entender que não acreditavamos na cuidada educação artistica do nosso iluminador. Pensamos tambem que nunca saiu de Portugal. ¿Como se explicaria por outra fórma que tivesse composto — a nosso vêr — uma estampa magnífica — a *Ceia* — e outra de menos valor talvez — o *Calvario*?

Se fosse um imitador seria logico pensar que procurasse os melhores modelos. E o Missal seria assim um conjunto de primores, o que não acontece. Apesar das conjecturas de Taborda, perfilhadas por José Feliciano de Castilho, baldadamente percorreremos os museus em busca dos apregoados modelos, que tenham sido aproveitados por Estevam Gonçalves. (3)

(1) *Genesis*, IV.

— 4 Abel tambem ofereceu das primicias do seu rebanho, e das suas gorduras; e olhou o Senhor para Abel e para os seus dons. (Versão do P.^e Antonio Pereira de Figueiredo).

(2) *Genesis* XXII.

.. 9 — E chegaram ao logar que Deus lhe havia mostrado, no qual levantou (*Abrahão*) um altar e sobre ele preparou a lenha: e tendo ligado a Isaac, seu filho, o poz no altar sobre o feixe de lenha.

— 10 E estendeu a mão e pegou no cutelo para imolar seu filho.

— 11 E eis que lhe gritou do céu o Anjo do Senhor, dizendo: Abrahão Abrahão. O qual respondeu: Aqui estou.

— 12 Continuou o Anjo: Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças mal algum. Agora conheci que temes a Deus e não perdoaste a teu filho unico por amor de mim.

(Versão do P.^e Antonio Pereira de Figueiredo).

(3) Antonio da Cunha Taborda escreve:

«As composições (*de Estevam Gonçalves*) são bellissimas, e cheias de muita novidade; o desenho he correcto; o colorido admiravel; e porque se assemelha ao de

Que os quadros do nosso iluminador revelem a maneira italiana da época, não o podemos negar. Mas é preciso dizer desde já que no artista predomina também em certos pormenores a influencia dos nossos pintores quinhentistas, na fórmula excelente da tratar as architecturas, por exemplo, qualidade que já tinha sido notada por Taborda. (1)

Seria logico supôr que um têmea tão vulgarizado como a *Ceia*, tratado pelo nosso artista, revelasse qualquer processo imitativo. Seria nesse quadro — síntese sublime do drama da Paixão — que encontraríamos mais facilmente a prova que procuramos. Vamos ver, em pouco, que assim não acontece.

Vindo após a Renascença — em época de decadencia da arte — quando a iluminura deixára de ter uma função social pois fôra vencida pela imprensa — Estevam Gonçalves educou-se na contemplação e estudo dos belos quadros, que então ornavam igrejas, mosteiros, paços episcopaes (2); e pelas gravuras que andavam de mão em mão a vulgarisar a obra dos mestres do Renascimento. Conheceria também alguns dos preciosos codices iluminados, de que eramos tão abundantes. E de todos estes elementos, conjugados com as suas

Baroccio, e de Taddeo Zuccaro, talvez dê a conjecturar passasse elle á Italia e estes houvessem sido os seus modelos.» (Obr. cit. pag. 206).

Como diz Castilho, Taddeo Zucaro foi pintor de menos que segunda ordem, que não poderia inspirar ou influenciar quem quer que fosse.

Frederigo Baroccio, nascido em Urbino em 1528, falecido em 1608, trabalhou na sua cidade natal, e em Pesaro, Roma, Milão, Genova, onde deixou uma bela Crucificação encomendada pelo Doge Taddeo Senarega. Corregio influenciou-o sobremaneira. Foi essencialmente um delicado colorista.

(1) «Soube entender excellentemente as regras da Architectura, Perspectiva, e ornato...» Taborda. (Obr. cit. pag 207).

(2) «Ter-se-ha elle inspirado com o estudo das pinturas de Garcia de Rezende, de Braz Pereira ou de Antonio Campello, ôu mesmo do Gran-Vasco (a quem tantas attribuem, em Vizeu) ou dos livros illuminados na Italia, e dados por D. Manuel aos padres de Belem? Mas nenhum de tais modêlos revela a firmeza, o gôsto, a perfeição de trabalho que n'este se admira...» (Castilho. Obr. cit. pag. 17).

Mais adeante o a., que citou aliás a Biblia dos Jeronimos, alvitra que «o nosso Padre houvesse, por mais ou menos tempo, residido em Roma», hipotese fundada no facto de Estevam Gonçalves se ter desprendido galhardamente da influencia das antigas tradições góticas e identificado «com o então não muito antigo, gôsto italiano.» E depois ousadamente pretende provar a influencia de Rafael, opinião que não podemos partilhar.

irresistíveis tendências; do meio em que vivia, das tradições da vida dos mosteiros: o grande artista tiraria o estímulo para compôr, em novos moldes, o seu Missal incomparavel.

Perfilhando a teoria da imitação relativamente ás tarjas, Castilho cita um modelo — *os arabescos das Lojas do Vaticano*, que attribue a Rafael. Seria ali que Estevam Gonçalves se teria inspirado para compôr as tarjas do Missal.

Devemos dizer em primeiro lugar, que não foi Rafael o autor desses famosos arabescos, conhecidos depois na Historia d'Arte sob a designação de *grotescos*, mas João d'Udina—discipulo daquele genial pintor. João d'Udina inspirou-se nos estuques que encontrou nas Termas de Tito em Roma, descobertas por esse tempo; e, entusiasmado por tão surpreendente revelação da arte antiga, não descançou enquanto não descobriu o segredo da composição desses estuques, o que conseguiu por fim.

Foi então que Rafael encarregou o discipulo de empregar a sua descoberta no revestimento das pilastras e espaços das *Lojas* entre os 52 quadros, cuja serie é conhecida pela denominação de *Biblia do Vaticano*, quadros todos inventados pelo mesmo Rafael, muitos executados por seus discipulos e outros — entre os quaes uma *Ceia* — devidos ao seu proprio pincel. Os estuques de João d'Udina causam ainda hoje o assombro de quem os contempla, não só pela sua policromia, como pelo primoroso desenho.

Esta é a verdade historica.

A alegação de Castilho não se prova se compararmos os desenhos e disposições das tarjas do Missal com os *arabescos das Lojas*. A disposição destes corresponde por exemplo á das tabelas das pilastras do claustro de João Castilho nos Jeronimos, onde se mostram os elementos da ornamentação seguindo um eixo central e vertical, e repetindo-se tais elementos lateral e inversamente, como muito bem faz notar o sr. Ribeiro Cristino na sua *Estetica Citadina*.

Basta ver agora a disposição das tarjas do Missal para se concluir que o trabalho de Estevam Gonçalves não pôde ser comparado áquele. Nas tarjas ha tambem simetria, que não é a dos *arabescos do Vaticano*, não tendo as características da repetição lateral e inversa, a não ser em certas partes onde para o nosso iluminador

houve necessidade de preencher espaços com desenhos de ordem geometrica. Basta ver atentamente para nos convenceremos.

Mas ha ainda mais :

Poderão dar-nos os *arabescos do Vaticano* motivos ornamentaes identicos a alguns das tarjas do Missal. Mas naquela composição os ornatos não servem de comentario aos quadros rafaelescos. São de pura fantasia, de *arte pela arte* como sóe dizer-se. Enquanto que no Missal taes elementos têm uma função completamente diversa, comentando plasticamente, em obediencia á liturgia, o texto sagrado. Os elementos tirados á flora e á fauna não são estilizados como no Vaticano, de mistura com animaes fantasticos e monstros apocalipticos; no Missal taes elementos teem uma função simbolica, propria, e estão apresentados por isso tal qual se revelam na natureza.

Reconhecemos que são ainda possíveis as duvidas, porque o trabalho de José Feliciano de Castilho mereceu sempre credito. E' por isso que vamos transcrever o seguinte trecho de Charles Blanc, que não traduzimos para lhe conservar todo o sabor do descritivo. Lendo-o, parece que estamos a ver os arabescos de João d'Udina, realçando nas *Lojas do Vaticano* :

«L'abondance, la variété, la richesse, la grâce de ces ornements, tiennent du merveilleux... Là sont mêlés, à la figure humaine, tous les monstres et toutes les chimères imaginables : des quadrupèdes ailés, des volatiles impossibles, des sphinx, des satyres, des centaures d'un nouveau genre, dont le corps de femme se roule en volutes bizarres, s'épanouit en plantes épineuses, s'achève en guirlandes, ou finit en queues de poisson... Là, des myriades d'êtres chimériques suivent les enroulements des festons interminables, grimpent le long de rinceaux, se perdent dans le feuillage, et reparaisent tout a coup, sortant du calice des fleurs...

«Tel pilastre se décore d'une vigne fantastique, portant des grappes d'enfants, d'un galbe merveilleux. Tel autre est orné de rosaces qui montent, en spirales, et sur lesquelles on voit serpenter des lézards, courir des rats fabuleux, ou bondir des écureuils.

«Çà et là pendent des bouquets de fruit d'une vérité savoureuse ; et par un étrange contraste, des fleurs qui n'ont jamais poussé que dans le jardin de la l'imagination. Et cependant, qui le croirait ? tout en donnant essor á sa fantasia, le peintre parait obéir à une secrète méthode, et respecte une symétrie capricieuse. Au travers de ces

labyrinthes, un fil invisible nous conduit: toutes ces chimères se répètent suivant un rythme...

«Les masques se regardent et se font miroiter l'un l'autre. Les animaux, les enfants, les sirènes se correspondent, au milieu d'un dédale en apparence inextricable. C'est comme une symphonie, dans laquelle chaque voix aurait un écho...»

(Cit. por Ossedat em *Dogme et Peinture*, pag. 208 e 209 e extraído da *Histoire de la Peinture*, por Charles Blanc).

.....

Resta-nos agora descrever, em obediencia ao nosso programa, a estampa da *Ceia*. Mas para vincar indelevelmente as conclusões sobre a originalidade de Estevam Gonçalves, forçoso é que nos seja permitida ainda uma rapida digressão no campo iconografico, limitada ao estudo sumario das *Ceias* de Leonardo de Vinci, de Rafael e de alguns mestres flamengos.

A interpretação plastica dêste tẽma varia muito no século xvi relativamente ao século xv como vamos ver.

Todos conhecem pelas estampas tão vulgarizadas a celebre *Ceia* de Leonardo de Vinci, no refeitório do convento de Santa Maria das Graças, em Milão.

A famosa pintura, em que as evangelicas personagens são figuradas em tamanho maior que o natural, não resistiu aos estragos de vária ordem, que sofreu, e hoje — pode afirmar-se — só quasi por boa vontade ou sugestão é reconhecível.

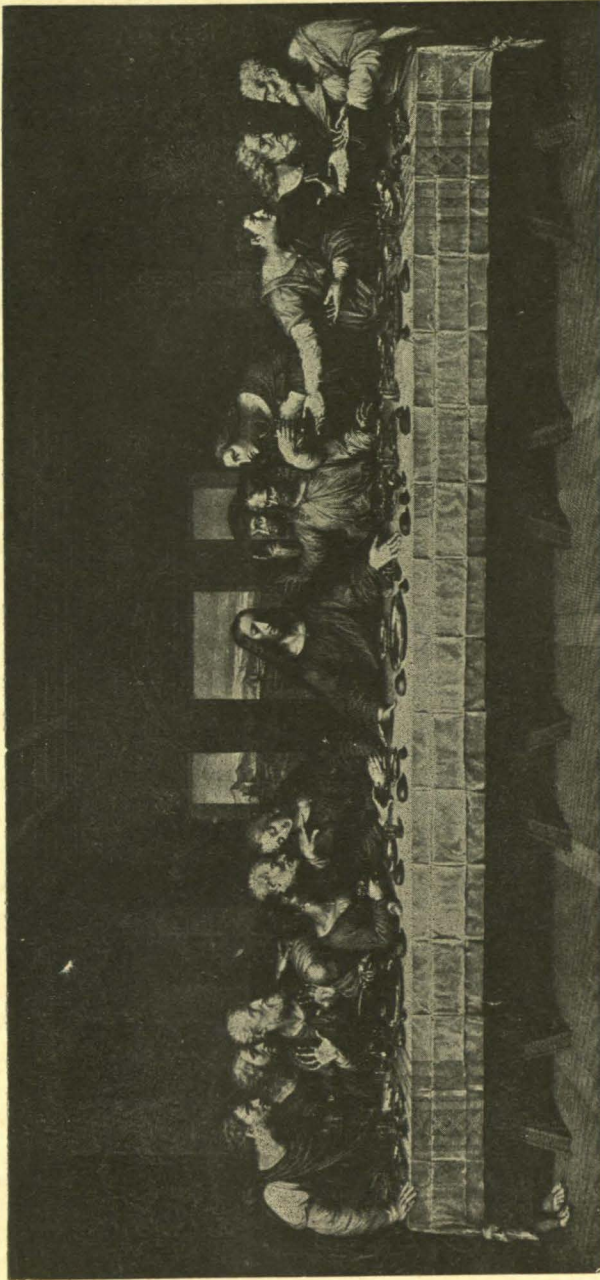
Muitos pintores, antes de Leonardo, tinham representado o ultimo repasto de Cristo com seus discípulos. «Em Pádua, na capela da Madona dell'Arena, construida no local onde existira um anfiteatro romano, Giotto fica na tradição da Idade Média. Cérca de nimbos enormes as cabeças dos Apostolos, o que dá um aspecto comico a alguns dos que voltam as costas aos espectadores. (*Leonard de Vinci, l'artiste et le savant*, pag. 61 por Gabriel Séailles). Andrea del Castagno é o primeiro que trata o tẽma no espirito da Renascença no seu fresco do convento de Santa Apollonia, em Florença. Judas, porém, nesta composição, é colocado ainda separado dos outros apostolos. O mesmo acontece na *Ceia* de Ghirlandajo, terminada em 1480, no refeitório do convento Ognisanti. Nesta obra nota-se, por contraste, o que ha de original em Leonardo de Vinci. (Vid. obr. cit. pgs. 61 e 62).

No seu fresco Leonardo rompeu a tradição e foi o primeiro que ousou colocar Judas entre os outros apóstolos; mas *marcou-o* bem originalmente: é o único a quem uma sombra enegrece o rosto. Todos os outros têm as fisionomias bem iluminadas. Não se creia, contudo, que o artifício (porque é artifício indubitavelmente) seja menos verdadeiro e fóra das regras da arte: estudando o quadro, a critica tem de render-se ao *realismo* do pintor. Como estão dispostas as personagens, só Judas poderia ter vincada no rosto aquela sombra reveladora... (*L'art classique — initiation au genie de la Renaissance italienne*, por Wölfflin — pag. 39). Outro artifício é a disposição do grupo na mesa rectangular, de maneira que deixe livre o lado voltado para o espectador. Está provado que seria materialmente impossivel poderem banquetear-se em espaço tão acanhado os 13 convivas. E' certo, todavia, que por tal não damos e a scena nos parece naturalissima. Leonardo suprimiu o nimbo da cabeça de Cristo. Mas este está de cost-s para uma das três janelas do fundo, a do meio, como era preciso para o equilibrio da sabia composição, donde se avista larga e simbólica paisagem, de tal forma que a luz do exterior parece envolver o Divino Mestre duma misteriosa auréola. Os 12 apóstolos estão dispostos simetricamente, 6 de cada lado de Cristo, formando 4 grupos de 3 (Wölfflin, obr. cit. pag. 54).

Na sua *Histoire de la peinture en Italie*, a pag. 141, Stendhal diz-nos que encontrou numa antiga cópia da *Ceia*, existente em Ponte Capriasco, uma inscrição latina, indicando o nome dos apóstolos, a começar por aquele que está de pé á esquerda do espectador; S. Bartolomeu, S. Jacques Menor, Santo André, S. Pedro, Judas, S. João, Cristo, S. Jacques Maior, S. Tomaz, S. Filipe, S. Mateus, S. Taddeo e S. Simão.

Dissémos que os 12 apóstolos estão divididos em 4 grupos de 3. Repare-se que estes grupos não estão isolados: o gesto de S. Jacques Menor liga as personagens que estão á direita de Cristo, como o movimento de S. Mateus os dois grupos que estão á sua esquerda. (Gabriel Séailles, obr. cit. pag. 66).

A scena da *Ceia* de Leonardo de Vinci representa o momento tragico que segue á revelação do Divino Mestre: — *Na verdade vos digo que um de vós me ha de entregar.* — Todos falam, todos procuram justificar-se.



CEIA DE LEONARD VINCI

«E o artista — escreve o abade Ossédât no seu livro *Dogme et peinture*, pag. 273, 274 — teve o talento incrível de fazer aparecer sobre tantas figuras o espanto, a indignação, a dôr, a ternura, a lealdade ingenua, a fé inabalavel, todas as cambiantes, emfim, dos sentimentos que uma palavra tão grave deveria despertar nos Apostolos, segundo o temperamento do amor particular de cada um pelo Divino Mestre.»

Mas ainda encontramos outras belezas nesta genial criação. Todos procuram justificar-se — dissémos já — mas não é só na fisionomia que lhes surpreendemos o pensamento; é também nos gestos eloquentes. Em contraste com tamanho tumultuar de paixões e da torva catadura de Judas, o único que recúa o busto no movimento instintivo de receio por se vêr descoberto, vêmos a doce figura de Cristo. A sua attitude resignada respira uma nobresa desconhecida na obra dos outros pintores, que antecederam o grande Leonardo: «A figura pacifica de Jesus, escreve Wölfflin (obr. cit., pag. 37) domina a tempestade. Nenhuma palavra sáe já de seus labios... Abre as mãos e deixa-as cair sobre a mesa, como faria quem tivesse tudo dito e nada mais lhe restasse para revelar. Não levanta os olhos e o seu silencio é mais eloquente do que todas as palavras imaginaveis.»

Na *Ceia* de Leonardo de Vinci ha o drama interior que adivinhámos no aspecto de Cristo; ha a psicologia de cada um dos apostolos, que se nos revela pelas attitudes e gestos. Sínteses admiraveis que nunca o genio humano realizára com tal grau de expressão!

Leonardo applica genialmente os seus principios: «Fais la figure en tel acte qui suffise à montrer ce que le personnage a dans l'âme, sinon ton art ne sera pas louable». (Leonardi de Vinci — *Traité de la peinture*, traduction de Péladan, pág. 466).

Leonardo estudava as suas scenas, meditava-as por muito tempo. Não tinha espontaneidade na execução e desenhava cada figura laboriosamente, deixando-a incompleta, ás vezes, até encontrar o tipo adequado ao seu pensamento. (1)

(1) Conta-se, a proposito da demorada conclusão da cabeça de Judas, a seguinte anecdota:

O Prior do convento de Santa Maria das Graças, impaciente com a demora, foi queixar-se ao Duque de Milão, Ludovico Moro:

Poderá julgar-se que o minucioso saber, revelado em todo o Tratado da Pintura, houvesse de abafar-lhe a emoção estetica, mas é o proprio Leonardo quem nos dá a chave do seu processo quando exclama algures: «quanto mais conheço quanto mais amo». Nesta formula concisa resumiu tudo o que pensava sobre as afinidades da sciencia e da arte. Tambem na *Ceia* o grande artista demonstrou a applicação rigorosa doutros seus principios celebres como este: «Para mostrar o que a personagem tem na alma, não é só o rosto, são as mãos, é o corpo inteiro que deve falar» — ou ainda como este: «A cousa mais importante que se possa achar na teoria da pintura, são os movimentos apropriados aos estados de alma de cada ser, como desejo, despreso, colera, piedade».

Devemos ainda dizer — para concluir a referencia — que neste quadro tudo concorre para fazer convergir a atenção sobre a figura de Cristo. O olhar não se distrai em pormenores superfluos.

Em todos os tempos a composição genial de Leonardo de Vinci atraiu a atenção dos literatos e dos artistas, uns e outros consagrados á exegése da seductora obra prima.

Stendhal escreveu a proposito uma pagina celebre, na qual nos desenha em termos incisivos a grande scena. Vamos transcrevê-la, não só por nos elucidar mais profundamente, mas porque repre-

— Senhor! — disse-lhe — está só por concluir a cabeça de Judas e ha mais de um ano que Leonardo não lhe toca e nem vem ao convento...

Zangou-se o Duque e mandou chamar o pintor.

Ouvida a queixa, Leonardo de Vinci respondeu:

— Têm razão os frades, porque eles sabem pintar e eu ha muito que não ponho os pés no seu convento... Mas não a têm, quando afirmam que não emprego todos os dias duas horas, pelo menos, naquele trabalho.

— Como assim, se tu não vaes lá?!

— Vossa Excelencia saberá que me falta apenas acabar a cabeça de Judas, aquele patife que todos conhecem... Convem, por isso, apresentar uma cara que corresponda a tanta maldade. Para tal fim ha um ano, ou talvez mais, que vou todas as manhãs ao Borghetto, onde Vossa Excelencia sabe que vive toda a malandragem da sua capital; mas não pude ainda lá encontrar uma cara de patife, que corresponda á que tenho na idéa. Uma vez que a encontre, num dia acabo o quadro. Mas se as minhas investigações forem inuteis, copiarei a cara dêsse Prior, que serve perfeitamente... Eu é que hesito ha muito, para não expô-lo ao ridiculo no seu próprio convento...

senta também um espécime valioso de interpretação romântica. Não traduzimos o trecho, porque desejamos conservar-lhe a graça e o sentimento próprios do grande escritor :

— « Il s'agissait de représenter ce moment si tendre où Jésus, à ne le considérer que comme un jeune philosophe entouré de ses disciples la veille de sa mort, leur dit avec attendrissement : « En vérité, je vous le dis, l'un de vous doit me trahir. »

« Léonard de Vinci sentit la céleste pureté et la sensibilité profonde qui font le caractère de cette action de Jésus ; déchiré par l'exécration indigne d'une action aussi noire, et voyant les hommes si méchants, il se dégoûte de vivre, et trouve plus de douceur à se livrer à la céleste mélancolie qui remplit son âme qu'à sauver une vie malheureuse qu'il faudrait toujours passer avec de pareils ingrats..... « Son attendrissement est tel, qu'en disant aux disciples ces tristes paroles : *L'un de vous va me trahir*, il n'ose regarder aucun d'eux.

« Il est assis à une table longue, dont le côté qui est contre la fenêtre et vers le spectateur est resté vide. Saint Jean, celui de tous les disciples qu'il aime avec le plus de tendresse, est à sa droite ; à côté de saint Jean est saint Pierre ; après lui vient le cruel Judas.

« Au moyen du grand côté de la table qui est resté libre, le spectateur aperçoit pleinement tous les personnages. Le moment est celui où Jésus achève de prononcer les paroles cruelles, et le premier mouvement d'indignation se peint sur toutes les figures.

« Saint Jean, accablé de ce qu'il vient d'entendre, prête cependant quelque attention à saint Pierre, qui lui explique vivement les soupçons qu'il a conçus sur un des apôtres assis à la droite du spectateur.

« Judas, à demi tourné en arrière, cherche à voir saint Pierre et à découvrir de qui il parle avec tant de feu, et cependant il assure sa physionomie, et se prépare à nier ferme tous les soupçons. Mais il est déjà découvert. Saint Jacques le Mineur passant le bras gauche par-dessus l'épaule de saint André, avertit saint Pierre que le traître est à ses côtés. Saint André regarde Judas avec horreur. Saint Barthélemy, qui est au bout de la table, à la gauche du spectateur, s'est levé pour mieux voir le traître.

« A la gauche du Christ, saint Jacques proteste de son innocence par le geste naturel chez toutes les nations ; il ouvre les bras et pré-

sente la poitrine sans défense. Saint Thomas quitte sa place, s'approche vivement de Jésus, et, élevant un doigt de la main droite, semble dire au Sauveur : «Un de nous?» C'est ici une des nécessités qui rappellent que la peinture est un art terrestre. Il fallait ce geste pour caractériser le moment aux yeux du vulgaire, pour lui bien faire entendre la parole qui vient d'être prononcée. Mais il n'a point cette noblesse d'âme qui devait caractériser les amis de Jésus. Qu'importe qu'il soit sur le point d'être livré par un ou par deux de ses disciples ? Il s'est trouvé une âme assez noire pour trahir un maître si aimable : voilà l'idée qui doit accabler chacun d'eux, et bientôt après va se présenter cette seconde pensée : Je ne le verrai plus; et cette troisième : Quels sont les moyens de le sauver ?

«Saint Philippe, le plus jeune des apôtres, par un mouvement plein de naïveté et de franchise, se lève pour protester de sa fidélité. Saint Matthieu répète les paroles terribles à saint Simon, qui refuse d'y croire. Saint Thadée, qui le premier les lui a répétées, lui indique saint Matthieu, qui a entendu comme lui. Saint Simon, le dernier des apôtres à la droite du spectateur, semble s'écrier : «Comment osez-vous dire une telle horreur?»

«Mais on sent que tous ceux qui entourent Jésus ne sont que des disciples, et, après la revue des personnages, l'œil revient bien vite à leur sublime maître. La douleur si noble qui l'opprime serre le cœur. L'âme est ramenée à la contemplation d'un des grands maheurs de l'humanité, la trahison dans l'amitié. On sent qu'on a besoin d'air pour respirer ; aussi le peintre a-t-il représenté ouvertes la porte et les deux croisées qui sont au fond de l'appartement. L'œil aperçoit une campagne lointaine et paisible, et cette vue soulage. Le cœur a besoin de cette tranquillité silencieuse qui régnait autour du mont *Sion*, et pour laquelle Jésus aimait à y rassembler ses disciples. La lumière du soir, dont les rayons mourants tombent sur le paysage, lui donne une teinte de tristesse conforme à la situation du spectacle. Il sait bien que c'est là la dernière soirée que l'ami des hommes passera sur la terre. Le lendemain, lorsque le soleil sera parvenu à son couchant, il aura cessé d'exister». (*Histoire de la peinture en Italie* — pags. 137 a 139).

Sabemos de duas ceias de Rafael : uma, que foi vulgarisada por uma gravura de Marc-Antonio Raimondi ; outra, que constitue o ul-



MISSAL DE ESTEVÃO GONÇALVES

(CEIA)

timo dos 52 quadros das *Lojas do Vaticano*. Na primeira, Rafael deu á figura de Cristo a mesma serenidade e o mesmo olhar fixo que se notam no quadro de Leonardo de Vinci. A figura de Cristo é a unica apresentada de frente; todas as outras estão de perfil. A attitude do Divino Mestre é tão direita como seria uma perpendicular tirada sobre a base da composição (Wolflin — obr. cit.). Os seus olhos muito abertos parecem mergulhar no vacuo, como que alheado das misérias terrestres. Na *Ceia* das *Lojas do Vaticano* o Salvador conserva o mesmo olhar fixo. Mantem-se o *canon* estabelecido por Leonardo de Vinci.

Vejamos agora a estampa da *Ceia* no Missal de E. Gonçalves.

Descreve-a nestes termos José Feliciano de Castilho :

«Esta magnifica estampa representa dous corpos do edificio, até em pavimentos diversos. O mais afastado, com uma galeria de columnas, superposta a uma arcada, dá na parte inferior a scena do lava-pés; e á grade da varanda superior recostam-se alguns discipulos, em animada palestra».

«Sobr'excelente, porém, e acima de toda a descripção, é o quadro da *Ceia*, originalissimo na composição, habilissimo na collocação das figuras, singular na disposição artistica da mesa, variado nas attitudes, expressivo nas physionomias, eloquente no movimento e na acção».

Subscreveríamos incondicionalmente os elogios de Castilho, se não tivéssemos de achar de mau gosto artistico o edificio anexo, bem como o trôno e docel por detraz de Jesus. Estes pormenores distraem a atenção. Quanto mais eloquente é o sobrio scenario de Leonardo de Vinci!...

Notamos em primeiro logar que na *Ceia* de Estevam Gonçalves figuram duas personagens estranhas, dois servos. Não encontramos tal pormenor em de Vinci e Rafael.

No quadro de Estevam Gonçalves tambem as figuras não estão distribuidas ao acaso, mas por grupos em volta da mesa (1): Ao centro

(1) A ordenação do quadro descrito apresenta-nos uma invenção: Os convivas do divino banquete sentam-se *em volta da mesa*. Na obra monumental de Émile Mâle encontramos uma explicação do pormenor, que nos apressamos a transmitir aos leitores:

Até o seculo XIV a ordenação da *ceia* quasi não variou. Jesus e os Apostolos

vêmos o grupo formado por Jesus e dois discipulos, á esquerda S. João *adormecido*, no seio do Mestre, á direita S. Pedro; á direita de Jesus seguem-se dois grupos de duas figuras, e á esquerda, tres grupos igualmente de duas figuras.

Em frente do Salvador, só e isolado, senta-se Judas. Todos os apóstolos estão representados de face ou de perfil, com excepção de um que vêmos de costas. Ha nesta ordenação certa logica e propriedade, embora tenhamos de verificar o convencionalismo do isolamento de Judas, que Leonardo de Vinci já abolira e a intervenção duma personagem estranha num dos grupos, o 2.º á direita de Jesus que é formado por um apóstolo e um dos dois servos. Se não tivesse empregado este artificio, Estevam Gonçalves não poderia equilibrar a composição do quadro como a gisou.

O episodio do discipulo adormecido ou reclinado no seio de Jesus, utilizado ainda por Estevam Gonçalves, já tinha sido posto de lado por Leonardo de Vinci. Funda-se na passagem do Evangelho de S. João—Cap. XIII, n.º 23—: «Ora um dos seus discipulos, ao qual amava Jesus, estava recostado á mesa no seio de Jesus».

Convem notar, neste ponto, o anacronismo cometido por todos

estão sentados num dos lados da mesa e Judas, a quem o divino Mestre apresenta o pão, está só no outro lado oposto. No teatro religioso, nas representações tão populares dos *Misterios*, as cousas não se passavam assim : na *Paixão* de Jean Michel, o autor introduziu no seu drama um schema, que nos faz conhecer o logar de cada apóstolo. A mesa é rectangular ; Jesus que está sentado ao meio dum dos lados maiores, deve ter 2 apóstolos á direita e 2 á esquerda ; em cada um dos lados menores devem estar 3 apóstolos ; emfim, no outro lado maior, em face do divino Mestre, ficam sómente Judas e S. Filipe. Mâle supõe que o pormenor teatral de que nos occupamos, inspirou a obra dos pintores coévos. E' o que se verifica na *Ceia* de Thierry Bouts, na Igreja de S. Pedro de Lovaina : Emile Mâle justifica o seu parecer em outros pormenores do mesmo quadro : «D'autres détails achévent de démontrer que Thierry Bouts peignait d'après les souvenirs d'une représentation récente». (Vid. «*L'art religieuse de la fin du Moyen-Age en France*, por Emile Mâle—pag. 58-60»). Para precisar bem o caso de Thierry Bouts hemos de acrescentar que ele pintou a *Ceia* mais de 20 anos antes do drama de Jean Michel, o que quer dizer que este não inventou um pormenor que já existia em qualquer outro autor dramático desconhecido, cuja obra fosse familiar ao celebre pintor flamengo. E' neste sentido que se deve entender a referencia de Mâle á *représentation récente*.

os pintores, gisando a scena como se não decorrera em tempos do imperio romano.

Ora nessa epoca distante os convivas não se sentavam á mesa do banquete em bancos, ou cadeiras: comiam reclinados em divans, àpoiando-se no braço esquerdo e servindo-se com a mão direita. Três divans, ou leitos formando o triclinio, rodeavam três lados da mesa, ficando livre um lado para o serviço. O divan do meio era o de honra e o melhor logar de cada divan «vinha a ser aquele em que apoiava o braço esquerdo, não em cima das almofadas moveis, mas sim sobre a cabeceira do leito. Dado isto, Jesus presidindo ao leito do meio, havia de ocupar o logar da esquerda». Á direita de Jesus estariam recostados João e André. «Pedro, a quem pertencia o segundo logar, presidia ao leito da direita do divino Mestre, embora se achasse bastante longe d'elle. Tiago presidia ao terceiro leito onde Judas, sendo o ultimo, estava proximo de Jesus. (1) Além disso como os convivas estavam todos recostados nos leitos, apoiados no cotovelo esquerdo para conservar livre a mão direita, voltavam as costas uns aos outros; bastava, porém, um leve movimento para recostar a cabeça no peito do que estava atrás: chamava-se isto *estar no seio dele*. Era o caso de S. João». (Padre C. Ballester — *Os quatro evangelhos e os actos dos apóstolos* — trad. port., pág. 318).

Note-se ainda que muitos artistas não se limitaram a *recostar* S. João no peito do Salvador; *adormeceram-no*, como fez o nosso illuminador, o que é mais alguma cousa...

Revertamos, porém, à *Ceia* de Estevam Gonçalves, que nos importa agora.

(1) Isto explica a frase do evangelho de S. Marcos C. xiv:

— 18. E quando elles estavam á mesa, e ceavam, disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que um de vós que comigo come me ha-de entregar.

— 19. Então se começaram elles a entristecer, e cada um de per si lhe perguntava: Sou eu?

— 20. Respondeu-lhe Jesus: E' um dos doze que *mette comigo a mão no prato*.

O facto de Jesus estar mesmo ao lado de Judas é que explica a frase — *mete comigo a mão no prato*.

Na *Ceia* de Leonardo de Vinci, e principalmente nas anteriores, o *gesto* do traidor ou seria quasi impossivel ou daria muito na vista...

Estamos no momento soléne e tragico em que Jesus acaba de fazer a terrivel revelação: «Aquele, que comigo come o pão, me entregará aos meus inimigos».

«Ouvindo isto, diz Castilho no seu *Estudo*, os discipulos olharam attonitos uns para os outros, vacillando sôbre qual seria d'elles o que tamanho horror houvesse de perpetrar; sendo natural que cada um se dirigisse ao seu visinho, ou para se justificar, ou para interrogal-o. E' este o passo escolhido para a *Ceia* de E. Gonçalves. Jesus, que tem João, o discipulo querido, reclinado sobre o seu seio, fita os olhos em Judas, que lhe pergunta:

«Mestre, será a mim que vós designais como traidor?» e responde-lhe: «Tu o dizes!»

«São magistraes os semblantes, divinal o de Christo, e patibular do perfido. Este segura a bolsa, provavelmente não a dos 30 dinheiros, mas a em que incerrava o numerario preciso, afim de mercar o necessario para a festa (1), do que elle fôra incumbido, ou para esmolar

(1) Castilho parece seguir na sua interpretação o *Evangelho de S. João*. E' por conseguinte curioso dizer ao leitor como o Evangelista descreve a scena (Cap. III, versão do P.º Antonio Pereira de Figueiredo):

«21. Tendo Jesus dito estas palavras, turbou-se todo no espirito; e protestou, e disse: Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me ha de entregar.

22. Olhavam, pois, os discipulos uns para os outros, na duvida de quem fallava elle.

23. Ora um dos seus discipulos, ao qual amava Jesus, estava recostado á mesa no seio de Jesus.

24. A este, pois, fez Simão Pedro um sinal, e disse-lhe: Quem é o de quem elle falla?

25. Aquelle discipulo, pois, tendo-se reclinado sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é êsse?

26. Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pão molhado. E tendo molhado o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

27. E atrás do bocado entrou nelle Satanaz. E Jesus lhe disse: O que fazes, faze-o depressa.

28. Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que proposito elle lhe dizia isto.

29. Porque alguns, como Judas era o que tinha a bolsa, cuidavam que lhe dissera Jesus: Compra as coisas, que havemos mister para o dia da festa: ou que dêsse alguma coisa aos pobres.

30. Tendo, pois, Judas recebido o bocado, saiu logo para fóra, e era já noite.»

aos pobres. Cada rosto, cada attitude dos apóstolos tem expressão vária e condigna da situação; todos têm com quem pratiquem: só Judas fica isolado. Note-se que a expressão de Jesus não é ahi a de plena suavidade, a de divindade, unida à de humildade e resignação, que é de uso dar ao rosto do Redemptor: tem fitos, e como fulgurantes os olhos, e uma quasi indignação lhe sombreia as feições; assim, se não errâmos, o que poderia considerar-se defeito, é mais uma belleza, e revella artistica intenção: a physionomia de quem exproba a traição a um companheiro, não podia ser a de quem disserta sobre a fraternidade humana, a moral e a virtude.»

E' interessante verificar, a aceitarmos sem discussão o descriptivo de Castilho (1), que este considera bela, *revelando artistica intenção*, a attitude indignada de Jesus, a sua expressão fisionomica.

Enquanto que Leonardo de Vinci dava á figura de Jesus o tom da mais extrema idealidade, desprendendo-a das paixões terrenas; Estevam Gonçalves, contraditando a feição doce e tranquila da sua indole propria, que nos é revelada em tantas partes do Missal, teria delineado o mesmo tipo por uma forma realista mais comprehensivel talvez da sua epoca.

Numa obra, Jesus é *Deus*; na outra Jesus seria o *homem*: duas concepções que se excluem formalmente, representando a segunda uma decadencia da arte.

O mesmo acontecera na Grecia.

E' no seculo v. — A. C. — que a arte Grega culmina num escultor sublime como Fidias.

As estatuas têm então aquella inalteravel serenidade, que se denominou *olimpica*, representativa do mais alto idealismo.

Quaesquer que sejam as circumstancias em que o *heróe* esteja representado — alegres ou tragicas — nunca um assômo de dôr ou de contentamento transparecerá na sua fisionomia. A *serenidade olimpica* manter-se-á indelevel. Mas a grande Grecia tem os seus dias contados; far-se-há a unificação da patria sob a espada vitoriosa de Alexandre. A onda invasora da Hêlade alastrará pela Asia, traçará um dos maiores imperios que o mundo conheceu. A arte vai incensar

(1) Vide Nota final.

o vitorioso, representá-lo plasticamente na luta e no triunfo. Mas os vencidos de hoje reagem amanhã. Duas civilizações vão chocar-se. Desaparecido da scena da vida o grande Alexandre, o seu imperio cae, arruina-se. E' depois a Grecia invadida e vencida. E as dores e os infortunios dos Helenos reflectem-se então na Arte, que Roberto de La Sizeranne denominou com sobeja razão — *espelho da vida*. As estatuas gregas dão-nos nesse transe a nota *realista* das vicissitudes por que passa a patria.

Lacoonte, a formidavel escultura, que ainda hoje nos assombra pela figuração da dôr mais espantosa, é um prodigio como obra de arte; reflecte porém ao vivo a irremediavel decadencia grega...

Assim aconteceria por certo neste recanto da Europa, quando o insigne iluminador compoz o seu Missal.

Abrâmos mais uma vez um parêntese na exposição...

E' sempre certo que a arte se diferencia de seculo para seculo...

Vejamos o exemplo interessante, que nos apresenta Wölfflin (*obr. cit.* pag. 229 e 230), de dois artistas italianos, Verrochio (do seculo xv) e Sansovino (do seculo xvi), quando trataram o mesmo tẽma: — *o baptismo de Jesus*.

Verrochio compoz um quadro, em que imprimiu á scena figurada o tom de ingenuidade, que distinguia ainda a pintura italiana do seu tempo, o qual já não podia agradar á geração do seculo xvi. Sansovino, num grupo escultural, defendeu principios absolutamente incompativeis com os do seculo anterior. Definitivamente terminava o periodo historico que se convencionou chamar *Idade Média*.

Outros ideaes surgiam...

No quadro de Verrochio vêmos S. João Baptista aproximando-se de Jesus num movimento apressado e servil; voltando o busto para o neofito, derrama-lhe sobre a cabeça a agua do Jordão, que colheu na taça; e o olhar segue a direcção da agua caíndo...

A figura de Jesus é típica; parece firmar-se mal na agua que lhe banha os pés; o corpo pesa sobre as pernas, que arqueam e vergam; tem as mãos postas, uma attitude emfim de humildade, sem grandesa nem elevação.

No grupo escultural de Sansovino outra concépção domina. A figura de S. João fica no seu lugar, é forte, erecta e graciosa; perdeu aquele ar de interesse obsequioso, que distinguia a de Verrochio;

o busto, de frente, e o olhar dirigido ao rosto de Jesus. Este é representado numa atitude leve, cheia de dignidade e distinção. O corpo repousa sobre uma das pernas ligeiramente flectida, enquanto que a outra está afastada para o lado, num movimento facil, que traduz com eloquencia a altivez respeitavel da divina personagem. O busto conserva-se tambem direito, as espaldas estão um pouco recuadas e a cabeça inclina-se levemente. Os braços cruzam-se no peito num gesto que indica a oração, e substitue o gesto das mãos postas tão representativo do seculo xv. (1)

Vê-se neste exemplo como evoluiu na Italia a arte do seculo xvi. Parece que surge um ideal novo, de grandeza e de dignidade, na sua maneira de interpretar qualquer têmea plastico.

E como a *arte é o espelho da vida*, este facto reflecte com effeito o grau de desenvolvimento que a *humanidade* atingira com o episodio dos descobrimentos maritimos — *dando um novo mundo ao mundo* — e os progressos da cultura filosofica e dos metodos e conhecimentos

(1) Poderiamos multiplicar os exemplos da fôrma como os artistas italianos do seculo xvi compreendiam as atitudes e os gestos. Ao lado do desejo de dignificar a figura humana, nota-se neles a tendencia de moderar a expressão do sentimento. E' a reserva conhecida sob a designação de *gravidade classica*. Rafael — na *Pietá* (gravura de Marc-Antonio Raimondi) — coloca a Virgem perante o cadaver de seu filho sem nenhum traço de dôr estampado no rosto; imovel, afasta as mãos e olha o ceu... Ha outras atitudes que o seculo xvi reprovava peremptoriamente: na *Ceia* de Ghirlandajo, de 1480, S. Pedro, á direita de Jesus, emprega o polegar para *apontar* o Divino Mestre, gesto que ainda hoje é renegado pelas boas regras da civilidade... Leonardo de Vinci, na *Ceia*, figura um dos apóstolo, o 3.º á esquerda de Jesus (S. Filipe), manifestando o seu espanto com um gesto, que seria tambem regeitado no seculo xvi: o bater com uma das mãos nas côstas da outra... Nos frescos de Filipo Lippi e de Ghirlandajo (seculo xv) representando a *dança de Salomé*, esta heroína dança com o arrebatamento duma rapariga do povo; com Andrea del Sarto (seculo xvi) como a filha dum principe, que não pode mover-se senão com certa e distinta elegancia... (Wolflln — *obr. cit.* pags. 234 e seg.)

E' claro que as diversas interpretações do mesmo têmea plastico nos seculos xv e xvi são elementos aproveitaveis para a identificação de certos quadros. Mas a critica dispõe hoje de muitos outros recursos para tal genero de trabalho. Assim, as modas usadas quanto ao arranjo do cabelo e até o *côrte das sobrancelhas* (a *Gioconda* de Leonardo de Vinci sacrificou a sua beleza a este capricho incrível da moda feminina), a forma dos vestidos e a maneira como os artistas tratavam as pregas dos mesmos, os gestos, como vimos, são outros tantos apoios da critica moderna na atribuição da obra de arte.

scientificos. Outra vez a figura do *homem* era exalçada, para ela voltando-se a atenção universal...

Mas este estado propicio ao desabrochar do sentimento novo ia em breve modificar-se. A voz soturna de Luthero, *protestando* contra a orgia da cõrte pontificia e o escandalo das indulgencias, foi o signal da decadencia. O catolicismo reagiu, depois dum periodo de recolhimento e humilhação em que as Igrejas foram despojadas das suas galas e primicias de arte, chegando-se até a criar então um estilo arquitetónico novo — o da *contra-reforma*; e, alentado pelo fervoroso esforço e combatividade da Companhia de Jesus, conseguiu enfim vencer a heresia.

A arte, á semelhança do que na Grecia acontecera, começou de reflectir nas suas figurações plasticas os trãnses por que acabara de passar a Igreja, Deus deixou de ser entre nós, pelo menos para o povo, aquele sublime tipo ideal, de serenidade e de perdão, personalisado em Jesus, e que culmina com Leonardo de Vinci, para se converter no Deus vingador, que preside aos autos de fé e não pode perdoar a Judas a sua traição.

Um traço característico da *Ceia* de Estevam Gonçalves é, como dissémos, o de figurarem nela personagens estranhas.

Pelas narrativas dos evangelistas sabe-se contudo que tal não acontecera no ultimo repasto do Salvador.

Vinha porem de longe a usança, não foi inventada pelo nosso grande artista.

Lembramo-nos, por exemplo, da *Ceia* de Therry Bouts (de que já falámos atrás) na Igreja de S. Pedro de Lovaina, uma das obras mais profundas e melhor pintadas, no dizer de Fierens-Gavaert no seu livro — *Les primitifs flamands*. Representa propriamente a instituição da Eucaristia e não o momento tragico da revelação da maldade de Judas. Nesta composição há quatro personagens estranhas, parecendo que uma delas é o proprio pintor.

O mesmo se dá na *Ceia* de Pedro Pourbus na Igreja de Nossa Senhora, de Bruges, e na *Ceia* do chamado *Mestre das Santas Ceias* que podemos ver no Muzeu de Bruxelas.

A moda de introduzir na composição dos quadros religiosos elementos que nada tinham com eles era, portanto, antiga na epoca em que floresceu o nosso iluminador. Mas não deixava, por isso, de ter

seus perigos, para a integridade física e moral dos artistas, a pratica de taes anacronismos.

Veja se o que aconteceu a Paulo Veronezo.

Este grande artista compoz em 1572 uma *Ceia* que se admira na Academia de Veneza. Não esteve o pintor com meias medidas nesse famoso quadro: na scena evangelica introduziu, alem d'outras personagens extravagantes, alguns alabardeiros tudescos e... um bôbo com seu papagaio. Foi logo denunciado o caso ao Santo Officio, comparecendo o pintor no Tribunal da Inquisição de Veneza em 18 de junho de 1573. Submetido pelos inquisidores a um apertado interrogatorio, que nos foi felizmente conservado, acabou o artista por defender-se com esta confissão, que não deixa de ser curiosa: — Creio que — em verdade — á Sagrada Ceia apenas assistiram Jesus e os 12 apóstolos; mas eu costume — quando me sobeja espaço nos meus quadros — enche-los com figuras de minha invenção... ».

A Inquisição condenou o excelso artista a emendar á sua custa a pintura no prazo de tres mezes. Dai por deante, escusado é dizer que Paulo Veronezo emendou a mão, modificando sensivelmente os têmeas dos seus quadros religiosos.

E' curioso notar — em ligeira nota — que o nosso Camilo Castelo Branco teve conhecimento destes anacronismos de Paulo Veronezo, pois que, numa esquecida cronica trazida agora á publicidade pelo sr. dr. Julio Dias da Costa, escreveu: «Eu já vi quadros de Paulo Veronezo, onde, em assuntos do Velho Testamento, figurou frades beneditinos e soldados suissos» (*Dispersos de Camilo* — Vol. I pag. 298).

Poderíamos concluir já... Um depoimento que ultimamente nos foi comunicado, obriga-nos porem a voltar a um ponto em que tocámos levemente: saber até onde influiu na feição de Estevam Gonçalves o ambiente em que viveu. Vimos que ele pastoreou, durante compridos anos, em Serém, risonha aldeia das lindas margens do Vouga. Foi ali que compoz a maior, senão a melhor parte do seu Missal. Pensámos por vezes em visitar aqueles sitios na esperança de ver realizadas as nossas conjecturas. Viagem sempre adiada, por este ou aquele pretexto que sempre encontra quem não pode pelas condições físicas abalançar-se a grandes digressões—até hoje não nos foi possivel uma comprovação da tése tão acarinhada. Nesta indecisão

nos encontravamos quando lêmos um artigo da sr.^a D. Maria de Carvalho, que, com muito interesse e relêvo, nos pinta a paisagem deste recanto do Vale do Vouga, onde viveu Estevam Gonçalves.

Ouçamo-la num dos mais impressivos trechos :

«O convento de Serém estava, como todos os conventos, excelentemente situado numa alta colina sobranceira ao Vale do Vouga. Dum pequeno planalto, numa clareira da mata, contemplamos o Vouga serpeando tranquilamente entre as suas margens ricas de verdura. Pequenas bateiras, conduzidas á vara por mulheres, cortam a corrente. O minuscuro comboio vagaroso põe na campina a sua nota de civilização, comoda muitas vezes, mas que destôa no quadro. Macinhata guarnece a margem fronteira com a sua casaria.

«Toda a paisagem é muito serena, repousante e doce.

«No brando convívio da natureza, aqui trabalharam e meditaram os frades, que em troca das galas feitas pelos homens, escolhiam as galas da terra, feitas por Deus, nos belos horisontes, nas aguas correntes, nos campos ferteis, nas arvores frondosas, no sol criador, superiores, percurssores doutra vida melhor». (Publicado no *Diario de Lisboa* de 20 de Setembro de 1924).

Se a sr.^a D. Maria de Carvalho conhecesse o *original* do Missal de Estevam Gonçalves, não teria descrito melhor aquela lindissima miniatura da inicial I que estudámos atrás e dissémos representar S. João Evangelista na Ilha de Patmos. Trecho sem duvida inspirado na contemplação dum quadro verdadeiro, que se teve muitos anos sob a vista deslumbrada, esta miniatura (e fazíamos então idéa apenas pela reprodução) sempre nos encantou. Mas depois, quando nos foi permitido ver a obra *verdadeira*, o espanto superou a admiração! Como foi possível a um homem, tão fóra do mundo da arte, produzir aquele trabalho sublime? ; Em que paleta de pintor delicadissimo encontrou Estevam Gonçalves aquelas cambiantes que lhe permitiram dar, a par duma *paisagem serena, repousante e dóce*, a incomparavel atmosfera do minuscuro quadro, cuja eterea luminosidade envolve numa aureola de gloria a figura do Salvador erguendo-se sobre as aguas tranquilas?

Obra prima incomparavel do nosso artista, esta miniatura foi sugerida indubitavelmente pelo meio em que viveu, entre as *galas da terra, as aguas correntes, os campos ferteis*, cheios de verdura, sob o *sol criador*, que lhe iluminou durante longos anos uma vida austera e pura...

Outras comparações poderíamos estabelecer em pro da tése que nos sorrie, se não fôra necessário concluir.

Estevam Gonçalves era — não haja duvida! — uma criatura simples, em cujo cerebro nunca surgiu talvez a idéa da gloria, da fama que o havia de sagrar como um dos maiores artistas daquela epoca.

Alma ingenua, artista nato, que nunca frequentou academias por certo, ao seu ermo florido não chegava o eco das desgraças patrias. E assim lhe foi possível reproduzir, com a paciencia dum beneditino, o quadro de encanto, que a natureza lhe mostrava em redór.

Estevam Gonçalves é um dos maiores, senão o maior expoente da Arte Portuguesa do século xvii.

NOTA FINAL

Numa das paginas que precede o estudo de Ferdinand Denis na reprodução cromo-litografica do Missal Pontifical de Estevam Gonçalves Netto, lêmos os seguintes atestados :

Bibliotheca d'Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Ignacio Vilhena Barbosa, socio inspector da mesma Bibliotheca.

CERTIFICO que, tendo a Empreza MACIÁ & C.^a, concluido a Reprodução *Chromo-litografica do Missal Pontifical feito por Estevam Gonçalves Netto* Conego da Sé de Vizeu e pertencente à Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa :

ATTESTO, a pedido da mesma Empreza que a dicta reprodução está completa com os doze fasciculos publicados, sem lhe faltar estampa ou ornamento algum e que confrontados com o original apresentam

A PERFEIÇÃO e a EXACTIDÃO

que se obtem por meio dos processos photographicos, os quaes constituíram os primeiros trabalhos d'aquella reprodução.

Lisboa, Salla da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, 25 de Agosto de 1879.

O Socio Inspector da mesma Bibliotheca (a) *Ignacio de Vilhena Barbosa.*

Reconheço o signal supra. Lisboa 25 de Agosto de 1879 — O
Tabellião — (a) *Joaquim Barreiros Cardoso*.

*Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras,
Socio e Bibliothecario da Academia Real das Sciencias, etc.*

Declaro que tendo confrontado o fac simile em chromo-lithographia do Missal de Estevão Gonçalves, feito em Paris pelos srs. MACIÁ & C.^a, com o original existente na Bibliotheca a meu cargo, acho o trabalho de reproducção excellente e em tudo conforme com o original.

Lisboa. Bibliotheca da Academia, 13 de Janeiro de 1873.

O Socio Bibliothecario *Augusto Soromenho*.

Reconheço a assignatura supra. Lisboa 17 de janeiro de 1873.

Em testemunho da verdade.

O tabellião — (a) *José Carlos Rodrigues Grillo*.

Estes atestados tiveram certamente grande valor para José Feliciano de Castilho, que no seu *Estudo* não se cõança de exaltar o trabalho chromo-litografico da famosa reproducção. Por Castilho sabemos que este foi executado em Paris na officina de Appel, tendo sido copiados os desenhos de Estevam Gonçalves pelos pintores Jehenne, Praslon e Durin. Castilho sintetisa a sua convicção e entusiasmo nesta frase lapidar: «E' talvez este o mais formoso exemplo das maravilhas a que se presta a chromo-litografia.» E para que não reste duvida da sua boa fé, mais abaixo — na mesma pagina — acrescenta: «O erudito e elegante escriptor Ferdinand Denis, o dedicado amigo do Brazil e Portugal, fez para aquella sumptuosa edição um condigno prefácio, intitulado *Historia da ornamentação dos manuscriptos*, onde esta matéria foi profissionalmente desinvolvida. Se já a esse tempo, o sábio bibliotecário de Santa Genoveva houvesse podido manusear a reproducção do missal de E. Gonçalves, fiamos que elle reconheceria nunca ter havido mais admiravel applicação da arte de Engelmann». — (*Estudo*... pag. 40).

Julgo poder afirmar que até hoje todos seguiram a opinião de Castilho, apoiada por certo nos atestados academicos. Se algumas duvidas se levantavam, limitaram-se elas apenas a apontar no original colorido mais vivo, mais vibrante. E isto, por certo, porque depois de um Augusto Soromenho e Vilhena Barbosa, ninguem se deu ao trabalho de comparar o original com a reproducção. Esta não existe na Bibliotheca da Academia das Sciencias como pude verificar.

Dá a dificuldade dum juízo seguro. Quando se queria comparar, recorria-se á memoria.

Tendo examinado repetidas vezes o original, confesso que nos primeiros relances cousa alguma notei. Estava francamente ao lado dos que applaudiam aquella *admiravel applicação da arte de Engelmann*...

Mas um dia houve em que a duvida appareceu: foi quando me detorei no exame da inicial *S*, que descrevi no texto da conferencia e de que apresentei uma reprodução. Reparei que a letra terminava, na parte superior, numa cabecinha de cavallo; distinguam-se perfeitamente as crinas, o freio passado á boca do animal, freio que é um traço tenue e está agarrado pelo anjito. Em casa verifiquei a copia do missal e confirmaram-se logo as minhas suspeitas.

Pedi depois licença para poder comparar na Biblioteca da Academia o original e o exemplar da reprodução que possuo.

Em companhia de dois amigos, os srs. Ernesto Soares e Fernando Santos, procedêmos ao exame. Confirmaram-se então as suspeitas e hoje posso afirmar com o maior desassombro que a reprodução do Missal de Estevam Gonçalves Neto não é, infelizmente, *o mais formoso exemplo das maravilhas a que se presta a chromo-litografia*. Muito pelo contrario... apesar dos atestados officiaes!

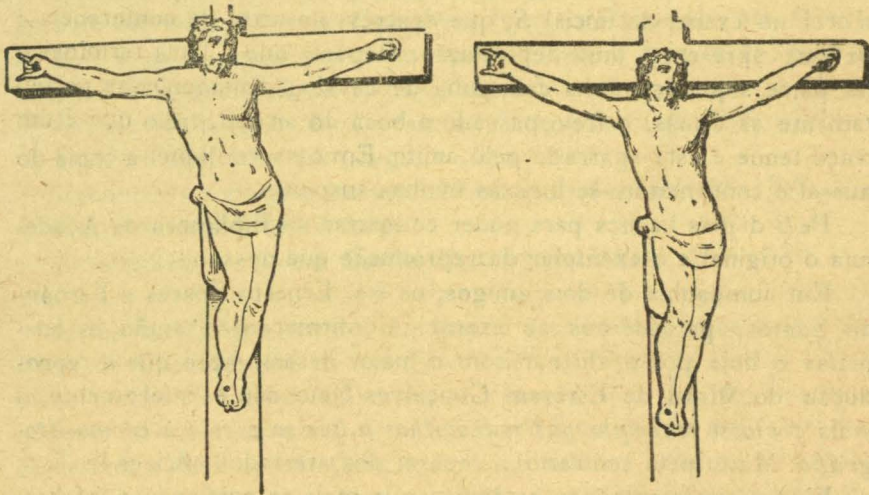
E' principalmente nas estampas que mais se evidencia a infelicidade da reprodução.

Alem dos erros de desenho, um dos quaes documentamos devidamente, notámos a omissão e troca de côres, quasi podendo afirmar se que as faltas deste genero são ás dezenas. Entre as côres omitidas está por exemplo a violeta, que nunca aparece na copia, sendo aliás uma em que o artista mais se compraz, obtendo com ella efeitos lindissimos. E' claro que não tivêmos tempo para inventariar todos os erros; era materialmente impossivel consegui-lo nas condições em que trabalhámos. E' preciso tambem notar que a reprodução tem o atestado official da sua perfeição e exactidão. Nestas circunstancias não seria a nós que competiria a tarefa dum exame rigoroso: a nossa missão era a de amadores de arte, que procuram *ver*...

Citêmos alguns casos:

Nota-se na Estampa do Calvario, por exemplo, que não é tal o trabalho mediocre que julguei, o tom violeta do ceu tempestuoso. O efeito soberbo, que o iluminador conseguiu obter, perdeu-se por completo na reprodução onde não apparece tal côr. Nesta mesma estampa

admiram-se as esplendidas anatomias dos supliciados, principalmente o corpo de Cristo tratado com uma firmeza surpreendente, que nos faz duvidar agora da *ignorancia* do iluminador, porque só um grande artista, possuindo toda a técnica dum mestre, conseguiria realizar aquela figura extraordinaria. Notam-se ainda mais ali os grupos das



NO ORIGINAL

NA REPRODUÇÃO

Santas Mulheres e dos centuriões, estes no primeiro plano jogando aos dados a pobre tunica do martyr. Ao longe vêmos o panorama de Jerusalem, a cidade santa, rodeada de muralhas, defendida por torres, onde se agitam e *vivem* gente do povo e soldados. Todos estes pormenores são apresentados com um vigor notavel; na reprodução tudo isto é frouxo e impreciso, especializando o céu caliginoso, verdadeiro aborto no seu tom uniforme de tijolo...

Mas na estampa ha outro erro a revelar: o artista, ⁽¹⁾ que dese-

(1) Notamos uma contradição entre o que declarou no seu atestado o sabio arqueologo Ignacio de Vilhena Barbosa, quando nos fala dos «processos fotograficos os quaes constituem os primeiros trabalhos d'aquela reprodução» e o que escreveu José Feliciano de Castilho (*Estudo* pag. 41) dando-nos conta de que o editor achara em Paris tres talentosos pintores «que lhe estão reproduzindo os desenhos de Estevam Gonçalves».

¿Seriam os desenhos do iluminador reproduzidos directamente do original ou

nhou a figura de Christo para ser reproduzida pela chromo-litografia, fez uma copia errada, como vamos ver. No original os braços de Christo crucificado assentam exactamente sobre os braços da cruz; na reprodução o corpo está descaído e, por isso, os braços do supliciado arqueiam, de forma que fica um certo espaço entre eles e os braços do madeiro infamante por onde panetra a luz. As zinco-gravuras, que apresentamos na pagina anterior, justificam o que fica exposto.

Na estampa da *Ceia* notamos o vigor da scena figurada. O edificio anexo, o proprio trono com o seu docel, não se comparam com os da reprodução. A expressão de Jesus, que Castilho julgou ser a dum *homem* que indignadamente fixa o rosto do traidor, parece-nos antes a do ente divino apresentado nas narrativas evangelicas como Filho de Deus, superior ás paixões terrenas, sacrificando-se deliberadamente pela salvação da humanidade. Parece-nos, repetimos, que o semblante do divino Mestre tem tambem aquella serenidade, que Leonardo de Vinci soube perfeitamente realizar num modelo imortal.

Uma ultima nota para marcar bem a *seriedade* com que foi realizada a copia: nas paginas em que existe musica de canto-chão, o traçado onde se inserem as notas é na *reprodução a vermelho* e no *original a preto!* Pormenor sem duvida insignificante, mas que dá bem a medida da *consciencia* com que foi realizado o trabalho de chromo-litografia, que José Feliciano de Castilho classificou encomiasticamente.

.....
Deveríamos continuar, mas não podemos agora fazel-o. Ficará a tarefa para outros investigadores, ou para a propria Academia das Sciencias de Lisboa, se esta douta corporação tomar a iniciativa de rever o processo.

Como quer que seja, entendemos dever reproduzir ainda — e será o fecho definitivo deste estudo — uma pagina de Castilho, em que se refere á encarnçada lucta travada na Academia das Sciencias, quando em 1869 o sr. Maciá, resolvendo satisfazer a aspiração dos entendidos que na exposição Universal de Paris tinham admirado o formosissimo cimélio, requereu a concessão da sua reprodução:

«A Academia dividiu-se tambem d'essa vez. Pugnavam alguns

das provas fotograficas de que fala Vilhena Barbosa? Só pode fazer-se um juizo seguro da forma como se fez este trabalho á vista de documentos, que devem existir na Academia das Sciencias.

pelo indeferimento, motivado em que o immenso valor d'esse original baixaria muito, desde que as suas copias lhe diminuíssem a importancia. Outros intendiam que taes artefactos, quanto mais conhecidos e derramados, mais gloriosos se tornavam para seos auctores. Parece que tambem houve quem pensasse que a lembrada reproducção poderia ser fonte de elevada remuneração para a Academia; mas, procedendo-se a investigações, adquiriu-se a certeza de que o dispêndio seria enorme (em mais de duzentos mil francos o ouvimos avaliar), o que trouxe o desânimo a esse projecto. Foi finalmente deferida a pretensão do sr. Maciá; e a 7 de janeiro de 1871 assignou elle com o Exc. Marquez d'Avila e Bolama (vice-presidente da Academia e por ella auctorizado) o contracto para esta reproducção pela chromo-lithographia». (*Obr. cit.* pgs. 36 e 37).

Se tivesse prevalecido o criterio dos opposicionistas, quantas desilusões se evitariam!

AS MAIS ANTIGAS VISTAS PANORAMICAS DE LISBOA

POR

A. VIEIRA DA SILVA

Antes do terremoto de 1755 tinha a cidade de Lisboa um aspecto mui differente d'aquelle que hoje estamos habituados a vêr. Sobretudo a parte da cidade comprehendida entre o monte do Castello de S. Jorge pelo nascente, o monte de S. Francisco, onde estão a Bibliotheca Nacional e as ruinas da egreja do Carmo, pelo poente, o monte de Sant'Anna, ao norte, e o Tejo ao sul, isto é, o que habitualmente chamamos a Baixa, era então um intrincado de ruas, travessas e becos, inacessiveis, pela maior parte, mesmo a coches, com uma confusão e desordem identicas ás que se podem ainda observar no bairro de Alfama, que quasi integralmente resistiu áquelle terremoto.

Não tinha então Lisboa nem palacios sumptuosos, como os que possuíam outras capitaes estrangeiras, nem largos e praças desafogadas, cuja conveniencia e necessidade eram ainda desconhecidas. Os proprios palacios reaes eram habitações relativamente modestas, que se envergonhariam ao pé de muitas das actuaes construcções burguezas; e para recreio e desafogo da população citadina não havia, dentro do recinto da cidade, senão o Rocio e o Terreiro do Paço.

Ennobrecido o nome de Portugal pelos feitos dos seus filhos nos seculos xv e xvi, e tendo-se dado o grande acontecimento da descoberta da imprensa e da gravura no seculo xv, começaram nos outros paizes a interessar-se pelas cousas portuguezas, e a empenhar-se em conhecer os aspectos da capital d'um reino que estava assombrando o mundo. Os artistas estrangeiros, mais deligentes do que nós sob

esse ponto de vista, encarregaram-se de vulgarisar em publicações e em estampas soltas, o panorama de Lisboa, com o que n'ella encontravam mais interessante e mais pittoresco, e mais digno de attenção. Notar-se ha, porém, que a unica vista panoramica de Lisboa que foi reproduzida e publicada até aos fins do seculo XVIII, é a que se disfruta de Almada, ou antes, de um ponto de vista figurado acima do rio Tejo, entre Lisboa e a Outra Banda. Nem os lindos aspectos da antiga cidade que se gosavam do Castello de S. Jorge, da Graça, da Penha de França, ou do convento do Carmo, chamaram a attenção ou encaminharam o lapis dos artistas para gravarem ou perpetuarem em documento graphico o aspecto que d'esses pontos elevados, verdadeiros mirantes, ella apresentava.

O ponto de vista figurado no Tejo, ou acima da superficie do rio, era dos mais ingratos e incommodos para se fazer uma representação da cidade, mas apresentava o grande interesse de se poder abranger no seu conjuncto, bem que um tanto ou quanto deformada, e de permittir representarem-se os edificios que mais chamavam a attenção, isto é, o Palacio Real da Ribeira, o Paço da Alcaçova no Castello de S. Jorge, a Egreja e Convento do Carmo, o Hospital de Todos-os-Santos no Rocio, a Egreja da Sé, e mais alguns outros desenhados um tanto eschematicamente, mas cuja situação e a indicação das legendas permittem identificar.

A primeira vista panoramica de Lisboa que foi publicada encontra-se no 2.º volume da obra *Cosmographie oder Beschreibung aller Länder, Herrschaften, fürnemsten, Stetten, Geschichten, Gebreuchen, Hantierungen, etc.*, por Seb. Munster. D'esta obra fizeram-se varias edições nas linguas allemã, latina, franceza e italiana (1541, 1550, 1552, 1554, 1558, 1569, 1574, 1578, 1592, 1598 e 1614), e a vista occupa duas paginas com numerações diferentes, conforme as edições. E' uma gravura em madeira, com as dimensões 35,5 × 22,3 cm., que tem por titulo: LISBONA, ao centro da gravura, e na margem superior: *Olisiponis oder Liszbonæ der fürnehmen /und wegen des gewaltigen Kauffmans Gewerb so all da getrieben/ weitbekandten Statt in Spanien wahre abcontrafactur*. Não conseguimos saber em qual das edições é que tal estampa primeiro figurou, por não existir esta obra nas bibliothecas publicas de Lisboa; mas consta que esta gravura em madeira precedeu todas as representações da cidade gravadas em

cobre. O ponto de vista de onde se suppõe tirado este panorama é no Tejo, pouco acima da superficie das aguas.

Em seguida a esta foram publicadas duas vistas panoramicas de Lisboa na obra cujo primeiro volume tem por titulo *CIVITATES ORBIS TERRARUM in æs incisæ et excusæ, et descriptione topographica, morali et politica illustratæ*, por Jorge Bravnio, cujos volumes se imprimiram de 1572 a 1618, com variantes de titulo, e com o texto em latim, em francez, e em allemão, e de que se fizeram reimpressões em 1612. O 1.º volume contém a vista geral de Lisboa, evidentemente copia da vista anterior, da obra de Munster, e o 5.º volume apresenta a vista de Lisboa, semi-panoramica, semi-topographica, representada pela primeira vez de um ponto de vista bastante elevado acima do nivel do Tejo.

Estas duas vistas são gravuras em cobre, in-fol., occupando duas paginas do livro. A primeira com as dimensões 48,5×20,5 cm., tem por titulo *LISBONA — OLISIPO, SIVE VT PERVE/TUSTÆ LAPIDVM INSCRIP/TIONES HABENT, VLYSIPPO, VVLGO LISBONA FLORENTIS/SIMVM PORTUGALLIE EMPORIÛ*, e por baixo da mesma, occupando o resto da folha, fica uma vista da costa de Portugal e margem norte do rio Tejo, desde Cascaes até Alcantara (?). A 2.ª tem por dimensões 46,8×32,4 cm., e o titulo *OLLISSIPO quæ nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lusitaniæ, ad Tagum, totis Orientis, et multarum insularum Africæque et Americæ emporium nobilissimum*; e por baixo da mesma fica uma legenda referente a 120 numeros da estampa.

Foram principalmente estas duas gravuras os originaes de que se utilisaram todos os outros artistas que até aos fins do seculo xviii publicaram vistas panoramicas da nossa capital; nenhum, com a maxima probabilidade, se deu ao trabalho de desenhar *de visu*, o aspecto panoramico de Lisboa, achando elles mais simples, sobretudo mais commodo, copiar o que encontravam já feito, introduzindo-lhe as alterações que a sua phantasia lhes suggeria, a fim de darem aos desenhos um falso cunho de originalidade!

Tem corrido, geralmente, serem as duas vistas que se encontram na obra de Jorge Braunio, as mais antigas conhecidas de Lisboa, e isso tem sido accete por varios auctores, e pelo signatario d'este artigo nos seus trabalhos anteriores, na persuasão sincera de que não havia qualquer estampa, desenho, ou gravura feita anteriormente.

Não acontece, porém, assim. Existem, de facto, dois desenhos em pergaminho, illuminados, representando a vista panoramica de Lisboa, tomada do mesmo ponto de vista acima do Tejo, o que lhes dá caracteres de afinidade que levam a suppor que uma serviu de original á outra, ou que ambas foram copiadas de uma terceira vista, hoje desconhecida.

Uma d'essas vistas existe no manuscripto: *Cronica delrey Dom Affonso Hamrriques, primeiro rey destes regnos de Portugall*, por Duarte Galluam, codice em pergaminho, escripto no anno de 1505, e publicado modernamente, em 1917, pelo sr. conde de Castro Guimarães, seu actual possuidor, n'uma edição luxuosa de 200 exemplares apenas.

Não é evidente, todavia, que a vista tenha sido desenhada em 1505, data que Duarte Galvão lançou n'uma passagem da *Cronica* como sendo aquella em que a estava escrevendo, porque se o livro em que se acha a estampa é uma copia mandada fazer por D. Manuel I para o seu guarda-roupa ou bibliotheca particular, como é o aspecto do exemplar a que nos referimos, a data d'essa copia e da feitura da estampa terão de collocar-se n'um anno indeterminado do primeiro quartel do seculo xvi.

Na edição do conde de Castro Guimarães está reproduzida photographicamente a vista de Lisboa do codice referido, mas com pouca nitidez, por causa da deterioração da pintura; e por especial deferencia do seu amavel possuidor, que muito lhe agradecemos, vae aqui novamente reproduzida para illustração d'este artigo, mas retocada.

A outra vista foi desenhada por Simon Beninc ou Bening, desenhista e illuminador flamengo, para o seu trabalho sobre a *Arvore Genealogica da Casa Real de Portugal*; taboa viii do manuscripto n.º 12531 da secção dos *Portuguese Drawings* do British Museum. Esta illuminura foi feita entre os annos de 1530 e 1534, e modernamente tem sido reproduzida nas seguintes obras:

Rainhas de Portugal, por Francisco da Fonseca Benevides, 1878; está em lamina separada em frente da pag. 345 do tomo I;

Ahnemreihen aus dem Stambaum des Portugiesischen Königshauses, pelos professores H. G. Ströhl e Dr. L. Kaemmerer (Stuttgart); é a phototypia que constitue a fl. 8 do album;

Historia da Colonisação Portuguesa no Brazil, sob a direcção

de Malheiro Dias, Ernesto de Vasconcellos e Roque Gameiro. Está em photographia collada na pag. 6 do volume 2.º.

Confrontando as duas vistas annexas a este artigo, nota-se a sua quasi identidade no agglomerado de habitações da cidade, mais pormenorizado na vista da *Cronica*, e mais homogêneo na *Arvore*; por outro lado, para o poente, a vista da *Arvore* é muito mais extensa do que a da *Cronica*, bem que com uma perspectiva extremamente deformada.

Em ambas a restrição do espaço obrigou o artista a comprimir o panorama de Lisboa, n'um sentido paralelo á corrente do rio Tejo, de forma que a cidade se apresenta limitada, da banda do poente ou do lado esquerdo das estampas, pela muralha da cêrca que D. Fernando mandou construir em 1373-75, e da banda do nascente ou lado direito, pela muralha da cêrca moura, que fechava a cidade na epocha em que D. Affonso Henriques a conquistou aos mouros (1147).

Fóra do recinto das muralhas observam-se em terra acampamentos guerreiros, e do lado direito, na vista da *Chronica*, um combate entre peões e cavalleiros, porventura allusão ou á tomada de Lisboa aos mouros em 1147, ou ás escaramuças que em 1384 se travaram em volta da cidade, entre o exercito do rei D. João de Castella, e as tropas do mestre de Aviz, então dentro de Lisboa sitiada.

No alto do Monte do Castello veem-se umas construcções, que devem ser as do velho Paço Real da Alcaçova, de onde a côrte se havia transferido, poucos annos antes da feitura d'aquelles desenhos, para o recente Paço, na Ribeira de Lisboa, que se vê no primeiro plano da cidade; a este ultimo Paço ficava contiguo o jardim, e proximo d'elle uma elevadissima torre, com uns oito andares, porventura a torre chamada «de Maracote», ou a «das casas onde faziam as bombardas», ou a «de Diogo Vieira», pois que todas estas faziam parte, por aquelles sitios, que correspondiam ao terreno que vae desde a porta principal da actual igreja de S. Julião até á porta do Arsenal da Marinha, das muralhas do recinto fernandino de Lisboa.

Ao longo da Ribeira ou Terreiro do Paço veem-se differentes edificações alinhadas, umas com arcadas no pavimento terreo, e outras com galerias, tambem com arcarias, no ultimo andar, disposição architectonica que parece ter sido mui apreciada nas construcções mais luxuosas do seculo xv.

Lá se veem o Arco dos Pregos e o do Açogue, em reinterancias das fachadas dos predios; as duas portas, quasi unidas, da Ribeira, demolidas em 1619, que communicavam o Terreiro do Paço com o Largo do Pelourinho; e um pouco mais adiante, para a direita, o edificio da Misericordia, com grandes janellas verticaes, que poucos annos antes fora construido. Em seguida a uma casa apalaçada parece entrever-se a celebre «casa dos bicos», cuja disposição característica foi simulada pelo artista dando á fachada um tom sombreado. Vê-se mais adiante uma torre da muralha com sua porta, que é naturalmente a que perdurou até ao ultimo quartel do seculo XIX no Campo das Cebolas; e em seguida, posta de parte pelo desenhador a consideração das distancias, o chafariz d'el-Rei, e a torre a elle contigua.

Pela parte de cima d'estas eleva-se, de entre os telhados, uma torre de grandes dimensões, que é a torre da cêrca moura chamada «de Alfama» ou «de S. Pedro», cuja parte inferior, muralha sem aberturas apparentes, ainda hoje se conserva no largo de S. Rafael.

Ao centro do casario vê-se o Rocio, com a fachada do Hospital de Todos-os-Santos fechando-o pelo nascente, e o Paço dos Estãos, onde não havia sido ainda installada a Inquisição, pelo norte; um pouco á direita elevam-se as torres e o telhado em agulha da igreja do Convento de S. Domingos.

N'uma eminencia á esquerda do Rocio, illudindo a perspectiva verdadeira, ergue-se o magestoso templo de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, fundado cerca de um seculo antes por Nuno Alvares Pereira, para cumprimento dum voto conhecido, e no meio do casario veem-se os telhados d'algumas egrejas, de entre as quaes se destaca a Sé, com as duas altas torres da fachada, e a grande torre quadrada do altar-mór.

A' frente das primeiras mostra a estampa da *Cronica* uma outra torre de consideraveis dimensões, tambem com muitos andares, a qual, pela sua situação, deve ser a torre chamada «dos Armazens» ou «do Thesouro», mui proxima ou contigua á antiga porta do Ferro, mais tarde Arco da Consolação, que fazia parte, com a torre, da cêrca moura de Lisboa. Na estampa de Beninc, em lugar d'essa torre vê-se um edificio apalaçado, que corresponde á actual cadeia do Aljube.

Um pouco mais para o nascente, ou para a direita da vista, destaca-se um edificio com um telhado pyramidal, de aspecto sextavado

ou oitavado, tendo para o lado do rio uma galeria com arcadas ; pela sua posição deve representar o paço do conde de Andeiro, ou o Limoeiro actual, e são estas as unicas vistas em que elle apparece com tal aspecto.

A parte que se acaba de descrever resumidamente é commum ás duas estampas, e a vista da *Cronica* a ella se limita. Porém na illuminura de Beninc, pela margem esquerda, e com a perspectiva completamente deformada, continúa a avistar-se a margem norte do Tejo na direcção da sua foz, e n'ella varias edificações, algumas das quaes não sabemos seguramente identificar.

Vê-se primeiro á direita um agrupamento de construcções, que talvez queiram representar a igreja e mosteiro de Santos (o-Velho) junto do qual havia um palacio real.

Mais adiante está o mosteiro e igreja dos Jeronymos, com a capellinha de S. Jeronymo, e a torre de Belem, edificios recentemente acabados de construir, e pela primeira vez ali desenhados.

Em seguida ergue-se uma fortaleza, que talvez seja a da Cruz Quebrada, ou a Torre de S. Julião da Barra.

Junto á margem do rio desenhou Beninc parte do palacio de Cintra, e num escarcapado sobranceiro ao palacio, o castello mourisco da mesma villa.

Em ambas as vistas o Tejo apparece coalhado de embarcações, ostentando varios pendões, e com a particularidade bastante vulgar em desenhos antigos, de as velas estarem infunadas por ventos soprando em direcções oppostas. Observando-se com attenção nota-se que os mesmos barcos, e nas mesmas posições, bem que em sitios differentes, estão representados nas duas estampas, o que é um dos argumentos que comprovam ter uma sido copiada da outra, ou ambas de uma terceira estampa.

Se agora passarmos a confrontar estes desenhos com a vista da obra de Munster, ou com a primeira das vistas de Lisboa de J. Braunio, não podemos deixar de reconhecer algumas analogias de disposições que nos permitem conjectuar que qualquer das vistas de que estamos tratando não foi estranha, e mesmo serviu de guia ou de inspiradora ao artista que desenhou aquellas estampas das referidas obras.

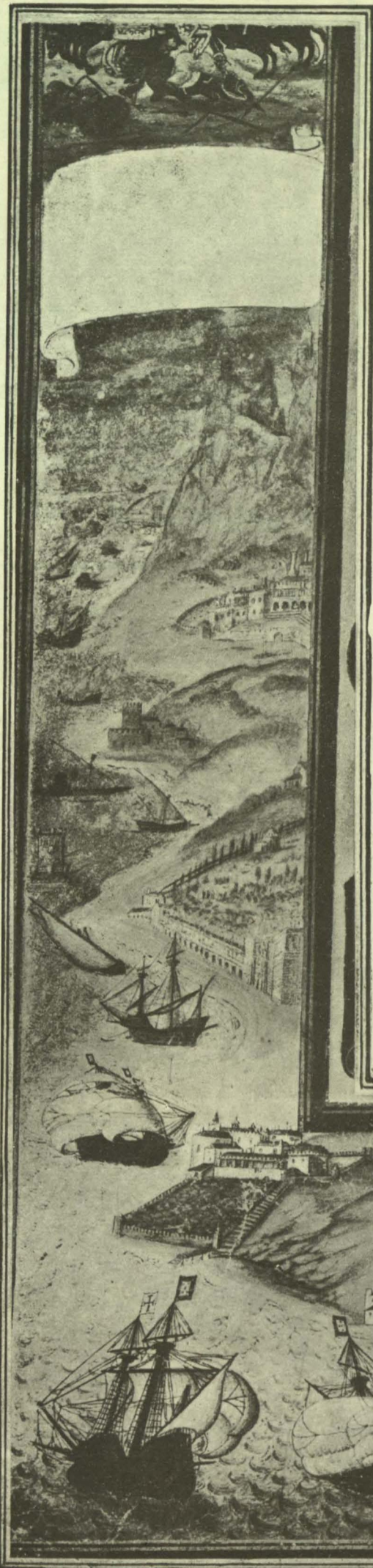
O ponto de vista de onde foram tiradas ; a orientação do Paço da

Ribeira relativamente á margem do rio; a do Hospital de Todos-os-Santos relativamente á direcção d'aquelle Paço; a maneira como se descobre no Rocio a fachada do Paço dos Estãos; a situação da igreja do Carmo e do Castello de S. Jorge relativamente ao Rocio; são disposições apresentando uma tal ou qual analogia que, tratadas por dois desenhadores diferentes, não nos parecem ser méramente fortuitas para que, ao examinar as ultimas, possamos abstrahir de qualquer influencia que as primeiras tivessem tido sobre ella. Porém os desenhadores das estampas de Munster e de Braunio não querendo, n'um documento para o publico, falsear completamente a realidade, viram-se obrigados a completar e rectificar o desenho da *Cronica* n'alguns pontos, com elementos que colheriam *de visu*, e especialmente a fazerem de novo toda a parte da cidade accrescentada para o nascente por D. Fernando, isto é, desde a porta de Alfama até ás portas da Cruz, ao longo da Ribeira, e até ao convento da Graça, para o norte.

Terminando estas breves considerações sobre as mais antigas vistas conhecidas de Lisboa, valiosas como documento e pelo seu relativamente bom estado de conservação, apesar de sobre ellas terem passado mais de quatro seculos, e interessantes pela maneira pormenorizada como estão desenhadas e coloridas, revelando o grande talento dos artistas que as produziram, tivémos em mira proporcionar aos amadores das antiguidades da nossa capital, que felizmente vão sendo, de dia a dia, mais numerosos e mais applicados, documentos de estudo cuja pequena divulgação, feita na limitada edição da *Cronica delrey dom Affonso Hamrriques*, e nas acanhadissimas ou pouco conhecidas (entre nós) reproducções que modernamente tem sido feitas da illuminura da *Arvore Genealogica da Casa Real de Portugal*, quasi que auctorizam a consideral-as inéditas.

Este artigo foi objecto de uma communicação do auctor feita em sessão de 23 de dezembro de 1924, na Associação dos Archeologos Portugueses; foi depois publicado no *Diario de Noticias* de 1 de janeiro de 1925; e n'esta reedição foi revisto, corrigido e ampliado.

AS MAIS ANTIGAS VISTAS DE LISBOA



Cronica del Rey dom affonso hamriquez por duarte galluam



Arvore Genealogica da Casa Real Portuguesa. des. de Simão Beninc. Ms. do BRITISH MUSEUM

HISTORIA

DA

EGREJA DE SANTO ESTEVAM DE LISBOA

POR

MONSENHOR COUTO

SENHOR PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEOLOGOS PORTUGUESES
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

I

É certo, que deante do espetaculo maravilhoso do estudo das cousas antigas, o homem do vulgo fica arrebatado; mas o homem serio e refletido, que não se contenta de considerar a superficie das cousas, depois de examinar com severa critica as razões determinantes de credibilidade, julga sempre das cousas antigas pelos factos, e não dos factos pelas cousas antigas, isto é, exige e quere a autoridade invencivel dos factos, para acreditar na veracidade das cousas antigas; e dahi o principal motivo deste trabalho é traçar por meio dos factos insofismaveis baseados em documentos ineditos de valor a historia e antiguidade da Igreja de Santo Estevam de Lisboa, e habilitar o leitor a formar um juizo seguro dos factos que contribuiram para a feitura dessa historia e dessa antiguidade.

São tão valiosos esses documentos, que não precisam de ser encarecidos, porque sendo obvios, constituem materiaes interessantes, que para honra de todos não podem e não devem permanecer por mais tempo ignorados e não publicados; tanto mais que neles estão preservadas lições de sabedoria, que os tempos passados subministram para o tempo presente.

A pesar de todo o interesse, que as igrejas antigas de Lisboa, merecidamente assumem na historia, não somente a sua veridica

informação está por fazer, se é possível fazê-la ainda; mas muitos factos capitais, muitas das relações desses belos monumentos religiosos, com o pensamento da sociedade do tempo, que a bem dizer simbolisam, são deficientes e vagamente conhecidos, quando não inteiramente ignorados.

As igrejas antigas pelas suas multiplas e beneficentes funções representam um valioso patrimonio transmitido de geração para a geração, e como tal foi sempre gloriosamente memorado, não só pela característica dos componentes, que nesses monumetos se veem integrados, fixados e desenhados; mas tambem porque desses componentes se deduz o ingente esforço e o grau de sentimento patriotico e religioso dos agentes, que arrostando dificuldades sem conta, souberam com tenacidade erigir essas casas de oração, e quando viam corôado de exito ditoso o seu estremecido intento, soltavam os voês á sua alma em canticos magnificos, e unindo aos louvores do Altissimo a grande imagem do povo e da sua nacionalidade asseguravam, que em qualquer caminho, que seguissem volveriam sempre os olhos para a sua patria, e proclamando, que a sua divisa seria a divisa do antigo patriotismo, que dizia tudo „Pelos altares e pelos lares,, *Pro aris et focis* invocariam na prosperidade e na adversidade, longe ou perto, o nome da Patria e do Orago da sua freguezia, na firme convicção, de que assim como a voz do povo é a voz de Deus, assim tambem o canto do povo havia de ser o canto de Deus.

E tão nobre era esse seu ideal, que não havia força no mundo, que fosse capaz de vence-lo. Podia tentar-se com o ouro, podia seduzir-se com as ambições da gloria; mas vence-lo quando ele queria resistir, nunca.

E cousa admiravel!—o sentimento patriotico e religioso, não é como os outros sentimentos, que diminuem, ou se extinguem com o tempo, emudecem á vista dos perigos, desaparecem na presença das desgraças; ele pelo contrario fortifica-se com o tempo, cresce com a idade e na presença dos infortunios, nas crises mais arriscadas exerce a sua maior força ostenta o seu maior poder.

Felizmente entre os portuguezes esse sentimento não morreu. É fora de toda a duvida, que os cristãos, se acaso não tivessem as suas igrejas, onde se ajuntam para dar graças e adorar o Onnipotente, soberano Autor de todas as cousas, digo, que a não ser este salutar costume, melhor receita para civilisação e policia da nossa especie,

esses cristãos prestes se esqueceriam de todos os seus deveres, fazendo desaparecer a boa intelligencia e disposição, que reinava entre eles, não só para erigirem e conservarem os lugares do seu culto, que foram por assim dizer o berço da sua infancia; mas ainda para carinhosamente espalharem entre os seus semelhantes as obras de piedosa caridade unico esteio da humanidade sofredora.

E, para sentir seria, que tantos e tão honrosos monumentos, quasi que argamassados com a solida e ancestral fé portuguesa, incitadôra da confiança nas heroicas interpezas e propiciadora de toda a sua colossal epopeia ficassem desconhecidos dos vindouros.

Um tal procedimento, alem de não honroso, classificaría de escravos e victimas da propria ignorancia e fraquesa áqueles que com a ingloria resignação vissem quebrar-lhes em bocados a corôa immarcesivel da sua crença e retalhar os seus templos, conservando-lhes apenas em premio de tanta humilhação um titulo vão e uma posse fantastica.

Toda a indagação por tanto, no consciencioso apuramento dos factos referentes as egrejas antigas, oferece sempre subsidios interessantes na apparencia considerados pequenos; mas que na realidade não são banais e insignificativos por se relacionarem e ligarem intimamente á comprehensão dos homens e dos successos do tempo em que tinham ainda o seu verdadeiro e energico sentido.

É um trabalho de largo folego, que só pode levar-se a cabo lentamente e fóra das flutuações da improvisação e das intromissões dos curiosos.

Nem sempre é dado encontrar com todas as particularidades, factos e documentos relativos a uma pequena freguezia, como é a freguezia de Santo Estevam, para fazer com brevidade e clareza a evocação saudosa sobre o seu glorioso passado; e dahi não obstante conhecer, que de uma maneira geral alguma cousa se há escrito a esse respeito, e todavia, havendo ainda muito que escrever, entendi que na minha qualidade de antigo prior colado, durane dez anos e hoje aposentado dessa freguezia devia com tenacidade e cuidado bosquejar e trazer ao publico algumas curiosas e interessantes noticias historicas, que eu havia coligido na paciente investigação e deligente consulta de alguns livros rarissimos e manuscriptos unicos, aspirando unicamente á que penas mais habeis que a minha pena, depois de preencherem as lacunas e deficiencias, que neste genero de assuntos sempre as há, aper-

feiçãoem o belo quadro dessas valiosas noticias, corroboradas pelos documentos compulsados, que na sua altura vão transcritos na integra, sem lhes alterar uma palavra e respeitando-lhes as variantes ortograficas, a disposição, e a irregularidade nas separações das sylabas, reproduzindo assim com a maior fedelidade. Sendo como são muito sugestivos, esses documentos, onde brilham inconfundivelmente elementos de consideravel importancia, nos permitem, que penetremos na secular veracidade de factos até hoje desconhecidos, não só por serem interessantissimos; mas por desdobrarem com singular minucia a prova justificativa das regalias e prerogativas da igreja de Santo Estevam, ainda não vasia de sentido, antes pelo contraio vivas e palpitantes de verdade em acção.

Quando outro valor não tivessem, esses documentos seriam singularmente preciosos, por muito importarem á integridade historica,

Parece que haverá monotonia em copiar os documentos aos quais me refiro, e todavia, eu sentia-me por veses prêso de uma certa impressão encantadora sobre o natural fundo com que se fez o seu glorioso registo, que derramando raios de luz sobre factos ocorridos em distantes eras, entram naturalmente como verba nova a juntar ao valioso capital do estudo da antiguidade e dos seus monumentos, onde como sempre se vão buscar elementos constitutivos de um passado imensamente grande; e que significando, marcos indeleveis que tão eloquentemente nos falam, compõem a bem dizer, no caso presente, a biografia dessa veneranda reliquia, que se chama a igreja de Santo Estevam de Alfama.

II

No primeiro bairro da Cidade de Lisboa, em mourisca Alfama, á que anda ligada a tradição de muitos factos notaveis, que a historia regista, encontra-se situada na parte mais elevada, num espaçoso largo a antiga igreja paroquial de Santo Estevam, mui notavel pela magestosa e elegante fachada voltada ao poente, e que apesar de ser uma das igrejas mais antigas de Lisboa, e ainda mais sendo considerada monumento nacional é geralmente pouco conhecida.

De um antigo Alvará passado pelo Infante a favor do prior e beneficiados dessa igreja e que foi dado em Salvaterra no ano de 1246, consta que a igreja foi erecta alguns anos depois de 1147, ano em que el-rei

D. Afonso Henriques, a 28 de Julho tomou Lisboa aos mouros. Não se sabe a forma da sua fundação e instituição; porem as informações constantes desse Alvará dizem claramente que em 1183 e muito antes, havia esta freguezia, e a igreja propria e sua instituição, e tanto assim era que em o ano de 1186 recebia esta igreja as necessarias provisões d'el-rei D. Afonso 2.^o. para conservação dos dizimos do Alqueidão. Em 18 de Maio de 1295 passou el-rei D. Diniz provisão para ser colado nessa igreja como prior o Mestre João, fisico da rainha D. Brites, consorte d'el rei D. Afonso 3.^o, sendo o ultimo prior que teve essa igreja, estando ainda no padroado real; porque D. Diniz com sua mulher D. Isabel e a filha D. Constancia em 8 de Julho do mesmo ano fizeram mercê desta igreja e do seu padroado ao bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães, chamando-lhe o seu clerigo em reconhecimento de alguns serviços que o prelado prestara á corôa, para continuar em seus sucessores e desta sorte se encorporou na mitra, cujos prelados foram seus donatarios.

O paroco tinha o predicamento de prior, que era provido pelo concurso e se estimava a sua renda em quatro centos mil reis, dos quais havia de dar a quarta parte a um coadjuntor. Havia aqui oito beneficiados, que apresentava alternadamente a Sé Apostolica e o Prelado diocosano, e os quais, todos os dias compunham o côro. Estes beneficios, que rendia cada um cincoenta mil reis, foram depois divididos pela freguezia de Santa Engracia como filial, até que se extinguiram. Entrava-se para a igreja por tres grandes portas, scbre as quais se viam tres grandes janelas e por baixo delas outras mais pequenas. Nos corpos dos lados num dos quais estava a torre de sinos, tambem se notavam em cada um deles uma grande janela e outra mais pequena na parte inferior.

A igreja era vastissima; tinha cinco naves, com ricas colunas de marmore pelo meio, unica em Lisboa com esta grandiosa e soberba traça. Era artistica, quer na sua architectura romano-bisantina, quer nas esculturas e pinturas.

Ignora-se quem foi o seu architecto, mas avaliando pela sua bem distribuida e oblonga planta, presume-se provavelmente ser copia da antiga basilica de Santo Estevam em Roma.

A capela-mor muito elegante e espaçosa tinha sobre o altar o Sacrario com o Santissimo Sacramento e boa tribuna feita da talha dou-rada, que passava por ser a melhor de Lisboa.

A custodia para a exposição do Sacramento era duma altura colossal, obra singular no valor e feitio, a qual nunca se tirava da tribuna, por não se poder mover com facilidade.

Na irmandade havia outra de tamanho regular, que se conserva ainda hoje para servir nas procissões e nas festividades, a qual se collocava dentro da outra de grandes dimensões.

A tribuna era adornada com dois cherubins ao Propiciatorio, tendo aos lados, uns nichos com as imagens de Santo Estevam e de São Lourenço Levita. Era tambem rica a maquina da exposição, que foi oferecida por uma familia devota. Os dois altares colaterais eram da mesma architectura do altar-mor, com tribunas douradas, o da parte do Evangelho destinado á Nossa Senhora da Conceição e o da parte da Epistola á Santa Tereza de Jezus. No corpo da igreja havia mais seis altares, tres de cada lado, sendo todos de marmore lavrado com arte e com esplendidas imagens. Consta que na Igreja havia tambem uma reliquia de Santo Estevam, encerrada numa ambula de ouro que se expunha a veneração dos devotos uo dia da festa do Orago.

Na sacristia notavam-se uns sumptuosos caixões de angelim bronzeados, onde se guardavam os ricos paramentos. A custodia colossal foi vendida há mais de cincoenta anos, e com o producto compraram-se algumas alfaias para culto. A ambula que encerrava a reliquia de Santo Padroeiro, já não existe, assim como tambem os caixões de angelim bronzeados, que se viam na sacristia. Hoje vêem-se ali arcazes com gavetas, um grande armario, e outro mais pequeno, sendo todos estes moveis de bôa madeira e commodos. Junto do armario maior há um alçapão que dá entrada a uma casa subterranea, que serve de arrecadação.

A igreja soffreu varias reconstruções, a primeira em 1316, a segunda em 1543, a terceira em 1733. Com o terramoto de 1755, caiu a estatua de pedra de Santo Estevam, que estava na fachada, á qual na sua queda arruinou o côro, estrago que depois se reparou. Apeou-se a a parte de uma torre, que ameaçava ruina, e receando-se maior catastrophe passou a parochia para a ermida de Nossa Senhora do Rosario dos sitios das Gallés, que hoje já não existe.

E depois de concluidas as obras foi insculpida numa lapida, que ainda hoje se vê aposta por cima da porta principal da igreja a respectiva era de 1773

Depois de 1833, como a igreja estivesse muito arruinada procedeu-se a uma reforma radical. Em quanto duraram as obras, que foram im-

portantissimas esteve a parochia instalada na Capela dos Remedios, e depois de concluidas voltou para a sua antiga casa na tarde de 15 de Outubro de 1848 em solene procissão constituída pelo imenso povo e irmandades reunidas.

A igreja ficou transformada por completo, mas conserva o seu antigo cunho artistico e raro. Tem ao presente uma nave só em forma octogona; mas alegre e harmoniosa nas suas proporções, revelando-nos numa realidade palpitante e evocadora um interior da igreja midievica, tal como hoje será difficil de achar em qualquer outro ponto do paiz.

No arco do cruzeiro ou transsepto entre a nave e capela-mor vêem-se dois pulpitos de pedra finamente trabalhados, um do lado do Evangelho, e outro do lado da Epistola. Tem sete capelas com os respectivos altares, tres de um lado, e tres de outro, fechados com a teia e que se comunicam entre si, ficando no meio a capela-mór, que tem um retabulo de marmore com artisticas colunas de variados ornatos, tendo assente nos capiteis, formando o arco como remate, um rico grupo de bela escultura de madeira, trabalho do escultor José de Almeida, representando a Imagem de Cristo e anjos em adoração, que segundo dizem foi feito para o convento de Mafra e ficou provisoriamente onde está, em quanto se não lavrasse outro igual de marmore, e que condissesse com o retabulo.

O altar ostenta em mozaico finissimos imbutidos de marmore de variegadas cores imitando um lindo frontal de damasco e é dedicado ao orago titular da igreja o proto-martir Santo Estevam, cuja imagem é escultura de Nicolau Pinto, tendo aos lados em dois nichos as imagens de São José e de São João.

Na artistica abobada do tecto entre variados relevos de fino estuque contemplam-se com agradável surprza cinco quadros ovais pintados a oleo e de alto merecimento, pela sua curiosa e invulgar disposição, representando o do meio o Ostensorio com o Santissimo Sacramento e os outros, os quatro Evangelistas, obra do insigne e afamado pintor Pedro Alexandrino de Carvalho, um dos talentos mais fecundos e primaciaes da arte portugueza, que produziu pinturas vibrantes de estro e pericia.

Seguem as capelas artisticamente trabalhadas de retabulos de marmore raiados de branco com veios amarelentos, tendo as colunas torcidas, e belissimos ornatos de arabescos e varios outros relevos interessantes.

A primeira junto do cruzeiro e do lado do Evangelho é a do Santis-

simo tendo no meio uma grande Imagem de Cristo. Depois desta vem a da Nossa Senhora da Conceição. Depois segue a de São Marçal. Passando ao lado direito da nave começando por baixo, temos primeiro a Capela de Nossa Senhora da Atalaya. Depois a da Senhora Mãe dos Homens, cuja escultura é de muito valor por ser perfeita, e finalmente junto do cruzeiro a Capela onde se vê a imagem em vulto do Senhor dos Passos. Todas estas capelas tinham as suas irmandades com os seus fundos, que com o andar de tempo foram-se acabando, conservando-se apenas a do Santissimo Sacramento, a cujo cargo fica o culto divino, que se mantem na egreja.

Duas ordens de janelas de cada lado além das do côro onde se acha um antigo órgão, contribuem para arejar bem e acomodar higienicamente com precisa cubagem umas seiscentas pessoas e comunicar bastante claridade para o interior da igreja. Todas essas janelas formam na sua frente voltada para a igreja oito tribunas, sendo quatro de cada lado e todas com gradeamento de pedra lavrada.

Na única e altiva torre, que se conserva de pé, estão montados alguns sinos de um timbre excepcionalmente agradável, e talvez os únicos de toda a redondeza do primeiro bairro de Lisboa.

E' certo que entre os objectos empregados no culto, os sinos teem a grande importância, porque aumentam o esplendor do culto, e abrihantam a solenidade das festas, exaltando o sentimento religioso e preparando o povo cristão para a celebração dos mistérios da fé.

O destino dos sinos foi sempre considerado como essencialmente religioso e em todos os tempos designados por uma benção especial e por cerimónias que marcam a sua ligação íntima com o serviço do culto, e segundo a antiga disciplina da egreja não podiam ser tocados senão por padres ou clérigos de sobrepeliz.

Muitos concilios proibiram que elles fossem empregados em usos profanos, regra, que foi seguida em toda a parte; porém a tolerância, tem consentido que ela tenha sido alterada em alguns casos.

Na parede fundeira por traz do altar e tribuna da capela-mór do lado de fora e na frente do Arco do Chanceler vê-se um magnifico painel em finissimos azulejos, aposto na parede, e que representa o Ostensório com o Santissimo Sacramento, tendo a seguinte inscrição em latim: — *A Domino factum est istud: et est mirabile in oculis nostris. Psalm 117. Vers. 22.* — Cujá traducção é: — Pelo Senhor foi feito isto: e é cousa admirável nos nossos olhos.

Do adro da igreja se disfruta uma soberba vista sobre a Alfama baixa e o Tejo. Como as alturas em que está edificado o Limoeiro, tapam a vista do lado ocidental, as duas margens parecem aproximar-se e fundir-se; e o Tejo oferece a ilusão de uma bacia completamente fechada.

E' uma visão panorâmica que não se confunde com nenhuma outra de Lisboa. A casaria da Outra Banda parece continuar-se com a da cidade, e Cacilhas e Almada aparece-nos sob nova luz, vistos de leste num conjunto mais vivo e pitoresco.

No adro se levanta o porventura ainda o único e secular Cruzeiro de Lisboa. E' modesto e significativo emblema da fé cristã.

A Cruz sem nenhum lavor ou imagem firma-se no sóco de 1,50 de alto, baseando-se em dois degraus. O singelo monumento terá ao todo cerca de 4 metros de altura. Na face do sóco voltado para a igreja lê-se em nove linhas a seguinte inscrição:

ESTE SIGNAL DARR
EDENÇAM QUE HVM D
EVOTO AQUI FES
POR PEDE QVE COM
DEVAÇAM SE LOVE
O REDENTOR
PELLAS ALMAS HVM
P. NOSSO E AVE M.^a

1669

A inscrição tem uma forma poética que se traduz nesta quadra ortografada à moderna.

Este sinal da Redenção
Que um devoto aqui fez pôr
Pede com devoção
Se louve O Redentor

Este monumento, que para honra da civilização, foi respeitado pelo destruidor camartelo, simbolisa no âmago da Velha Lisboa, a arraigada crença portuguesa.

Lord Byron que viajou nos principios do século XIX em Portugal,

motejou-nos cruelmente pela abundância de tantos destes monumentos, a maior parte dos quais, no dizer d'êlé, comemoravam o crime, ou assassinio de algum viandante nos caminhos sertanejos.

Ele considerava superstição, o que não passava de piedade cristã genuinamente portuguesa. E a piedade cristã não é outra cousa mais, do que a manifestação prática de uma compassiva mentalidade superior.

Alexandre Herculano, êsse espirito selecto, uma grande alma, uma intelligência privilegiada, referindo-se aos nossos Cruzeiros, alude aos mesmos com os seguintes inspirados versos :

Amo-te oh! Cruz no vértice firmada
De esplendidas Igrejas
Amo-te quando à noite sobre a campa
Junto ao cipreste alvejas;
Amo-te sobre o Altar onde entre incensos
As preces te rodeiam
Amo-te quando em préstitos festivos
As multidões te hasteiam
Amo-te erguida no Cruzeiro antigo
No adro do presbitério.....

Não ha dúvida, que Portugal compreendeu e nitidamente toda a bendita e augustissima significação da adorável Cruz, Ela vê passar deante de si gerações após gerações. Por quantas mudanças não tem passado a terra! Quantos abalos, quantas agitações! Quantas ruínas humanas! Quantas vezes o mundo tem renovado! E contudo no meio de tantas transformações, a Cruz surge como coluna triunfal cercada de trofeus gloriosos e corôada de juventude. Onde estarão os que a perseguiram e insultaram? Passaram como sombras. Mas a Cruz *Stat dum volvitur orbis*. Fazendo descer sobre os justos o aumento de graça e sobre os pecadores a esperança e perdão.

O Crux, ave spes única!

Em frente e à direita da igreja próximo do pátio das Lages ha um palácio pertencente aos herdeiros da familia Albergaria Freire, com vastas salas de tetos apainelados e decoradas de interessantes azulejos. No retábulo do Altar da Capela particular do palácio admira-se um magnificente quadro representando os Santos Reis em adoração do Menino Jesus, sendo a autoria do quadro, consoante a antiga tradição da familia, e ainda a opinião dos entendidos na arte antiga, attribuida ao insigne e célebre pintor Grão Vasco.

A disposição do quadro, o assunto, o traje das personagens e todos os mais acessórios, justificam absolutamente essa atribuição. E tanto isto é verdade, que nas partilhas havidas entre os herdeiros em sucessivas gerações, foi sempre atribuído a êsse quadro, pelos respectivos avaliadores um valor fóra do vulgar e como tal levado em conta no quinhão proporcional da herança.

Atrás da igreja, acima do Arco do Chanceler, vê-se o magnifico solar seiscentista dos illustres Azevedos Coutinhos de Santo Estêvam, hoje pela linha varonil, pertencente ao almirante Pedro de Azevedo Coutinho. As amplas salas e terraços do solar estão revestidos de azulejos notáveis, tornando-se dignos de menção os azulejos de esmaltes policromados, que revestem o frontal e as paredes da Capela, cujo retábulo além de artistico, é de valiosa talha dourada. Sobre o altar vê-se uma imagem de Nossa Senhora da Piedade tendo nos seus braços o cadáver do seu Amado Filho. Reconhece-se nesta surpreendente escultura o trabalho de um artista consumado que soube com nitida compreensão imensamente sentimental, traduzir o Amor, a Piedade e a Dôr, desenhando em traço grave a terna e melancólica fisionomia de uma Mãe, igual sómente a si mesma e *cuja dulcíssima alma, segundo a profecia de Simeão foi traspassada por uma espada de dôr*. Segundo a tradição da Familia essa Nossa Senhora da Piedade, primitivamente estava num nicho à entrada principal do solar, tendo na sua frente acesa de dia e de noite uma alâmpada; mas mais tarde para evitar qualquer desacato, foi transportada para a Capela.

Ao principio da Calçadinha de Santo Estêvam vê-se uma linda *porta quinhentista*, formada por troncos de carvalho com labores no intradorso, vendo-se mais adiante também à esquerda da rua dos Remedios, n.º 29, uma porta lanceolada do mesmo século.

Num predio, que faz esquina para a pitoresca Rua do Vigario vê-se um bonito azulejo de cercadura policroma com a data de 1850, que representa na parte superior Nossa Senhora da Conceição e na inferior Santo Antonio e São Marçal. Mais acima no numero 45, vê-se outro registo de azulejos com a data de 1749.

Descendo as Escadinhas de Santo Estevam, entra-se numa das mais importantes Ruas da Alfama, compreendida no distrito eclesiástico da freguezia de Santo Estevam, a antiga Rua da Porta da Cruz, hoje chamada Rua dos Remedios, e logo ao principio da Rua para quem vem do Chafaris de Dentro á esquerda encontra a ermida do Espirito Santo,

que foi fundada em 1551 para a capela do hospital deste nome pelos humildes navegantes e pescadores de Alfama.

Noutros tempos teve esta ermida, de rendimento oito mil cruzados, e era administrada pela irmandade do Espirito Santo, que se compunha dos referidos navegantes e pescadores, com o seu Juiz, que era o Corregedor do crime da Corte de Lisboa.

O hospital fora instituido para os irmãos pobres. A irmandade tinha sido originariamente instituida na igreja paroquial de São Miguel de Alfama, antes da instituição da Misericórdia, e em quanto os irmãos não construissem casa propria.

Por questões entre irmãos e alguns padres da dita igreja, por causa dos interesses, resolveu a irmandade fundar uma ermida, que lhe servisse de séde. Escolheram então o local e edificaram a ermida, que ainda hoje existe, ao Chafariz de Dentro conforme ficou dito dedicando-a ao Espirito Santo, e obtendo da Curia Romana as Bulas de privilegio. Existiu muitos anos esta irmandade; os irmãos tinham uma tumba propria para conduzir os defuntos, a qual era coberta de um pano de veludo preto, com barras de brocado de oiro, franja do mesmo metal e uma rica cruz com manga igual ao pano da tumba com a divisa do Espirito Santo, que é uma pomba branca com as azas abertas bordada no mesmo brocado, cercada de um esplendor de ouro. Enterravam-se os irmãos defuntos, e assim como as suas mulheres, filhos e filhas emquanto viviam debaixo do patrio poder, sem o minimo interesse. Com a mesma caridade enterravam tambem os criados dos irmãos. Aos que eram pobres tratavam cuidadosamente no seu hospital, e se faleciam davam-lhes mortalha e sepultura, mandando ainda dizer um certo numero de missas pelas suas almas.

Infere-se daqui, que os humildes navegantes e pescadores de Alfama praticavam modelarmente a maior das virtudes — A caridade — E de facto nada exprime exactamente o amor do proximo, senão a palavra caridade, que no sentido proprio significa graça e jubilo; e que a Igreja tem constantemente empregado, e como consagrado para designar o amor dos homens por causa de Deus.

A religião, diz o auctor do *Genio do Crisaanismo* querendo reformar o coração humano e converter em virtudes, nossas afeições, inventou uma nova paixão; e não se serviu para a designar da palavra piedade, que pareceria vizinha do orgulho; amor, que pareceria pou-

co severa ; amisade, que se perde no tumulto ; mas da palavra caridade, que as encerra todas, e tem ao mesmo tempo a raiz celeste.

E assim é, pois Jesus Cristo a colocou como uma fonte de abundancia, nos desertos da vida.

Erigindo-se mais tarde, não longe desta ermida a Misericordia e Hospital, no local onde hoje existe a igreja da Conceição Velha, a administração da nova instituição pretendeu proibir, que a irmandade do Espirito Santo tivesse uma instituição da mesma especie e de mesmos fins, e houve por isso uma renhida e prolongada demanda sustentando os irmãos do Espirito Santo a sua posse autorisada e protegida por provisões regias e bulas pontificias, e alem disso o seu direito fundado na prioridade da instituição.

? Porventura esta instituição misericordiosa fundada pelos humildes navegantes e pescadores de Alfama, demonstrando praticamente, que o coração da gente portugueza se conservava nesse tempo, como agora e sempre aberto para acolher todas as dores, e acudir a todas as desgraças da humanidade sofredora e desválida, seria anterior na sua fundação, a Misericordia de Lisboa fundada em 15 de Agosto de 1498, pela excélsa rainha D. Leonor de Lencastre mulher de el-rei D. João 11, inspirada pelo seu confessor o frade trino Frei Miguel Mendes de Contreiras, natural de Andrães na Casa da Anta, comarca de Vila Real de Tras-os-Montes ?

Terminou a demanda por uma escriptura de concerto, feita em 12 de Agosto de 1602, na qual se estipulou, que os navegantes e pescadores de Alfama inscritos na irmandade do Espirito Santo, enterrariam seus irmãos e familias ; mas não pessoas extranhas.

Era então provedor da Misericordia Matias de Albuquerque, que foi Vice rei da India. O terremoto de 1755 arruinou muito a ermida ; mas os estragos logo se repararam ; havendo ainda a notar a sua interessantissima *porta manuelina* (monumento nacional) encimada por uma pomba com azas abertas, que é a divisa do Espirito Santo, e alguns importantes quadros em azulejos do seculo XVI na sacristia e na casa do despacho da irmandade. Em quanto a invocação actual de Nossa Senhora dos Remédios, lê-se no Santuario Mariano Liv. 1 titulo 46, o seguinte : « O que pude descobrir é que naquela ermida há um poço, que fica em um canto dela ao entrar da porta principal da parte esquerda. Neste dizem todos, por tradição, que indo um trabalhador ou servente de pedreiro tirar agua para alguma obra, que na er-

mida se fazia, e que tirando o caldeirão tirara nele a santa imagem e alvoraçado com o successo chamou pelos officiaes, e estes pelo mestre, e que todos entenderam ser cousa milagrosa; e muito mais por ser o poço baixinho (que se tirava dele agua com limitada corda) e tirando-se dele continuamente agua, nunca fôra vista. Tambem se admiraram mais; que estando esta santa imagem naquele poço, se visse a pintura enxuta e sem lesão, o que não podia ser, senão por milagre em uma imagem de madeira estofada (vestida). A fama deste milagre correu em breve por toda a cidade, e muitos afflitos recorreram á imagem, procurando remedios aos seus males, e por isso o povo começou a chamar-lhe Nossa Senhora dos Remedios, titulo que desde então lhe ficou assim como á ermida e á rua.

A imagem que appareceu no poço tem uns 30 centimetros de altura; é de vestir, e com rosto de adoravel beleza. Está collocada sobre o sacrário em um trono, sob um docel, tudo adaptado a sua pequenez.

Diz a lenda que a Senhora desaparecia as vezes, e acreditavam os devotos que ella ia acudir aos seus navegantes e pescadores do alto, quando estavam em perigos, pelos vendavais, ou pelos navios africanos. Para não deixar de haver sempre na ermida uma imagem de Nossa Senhora dos Remedios (continua a lenda) mandaram os irmãos fazer outra, de maiores proporções, que está collocada no altar-mór. E' tambem muito perfeita. Alem do altar-mór a ermida tem mais dois altares sendo todos de talha dourada.

Seguindo a rua dos Remedios acima e quasi ao meio, tambem do lado esquerdo ve-se ainda o belo frontispicio da outrora Capela de Nossa Senhora da Conceição do palacio de D. Rosa, hoje pela sordida ambição humana secularisada e destinada para o fim mercantil de uma taberna.

Como esta capela, quantos e quantos templos cristãos, não só em Lisboa mas por todo este Paiz fôra, não estão destinados para iguais ou piores fins?

Entre os Imperadores Romanos, segundo dizem os *Martyres do Chistianismo*, pag. 153, 2.º vol. que manifestaram a sua animadversão retintamente pagã contra a egreja Catolica, Alexandre Severo, foi exepção da regra geral, pois collocando a cima de tudo a divisa de justiça indeferiu em seguintes conceituosas linhas uma petição dos taberneiros de Roma, que pretendiam o local de uma Egreja para

taberna: «De qualquer maneira, que Deus seja adorado antes quero ver esse terreno ocupado por um templo, que por uma taberna».

Filosofico indeferimento, que em letras maiusculas devia ser inscrito na parede fronteira da mesa de trabalho dos imperantes.

E não fique sem registo este outro facto occorrido ha muito pouco tempo—Tendo a «*Associação Americana de Jazz Band*» por intermedio da Embaixada do seu paiz, junto do Governo Turco, proposto a adaptação da Igreja de Santa Sophia a um grande «*dancing*», que ficaria sendo o maior do mundo, pedindo ainda nessa proposta varias informações sobre as condições acusticas do edificio, afim de ser ali installado um «*Jazz Band*» monstro, provido de grande numero de poderosos saxofones. O Governo Turco, regeitou *in limine* a proposta por sacrilega.

A Igreja de Santa Sophia em Constantinopla, foi construida em 523 por Justiniano, que dessa obra primorosa encarregou os architectos Antemio de Tralles e Isidoro de Millet. Santa Sophia é o monumento mais caracteristico da arte bizantina. A sua cupula, com 31 metros de diametro, eleva-se a uma altura de 55 metros. Sumptuosamente decorada de columnas, o magnifico templo ostenta marmores, mosaicos e riquissimos trabalhos de oiro fino. Após a tomada de Constantinopla em 1453, os turcos transformaram esta Igreja em mesquita acrescentando-lhe minaretes. Em 1847, a Igreja foi restaurada pelo architecto Fossati, voltando a ter a sua primitiva magnificencia.

Pertence tambem a freguesia de Santo Estevam a ermida do Senhor Jesus da Boa Nova, as portas da Ribeira das Gallés, hoje rua do Jardim Tabaco. Tem tres altares de linda talha dourada, e é administrada por uma irmandade secular com o titulo de Via Sacra.

Tinha de rendimento duzentos mil reis e uma propriedade mística a dita ermida, que não ficando danificada com o terramoto, ficou em 1776, muito abaixo do nivel primitivo, por ocasião de se formar a calçada nova para com toda a segurança e sem avaria, ser transportada da casa da Fundição para o Terreiro do Paço a Estatua Equestre, que para honra e tecnica da arte portugueza havia sido fundida de um só jacto, e vulgarmente chamada a Memoria. Tendo em substancia relatado muitos factos importantes, que nobilitam a freguesia de Santo Estevão, não podia deixar de, com o devido preito, fazer menção honrosa do facto primacial, que ainda mais a enaltece por-

que esta freguezia baseando-se em autorisados testemunhos do erudito monge de Alcobaça o Doutor Frei Francisco Brandão cronista-mór de Portugal, e do erudito Padre Leitão Ferreira, e ainda conhecedora de que onde se não presa a honra, se despresa as honras, proclama como remate immorreitoiro de sua veneravel supremacia, o iluminado horisonte da sua historia, e com todo o brio, não abdicando da sua honrosa prioridade regista que, á dentro dos seus limites, el-rei D. Diniz, atendendo a supplica dos cultos ecclesiasticos deste reino e principalmente persuadido pelo D. Domingos Jardo, graduado da Universidade de Paris, bispo de Evora, depois bispo de Lisboa e chanceler-mór, do reino, fundou no ano de 1290 a primeira Universidade que houve em Portugal, e querendo descrever-lhe os limites mandou escolher o sitio e comprar edificios onde se assentassem as escolas e achando ser acomodado para esse fim o bairro de Santo Estevam de Alfama (que por este respeito, ficou conhecido como bairro dos escolares) junto da *Porta da Cruz* aonde chamam Campo da Pedreira, que pertencia ao Cabido da Sé, tomou-lhe el-rei D. Diniz, mandando-lhe dar em troca uma qualquer das suas casas, que o almoxarife de Lisboa entendesse valia um capital, que rendesse trinta e cinco libras anuais.

A ordem do Soberano segundo Cunha a fl. 213 é esta: «D. Dynis, por graça de deos rey de portugal e do Algarve a vós domingos durães, almoxarife, e á vós mais escrivães de Lisboa, saude, mandamos q̄ filhedeis hua das minhas casas, ou hua das minhas tendas, de essa villa, que valha cada anno trinta e cinco libras de alquier e entregade-a ao Cabido de Lisboa ou á quem vos ele mandar, pelo campo da pedreira que lhes mandei filhar, em que mandei fazer casas para o estudo. Dada em Lisboa, 4 de Setembro era MCCCXXXVIII (anno 1300). Mas há mais. Junto a esse Campo da Pedreira fez el-rei D. João I á 25 de Fevereiro de 1393 uma doação á D. Mem Rodrigues de Vasconcellos de uma propriedade, com respectivas confrontações, que el-rei designa assim» as nossas casas, que chamam moeda velha, que som na nossa muy noble leal Cidade de Lisboa, junto com a porta da cruz, em que soem de estar as escolas, assim como com a rua publica, e com a porta da cruz, e com o muro ata a o mar, e com casas do Mosteiro das Celhas (Chellas?) e com casas de lopo domingues caeiro».

Como se vê, foi notoria e singular a fundação da primeira Univer-

sidade no Campo da Pedreira junto da Porta da Cruz, facto culminante á que com devida homenagem se refere o já referido douto cronista-mór de Portugal Dr. Frey Francisco de Brandão na Monarquia Lusitana, part 5, Liv. 16, cap. 82, acrescentando «que a Porta da Cruz foi o primeiro assento dos estudos, e a pode venerar este Reyno como solar das boas letras e primeira habitação das sciencias, que parece não quer Deus tenha Portugal nenhuma boa dita, que não seja padrinhada de Sua Cruz Sagrada». Sublime conceito, cheio de eloquencia e poesia, que valendo por muitos argumentos e de grande peso, significa e representa a mais alterosa cupula da freguezia de Santo Estevam.

E assim é, pois baseando-se na tradição ininterrupta, que a partir de 1290, sempre houve na freguezia e examinando com a atenção, que merece os dizeres juridicamente taxativos das confrontações exaradas na supradita doação da propriedade feita por D. João I á D. Mem Rodrigues de Vasconcelos — as primeiras casas onde el-rei D. Diniz, fundou e instalou a nascente Universidade ficavam no campo da pedreira junto á porta da cruz, em que soem de estar as escolas = Ora denotando as palavras Soem de estar, a continuação do tempo antigo, e ficando o Campo da pedreira e a Porta da Cruz, dentro da area da freguezia de Santo Estevam, se conclue pela clareza e pela logica, com exclusão de toda e qualquer controversia, que á referida freguezia de Santo Estevam cabe a distinta honra de ter sido o berço onde foi embalada a primeira Universidade, que houve em Portugal, e aprovada com merecido louvor pelo Santo Padre Nicolau IV em a sua Bulla de 5 de Agosto do dito ano de 1290. Esta Bulla é a base e fundamento do primeiro edificio literario de Portugal, e como tal será de muito interesse, conhecer em todos os seus pormenores a norma como foi redigida e se acha registada no Lib. I Bullarum, e que traduzida é do teor seguinte :

«Nicolau Bispo seruo dos seruos de Deos. Aos amados filhos, & Universidade dos Mestres, & estudantes de Lisboa, saude, & Apostolica benção. Do estado do Reyno de Portugal tanto mais vigilante cuidado temos quanto maior he em nós o desejo de que no mesmo Reyno, apartados alguns impedimentos cobrerigos relativos a observancia do divino culto, se atende as obras da saluação, & que a pureza da Fé Católica se esforce para louvar do nome de Deos, & saluação dos Fieis, que nele viuem. Em verdade á nossa obediencia

chegou que procurando o charissimo em Christo filho nosso Dyonisio illustre Rey de Portugal, não sem muita & louvavel providencia estão denovo plantados na Cidade de Lisboa estudos de cada uma das licitas facvldades, & aos mestres dellas, para que mais desembaraçadamente se occupem do estudo, & ensino, dizem estar taxado, & prometido certo salario por algũs Prelados Abades da Ordem do Cister, & Priores de Santo Agostinho, & de São Bento, & Reytores dalgumas egrejas seculares dos Reynos de Portugal, & Algarves. Nós porem atendendo, que por meio destes estudos cooperando Aquelle de que todos os bens procedem, o culto divino se augmentará nos mesmos Reynos, deuação crescerá, & os professores da Fé Catolica serão bem instruidos, & informados, & ornados com insignias das virtudes, & alcançarão os tesouros da sabedoria. Por esta causa atendendo solicitamente a firmesa, & augmento de todos os estudos e desjando, que com auxilio do favor Apostolico, os mesmos estudos, cõ firmes raizes se fortifiquem: declaramos, & havemos por grato e agradável a nós tudo o que sobre esta materia está feito, rogando e amoestando instantemente a el-Rey sobredito, obrigue com seu poder Real aos Cidadãos de Lisboa, que aluguem aos estudantes as casas que tiuerem de empreço competente o qual será taxado por dous clerigos, & dous leigos, prudentes, catholicos, & ajuramentados, escolhidos por us estudantes, e pelos cidadãos mesmos: e que faça prometer com juramento, segurança, immunidades a todos os bailios, ministros, e officiaes seus da mesma cidade para as pessoas, bens, & mensageiros dos estudantes. Ordenamos alem disto que todos os mestres, que actualmente governam na dita cidade possam tẽr, & receber os rendimentos de seus beneficios, & prebendas, ainda que sejam dignidades, ou exeepto as distribuições quotidianas consígnadas áqueles que assistem aos officios diuinos. Mandamos mais que nenhum dos Mestres, estudantes ou creados seus, dado caso. o que Deus não permitta que os comprehendão em algum maleficio, sejam julgados ou castigados por algum leigo se não for, que condemnamos no Juizo Ecclesiastico, os remetem ao Secular. E pelo mesmo mandamos, que os estudantes, Artistas, Canonistas Legistas, & medicos que os Mestres reputarem idoneos, possam receber o grau de Licenciados nas sobreditas escolas pelo Bispo, que pro tempore for de Lisboa, ou pelo Vigario que SedeVacante for pelo Cabido in spiritualibus elleito. E que qualquer Mestre pelos sobreditos Bispo ou Viagario examinado e ap-

provado em qualquer das faculdades, excepto Theologia, sem outro exame tenha livre poder para ensinar em qualquer parte.

Dada em Vrbioto a sinco dos Idus de Agosto anno terceiro de Nosso Pontificado. E vem a ser no de Christo mil duzentos e noventa, a treze de Agosto».

Por esta breve exposição, dos factos, ficará o leitor mais ao alcance de comparar o estado presente da freguezia de Santo Estevam, com o antigo, registando desvanecidamente, que os respectivos parochianos, grandes e pequenos, ricos e pobres vibraram sempre na mesma emoção, guiaram-se pelo mesmo sonho, absorveram-se na mesma aspiração — o bom nome da sua freguezia e consequentemente o engrandecimento da Patria, e verá nesta serie de acontecimentos uma historia illustre, ainda que muito sumaria, e que muito embora devido as vicissitudes do tempo, e innovações dos homens, não tenha hoje a importancia de outr'ora, que sendo terrena decaiu de um para outro momento, e ficou sujeita á mudanças e alterações das oscilantes teorias de ocasião continua ainda na sua limitada situação de Uby Troya fuit, a ser o repositório de antiguidades, onde o investigador perseverante vae procurar luz que alumie muitos factos mal explicados, e encontrar gravados com ineluctavel autenticidade muitas informações antigas e fidedignas, que descortinando o indecifrável arcano de duvidas e hesitações servem de contrapêso para a reconstituição historica de memoraveis factos de outros tempos.

Do que tão explicitamente ficou exposto, conclue-se, que a Igreja de Santo Estevam de Lisboa é um monumento antigo, obra de muitas gerações, que em cada pedra desse monumento, deixaram gravados os indeleveis vestigios da sua fé e do seu patriotismo, tornando essa Igreja digna de ser apontada como uma das valiosas reliquias do passado, integradas no classico estudo historico-archeologico, cuja importancia a ninguem é licito desconhecer, por se achar constatada nestes documentos ineditos.

E com efeito essas riquezas monumentaes, que cada dia acrescentam um novo florão à corôa architectural da Igreja Catholica, essas reparações inteligentes, que têm impedido tantas ruinas, tudo isto, entre nós, — manda a justiça e pede a gratidão que o diga — é uma consequencia benemerita da culta e superior mentalidade da Associação dos Archeologos Portugueses, a quem se deve a carinhosa conservação dos nossos antigos e historicos monumentos — Tenho dito.

DOCUMENTOS

I

Noticias verdadeiras da Igr.^a de S.^{to} Estevão e sua antiguid.^e em tudo q'se quizer saber. Ereccão da Freg.^a e Igr.^a de S.^{to} Estevão.

A Igr.^a e Fr.^a de S.^{to} Estevão foi erecta logo depois da tomada de Lix.^a q'foi em o anno de 1127 não se sabe a forma da sua fundação e instituissão, porem as clareas q'se achão no Cartorio da Igr.^a dão noticia q'em o anno da 1183 muito antes havia esta freg.^a e a Igr.^a propria e sua instituição. Foi erecta collegiada com Prior e oito benefissiadados, estes provião os benefissios quando vagavam. Houve tempo em q'o Prior somente provia e collava. Meteuze esta Igr.^a em uma preceptuarie, isto é, uma prebenda aplicada aos Magistrados onlentes, e Comenda da Ordem de Christo e se nomeava Vigario. O S.^{or} Rey Dom Dyniz com sua mulher D. Izabel e a filha D. Constancia, deu esta Igr.^a e seo padroado ao Bispo de Lix.^o Dom João e lhe chamou seu clerlgo pello m.^{to} que o tem servido.

O S.^{or} Rey Dom Sebastião em o anno de 1570 extinguiu esta preceptuarie para dividir a freg.^a da Igr.^a de S.^{to} Estevão p.^a de S.^{ta} Engracia e com o rendimento da Commenda q'era a tersa p.^{to} servisse p.^a sustentassão de dois Priores e dois Coadjutores, levando o Prior de S.^{to} Estevão quatro nonas p.^{tes} em razão da matriz e o Prior de Santa Engracia tres, e cada Coadjutor hũa ficando a tersa da Mitra e tersa dos benefissiadados sem prejuizo algum e isto se efectuou no governo do Ex.^{mo} S.^{or} Cardeal Dom Henrique, sendo Arcebispo delegado o Ill.^{mo} Sr. Dom George Henriques no Summo Pontificado de Pio quinto, e dessa desmembrassão de frg.^a tambem se desmembrassem tres benefissiadados p.^a a Ig.^a de S.^{ta} Engracia dos oito que havião em S.^{to} Estevão, que tiverão eff^o e tomaram posse em o anno de 1612, sendo Arcebispo D. Miguel de Castro, e ainda em o anno de 1618 consta que residião em S. Engracia, agora e ha 30 annos a esta p.^{te} do que há lembransa estão juntos em a Igr.^a de S.^{to} Estevão, não se sabe a causa, julgace q'seria por benesses, collaçoins dos vivos e mortos serem pouco, pois constava de poucos fogos e não se podião sustentar somente com os dizimos, não obstante ser hũa legoa de circuito, excedendo adeante dos grillos do Mar teradentro até o pôsso dos mouros citio de Penha de França. Foi a

Igr.^a de S.^{so} Estevão feita de novo segunda vez em o ano de 1316, terceira vez em o citio onde agora está em o ano de 1543, quarta vez em o anno de 1733 e se benzeo p^a se celebrar em 7b.^{ro} de 1740, pello Dez.^{or} Luiz de Sá Pedroso, sendo Prior Mello Roiz Passana. Em o ano de 1755, ficou com bastante ruina na frontaria q'lhe fez o terramoto e remediarão e gastarão 700~~0~~000 rs. assistindo na boa Nova agora ambas collatas. Logo na sua erecsão e constituissão foi dotada com dizimos em tres citios d'hũa metade do distrito de Lix.^a em hũ pequeno ramo de Vialonga em um citio todo do Alqueidão Reguengo de Vallada sendo estes tres citios, distrito e terreno desta freg.^a de S.^{to} Estevão em q' o de Vialonga por descampado não tem q' Parochiar. O do Alqueidão representão o Prior e Bend.^{os} cura q.^{do} está povoado, porque como é citio sujeito á immundaçoins em alguns invernos se cobre de agoa e vem tudo pelo Tejo abaixo. Em o anno de 1740 estando este citio com bastante povoassão nomearão o Prior e Bend.^{or} ao p.^o Francisco d'Araujo p.^a cura, porem não sendo eff.^{vo} por q' ao mesmo tempo houve uma cheia q' a propria Irmidia de São João, q' está naquelle citio e he desta Igr.^a de S. Estevão se cobrio de agoa e cahio e se arruinou q' foi reedificada a custa do Prior e Bend.^{os} da Igr.^a de S.^{to} Estevão e S.^{ta} Engracia. Este citio do Alqueidão tem sido mutilado nos dizimos e demandado por varias vezes pelos Parochos da freg.^{as} d^a Azambuja e Vallada porem sem eff.^{to} por q' os S.^{res} Reynolds em portaria real n' davão suas confirmaçoins, e se achão no cartorio desta Igr.^a varias sentenças do Ordinario a favor da Igr.^a de S.^{to} Estevão.

Já em o predito anno de 1186 recebeo esta Igr.^a de Santo Estevão provisõins do S.^{or} Rey D. Affonso II p.^a para conservassão dos dizimos do Alqueidão abrindoce alguma terra denovo neste citio p.^a se cultivar. Logo a Igr.^a de S.^{to} Estevão era perseguida pelos Parochos vizinhos querendo tirar-lhe o dizimo. Em o ano de 1296 cetirou hũa jutificassão de 29 testemunhas mostrando q' sempre cépagou dizimos daquelle citio a Igr.^a de S.^{to} Estevão de Lix.^a, e o mesmo ouvirão dizer aos seus antepassados havia sessenta anos. Em o ano de 1304 o S.^{or} Rey D. Affonço 3.^o Bisneto do Pr.^o Rey D. Affonso Henriques deo o territorio no Alqueidão p.^a cefazer a Igr.^a com a vocassão de São João á custa do Prior e Bend.^{os} e se conserva até o prez.^{te} e ceretificou em Roma, e mandam o Prior e Bend.^{os} celebrar missa todos os domingos e dias S.^{tos} p.^a os seifeiros ouvirem, e o mesmo Rey

ordenou q'fosse sufraganea a Igr.^a de S.^{to} Estevão. Em o anno de 1312 mandou o S.^{or} Rey D. Affonço e retificou q'ceconservace a Cap.^{la} de São João Baptista e a Igr.^a de S.^{to} Estevão em receber todos os dizimos.

Em o mesmo tempo deo o Bispo de Lix.^a D. Manoel authoridad.^e ao Prior da Igr.^a de S.^{to} Estevão Dr. Vicente authoridad.^e p.^a receber com sençuras pessoas d'aquelle distrito q'não pagassem dizimos a sua Igr.^a de S.^{to} Estevão mandando recomendar por conta sua aos Vigarios de Allemquer e Santarem q'fizessem observar os procedim.^{tos} do Prior de S.^{to} Estevão por carta passada aos tres de Julho de 1305. Em o anno de 1349 mandou o S.^{or} Rey D. Diniz que ceretirasse o dizimo antes de pagar a jugada, isto é espaço de terra q'húa junta de bois pode lavar n'hū dia, ou direito real correspondente.

Consta q'ao prez.^{to} ce lavra neste citio tantas postas e tantos estins. Authentico de hū alvará q'o Infante passou a favor do Prior e Bend.^{os} São João das Freyras, desembargue o dizimo q'foi tomado ao d.^o Prior e Bend.^{os} no Alqueidão e outrosim o pad.^e que foi tomado por forsa das peras e sinecuras, dado em Salvaterra 1246.

II

Manuscripto em Pergaminho. Alqueidão, Provisão q'fes El-Rey D. Affonço V a Igr.^a de S.^{so} Estevão dos dizimos de Alqueidão 1456. Dizimos da Igr.^a de S. Estevão de Lix.^a Terra nova da Liziria da Atalaya.

Nós El-Rey Mandamos a vós Joam de Ouvidor almozarife na billa dazambuja E a todollos almozarifes e Recebedores que depois de bós bierem E a outros quaesquer nossos officiaes aque esta pertencer que deis e façais da dizima de todollas cousas que Deos der em a terra nova que acerca da nossa Liziria da atalaya sobre que hora ha a contenda entre Nós e a cidade Delixboa a Igr.^a de S.^{to} Estevam da dita Cidade assim como se dava no tempo que a dita terra se recadava por El-Rey meu S.^{or} e padre cuja alma Deos haja porque Nossa mercê de assim lhe ser dada terá sobre elle p. fazer outra ennovaçam nem bós pordes embargo algum, feito em Evora XII de Março P.^o Gonsalves a fês anno de N.^o S.^{or} Gezus X.^{to} de 1456. E por aqui não tiramos o direito a alguma pessoa se o este tem.

El-Rey.

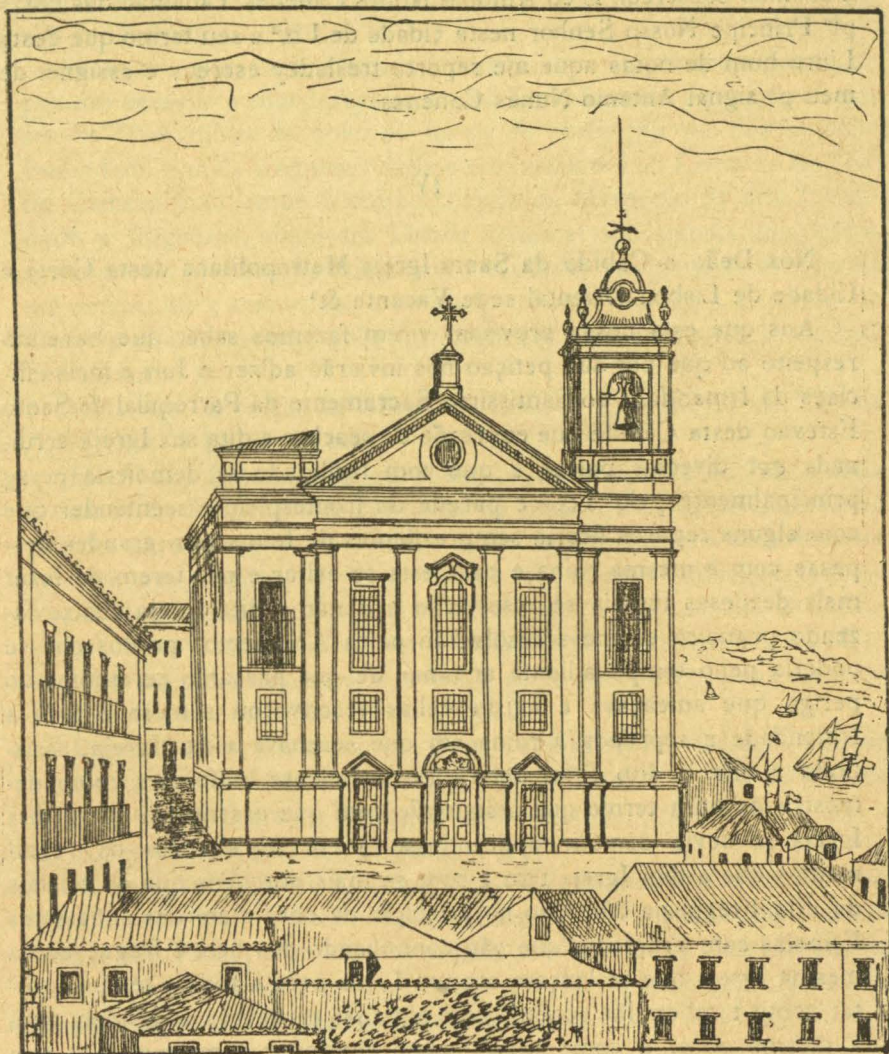
Senhor vede este por portaria de Nuno Seixas q'diz ha m.^{so} q'he Desembargador.
lugar do sello pendente &^a.

III

Esriptura da Capella-mór Feita em 25 do mez de Março de 1670 pelo Tabellião Antonio Nunes Canenes, dada de doze covas com obrigação de paramentar a capella-mór e Sanchristia e tres alampadas acêzas. Em nome de Deos Amen. Saibam quantos este instrumento de Contracto e obrigação virem que no ano de nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil seiscentos e setenta e um em vinte e cinco dias do mes de Março na cidade de Lixboa dentro na Parochial Igreja de Sancto Estevão em a mesa das almas da dita Igreja estando aly presentes partes assaber da húa o Reverendo Prior da dita Igreja o licenciado Francisco do Souto e os Reverendos Padres Benefissiadados della, estes de húa parte e da outra Manoel Carretto de Sampayo secretario do Conselho Ultramarino fidalgo da casa de Sua Magestade Cavalleiro Professo da Ordem de Cristo Juiz da mesa do Santissimo Sacramento da dita Igreja e o escrivão procurador tesoureiro e mais irmãos da Irmandade do dito Senhor abaixo assignados que todos foram chamados por sua campana tangida E logo por elles Reverendo Prior e Benefissiadados Juiz e Irmãos do Santissimo Sacramento da dita Igreja foi dito amy tabellião perante as testemunhas adeante nomeados que elles etauam contratados junto com outro na forma seguinte que elles Prior e Benefissiadados da dita Igreja de Sancto Estevão havendo respeito ao retabulo que os ditos Irmãos do Santissimo Sacramento tinham feito na Capella Mayor da dita Igreja e mais bemfeitorias que nella intentam fazer se obrigam em que em tempo algum não venderião a dita Capela Mayor estiuerem feitos sendo porem as ditas bemfeitorias assignadas pelo Prior da dita Igreja e Escrivão da ditta Irmandade e que perquanto os dittos Irmãos seofferecem a fabricar a dita Capella-Mayor de todo o necessario para que nella se possa todos os dias dizer Missa assaber do altar-mór pulpito Sanchristia e aterem as tres alampadas da dita Capella-Mayor acêzas que elle Prior e Benefissiadados estarião junto da dita Capella-Mayor como por entre os dous altares coleterais de Nossa Senhora da Conceição e Sancto Antam na correspondencia das grades delles pera nelle fezerem doze covaes pera

seenterrarem elles irmãos suas mulheres e filhos que estiuerem debaixo da sua tutella, e satisfazerem as obrigações do Compromisso da dita Irmandade, de que não darião pera a fabrica da Igreja cousa alguma se satisfizessem a todo o sobredito com declaração que a dita Capella Mayor e jaziguo para elles Prior e Benefissiados seenterrarem, mas se acontesser que na dita Capella Mayor em algum tempo derem sepultura pera a outra pessoa que será sempre acontento delles dittos Prior e Benefissiados e Juiz e Irmaos da dita Irmandade e o preço que se der por essa sepultura será metade pera a fabrica da dita Igreja e outra metade pera a Irmandade do dito Senhor e que perquanto achauam senão seguia damno algum a dita Igreja nem a dita Irmandade do Santissimo Sacramento mas antes grande augmento do culto Deuino.

Todos nesta conformidade o aprouaram de que pedirião facultade ao Prelado pera a celebridade delle de que fizerão hum escripto na forma referida assinado pelos dittos Reverendos Prior e benefissiados e pelos dittos Juis e Irmãos da dita Irmandade em virtude da qual fizerão petição ao Reverendo Cabido desta Cidade relatando-lhe a forma do ditto seu contracto a qual sendo uista com relação nella por despacho deferirão que remetesse uista o Promotor que sendo-lhe dada com a que respondera por ultimo despacho deferirão em relação que fizessem a ditto escriptura do ditto seu contracto em razão do que e na conformidade referida elles partes por este instrumento pl^a melhor forma de direito aprouam e retificação o ditto seu contracto debaixo das clausulas e condissões referidas que promettem e seobrigão huns e outros d ecumprir e de guardar e não reuogar reclamar nem contradizer em parte nem em todo de effeito nem de direito nem por modo algum que seja mas antes que farão boa esta escriptura e na mesma forma seus futuros successores. E declararão elles partes que a fabrica da Sanchristia referida se entenderia somente pera a dita Capella Mayor. Esperam assim cumprirem com mais toda a perda e damno custas e despezas que se pl^a tal rezão fizerem e receberem. Disserão que obrigão elles Prior e Benefissiados os bens e rendas da dita sua Igreja e elle Juis e Irmãos da dita Irmandade os bens e rendas della e em testemunho de verdade assim o outhorgarão pedirão e aceitarão e eu taballião por quem toquar abzente como pessoa publica estipulante e asseitante testemunhas que forão presentes O Padre Manoel Pereira, clerigo do Cabido de São Pedro



A PAROQUIAL IGREJA DE SANTO ESTEVAM DE LISBOA

e João Nunez morador no beco do Carneiro e o Padre Manoel Henriques thesoureiro da ditta Igreja e Antonio Francisco morador na dita freguezia que todos conhecemos aelles partes são os proprios que na nota assignarão com as testemunhas. Antonio Nunes Canenes,

Taballião soescreui. E eu Antonio Nunes Canenes Taballião das notas plº Principe Nosso Senhor nesta cidade de Lixª e seu termo que deste Liuro hum de notas aque me reporto tresladey escreuy e assignei de meu pº signal Antonio Nunes Canenes.

IV

Nós Deão e Cabido da Santa Igreja Metropolitana desta Corte e Cidade de Lisboa Oriental sede Vacante &ª

Aos que esta nossa provizam virem fazemos saber que havendo respeito ao que por sua petição nos inviarão adizer o Juis e mais officiaes da Irmandade do Santissimo Sacramento da Parroquial de Santo Estevao desta Cidade que em rezão de seachar a dita sua Igreja arruinada por diversas partes e que com facilidade se demoleria persy principalmente pelo Teto e parede do frontespicio e seentender que com alguns reparos ficaria sempre depois de feitos com grandes despesas com a mesma roina e para esta se evitar e não terem de fazer mais despesas inuteis se resolverão a deitar a dita Igreja abaixo fazendo primeiro exame seresolverão pelos Architectos peritos que se poderia pello tempo adiante arruinar de que passarão certedoins do perigo que ameaçava e avista dellas seconvocou a mesa e toda a Irmandade e sepropoz a roina em que seachava a dita Igreja, assistindo a ella o dito Prior della e resolvendosse uniformes como demonstra de hum termo que assignarão com que assentarão que a dita Igreja se devia demolir applicandosse pª dª obra todos os rendimentos que a dita Igreja tem e com as mais porçoens que os zelosos da dita Freguezia dão logo no principio da obra alem das suficientes Esmolas com promeças que vão continuando nos fieis e fregueses da mesma Igreja que se lançam em um Livro para a todo o tempo constar como tambem lhe acodem com algumas madeyras de Esmola para a mesma obra, e como senão podia continuar a mesma obra sem licença nossa, nos pedião por conclusão e fim de sua petição que visto o ponderado e o que constava dos documentos juntos lhe fizemos amercê de conceder licença para se demolir a dita Igreja e fazer de novo debaixo da obrigação do termo que fizerão deademolirem e reedificarem de novo a sua custa e da dª Irmandade e fregueses da mesma freguesia e visto o que allegão, informação que se tirou

do Reverendo Prior consulta e acordão de nossa Rellação com o que nós confirmamos.

Havemos por bem conceder licença aos supplicantes para que possam demolir a dita Igreja de Santo Estevão visto o perigo em que seacha fabricandoa de novo na forma da obrigação que fiserão pella Irmandade e mais fregueses della e esta registará no Livro de Registo da Camera para atodo o tempo constar da obrigação da dita Irmandade e fregueses, dada em Lisboa Oriental sob signais dos nossos assignadores e sellos da nossa meza capitular aos nove de Janeiro de mil setecentos e tres annos e eu Padre Manoel Ferreyra Escrivão da Camera afis escrever // João Carlos Sezar de Menezes Deão de Lisboa Oriental //

O Conigo Dionizio da Silva de Andrade // Siqueyra de Vilhena // Olyveira // Lugar do sello // Freytas //

Ha Vossa Illustrissima por bem conceder licença ao Juis e mais Officiaes do Santissimo Sacramento da freguezia de Santo Estevão de Alfama para que possam demolir a dita Igreja e fazel-a de novo asua custa e dos fregueses della na forma que assima sedeclara // Para Vossa Illustrissima ver // Signaes e Sellos // Por acordão da Rellação de vinte e tres de Dezembro em consulta de vinte e nove de Novembro de mil setecentos e trinta e dous Lisboa Oriental nove de Janeiro de mil setecentos trinta e tres //

Registada no Livró vinte e hum do Registo da Camera afolhas sincoenta esinco Lisboa Oriental nove de Janeiro de mil setecentos trinta e tres // Ferreyra // Pagou tres milreis //

Ferreyra — Registada Trindade //././.

E trasladada consertei com a propria a que me reporto ápedimento da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia digo ápedimento do Procurador da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Santo Estevão á quem a torney a Entregar Lisboa dés de Agosto de mil setecentos sassenta e dous.

V

Dizem o Prior e Bend.^{os} da Igreja de S.^o Estevão desta Cidade de Lix.^a que elles tiverão agr.^{do} fortuna de V. S.^{ra} ser seu Vezitador tão dignissimo e de toda a Igreja e freguezia em cujo acto tomou a

sempre louvavel pretensão de haver composição em as quatro demandas que a Irmandade do Santissimo Sacramen.^{to} da mesma Igreja movia aos Sup.^{tes} de q'ê escrivão Joaquim José da Costa Ferr.^a e com efft.^{to} assim o conseqio com agrande litteratura e jurisprudencia que sempre em VS,^{ra} resplandeceo. Acsão nunca esquecida pera o agradecimento e louvor de cuja composição fês logo lavrar termo que assignou a Collegiada e os Irmãos da Meza da D.^{ta} Irmandade e defidores e mais Irmãos q'tinhão servido em Meza, q'se achavão presentes q'todos foram chamados por ordem de V. Sr.^a porém não assignou o Rev.^{do} P.^e Cura collado por não ser do corpo da Collegiada não obstante acharce tãobem prezt.^e — o q'tudo V. Sr.^a foi servido assim provar e se dignou tãobem assignar o mesmo termo q'todos requererã fosse autuado e julgado por sentença e porque pera em todo o tempo constar o referido lhe he preciso hum traslado pera o Cartorio da Igreja. P. a V.Sr.^a que lhe fassa mercê mandar passar o d^o traslado p^a o d^o Cartorio — E. R. M.

P.^e Fernãdo José Abz. Presbytero Secular official Mayor de Camera Patriarcal e secretario da Vezita da Parochial Igreja de S.^{to} Estevão desta Cidade — Certifico q'em meu poder se acha hum termo de composição entre a Rev.^{da} Collegiada da Igreja de S.^{to} Estevão com a Irmandade do Santissimo da mesma freg.^a do theor seguinte:

TERMO DE COMPOZIÇAM

Aos dezasseis dias do mez de Mayo de mil setecentos sessenta e quatro anos na casa do despacho da Irmandade do Santissimo Sacramento da Parochial Igreja de S.^{to} Estevão desta Cidade onde estavam presentes o Rev.^{mo} Snr. Vezitador da Parochial Igreja e freg.^a, e de uma parte o Rev.^{do} Prior e quatro Beneficiados e residentes da d^a freg.^a, que constituem a d^a Collegiada e da outra a Meza da d^a Irmandade, Seus Eleitores e outros Irmãos que tinham servido os cargos da d^a Meza, por huns e outros foi dito na presença do d^o Rev.^{mo} Snr. Dez.^{or} Vezitador, que attendendo a evidente perigo a que estavam sujeitos na proxima ruina a que ameaçava o frontispicio da d^a Igreja occasionado no terramoto do prim.^{to} de Novembro de 1755, e precisar de remedio prompto e p^a que os animos dos Irmãos da d^a Irmandade e fregueses se animassem a concorrerem com suas esmollas, auxilio,

e peditorio a que recusavão com attenção as demandas que a d.^a Rev.^{da} Collegiada havia em juizo contra a d.^a Irmandade e bem assim esta contra a d.^a Rev.^{da} Collegiada duenanime consensu livre arbitrio digo livre vontade e arbitrio desistião. E uns e outros por este termo de composiçã e desistencia das demandas, que pendiam em Juizo tanto Ecclesiastico como Secular e querião que em todos sepuzece perpetuo silencio e se offericiã E uns e outros a fazer termo de desistencia em cada um dos referidos processos e que ainda falta hum no que tinham duvida e sequeriã que este sejulgace por sentença por elle dito respectivo Snr. Dez.^{or} e Vezitador, e que o seu treslado se juntace aos autos competentes, aos quaes umcada hum ficaria servindo termo proprio de desistencia e convierã, que a formal condiçã dessa desistencia constaria emficar a Rev.^{da} Collegiada e a respectiva Irmandade conservadas nas posses, uzos, Liberd.^{es}, administraçõs, encargos que cada hua antecedente tinha até o tempo, em que se moverão as causas que pendem em Juizo, oque bem se poderá examinar pelas datãs, distribuiçõs do Seus Libellos, convindo outro sim, a d.^a Rev.^{da} Collegiada e Irmandade, a concorrerem e acompanharem huns aos outros no peditorio das esmollas p.^a a reforma do d.^o frontispicio e bem assim o que se entender preciso, o que necessitar de reforma a c.^a Igreja o que permitem principiar com brevid.^e e dar prompta providencia: e declararã mnis a d.^a Rev.^a Collegiada na presença do D.^o Rev.^o Sr. Vezitador e Irmand.^e que não tinham duvida entregar logo a prata pertencente a fabrica da Capella de Santo Antonio, e bem assim seus ornamentos e as Imãgens de Santo Antonio e São João, e com esta entrega fica finalisada a causa que pendia em Juizo aeste respeito. Como tambem convem a d.^a Rev.^{da} Collegiada adesistir outra causa que pende a este respeito da reclamaçã do termo sobre a valid.^e do contracto e convençã que estypularã com a Irmandade desta ficou Administradora em solidum do sino grande, e poder receber tres partes de beneces e esmollas na ocassiã em quietocar o d.^o sino a resp.^{to} do qual somente seentende a d.^a convençã ficando este livre p.^a tocar em todas as ocasiõs da c.^a Igr.^a: Convierã tambem elles partes; em que o uzo das covas da gradatura toda p.^a dentro ficã sendo comua tanto a d.^a Rev.^{da} Collegiada como a c.^a Irmandade do Santissimo ficando-lhe livre o arbitrio a huns e outros que lhes parecer com o que convieram eles partes, que o uzo das d.^{tas} covas diz respeito sómente aos Irmãos da d.^a Irmandade, Seus filhos e mulheres:

Convieram mais em que a Capela mor, Seus paramentos, e fabrica ficaria pertencendo sua Administração e despeza a d^a Irmandade, e para vallidade do que assignaram com o d^o Rev.^{mo} Snr. Dez.^{or} e Vezit.^{or} João Pereira Cabral e eu P.^o Fernando José Abz̃. Secretario da vezita a escrevi = Cabral = O Prior Luiz Ant.^o Franco = O Bend.^o João da Silva Cordeiro = O Bend.^o Clemente dos Santos = O Bend.^o José Gomes Quaresma = O Bend.^o Antonio Lopes Saraiva = Diogo Rangel de Almeida Castello Branco = Fran.^{co} Assis Duarte = Ant.^o Ferr.^a Motta = Alexandre de Souza.^o Roza = Raimundo da Paz = Jeronimo Roiz = Ant.^o Fran.^{co} Perra = João de Araujo Motta = Fran.^{co} Lopes Alberto = Manoel de Freitas = Jorge de Miranda = Jeronimo Thomaz de Figd^o = João Fran.^{co} = Antonio Fran.^{co} — Sylvestre Carviora = Diogo Ant.^o Pereira = José Francisco Diniz.

CONCLUZAM

Aos vinte e cinco de Mayo de mil setecentos e sessenta e quatro annos autuey o termo retro e o fiz concluzo ao Rev.^{mo} S.^{or} Dez.^{or} e Vezitador da Parochial Igreja de Santo Estevão desta Cid.^e p^a o julgar por sentença e eu P.^o Fernando José Abz̃ a escrevi digo secretario da vezita a escrevi.

SENTENÇA

Julgo o termo de dezistencia por Setença para o que interponho minha authoridade, emando seobserve pelas partes na conformidade que no d^o termo secontem — O secretario desta vizitação passará as certidões que se lhe pedirem. Lisboa 25 de Mayo de 1764 = O Vezitador João Pereira Cabral = E nao se continha mais no dito termo e sentença de dezistencia, que fica em meu poder, ao qual me reporto. Lx.^a 22 de Julho de 1764.

O P.^o Fernando José Abz̃
Secretario da Vezita.

VI

P.P. de lic^a por tempo de hum anno Junqr^a 19 de Fevereiro de 1773.

Em.^{mo} Snr. Dizem o Prior, Benefissiadoss e Irmãos do Santissimo

da Parochial Igreja de Santo Estevão desta Cidade que por ordem de S. Magestade se lhe facultou o reparo da sua Igreja nomeando o mesmo Snr. hum Inspector p^a a obra com independencia da collecta; e sendo mui diminuta a tersa dos Beneficios p^a a reedificação se faz preciso valer da Caridade dos fieis, não só seus fregueses, que por serem poucos e muito pobres não teem com que possam concorrer; mas tãobem com os das outras Paroquias, não pedindo pelas portas, mas aos viandantes, q'quizerem concorrer com as suas esmolos. — P. a Vossa Eminencia seja servido conceder que possão os Supl.^{es} pedirem fóra do districto da sua Parroquia para o reparo da sua Igreja E. R. M.

Franciscus Primus Cardinalis Patriarca Lisbonensis.

Pela presente concedemos licença ao Prior e Beneficiados da Igrej alias e mais irmãos do Santissimo da Parroquial Igreja de Santo Estevão desta Cidade para que por tempo de hum anno possam pedir esmolos para o reparo da sua Igr.^a fora do districto da sua Parroquia — Dada em Lix^a sob o nosso signal e sello aos 25 de Fevereiro de 1773.

Patriarcha

De mand^o de Sua Em.^a

Fernando José Alvares.

Ha V.Em.^a por bem conceder licença ao Prior e Bend. e mais Irmãos da Irmandade do S.^{mo} da Parroquial de Santo Estevão desta Cidade p^a que por tempo de hum anno possam pedir esmollos fora do districto da Sua Parroquia p^a o reparo da Igr^a — Signal e Sello.--

VII

Dizem o Prior e Beneficiados da Parrochial de Santo Estevão desta Cidade, que a Sua Igreja he Sn.^{ra} directa de varios fóros impostos em diversas propriedades e faz.^{das} rusticas tanto nesta Côrte, como fóra della os quais todos lhe forão deixados p.^a satisfação de cento e vinte e oute Anniversarios que se satisfazem na d.^a Igr.^a. E como estes bens na forma da Ley noviss.^a de 6 de Agosto de 1777 e § 20 do Regimento das decimas de 9 de Mayo de 1654, q'pl.^a d.^a Ley se manda observar são isentos do subsidio da decima e pl.^{as} Leys anteriores se achavão manifestados nas Superintendencias das Freg.^{as} respectivas em que são sítios os d.^{os} bens.

P. a V. S.^{ra} lhe faça m.^{cê} mandar q'nas d.^{as} Superintendencias em q'se achão manifestados os d.^{os} bens se lhes ponha verba de izenção na forma da d.^a Ley e Regimento.

E. R. M.^{cê}

Informem os Superintend.^{es} em cujo districto são sittos alguns bens apresentando-se a Relação dos m.^{mos} e a Cert.^{ão} jurada das suas applicções. Lisboa 14 da Jan.^o de 1778.

Mendanha.

Titulo de estarmos livres de decimas dos foros.

V.^a a informação se ponhão em Liv.^{os} as verbas deinzempção req.^{da} para os foros e censos q'constão da Relação inclosa e por mim Rubricada para que do Alvará de Agosto em diante se lhes lance decima VI.^{as} as pias applicacoins a que são destinados. Lisboa 25 de Abril de 1778.

Mendanha.

VIII

No Diario Ecclesiastico de 1845, a fl 61, acha-se a breve noticia da parochial da Igreja de Santo Estevam desta Cidade de Lisboa, do theor seguinte: «Não se sabe quando foi erecta esta freg.^a. He muito antiga pois existia já em 1220, como consta da Inquirição que se cita na de Santo André. Em 8 de Julho de 1295 doou El Rei D. Diniz o Padroado ao Bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães e seus successores. Tinha oito Beneficiados apresentados alternativamente pelo Papa e Prelado diocesano; tinha 4 Irmandades com seis Capelães a da Via Sacra apresentava 3 Capelães que tinham propriedades vinculadas.

BIBLIOGRAFIA

- Padre Duarte de Sande* — Lisboa em 1564 — Obra em Latim, tradusida em portuguez, pelo Padre Antonio José de Figueiredo.
Dom Frei Amador Arraes — Dialogos — Lisboa, 1589.
Duarte Nunes Leão — Chronica de el-rei D. Afonso Henriques — Lisboa, 1600.
Nicolau de Oliveira — Livro das Grandesas de Portugal — Lisboa 1620.

- Dom Rodrigo da Cunha* — Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa — Lisboa, 1642.
- Doutor Frei Francisco de Brandão*, Monge d'Alcobaça Chronista-Mór de Portugal — Monarchia Lusitana — Lisboa, na officina de Paulo Craesbeeck. — 1650.
- Dom Francisco Manuel de Mello* — Apologos Dialogaes — Lisboa, 1721.
- Francisco Leitão Ferreira* — Noticias Historicas da Universidade de Coimbra — Lisboa, 1729.
- Antonio d'Oliveira Freire* — Descripçam chorografica do reino de Portugal — Lisboa, 1739.
- Amador Patricio* — Memorias das principaes providencias no terremoto de 1755 — Lisboa, 1756.
- João Baptista de Castro* — Mappa de Portugal antigo e moderno — Lisboa, 1762.
- Padre Manuel de Figueiredo* — Descripção de Portugal. — Lisboa, 1788.
- Damião de Goes* — Urbis Olysiptonis situs et figura — Conimbricæ, 1791.
- Cyrilo Volkmar Machado* — Collecção de Memorias relativas ás vidas de pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes — Lisboa, 1823.
- Joaquim José Ventura da Silva* — Descripção topographica da Nobilissima Cidade de Lisboa — Lisboa, 1835.
- Antonio Feliciano de Castilho* — Quadros Historicos de Portugal — Lisboa, 1838.
- Luis Gonzaga Pereira* — Descripção dos Monumentos Sacros — Lisboa, 1840.
- Alexandre Herculano* — Portugaliae Monumenta Historica a seculo VIII post Christum nusque ad XV. ç edita Olysiptone, 1856.
- José da Silva Mendes Leal* — Monumentos Nacionaes — Lisboa, 1868.
- Augusto Filippe Simões* — Reliquias d'architectura Romano-Bisantina em Portugal — Lisboa, 1870.
- Emilio Hubner* — Noticias archeologicas de Portugal, tradusidas do alemão em portuguez, por Augusto Soromenho — Lisboa, 1871.
- Frater a Divo Laurentio* — Monumenta Selecta. Mss. da Bibliotheca Nacional.
- Dom Antonio Xavier de Sousa Monteiro* — Manual do Direito Administrativo Parochial — Coimbra, 1876.

- Visconde de Castilho* — Lisboa 1884.
- Vilhena Barbosa* — Monumentos de Portugal — Lisboa, 1886.
- Maximiano Lemos* — Encyclopeda Portugueza Illustrada — Porto, 1910.
- Sousa Viterbo* — Cruzeiros de Portugal — Lisboa, 1910.
- Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues* — Dicionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Numismatico e Artistico — Lisboa, 1912.
- A. *Vieira da Silva* — Locaes onde funcionou em Lisboa, a Universidade dos Estudos — Coimbra, 1919.
- Guia de Lisboa — Lisboa, 1924.
- Archivo da Torre do Tombo.
- Archivos dos Cartorios da Igreja e da Irmandade do Santissimo de Santo Estevam de Lisboa.

RELATORIOS

RELATÓRIO DA GERÊNCIA DE 1919

Terminado o primeiro ano da gerência relativa ao triénio de 1919 a 1921 vem hoje a Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses, para a qual teve a honra de ser eleita, relatar à ilustre Assembleia Geral os actos da sua gerência, bem como tudo quanto de mais notavel ocorreu durante o passado ano de 1919 e a situação da nossa Associação no presente momento.

Eleita em Assembleia de 15 de Março, a Direcção teve de lutar contra todas as contrariedades nascidas da inércia geral sob que vive a sociedade portuguesa, profundamente envenenada pela politica, que tanto a tem desmoralizado. Os que conservam, com mais persistência, o vigor mental e moral da antiga raça portuguesa parece que vão rareando. Foi-nos, por isso, particularmente sensível a perda do Visconde Júlio de Castilho. Deixou o eminente antiquário e escritor esta nossa terra, que êle tanto amou e a favor da qual pôs o melhor do seu valioso e nobre esforço e do seu util trabalho, aos 8 de Fevereiro de 1919.

A primeira comemoração deste triste acontecimento realizou-se na séde da nossa Associação a 10 de Fevereiro, falando com sentidas palavras o Sr. Presidente D. José Pessanha e os Srs. José Queiroz, Matos Sequeira e Joaquim Rasteiro. A 30 de Abril, aniversário natalício dos que seriam os seus 79 anos, foi inaugurada uma lápida com inscrição, colocada na frontaria da casa que o ilustre extinto habitou na Travessa do Prior, n.º 11, ao Lumiar.

Para esta singela comemoração concorremos com a nossa bandeira para o descerramento da referida memória e tambem com a presença de muitos dos nossos sócios, que dêste modo quizeram mostrar o interêsse e saudade que êsse morto ilustre deixou aos que ficaram, com o tácito desejo de que outros o imitassem, no amor devotado e prático à nossa Pátria.

A sessão de 29 de Abril foi quasi exclusivamente consagrada a lembrar os feitos litterários do ilustre escritor e a resolver certas dificuldades sôbre o destino da sua notável Livraria. O projecto da sua catalogação mereceu a attenção do nosso bibliotecário, que a êsse trabalho se prestaria com o melhor grado se as dificuldades quasi insuperaveis de composição, de papel, impressão e despeza de 300 escudos tivessem podido ser arredadas. Tendo de ser abandonada a catalogação, e, realizado o transporte dos livros para a nossa sede, fôram afinal vendidos particularmente, por quem de direito, à livraria Coelho, ficando-nos o vivo sentimento de amadores que viram dispersos aqueles preciosos livros, tanto mais notáveis, quanto, no dizer curioso de um dos nossos consócios, o Visconde de Castilho «lia os seus livros e comentava-os com notas à margem».

Tinha-se resolvido que a comemoração do primeiro aniversário do seu passamento seria realizada por uma forma modesta, mas condigna, na séde da nossa Associação, mas o Sr. Matos Sequeira, que tencionava proferir uma oração fune-

bre, não teve tempo de a ultimar, de modo que tudo ficará para melhor ocasião. A imagem da Senhora da Piedade, que o ilustre escritor nos tinha legado, ainda está nas mãos do Dr. Trancoso.

Prestou também a A. A. P. homenagem, em manifestação lutuosa, no acompanhamento do féretro do notável architecto e nosso consócio Sr. Rosendo Carvalheira. Nas actas respectivas lançaram-se votos de sentimento pela morte do nosso consócio correspondente e notável orientalista Ismael Gracias e do Sr. Augusto José da Cunha.

O art. 3.º do nosso estatuto impõe à Direcção como mandatária da nossa Associação o dever de «desenvolver uma forte corrente de propaganda em favor da conservação e estudo dos monumentos e reiquias históricas e artisticas do nosso País.»

E' doloroso constatar que de entre todos os desejos de realizações práticas que tentámos apenas se conseguiu conduzir a termo a recepção de certos restos architectonicos que vamos indicar. Montou-se em um edículo da nave central do nosso poético mosteiro um baixo relêvo do pórtico da desmantelada igreja das Francezinhas, trabalho feito pela direcção dos edificios públicos; receberam-se dumas escavações na travessa de S. Nicolau dois fustes de colunas, dádiva do Sr. A. M. de Almeida e transportadas por deligência do nosso consócio Sr. Ganhado.

Receberam-se mais os seguintes objectos:

Um escudo da familia Lima (Convento do Salvador).

Uma pedra quadrangular com letras, dádiva do Sr. D. José Pessanha.

Um emblema do capataz do chafariz do Loreto (Século. XVIII) e:

Um jogo de pesos de bronze do seculo XIX, oferta do sr. Jesé Antonio Marreiros.

O Sr. Cristino da Silva fêz presente ao museu de dois decalques, em gesso, de inscrições romanas, vindas do Castelo de Leiria.

Vieram e collocaram-se convenientemente os três seguintes túmulos do Convento do Salvador.

Túmulo de Lima Barreto.

Túmulo de Isabel Lima Barreto (sua mulher).

Túmulo do Arcebispo D. João.

Por deligências do nosso consócio Sr. Afonso de Dornelas transportou-se para o museu a lápida que diz respeito, segundo as melhores opiniões, a um alfageme que corrigia as armas ao grande Nuno Alvares Pereira, a qual se encontrava num recinto abusivamente incorporado nos alojamentos da Guarda Republicana.

Dois empreendimentos ficaram em expectativa de melhor ocasião ou de mais intensa intervenção, os quais são do mais vasto alcance. Em um vai sem dúvida a honra da nossa Associação, a honra da cidade e, mais que tudo, a reputação de Portugal como nação culta e que queira defender os seus direitos de respeito internacional. Referimo-nos à inclita e formosa Tôrre de Belem. A sua libertação das mãos impuras, torpes e por demais gananciosas da suja industria do Gas e Alcatrão é uma questão de fama nacional. Infamia será por certo o seu abandono à ruína cancerosa e aniquiladora, a que parece está condenada.

O outro empreendimento suspenso é o da aquisição da sacristia do mosteiro do Carmo, que naturalmente nos pertence e de que estamos privados por falta de meios práticos de reivindicação contra o permanente latrocínio por parte da Guarda Republicana, crime este que a história política do nosso desventurado país apresenta com vergonhosa freqüência, em muitos outros exemplos.

Os rumores políticos que pelo mês de Janeiro se fizeram ouvir deram esperanças à Direcção que a suposta entrada do Sr. José Relvas para o Ministerio, permitisse que a Companhia da Guarda Republicana que ocupa a sacristia do mosteiro em que viveu o nunca esquecido guerreiro de Aljubarrota e Valverde saísse para mais apropriado alojamento, poupando assim aos visitantes a dolorosa notícia deste enxovalho nacional.

Merece menção especial e sôbremaneira honrosa a ideia e a realização do cartaz da Tôrre de Belem.

Na sessão de arqueologia da nossa Associação, realizada em 30 de Maio, o nosso incansavel consócio e notável artista Sr. Alberto Sousa tornou patente a feliz ideia de um cartaz-propaganda em defeza da Tôrre de Belem, o qual ficou exposto na nossa séde e mereceu a aprovação e admiração de todos os consócios.

O Sr. D. José Pessanha fêz de motu proprio a realização de tão bela ideia pela generosa dádiva do «valor material que fôsse necessário para realizar tão bela empresa», como ficou consignado na acta daquela sessão.

O cartaz foi impresso com as dimensões de 1,10 X 0,85, com o título de «*Salve-se a Tôrre de Belem*», com o desenho desta a oiro, uma alusão à Capela da Senhora do Desterro e um dizer em letra verde do seguinte teor :

«A Associação dos Arqueólogos Portugueses envia o seu apêlo a todos os cidadãos para que se unam em defeza do mais tipico monumento do nosso património artistico.»

Mandaram se fazer 500 cartazes á Litographia Matta, dos quais se afixaram 480, muitos deles em localidades que eram residência de sócios correspondentes e o nosso saudoso consocio General Castelo Branco levou alguns deles para fazer propaganda nas estações termas da Curia e da Felgueira.

Dificuldades de ordem administrativa e contenciosa, em S. Domingos de Benfica, impediram de se alcançar a desobstrução e conservação da capela dos Castros, e que pudessemos adquirir o célebre Sático, uma escultura de Cristo, certas gárgulas e fragmentos manuelinos, obras notáveis que bem merecem defender-se de possível destruição.

Por mais de uma vez se reconheceu a insuficiência da actual legislação protectora da conservação dos monumentos nacionais. O trama da rede legislativa deixa passar facilmente as pérfidas incursões da ganância e da monomania de demolição. Alguma cousa de importante se tem feito, mas alguma cousa de eficaz e preciso ha a fazer para apertar as malhas daquela rede e cumprir que a A. A. P. tratasse do assunto. Exemplos como aquele que tão bem apresentou o nosso prestigioso Presidente da Secção de Arqueologia Lisbonense, Sr. Queiroz, a respeito da

Igreja de Telheiras, na qual se encontra um notavel sarcófago do Principe de Candia, é bem caracteristico.

Sobre o Adro de S. Luzia, onde por indicação do nosso consócio sr. Mena se deveria escolher o local em que se inaugurasse o busto do Visconde de Castilho, ha a dizer que os casebres não fôram retirados.

A vida social da A. A. P. em relação com outras corporações congêneres manteve-se no mesmo gráo de cordealidade dos anos anteriores. Temos a acrescentar o novo convívio que muito festejamos da União dos Amigos do Convento de Cristo, que ao nosso consócio Garcez Teixeira tudo deve e com a qual trocamos o nosso boletim. A representação dessa nova agremiação de arte architectónica na nossa Associação é um poderoso auxilio de confraternidade e mais uma esperança, já sobejamente demonstrada por aquella agremiação, do movimento de renascença do gosto artistico em Portugal.

Mandaram-se cunhar 100 medalhas de sócios e imprimir diplomas.

Está em projecto a elaboração de um guia do visitante para o qual se prestarão com a melhor boa vontade os Srs. Dr. Alves Pereira e Rodrigues Simões.

Para o desenvolvimento da nossa Biblioteca foi votada a quantia de 60 escudos, dos quais só se dispenderam 25\$740. Adquiriram-se trez notaveis obras, uma de L. Brehier, *L'Art Chretien* (desenvolvimento iconographico), outra de P. Leon, sobre a conservação dos monumentos históricos e ainda uma de E. Male «*L'art religieux de la fin du moyen age en France*».

Foi-nos particularmente sensível a oferta por parte do nosso estimado consócio e membro da Direcção Sr. Mena de uma colecção de desenhos do Architecto Sr. Valentim José Correia, outra de Possidónio da Silva e um folheto do mesmo infatigável artista com dedicatória.

As características da nossa vida propriamente administrativa mostram uma animadora melhoria de condições. O movimento de sócios augmentou, passando de 89 a 104 ou numa percentagem de 15 %, não cativa dos falecidos e dos que se despediram. Estes ultimos, cuja ausência lamentamos, fôram somente dois. Sobre as receitas, temos em primeiro lugar a indicar a generosa dádiva, que a Associação deve agradecer com particular gratidão, da quantia de 162\$000 oferecida pelo nosso Presidente da Direcção Sr. D. José Pessanha, destinada à impressão do belo cartaz memorando o desejo nacional da libertação da Tôrre de Belem, obra impressionante do nosso consócio Sr. Alberto Sousa.

O efectivo dos associados rendeu a totalidade de 554 escudos. As difficuldades com que se luta não permitiu que se desenvolvesse a publicação do boletim

e outros documentos gráficos da vida mental da Associação, de modo que nesta rubrica só se alcançou 102\$380.

O Museu, porém, que é o principal agente da nossa propaganda patriótica, rendeu 529\$ escudos, o que elevou as receitas do exercício, a 1:225\$380 que com a dádiva do Sr. José Pessanha somam 1:347\$380.

A acção da propaganda (Cartaz da Torre e catálogo da exposição) não foi além de 237\$000 e a de cooperação com outras entidades não passou da modesta cifra de 3\$500.

O elevado custo dos materiais fêz distrair dos nossos fundos a quantia de 391\$495, não contando com a aquisição de livros que representa um activo. O pessoal custou-nos apenas 384\$560.

O saldo, que era de 759\$860 ou de 721\$870, deduzido o fundo de reserva de 39\$990, ao fechar as contas de 1918 ficou elevado no presente ano a 1:160\$140.

Foi destinada a fundo de reserva a quantia de 67\$370, ou 5% de 1:347\$380.

O saldo que passa para 1920 elevou-se a 950\$735.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

D. José Pessanha

O SECRETARIO

João Perestrello

RELATÓRIO DA GERÊNCIA DE 1920

No segundo ano da sua gerência, vem a actual Direcção da A. A. P. cumprir o seu dever de relatar os principais acontecimentos sucedidos, os seus actos administrativos e outros com que se relacionam e que constituem afinal a vida associativa, manifestada nas resoluções das Assembleias Gerais e nas da Direcção, bem como nos assuntos mais importantes que nelas se ventilaram.

A comemoração daqueles, cuja memoria deve servir de exemplo e estimulo, prima sobre todas as outras noticias. Neste ano de dúvidas, desalentos e receios quiz Deus chamar a si, para descanso dos seus laboriosos trabalhos e cançada existencia, alguns sócios prestimosos e patriotas beneméritos :

O Dr. Xavier da Cunha que ao cabo de tantos anos de tão profundo e tão proveitoso trabalho viu contra ele o triunfo da inveja e da insensatez politica dispensar-lhe os benemerentes serviços, que mais se realçaram ainda pela notoriedade dos insucessos, que se seguiram a tão lamentavel iniquidade ;

O General J. E. S. Castelo Branco, tão excelente companheiro como cooperador dedicado, homem de vasta cultura, mais desenvolvida nas suas viagens de natureza técnica desde Inglaterra até ao Extremo Oriente, faltou-nos com a sua amavel companhia quando menos se esperava, na forma abrupta e desconsoladora de um suicidio ;

O nosso companheiro de sempre, Sr. José Queiroz, Presidente da nossa secção olissiponense, deixou uma lacuna de saúde e saber profissional, ao qual anda ligado o sentimento que nós todos partilhamos da difficil tarefa de reconstituir as sessões da mesma secção. Com tão amorosa persistencia nos dava o exemplo da sua presença nas reuniões, que bem mais valia para elas afeição de amigos que a consciencia de um dever associativo a cumprir. A sua obra de história artistica, na qual ele reivindicou para Portugal os melhores tipos da intuição natural e do esforço elaborado dos ceramistas portugueses, dava ao querido amigo que nos faltou uma autoridade em questões de arte, que o prestigio de outros não menos sábios poderá difficilmente apagar da nossa memória;

Constantino Fernandes, artista e sientista, deixou de si uma memória, que, guardadas as respectivas proporções, muitos quizeram comparar nas applicações da sua actividade á de Leonardo da Vinci.

Manuel J. da Cunha Brandão deixou, com a sua excelente memória de prestimoso sócio, um estudo sobre as ruínas do Carmo que é a mais substancial que tem apparecido e um outro sobre o combate da Travanca.

A morte do Dr. Carvalho Monteiro constituiu tambem uma perda sensivel, pois era um protector de artistas célebres e um colleccionador notavel de objectos de arte.

A todos estes notaveis consócios e a outros que nos deixaram, o tributo da nossa respeitosa memória.

No cumprimento da sua obrigação de concorrer para a conservação e respeito dos Monumentos Nacionais, a A. A. P. não descurou alguns dos casos de que teve conhecimento :

Tentativas de ganancioso vandalismo tinham-se manifestado para a retirada, da Sé de Braga, das estátuas em pedra de Ançã que guarnecem com grande lustre o altar-mor dessa igreja. Ao rebate dado, por carta do illustre escritor Rev. P.^e Manuel de Aguiar Barreiros, respondeu o nosso presidente com a sua eficaz deligencia, conseguindo que o atentado não se cometesse por intervenção mais directa do Director do Museu daquelle cidade.

A cabeça da estátua do Papa João XXII que tinha sido tirada de Tomar onde o resto da referida estátua se veiu a encontrar, apesar da fama havida de ter sido queimada, era natural que se lhe reunisse indo-a assim completar e recuperar o seu lugar na Charola do Convento de Cristo que a benemerita «União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Christo» tão justamente solicitara.

O Sr. Garcez Teixeira promoveu por intermédio da nossa Associação que a capela de Santa Iria de Tomar fôsse considerada monumento nacional; julgamos que o processo corre os seus termos.

O Sr. Mêna indicou a existencia de preciosos livros manuscritos iluminados nas dependências da Igreja dos Paulistas. Espera-se que esses valores históricos e artisticos sejam convenientemente definidos.

O Sr. H. Quirino da Fonseca tratou em duas sessões com notavel proficiencia da malfadada questão do Brasão da cidade de Lisboa, que insensatamente a Vereação Municipal deseja modificar sem sciência nem arte, antes com a provada «deficiencia histórica» tão bem demonstrada no decurso da exposição feita pelo Sr. Quirino da Fonseca.

No relatório do passado ano exprimimos o sentir da nossa Associação sobre a conservação dos monumentos nacionais nos seguintes termos :

«O trama da rêde legislativa deixa passar facilmente as pérfidas incursões da ganância e da monomania da demolição. Alguma coisa de importante se tem feito mas alguma coisa de eficaz e preciso ha a fazer para apertar as malhas daquelle rêde e cumprir que A. A. P. tratasse do assunto.»

O nosso illustre consócio sr. Garcez Teixeira respondeu a este apelo com o seguinte :

PROJECTO DE UMA LEI DE PROTECÇÃO AOS MONUMENTOS NACIONAIS

Art. 1.^o — Os imoveis classificados monumentos nacionais que estejam na posse do Estado, são inalienaveis.

Art. 2.^o — Cada monumento nacional terá um curador, individuo ou entidade, nomeado pelo Ministério da Instrução, sob proposta do Conselho de Arte e Arqueologia, devendo ter a sua residência ou séde tanto quanto possivel na localidade do monumento.

§ 1.^o — As funcções do curador são gratuitas.

Art. 3.^o — Compete aos curadores zelar pelos respectivos Monumentos :

a) Propondo ao respectivo C. A. A. e ao individuo ou entidade que tenha a posse ou o usufructo do Monumento, tudo o que julgar conveniente a bem do mesmo.

b) Suspendendo a execução de qualquer acto que julgue prejudicial ao monumento, quando este esteja na posse do Estado, comunicando dentro de 24 horas às entidades que houverem determinado esse acto e ao C. A. A. os motivos que determinam a suspensão.

c) Dando parecer sobre as obras a realizar no Monumento, quando ele esteja na posse do Estado, mesmo que sejam de simples conservação, e seja qual fôr a entidade a cargo de quem esteja a sua execução.

§ 1.º — Quando o Monumento não esteja sob a administração de qualquer pessoa ou entidade, o curador desempenhará as funções de administrador.

§ 2.º — Os curadores teem direito de visitar o Monumento em qualquer ocasião e poderão solicitar de todos os funcionários públicos, sem que tenham de satisfazer quaisquer emolumentos, os esclarecimentos de que necessitem para o desempenho da sua missão.

§ 2.º — Os curadores gozarão da isenção de franquia em tôda a correspondencia que, pelas suas funções, tenham de dirigir às autoridades ou a particulares.

Art. 4.º — Todos os objectos que tenham pertencido a algum monumento e que estejam actualmente na posse do Estado, seja qual fôr o seu usufrutuário serão restituídos ao seu primitivo lugar.

§ 1.º — Para que se efectui esta restituição, será organizado pelo curador o respectivo processo, do qual constarão as informações do C. A. A. e das entidades que estiverem na posse do Monumento ou do objecto. Cada uma destas informações será prestada no prazo de 30 dias a contar da data da recepção da cópia do processo, cujo original se conservará na posse do curador, e serão consideradas favoraveis quando não forem prestadas dentro daquele prazo.

§ 2.º — Os objectos nestas circunstâncias que se acharem prestando serviço de que se não possa prescindir serão pelo Estado substituídos por outro equivalente.

§ 3.º — São exceptuados da restituição os objectos que se achem nos Museus, arquivos e bibliotecas publicas quando a informação fundamentada do respectivo director a isso fôr contrário e o Conselho Superior de Arte Nacional com ela se conforme.

§ 4.º — São tambem exceptuados os objectos que não possam ser arrecadados no Monumento com a necessária segurança ou quando com a transferência perigue a sua conservação.

Art. 5.º — É o govêrno autorizado expropriar por utilidade pública os monumentos classificados ou partes destes monumentos que se achem na posse de particulares.

§ 1.º — O processo para a expropriação é organizado semelhantemente ao da restituição, devendo conter as informações do C. S. A. N. e do C. A. A. e do seu proprietario.

Lisboa 17 de Maio de 1920.

(a) *Garcez Teixeira*

EXCURSÕES DE ESTUDO

Neste ano de 1920 a qualidade e o êxito primou sobre o número. A única que se realizou foi à nobre e bela cidade de Tomar e realizou-se em 10 e 11 de Junho com o concurso de 21 sócios.

Programa, transportes e mais pormenores tudo foi devido aos cuidados e inteligência do sr. Rodrigues Simões.

Recebidos festivamente pela Camara Municipal de Tomar, os sócios tiveram o prazer, no dia da chegada, de visitar e admirar os seguintes edificios: Igreja de S.^{ta} Maria dos Olivais, Capela de S.^{ta} Iria, Misericórdia e a Cividade de Nabância.

O Presidente e Vice-Presidente da Associação dos Amigos do Convento de Cristo fôram inexcusáveis na amabilidade e proficiencia com que apontaram as principais belezas do conjuncto e dos pormenores. O Sr. Torres Pinheiro foi tambem de uma penhorante delicadeza em todo o tempo que a excursão durou.

A noite do dia 10 terminou por um concerto no jardim público e um baile improvisado no clube.

No dia 11 realizou-se a visita ao Convento de Cristo que foi extremamente interessante pelas proficientes indicações dos Srs. Garcez Teixeira e Vieira Guimarães.

No claustro do Convento foi servido o almoço nesse dia.

Visitou-se depois a Capela da Conceição.

Nem um só incidente desagradavel perturbou o êxito da excursão, cujo custo não excedeu a 20\$000 por pessoa.

TÔRRE DE BELEM

A comissão nomeada pela Camara para tratar deste assunto nacional tem mostrado a sua completa incapacidade na defesa dessa joia architectonica e histórica que se chama Tôrre de Belem.

O Sr. Alberto Tota entrou com toda a sua sincera boa vontade na organização da comissão e se dela tivesse feito parte, como solicitei, alguma cousa de pratico se teria conseguido.

Logo na primeira sessão, o presidente Sr. Alvares Cabral propôs que a comissão nada fizesse, com o pretexto futil e tendencioso de que havia questão juridica entre a Companhia e a Camara. É de notar que a Companhia tem a opinião de que se a questão não está resolvida é porque a Camara assim o não quer.

Por meu esforço pessoal consegui uma modificação no traçado das linhas e na repartição dos terrenos do Porto de Lisboa, dando em consequência uma área de base para troca com os terrenos adjacentes á Torre. Sobre esta base de operações, da qual facilmente se partiria para uma negociação aceitavel e pratica, a comissão adormeceu. A minha esperança reside na iniciativa que certo vereador inteligente e patriota quer tomar sobre o caso.

OBJECTOS OFERECIDOS

- Pela Ex.^{ma} Viuva do saudoso dr. Xavier da Cunha :
- Um mosaico romano da quinta do Vilaça, ao Alto do Pina.
 - 2 capiteis de mármore.
 - 2 machados de pedra polida.
 - 1 ara romana pequena.
 - 1 maxilar de urso das cavernas.
- Pelo Sr. Mena Junior :
- 1 fragmento de mosaico florentino do Convento da Castanheira.
 - 1 inscrição tumular do sarcófago do Bispo do Funchal D. João de Castelo Branco (vindo de Caxias).
- Vice-Consul da Costa Rica :
- (Em deposito temporário). Um painel de azulejo.
- Dr. Alves Pereira :
- Pequena bilha de barro de duas asas e um testo com incrustações de pedra, de origem punica e uma bala de ferro, tudo proveniente de umas excavações da Rua de S. Nicolau.
- Cristino da Silva :
- Dois decalques em gesso do Castelo Leiria reproduzindo inscrições romanas.
- Chefe Militar do Castelo de S. Jorge :
- Uma parte da guarda de um poço (Seculo XVII) em marmore de Estremoz.
 - Uma pedra com brasão darmas esquartelado.
 - Um fecho de abóbada lavrado.
- Coronel A. E. de Azevedo e Silva :
- Duas formosas fotografias do Castelo da Feira.
 - Da obra de S. Vicent de Fóra .
- Pedras trabalhadas da cortina do jogo da bola, fragmentos de balaústres e esferas.
- Sobre as dadas pendentes ha a dizer que recebemos uma urna de chumbo e vidro e um túmulo romano de Carnaxide (Linda-a-Velha) e duas medalhas de bronze romanas.
- Não conseguimos ainda receber as dádivas de Campo Maior nem o crucifixo das Francezinhas.

LIVROS E IMPRESSOS OFERECIDOS

- Pelo Sr. E. Prestage :
- Interessantes fotografias do IV e V volume das memórias da paz e tratado de Utrech, de D. Luiz da Cunha.
- Cesar da Silva :
- Varios folhetos.
- Mena Junior :
- Uma edição do Judeu Errante.

Do Sr. Garcez Teixeira :

Doze páginas compostas pertencentes à União dos Amigos de Tomar para serem impressos no boletim da nossa Associação e ás nossas ordens na Casa Portuguesa, da Rua de S. Roque.

Um livro do Sr. Lacerda Machado intitulado «Uma cidade morta».

Deixamos para o fim mencionar as tres melhores aquisições de 1920 para a nossa Biblioteca, a saber :

«Gil Vicente ourives e mestre de balança» (Vida e Obras) por Anselmo Braamcamp Freire.

Memorias de arqueologia maritima portuguesa recolhidas por H. Quirino da Fonseca (separata dos Anais do Club Militar Naval).

Documentação fotografica para o estudo da arqueologia maritima lapidar em alguns exemplares existentes nos edificios de Lisboa, por H. Quirino da Fonseca, 1915.

E por madame Xavier da Cunha, vinte e nove folhetos diversos.

Julgamos supérfluo encarecer o notável valor artístico e histórico destas ultimas obras que honram os seus autores e nobilitam a nossa Pátria.

Lisboa, 21 de Março de 1921.

João Perestrello.

RELATÓRIOS DA GERÊNCIA DE 1921

Cumprindo as disposições dos Estatutos, vimos dar-vos conta da nossa gerência do ano de 1921, ultimo do nosso triênio, na parte unicamente administrativa.

Da vida intelectual da Associação, nas suas diferentes manifestações internas e externas, tereis conhecimento pelo relatório que vos será presente em Abril próximo, em harmonia com o § 1.º do art.º 75.º dos Estatutos.

Nos capítulos em que dividimos este relatório e nos relatórios subsidiários apresentados pelo conservador sr. Garcez Teixeira e pelo bibliotecario sr. Quirino da Fonseca vereis que é apreciavel o trabalho produzido no ano findo, na nossa Associação, e fundamentada a esperança de vêrmos em breve esta instituição em condições de melhor poder desempenhar a missão que as suas honrosísimas tradições lhe impõem.

Sem desprimôr para ninguem, seja-nos permitido chamar a vossa atenção para o trabalho do nosso consócio sr. Quirino da Fonseca, que organizou em novas bases a nossa biblioteca, dotando-a de magníficos catálogos por titulos de obras, nomes de autores e assuntos. O seu esforço, demonstrativo da sua grande dedicação por esta casa, merece todo o nosso elogio e reconhecimento.

Antes de entrarmos pròpriamente no assunto, queremos referir-nos ao falecimento de dois illustres consócios, srs. Conselheiro Vargas e Rocha Dias.

A noticia de ambos os falecimentos só muito tarde chegou ao conhecimento da Direcção, motivo porque não se associou pessoalmente, como era seu desejo, às cerimónias fúnebres destes illustres consócios.

A Rocha Dias fica esta Associação devendo grandíssimos serviços. Aqui exerceu durante muitos anos seguidos os cargos de secretário da mesa da assembleia geral e do antigo conselho director, desempenhando-os sempre com a maior dedicação e grande competência. O nosso *Boletim* inseriu numerosos estudos seus, de alguns dos quais se fizeram separatas que ainda hoje se vendem na nossa Associação. Entre estas destacamos as «Noticias Arqueológicas», em 4 pequenos tomos, que constituem subsidios bibliográficos de grandíssima utilidade para quem deseja estudar a história da terras do País, das cidades à mais pequena freguesia. Tambem para a história da nossa Associação contribuiu com alguns pequenos opusculos.

Por todos estes motivos e pelas belas qualidades do seu caracter, a sua morte nos sensibilizou muitíssimo.

Não é tarefa facil o mencionar todos os actos de simples administração praticados durante o ano findo, nem o seu relato seria de utilidade.

Cumpre-nos, porém, apontar os principais. E' isso o que vamos fazer.

Em primeiro lugar está a impressão do *Boletim*. Terminámos o Tomo XIII 5.ª Série, publicando num só volume, composto de 74 paginas, os numeros 8 a 12.

Tomámos esta resolução não só para não demorar por mais tempo a conclusão do referido tomo, iniciado em 1913, mas ainda para melhor se poder seguir nova orientação na publicação do *Boletim*, assunto que muito ocupou a Direcção e que a Associação precisa resolver com brevidade. O numero publicado, na parte material, está longe de corresponder aos nossos desejos. Mas, quem conheça as dificuldades com que actualmente se luta para imprimir qualquer cousa, pôde bem avaliar as arrelias e o trabalho que teve o nosso consocio sr. Henrique Ferreira Lima, membro da comissão redactora, que acompanhou de perto a publicação do *Boletim*.

Mandaram-se tambem imprimir novas colecções de postais, de objectos do Museu, que ficaram compostas de 8 numeros, e mais 1.600 postais representando as fachadas, nascentes e poente, do convento do Carmo, aproveitando duas antigas gravuras.

Estes postais vendem-se com relativa facilidade, deixando algum lucro, além de serem óptimos elementos de propaganda.

Por proposta da Direcção, que vos dignastes aprovar, passou para 20 centavos a entrada no Museu. Este augmento, feito inicialmente a titulo de experiência, deu bom resultado, pois que a frequência não diminuiu. Entende a Direcção que os museus devem sêr gratuitos, mas não possuindo a nossa Associação outra receita nem auxilio algum do Estado, não lhe é possível dispensar a importância que actualmente cobra aos visitantes do Museu.

A fim de dar descanso ao pessoal, resolveu tambem a Direcção que o Museu estivesse encerrado ás segundas-feiras.

Junto do Comando Geral da Guarda Republicana empregou a Direcção as maiores diligências para se retirarem as antenas e projector que a mesma Guarda tinha estabelecido sobre a cobertura da nossa séde. E' justo e grato registar que da parte de todos os officiaes que desempenharam durante o ano aquele cargo encontrou sempre a Direcção o melhor acolhimento, tendo conseguido a retirada do projector, não permitindo as circunstancias a retirada das antenas.

Por ocasião destas instâncias procurou-se sempre reivindicar a posse da sacristia.

Tambem as circunstâncias não permitiram que estas diligências fôsem coroadas de exito completo, mas o sr. General Bernardo de Faria e Silva prometeu deixar consignado nos registos da Guarda Republicana os direitos que a Associação expôs perante aquele senhor e que ele achou assás ponderosos, depois de têr honrado esta Associação com a sua visita.

Não queremos deixar também de referir-nos, ainda que ligeiramente, a um incidente havido neste ano com alguns membros da Cruzada Nun'Alvares Pereira, cujo procedimento obrigou a Direcção a usar de meios um tanto violentos.

Não desejamos roubar-vos tempo com o relato minucioso dos factos ocorridos. Resumimos: Um membro da Direcção da Cruzada, aproveitando-se de uma licença que pessoalmente lhe fôra concedida (pelas suas especiais circunstancias), instalou abusivamente a secretaria daquela colectividade na casa á entrada da nossa séde, no lado direito.

Exgotados os meios suasorios para sêr transferido dali aquele organismo, viu-se a Direcção obrigada a mandar pôr tudo na rua, o que se fêz. Desejamos deixar aqui consignado que sôbre este assunto, como em todos os outros actos da nossa gerência, a Direcção procedeu sempre de perfeito acôrdo.

O incidente da Cruzada, chamemos-lhe assim, deu origem a uma das mais concorridas assembleias gerais administrativas de alguns anos a esta parte.

Pois não houve uma nota discordante, sendo todos unânimes em aplaudir as providências tomadas pela Direcção.

A proposito deste incidente e ainda de um pedido da Junta Arqueológica Nacional para realizar as suas sessões na nossa séde, a Direcção repeliu sempre todas as tentativas de absorção da nossa casa ou da sua partilha com outra colectividade.

REFORMA DOS ESTATUTOS

Conhecendo a Direcção a corrente que havia entre os sócios para se fazer uma reforma dos Estatutos, tendo por base a sua sanção em decreto, solicitou á mesa da assembleia geral, em harmonia com as disposições estatutárias, uma convocação para esse fim, que se efectuou, tendo o assunto sido estudado em várias sessões, estando agora affecto a Sua Ex.^a o Ministro da Instrução, que prometeu interessar-se pelas aspirações da Associação.

MUSEU DA CIDADE

Em julho, foi a Associação solicitada pela Camara Municipal de Lisboa para organizar e dirigir o Museu da Cidade, que a mesma Camara deseja criar no Edifício de Santo Antonio da Sé. Sendo o assunto levado á assembleia geral, aprovou esta um voto de confiança á Direcção para o resolver. Respondeu a Direcção á Camara aceitando o encargo e de fórma a resguardar completamente não só os interesses materiais como o bom nome da Associação.

Dessa resposta se vos deu oportunamente conhecimento, não tendo a Camara tomado ainda qualquer resolução.

Vão apensos os relatorios dos srs. Garcez Teixeira, Quirino da Fonseca e da Secção de Heraldica e Genealogia.

Edifício Histórico do Carmo, em 31 de Dezembro de 1921.

PELA DIRECÇÃO:

D. José Pessanha.

PRESIDENTE

Fração de Vasconcellos

SECRETÁRIO-RELATOR

MUSEOGRAFIA

Uma das mais instantes necessidades da Associação é a organização de um inventário dos objectos que constituem o seu museu e a publicação do catálogo. Todas as gerências o tem reconhecido, mas, infelizmente, ainda nenhuma conseguiu dar-lhe remédio.

Algum trabalho a gerência que finda realizou neste sentido, lançando as bases gerais do método a seguir e iniciando a sua efectivação.

Infelizmente, um facto lastimavel, do conhecimento de todos os sócios, o lamentavel desastre de que foi vítima o nosso consocio sr. Mena, privou-nos do trabalho valioso de um dos nossos mais prestimosos conservadores.

Em compensação, a copiosa recolha dos elementos dispersos no arquivo da Associação, referentes ao movimento do museu, que outro distinto conservador, o sr. dr. Felix Alves Pereira, laboriosamente coligira, veio animar-nos na execução do empreendimento, em que tambem nos foi um valioso auxilio o importante trabalho do sr. Afonso de Dornelas sobre os braços do museu.

Assim, começou-se a trabalhar nas seguintes bases que, seguidas com persistencia, poderão, com o auxilio de todos os sócios, conduzir a resultados completos dentro de um prazo relativamente curto.

A inventariação começou a ser feita segundo as seguintes bases :

- 1) — Será aproveitada, sempre que fôr possível, a numeração do catalogo de 1891;
- 2) — Os objectos que hoje se acham ligados em grupos terão um unico numero,
- 3) — Aos objectos que sob um mesmo numero se acharem agrupados, naquele catálogo, mas que sejam realmente separaveis, serão dados novos numeros, conservando só um deles o numero antigo;
- 4) — Aos objectos ainda sem numero no catálogo será dado um dos numeros vagos pela saída de outros objectos, começando-se pelos maiores, e seguidamente;
- 5) — Os actuais numeros, seguidos de letras, serão substituidos por numeros novos;
- 6) — Á medida que forem identificados os objectos com os do catálogo de 1891, ou que lhe seja dado um novo número, será logo o seu numero aposto a tinta de óleo, com estampilha ou etiqueta, fazendo-se logo um pequeno verbete que descreverá sumariamente o objecto;
- 7) — Em face deste verbete, serão feitas, em folhas de papel especial, preparadas para serem encadernadas mecanicamente, as descrições desenvolvidas dos objectos. Para o preenchimento destas folhas fôram elaboradas as necessârias instruções; e
- 8) — Em vista das suas especiais condições, as especialidades numismáticas constituem um inventário.

Dentro destas bases acham-se já inventariados 278 objectos, 99 com numeros do catálogo de 1891 e 179 com numeros novos.

Poderá parecer pequeno este numero, mas é necessario atender a que a identificação de alguns objectos ofereceu bastantes dificuldades e só depois de algumas tentativas é que se pôde obter com segurança.

Crêmos que se se persistir no prosseguimento do inventario sob estas bases,

dentro em pouco a Associação verá realizada uma das suas mais importantes aspirações.

É aqui ocasião para deixar consignado o reconhecimento da Direcção aos sócios que vieram trazer a sua valiosa coadjuvação para estes trabalhos. O primeiro foi o sócio sr. Julio Nunes de Freitas, que arrumou e classificou as medalhas do museu, cuja colecção foi bastante augmentada. Tambem o sócio sr. Samuel Schwarz fez uma valiosa monografia das lápides hebraicas, que não deixará de sêr publicada no nosso *Boletim*.

É com justificado jubilo que a Associação vê que o museu é aproveitado como elemento de estudo.

O sr. Samuel Schwarz, hoje nosso prestimoso consócio, aqui foi chamado pelas valiosas lápides hebraicas do museu. Tambem um escritôr e professor aqui veiu coligir documentos iconograficos para um seu estudo sobre cães portuguezes.

Como propaganda, obteve-se a inserção de alguns trechos do museu no «Seculo», edição da noute.

Durante o ano foi o museu enriquecido com valiosas entradas :

Do sr. D. José Pessanha, cinco medalhas grandes de bronze ; do sr. Cunha e Costa (Picóas), uma colecção de moedas antigas, medalhas e sinetes ; do sr. Vieira da Silva, várias peças de cerâmica e metal, provenientes do subsólo de Lisboa ; do sr. Frazão de Vasconcellos, uma pequena peça de ceramica mandada fazer pelo 1.º Visconde de Sardoal, e uma gravura representando um episodio da invasão francesa ; do sr. José Carlos Pereira de Sousa, trez instrumentos neolíticos provenientes das Caldas da Rainha, e do sr. Conde de Castro e Sola, uma importante colecção de sinetes heráldicos.

O Ministério da Guerra ofereceu algumas pedras valiosas que se achavam entre os materiais das demolições no convento de Odivelas.

A fórmula como o director do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, o sr. Coronel Ferreira de Simas, recebeu ali os delegados da Associação, e as facilidades que fêz para a cedência se efectivar e até para que os transportes sejam feitos pelo Instituto, são factos que aqui devem desde já ficar consignados, embora os objectos ainda não tenham dado entrada no museu.

O numero de bilhetes individuais vendidos durante o ano foi de 7.992 e os de familia de 68. Isto representa um numero de entradas superior a 8.500, bastante apreciavel. A média diária foi portanto de 25, tendo o maximo sido de 545, no dia 15 de Agosto.

Para terminar, faz a Direcção votos para que no próximo ano se continui no inglorioso mas importante trabalho do inventário e que todos os sócios concorram na medida das suas possibilidades para a sua rápida execução.

Edificio Historico do Carmo, em 31 de Dezembro de 1921.

O CONSERVADOR-RELATOR :

Garcez Teixeira

RELATÓRIO SOBRE O EXPEDIENTE DA BIBLIOTECA

Venho dar conta a V.^{as} Ex.^{as} do que me foi possível realizar no desempenho do encargo, com que me honraram, de Bibliotecário desta Associação durante o ano que findou, sentindo que nem a vossa expectativa nem o meu próprio empenho, tenham logrado um exito sufficiente.

No entanto, pelo que vou expôr, V.^{as} Ex.^{as} ajuizarão talvez que alguns esforços empreguei para que de todo não fôsse inutil ou imerecida a confiança com que me distinguiram.

Ao tomar conta dêsse encargo, a nossa Biblioteca, possuidora de valiosas tradições e apesar de ter quasi a mesma idade que o seu actual bibliotecário, ainda estava na infância da sua organização e não aponto esta circunstância em detrimento dos meus illustres antecessores.

Mas é que, dada a relativa extensão dos elementos bibliográficos que ali se iam reunindo e pelo facto de nunca ter sido iniciado o seu registo metódico, a melhor solicitude e competência dos Snrs. Bibliotecários deveria vacilar perante o reclamado esforço, desanimador por certo, de proceder a um trabalho completo de registo, verificação, catalogação e até direi — arrumação e limpeza.

Eu hesitei semelhantemente em empreender uma tarefa dessa ordem, tanto mais que exigia continuidade, vagar, e eu tambem não dispunha de tempo, durante as horas normais em que se encontra aberta a séde desta Associação.

Mas, ainda que mal, sempre vim a realizar esse trabalho que na presente data se encontra quasi ultimado, para o que me apraz declarar que muito contribuiu a constante solicitude e a coadjuvação entusiastica, por assim dizer, permanente, do nosso dedicado Director e meu apreciado amigo Snr. Garcez Teixeira.

Como V.^{as} Ex.^{as} terão reconhecido, a nossa Biblioteca não se encontrava em condições de nos prestar facil elucidação.

Não existia um catálogo onomástico que prontamente revelasse as obras existentes de qualquer autor.

Não existia um catálogo por assuntos, facultando ao interessado quais os elementos de que poderia lançar mão, no ramo da sua consulta.

Só havia uma incompleta catalogação em verbetes, pela ordem alfabetica dos titulos das obras, com distintas zonas de numeração para as obras portuguezas e para as estrangeiras.

As obras portuguezas abrangiam dos numeros 1 a 927, ou sejam 977 obras, onde se encontravam algumas repetições (sem qualquer variante bibliográfica e por vezes encadernados no mesmo volume).

As obras estrangeiras abrangiam dos numeros 1501 a 1804, ou sejam 303 obras distintas.

O total das obras catalogadas pela forma como indiquei, era pois de 1280.

Dos numeros 978 a 1500 existia por conseguinte, um vacuo que se ia gradualmente rarefazendo com as novas aquisições, mas quando preenchido ele, a sequencia das obras portuguezas decerto precisaria galgar por cima das obras estrangeiras, para continuar o seu curso sem promiscuidade de linguas, e assim sucessivamente.

Não se reconhecendo qualquer vantagem em que dentro das graves estantes

da nossa Biblioteca, se effectuassem estes invulgares acrobatismos de catalogação e existindo espécies bibliográficas mais que suficientes para ser preenchida a lacuna de 522 volumes em uma numeração consecutiva, pôde avançar esta até ao numero de 2520 obras registadas actualmente, em vez de apenas 1280 que estavam catalogadas, e, por conseguinte, o registo da nossa biblioteca aumentou no ano findo, 1240 obras, isto é, quasi tantas quantas estavam anteriormente catalogadas.

N'essas 2520 obras, compréendem-se 863 volumes encadernados e 1569 volumes brochados, sendo as restantes obras constituídas por publicações periódicas em fasciculos brochados.

A arrumação nas estantes, pela ordem numerica das obras, que era feita caprichosamente em sinosoide, a começar pela mais alta prateleira e descendo até à inferior, exigia incómodas ascensões e descenções, a propósito de qualquer busca e deixavam desocupadas de volumes, embora ocupadas com as mais variadas cousas extranhas á Biblioteca, numerosas prateleiras das mais acessiveis.

Foi modificada portanto, a arrumação dos volumes pela ordem numerica, a qual começando à parte inferior, circunda a sala da esquerda para a direita, até ás mais altas e inacessiveis prateleiras que tambem serão as ultimas a preencher.

De novo se organizou tambem um livro de registo das obras existentes pela ordem numerica e cronológica da sua entrada, registo que vai no segundo volume e abrange 497 paginas inteiramente preenchidas com a escrituração das 2520 obras até agora catalogadas.

Esse registo, que constitui um verdadeiro inventario, facilitará qualquer verificação futura e até a avaliação da Biblioteca.

O índice onomastico, tambem organizado de novo, compreende 616 autores portuguezes e 250 auctores estrangeiros, num total de 870 autores.

Pelo numero das suas produções, todas valiosas e existentes na nossa Biblioteca, sobrelevam em especial os nossos illustres consócios Snrs. Dr. Leite de Vasconcelos e Dr. Alves Pereira, os quais ainda felizmente contamos entre nós, e os já falecidos Drs. Sousa Viterbo e Xavier da Cunha.

Fôram organizados os indices das obras pela ordem alfabética dos seus titulos e divididos segundo os assuntos mais importantes, compreendendo dois grupos que se encontram arrumados em prateleiras distintas mas contiguos; um grupo diz respeito aos assuntos da especialidade da Associação, a saber:

- 1) Arqueologia
- 2) Pré-historia
- 3) Architectura em geral
- 4) Estudos sobre Edificios e Monumentos
- 5) Epigrafia
- 6) Pintura. Artes em geral
- 7) Genealogia
- 8) Nobiliarquia
- 9) Estudos biográficos. Elogios históricos
- 10) Numismática
- 11) Boletim, Revistas e outras publicações periódicas.

Outro grupo diz respeito a especialidades varias a saber:

- 1) História de Portugal
- 2) Publicações acerca de Lisboa
- 3) Noticias de localidades
- 4) Viagens
- 5) Museus
- 6) Exposições
- 7) Colonização. Campanhas coloniais. Conquistas e descobrimentos no Ultramar.
- 8) Religião. História eclesiástica. Ordens militares
- 9) Bibliografia
- 10) Cartas
- 11) Discursos. Conferências
- 12) Poesia
- 13) Teatro
- 14) Linguística
- 15) Dicionarios
- 16) Pedagogia. Instrução
- 17) Legislação
- 18) Estatística
- 19) Economia politica
- 20) Previdência. Beneficência
- 21) Náutica. Arte militar
- 22) Medicina. Higiene
- 23) Geologia. Mineralogia
- 24) Botanica. Agricultura
- 25) Almanagues, Anais. Anuarios
- 26) Assuntos diversos

Por esta forma de catalogação, os elementos da nossa Biblioteca poderão ser rapidamente conhecidos dos consultores, tanto mais que a mesma Biblioteca compreende muitas obras apreciáveis em vários ramos da bibliografia, e não somente nas especialidades relacionadas com os estudos arqueológicos.

Tendo a Direcção autorizado uma despesa até 200 escudos para melhoramentos da Biblioteca durante o ano social findo, efectuaram-se vários dispendios que se encontram escriturados num livro especial, importando numa soma de 173\$77 e espero não deixareis de apreciar um *superavit* ainda que modesto de 26\$23.

Encadernaram-se pois 84 volumes e brocharam-se 12. A média do custo de cada volume encadernado, foi de 1\$46, que julgo bastante reduzido em vista dos preços actuais dos trabalhos de encadernação.

A outra verba mais avultada da despesa, foi devido á compra de 40 cadernos de papel, consumo explicavel por se terem de fazer pelo menos 2110 verbetes novos.

Passo a indicar o que resta fazer para ficar absolutamente em dia a organização regular da nossa Biblioteca.

1) Inclusão de partes dos verbetes nos catalogos por assuntos e eliminar deles varios apontamentos a lapis que já fôram utilizados.

2) Registrar e arrumar devidamente um pequeno número de obras que ficaram para ultimo lugar ou que fôram encontradas recentemente.

3) Carimbar e numerar interiormente e fazer abrir as paginas de parte dos volumes já registados, muitos dos quais se mostram virgens de consulta, o que não é de estranhar pois que como virgens teem andado muito fora de mão.

4) Verificar definitivamente 6 obras antes relacionadas e que até agora se não encontraram.

5) Escribir um livro de registo especialmente destinado às obras incompletas ou em continuação, para facilmente se reconhecerem as faltas e se providenciar para serem completadas quanto possível.

6) Relacionar as obras repetidas e que fôram separadas do corpo da Bibliotheca

7) Relacionar as estampas

8) Relacionar as fotografias

9) Providenciar sobre o acrescentamento da Bibliotheca, pela solicitação aos autores e entidades diversas.

Creio que dentro de um ou dois mezes, todos esses trabalhos possam estar concluidos, e sentindo que o não fôsem dentro do prazo do mandato que V.^{as} Ex.^{as} me atribuíram, presto-me a efectua-los, se essa colaboração suplementar fôr julgada aceitavel até á entrega definitiva do cargo ao consócio que V.^{as} Ex.^{as} hoje nomearão para me substituir, substituição que desde já solicito.

Junto uma relação das 50 obras que deram entrada na nossa Bibliotheca durante o ano findo, sem contar com algumas publicações periodicas e publicações officiais, especialmente de estatistica.

Resta-me solicitar que seja levado á conta da natural impertinência de um trabalho desta ordem — alem da minha incapacidade — não ter sido mais rápido e mais perfeito, pois não deixará de exigir algumas correcções, conforme os lapsos que V.^{as} Ex.^{as} poderão ainda encontrar.

Lisboa, 25 de Março de 1922.

O BIBLIOTECÁRIO :

Henrique Quirino da Fonseca

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE HERALDICA E GENEALOGIA

Existe de facto a Secção de Heraldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses conforme o seu regular funcionamento ultimamente demonstra, apesar de ter estado paralisada por períodos largos, pois que tendo sido nomeados os socios que a deviam constituir em reunião da Assembleia Geral de 9 de Março de 1901, só foi instalada em 4 de Abril de 1910, funcionando mais ou menos até Agosto de 1912 e tendo finalmente uma grande interrupção de Janeiro de 1913 a Março de 1921.

Como demonstração do seu actual funcionamento e para conhecimento dos seus trabalhos, foi formulado o presente relatório, que devendo referir-se simplesmente em resumo ao ano de 1921, devia também ser a continuação de relatórios anteriores para assim ficar conhecida toda a sua existencia, mas como nunca foi apresentado qualquer outro relatório da sua vida, tomo a liberdade de descre-

ver os seus actos desde que foi formulada a sua primeira acta, que é de 4 de Abril de 1910, extractando as suas actas por forma a conhecer-se detalhadamente a sua história.

*

Foi sempre um desejo da Associação dos Arqueólogos Portugueses o possuir o catálogo dos brasões existentes no Museu, chegando a ser convidados sócios a fazer estudos dos mesmos brasões, como consta, por exemplo, da acta da sessão da Assembleia Geral de 12 de Maio de 1909 em que o saudável sócio sr. Rocha Dias propôs que fôsse convidado o sócio sr. João Guilherme Carlos Henriques a redigir para o *Boletim*, como elemento para o catálogo, de que se estava tratando, uma memória descritiva dos brasões, sarcófagos e campas existentes no Museu.

Depois em 18 de Março de 1909 o sr. Victor Ribeiro pede ao sr. Rocha Dias que, como melhor conhecedor do arquivo, estude a origem dos brasões existentes no Museu.

Não se conhece o resultado destas tentativas, apesar de já no Relatório dos Actos do Conselho Facultativo de 1901, constar que em face do Capitulo 7.º do artigo 30.º dos Estatutos e em conformidade com o que determina o artigo 20.º do Regulamento, tinham sido organizadas as secções, sendo a sexta incumbida dos estudos heráldicos, tendo sido resolvido em Assembleia Geral de 9 de Março de 1901 que à secção de Heráldica ficassem pertencendo os sócios srs. Visconde de Sanches de Baêna, Conde de Valenças, José do Espirito Santo de Bataglia Ramos e José Joaquim de Ascenção Valdez. Parece, porém, que nunca se reuniu esta secção, pois que nada consta do Arquivo da Associação.

*

A Secção de Heráldica foi de facto instalada em 4 de Abril de 1910, pelas 9 horas e um quarto da noite, na sala da Biblioteca da Associação dos Arqueólogos Portugueses, estando presentes os ex.^{mos} srs. Conde de Sabugosa, Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira, Luís Felipe de Freitas de Andrade Albuquerque de Bettencourt, Dr. Alvaro de Azeredo Leme Pinto e Melo, Francisco Nogueira de Brito, Jacinto de Andrade Albuquerque de Bettencourt, Gustavo de Matos Sequeira e o relator que subscreve esta exposição.

Justificaram a sua ausência o sr. Visconde de Castilho, que tinha sido convidado para presidente mas que justificadamente se recusou, e o sr. Ernesto da Silva.

Eram, pois, os nomes acima que compunham a Secção de Heráldica quando de facto se instalou.

Nesta primeira sessão principiou-se por fazer eleições, sendo por unanimidade eleitos: Presidente o ex.^{mo} sr. Conde de Sabugosa, Vice-Presidente o ex.^{mo} sr. Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira e Secretário o ex.^{mo} sr. Gustavo de Matos Sequeira.

Em seguida e como esplêndido início, o sr. Santos Ferreira apresentou um preciosíssimo estudo sobre a interpretação da *Tenção de D. Duarte*, que se acha repetida 212 vezes nas capelas imperfeitas do Mosteiro da Batalha e foi publicada no *Boletim da Associação* e em separata.

O sr. Matos Sequeira apresentou uma base do catálogo já bastante desenvolvida sobre os brasões esculpidos em pedra, existentes no Museu da Associação, sendo deliberado que se completasse o mais breve possível, e finalmente o sr. Santos Ferreira ficou encarregado de organizar o regulamento da Secção.

A segunda sessão, que se efectuou em 6 de Novembro ainda de 1910, ou seja, um mês e um dia após a mudança das instituições, começou pelo conhecimento da desagradável notícia da demissão de sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses do ex.^{mo} sr. Conde de Sabugosa, que muito contristou a Assembleia, por se ver privada do convívio de tão erudito sócio, acatando, porém, a deliberação de Sua Ex.^a que igualmente se tinha demitido de muitas outras instituições a que pertencia, devido aos acontecimentos políticos que se tinham dado.

Portanto, novas eleições se fizeram, sendo pelo seu resultado elevado a Presidente o ex.^{mo} sr. Major Guilherme Luís dos Santos Ferreira e a Vice-Presidente o ex.^{mo} sr. Alvaro de Azeredo Leme Pinto e Melo.

O sr. Santos Ferreira apresentou o projecto de Regulamento da Secção, que foi aprovado, pedindo-se a aprovação da Direcção.

Conversou-se sobre o catálogo dos Brasões do Museu.

Compaceu pela primeira vez na Secção o sr. João Rodrigues Fernandes.

A terceira sessão efectuou-se em 19 de Dezembro de 1910, continuando em discussão o catálogo dos Brasões do Museu.

Depois, o sr. Major Santos Ferreira, a propósito da nova bandeira de Portugal que se projectava e de que todo o país se estava ocupando, visto que os poderes públicos queriam substituir a bandeira do extinto regime, expôs largamente quais tinham sido as bandeiras e as armas de Portugal, as suas origens e composições, as diversas bandeiras militares que tinham existido, propondo o sr. dr. Alvaro de Azeredo Leme Pinto e Melo que Sua Ex.^a fizesse uma conferência pública, deliberando-se que se pedisse á Direcção que solicitasse da Sociedade de Geografia a cedência da Sala Portugal, o que de facto se levou a efeito em 31 de Dezembro de 1910, com grande assistência, sendo brilhantíssima a conferência sobre *As cores nacionais e a sua história*, de que a imprensa fêz largo eco.

A sessão seguinte foi em 14 de Janeiro de 1911, onde fêz a sua apresentação o sócio sr. Julio A. Ferreira. Foi recordada, com justos louvores para o sr. Santos Ferreira, a importantíssima conferência que tinha feito na Sociedade de Geografia de Lisboa.

O presente relator ofereceu-se para desenhar todos os brasões do Museu em folhas de tela para se reproduzirem e se distribuirem a todos os sócios, facilitando

assim o estudo de cada um, não só para se saber a que famílias pertenciam, como também donde teriam vindo para o Museu.

O Sr. Santos Ferreira propôs que se organizasse um trabalho que deveria ter por título *Brasões das famílias extra-peninsulares que se nacionalizaram na Armária Portuguesa desde o século XII até à actualidade*.

Estudada a forma de levar a cabo tão interessante empresa, resolveu-se que se começasse pela elaboração dum índice de apelidos nacionalizados, mas de origem estrangeira, sendo o alfabeto dividido em cinco partes, distribuídas pela seguinte ordem: Srs. Santos Ferreira, Afonso de Dornelas, Nogueira de Brito, Luiz de Bettencourt e Jacinto de Bettencourt.

Infelizmente, nada resultou do entusiasmo com que foi acolhida esta ideia.

O Sr. Nogueira de Brito apresentou o programa da *Société des Arts et des Sciences auxiliaires de l'Histoire*, sendo resolvido que a secção se inscrevesse sócia.

O Sr. Jacinto de Bettencourt propôs que se criasse na sede da Associação uma biblioteca especial de heráldica, concorrendo os sócios com as obras que pudessem depositar. Foram imediatamente prometidas obras da especialidade pelo Sr. Luís de Bettencourt, Nogueira de Brito, Jacinto de Bettencourt e pelo signatário deste relatório, que de facto as entregaram mas que, numa das interrupções da vida da Secção, retiraram.

Foi ainda lembrado pelo Sr. Júlio Ferreira, depois de expôr o seu modo de ver sobre o abandono em que se encontravam pelo país várias preciosidades arqueológicas, que se propusesse á Direcção a criação duma Secção de Monumentos Nacionais.

*

Na reunião de 8 de Fevereiro de 1911, onde fizeram a sua apresentação os Srs. D. José Pessanha e Francisco Soares O'Sulivand, apresentou o signatário deste relatório os desenhos de todos os brasões existentes no Museu, para poderem ser estudados pelos sócios.

Discutiu-se novamente o estudo sobre o índice dos brasões das famílias estrangeiras domiciliadas de longa data em Portugal.

*

A sessão imediata só se efectuou em 21 de Março de 1912 onde pela primeira vez compareceu o sócio Sr. Alberto de Gusmão Navarro.

Esta reunião foi convocada por ter a Assembleia Geral deliberado que as Secções elaborassem um questionário, a fim de, como circular, ser enviado a todos os estudiosos que na provincia se dedicassem a qualquer ramo da arqueologia. O Sr. Presidente apresentou um projecto que foi plenamente aprovado e em que pedia croquis de todos os escudos de armas que existissem nas localidades onde residissem os solicitados, com o maior numero de elementos possível. Esta circular, primorosamente elucidativa, está incluída no nosso *Boletim*, num estudo que for-

mulei intitulado *OA Heráldica no Museu do Carmo* e que incluí no I Volume da *Historia e Genealogia*.

O Sr. Nogueira de Brito fêz uma comunicação sobre o apelido Caiado, demonstrando ser muito anterior á epoca em que se diz ter sido usado pela primeira vez em Portugal. Tambem o sr. Presidente, referindo-se ao mesmo assunto, diz que Vilas Boas na sua *Nobliarchia* já cita este nome, indicando que cem anos antes já era conhecido.

O Sr. Santos Ferreira dá a importante noticia de que em breve iniciará a publicação do seu *Armorial* escrito em português e francês.

Em 20 de Maio seguinte, retiniu novamente o Secção de Heráldica, sendo lido o expediente onde já havia respostas á circular pedindo croquis de brasões, prometendo o Sr. Hipólito de Vasconcelos Maia, de Viseu, e o sr. Pedro Fernandes Tomaz, da Figueira da Foz, que em breve enviariam os croquis desejados, enviando o Sr. Antonio de Melo Breyner nove croquis de brasões existentes em Serpa e o Sr. Augusto Goltz de Carvalho, quatro de Buarcos.

O Sr. Santos Ferreira, que presidia, falou sobre os brasões das Cidades e Vilas e da extraordinária necessidade de se estudarem, pois que grandes erros laboravam nesses interessantes simbolos, parecendo-lhe que esta Secção prestaria um util serviço aos municípios, ocupando-se deste estudo. Assim foi resolvido.

O Sr. Nogueira de Brito leu um interessantissimo estudo sobre o apelido *Pedra Alçada*, que foi muito apreciado.

*

A sessão de 14 de Agosto de 1912, foi tôda tomada por uma brilhantissima comunicação do seu presidente o Sr. Santos Ferreira, sobre os brasões das Cidades e Vilas, passando a descrever a origem dos brasões de Coimbra, Vila Real de Traz-os-Montes, Juromenha, Viana do Alemtejo, Abrantes, Certã e Albufeira. Foi apreciadissima esta interessante e erudita comunicação, que foi na íntegra publicada no *Diário de Noticias*.

*

Em 18 de Dezembro seguinte, o Sr. Jacinto de Bettencourt, que secretariou, como quasi sempre succedeu, leu cópia do officio que tinha sido enviado ao Sr. Dr. Luís Bernardo Leite Ataíde, de Ponta Delgada, sobre o brasão do respectivo município, falando sobre este assunto o presidente Sr. Santos Ferreira, que tambem se referiu ao brasão da cidade de Lisboa, cujo corvo á proa do navio, julga ser primitivamente o Corbus inventado por Duilio, para ser empregado como engenho de abordagem contra os Cartagineses.

Foi nesta sessão resolvido officiar á Commissão Executiva da Lei de Separação, pedindo-lhe que antes da demolição de quaisquer edificios sob a sua administra-

ção, elles pudessem sêr visitados por delegados desta Secção, a fim de se evitar o desaparecimento de monumentos heráldicos.

Finalmente, em 15 de Janeiro de 1913, ultima, das sessões desta fase de actividade da Secção de Heráldica, foi nomeada uma comissão composta dos Srs. Santos Ferreira, Matos Sequeira, Jacinto de Bettencourt e do signatário deste relatório, para se completar o catálogo das pedras brasonadas do Museu, mas tal comissão nunca se chegou a retinir, tendo apparecido apenas o estudo feito por mim, ao qual acima me referi e a que puz o nome de *A Heráldica no Museu do Carmo*.

O Sr. Santos Ferreira, acêrca de uma consulta feita pelo signatário d'este relatório, sobre o brasão da familia *Infante*, descreveu dois brasões usados por esta familia e que são os dos Lopes e dos Sobrinhos.

O Sr. Jacinto de Bettencourt, que mais uma vez secretariou, propôs que dos desenhos de brasões enviados em resposta á citada circular se solicitasse do Sr. O'Sulivand que fizesse um album, o que foi aprovado mas que nunca foi levado a effeito, sendo muito apreciada a grande quantidade de desenhos de brasões do concelho de Resende, enviados pelo Sr. Dr. Alvaro de Azeredo Leme Pinto e Melo e acompanhados por judiciosas considerações.

O Sr. Luis de Bettencourt apresentou uma carta do Sr. Pedro Fernandes Tomaz, da Figueira da Foz, sobre um mal entendido referente ao estudo dos brasões existentes nas localidades, sendo resolvido que se lhe officiasse aclarando o assunto.

Aqui terminou, pois, a primeira fase de actividade da Secção de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portuguezes que teve 10 sessões, sendo a primeira presidida pelo Sr. Conde de Sabugosa e as restantes pelo Sr. Major G. L. Santos Ferreira, duas secretariadas pelo Sr. Gustavo de Matos de Sequeira e as restantes pelo Sr. Jacinto de Andrade Albuquerque Bettencourt, tendo comparecido :

O Sr. Conde de Sabugosa, uma vez, o Sr. G. L. dos Santos Ferreira, dez vezes ; o sr. Gustavo de Matos Sequeira, trez vezes ; o sr. Jacinto de A. A. Bettencourt, dez vezes ; o sr. Luis Felipe de F. A. A. Bettencourt, seis vezes ; o sr. dr. Alvaro de Azeredo L. P. e Melo, trez vezes ; o sr. Francisco Nogueira de Brito, nove vezes ; o sr. João Rodrigues Fernandes, cinco vezes ; o Sr. Francisco Soares O'Sulivand, seis vezes ; o Sr. Julio A. Ferreira, uma vez ; o Sr. D. José Pessanha, trez vezes ; o Sr. Alberto de Gusmão Navarro, quatro vezes ; Afonso de Dornelas, seis vezes.

*

Com a entrada de novos sócios para a nossa Associação, voltou a ideia de fazer reviver a Secção, sendo o motivo o ter apparecido um pedido da Camara Municipal da Marinha Grande para ser dado o parecer da Associação sôbre um projectado brasão para o Concelho e o Sr. Dr. Perry Vidal ter apresentado um pedido

do Consul Português em Casa Blanca (Marrocos), Dr. Costa de Moraes, para se estudar um brasão encontrado em Mazagão.

E assim a Assembleia Geral de 15 de Janeiro de 1921 nomeou uma comissão composta dos Srs. Capitão de Fragata Quirino da Fonseca, Conde do Almarjão, Major Ferreira Lima, Frazão de Vasconcelos e o signatário deste relatório para estudar a resposta a dar à Camara Municipal da Marinha Grande, da qual foi nomeado relator o signatário deste relatório, sendo considerada a reunião desta comissão como se fôsse da Secção de Heráldica, de que se não lavrou acta mas ficou o parecer sobre o brasão em questão, já publicado no XIII Volume da Associação, e no X Volume da *História e Genealogia* que se está imprimindo.

*

Deu-se, pois, o início à segunda fase da vida da Secção de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sendo de facto a primeira sessão em 3 de Março de 1921, estando presentes os Ex.^{mos} Srs. Francisco Nogueira de Brito, Conde do Almarjão, Frazão de Vasconcelos, Dr. Frederico Guilherme Romano Gavazzo Perry Vidal, Major Henrique de Campos Ferreira Lima, João Perestrelo, Dr. Jordão de Freitas, José Rodrigues Simões, Dr. Felix Alves Pereira e Coronel Francisco Augusto Garcez Teixeira.

Presidiu, por deliberação dos presentes, o sr. Francisco Nogueira de Brito e secretariou o Sr. Frazão de Vasconcelos, sendo lida a ultima acta que era de 25 de Janeiro de 1913 e recordando o Sr. Presidente a vida da primeira fase da Secção de Heráldica e de Genealogia.

Por proposta do Sr. Conde do Almarjão, foi eleito por aclamação o presente relator para Presidente, para Vice-Presidente e para Secretário, respectivamente, os Srs. Nogueira de Brito e Frazão de Vasconcelos.

O Sr. Dr. Alves Pereira declara que assiste à sessão como membro da Direcção e propõe um voto de sentimento pelo falecimento do antigo e estimado consocio Sr. Rocha Dias.

Houve larga discussão sobre a organização de um *Boletim* e da congregação dos trabalhos desta Secção com os do Instituto Português de Diplomática.

O Sr. Dr. Perry Vidal fala sobre um brasão encontrado em Mazagão e duma inscrição referente ao Adail Luis de Loureiro, generalizando-se a discussão sobre o assunto, sendo nomeada uma comissão para o estudo do mesmo problema, composta dos Srs. Nogueira de Brito, Dr. Perry Vidal e pelo presente relator.

O Sr. Dr. Alves Pereira ofereceu uma reprodução em pasta dum brasão existente na Torre de Tóra, em Arcos de Val de Vez.

*

Reuniu novamente a Secção em 15 de Abril do mesmo ano, agradecendo o novo presidente a sua eleição para tal cargo, declarando que se sentia acanhado no lugar que ocuparam os Ex.^{mos} Srs. Conde de Sabugosa e Major Santos Ferreira, que tanto prestígio deram à Secção, que agora se vê insignificamente dirigida,

dando-lhe contudo forças a esperança de que todos o ajudem a equilibrar tanto quanto possível a unica instituição no género que há em Portugal.

Propôs o Presidente que se renovasse a ideia posta há anos em prática de se enviarem circulares para a província às pessoas que possam facultar elementos para o estudo da heráldica em Portugal. Lembra a vantagem que haveria de concentrar num só estudo a retinião dos trabalhos que há sobre cartas de brasões, juntando-lhe referências sobre todos os que existam inéditos.

Foram muito apreciados o II Volume da *Bibliografia Nobliarquica Portuguesa*, que recentemente publicou o nosso consócio Sr. Dr. Eduardo de Campos (Carcavelos) e o I Volume do *Armorial Português* do grande heraldista Sr. Santos Ferreira.

O Sr. Dr. Perry Vidal pediu que se estudasse um brasão estrangeiro que apresenta e o Sr. Frazão de Vasconcelos apresenta o brasão de Almeirim com belos elementos históricos que o justificam.

O Sr. Rodrigues Simões apresenta uma proposta, que foi plenamente aprovada, da organização de uma exposição de heráldica portuguesa, desenvolvendo considerações muito interessantes.

Para estudar este assunto foi nomeada uma comissão composta do proponente, dos Srs. D. José Pessanha, Conde do Almarjão, Frazão de Vasconcelos e do Presidente da Secção.

O Sr. Quirino da Fonseca apresentou um estudo sobre a familia de Fernão de Magalhães.

*

Em 29 do mesmo mês, nova sessão em que o Presidente se refere á sessão comemorativa da volta ao mundo por Fernão de Magalhães, levada a efeito pela Academia das Sciencias de Lisboa, e ao esplendido trabalho do Sr. D. José de Noronha sobre o mesmo navegador publicado no *Instituto*, de Coimbra.

O Sr. Ferreira Braga apresentou uma carta de brasão passada em 1567 a Heitor Borges Barreto; o Sr. Conde do Almarjão apresentou uma miniatura brasonada de execução primorosa do Sr. Dr. Brito e Silva, e o Sr. Frazão de Vasconcelos referiu-se a uma pedra brasonada existente nas ruinas do Convento de Nossa Senhora da Serra, de Almeirim, e que serviu de sepultura de Fernão Soares, falecido em 1544. Sobre este brasão, que é esquartelado de Calatayudes (ramo da familia Zapata) e Figueiróas, faz o mesmo senhor uma interessante comunicação.

O Sr. Dr. Perry Vidal fez uma circunstanciada comunicação sobre o túmulo de Égas Moniz e o Sr. Ferreira Lima falou sobre uns *ex-libris* exteriores pertencentes á colecção do nosso consócio Sr. Matias de Araujo Lima.

*

Em 13 de Maio seguinte, voltou a falar-se nas circulares para obtenção de informes sobre a heráldica espalhada por todo o país, lembrando o Presidente que se distribuíssem pelos sócios uns verbetes especiais para cada um indicar a sua colecção de obras sobre heráldica e genealogia. Depois, ainda o Presidente se refere

ao brasão que a Espanha destinou a Fernão de Magalhães, por ter circundado o mundo, mas como tivesse morrido na volta, foi este dado a Sebastião del Cano que foi o Chefe do resto da expedição que chegou a Espanha.

O Sr. Ferreira Lima apresentou 35 folhas com brasões portugueses, gravados e coloridos e referiu-se ao brasão do Barão de Caçapava; o Sr Rodrigues Simões refere-se aos trabalhos para a exposição de Heráldica e o Sr. Frazão de Vasconcelos fez uma importante e erudita comunicação sobre António de Albuquerque Coelho, o heroi da *Jornada* de Velez Guerreiro, e sôbre a genealogia da familia do mesmo, e o Sr. Matias de Araujo Lima apresentou um *ex-libris* exterior da sua colecção de encadernações.

O Presidente referindo-se a um brasão estrangeiro de que o Sr. Dr. Perry Vidal tinha pedido se investigasse a origem, diz ser dos príncipes de Pfaltz (Palatinato do Rêno) e teceu merecidissimos elogios ao trabalho do Sr. Quirino da Fonseca sobre o brasão da cidade de Lisboa.

*

Em 27 do mesmo mês, o Presidente refere-se ao trabalho que o Sr. Santos Ferreira prometeu ir fazer sôbre os brasões das Cidades e Vilas, fazendo em seguida considerações sôbre a origem dos mesmos brasões, falando ainda sôbre um brasão existente no edificio das Cortes, que é esquadrelado, parecendo que dois dos quartéis têm a cruz de Malta, que é perfeitamente direita. Tentará, num mais minucioso estudo, procurar decifrar o assunto. O Sr. Ferreira Lima ofereceu para o nosso arquivo cinco folhas brasonadas impressas contendo ao todo 45 escudos de familias portuguesas.

O Sr. Dr. Perry Vidal informou que foi solicitado pelos Governos da Argentina e Uruguay de coligir os documentos referentes áqueles paises, que existam em arquivos portugueses.

*

Em 15 de Julho de 1921, o Presidente apresentou parte do seu estudo sobre a lápide de Luís de Loureiro e o brasão existente em Mazagão, tendo conseguido ler a primeira e tendo reconhecido a impossibilidade de perceber a segunda, atendendo ao péssimo desenho, sendo porém de opinião todos os presentes que o 2.º quartel é dos Vasconcelos.

Apresenta o Presidente uma carta que recebeu pedindo para a Secção fazer um estudo sobre o Brasão da Figueira da Foz, ficando encarregado pela secção de fazer esse estudo, assim como os de Sesimbra e Bombarral, conforme pedidos das respectivas Câmaras Municipais.

*

Em 10 de Dezembro seguinte o Presidente comunica que está fazendo um estudo sôbre um brasão que faz parte dum sino que foi encontrado em Quiloa e apresenta o seu trabalho definitivo sôbre a lápide referente a Luis de Loureiro e

à pedra brasonada encontrada em Mazagão, satisfazendo assim o pedido do Sr. Costa de Moraes, nosso Consul em Casa Blanca.

Este trabalho já foi publicado no IV Volume da *História e Genealogia*.

O Sr. Matias de Araujo Lima apresentou alguns exemplares da sua preciosa colecção de encadernações antigas, que foram muito apreciados.

*

Finalmente, em 30 de Dezembro de 1921, o Presidente apresentou o seu parecer sôbre o brasão de armas existente num sino de origem alemã encontrado em Quiloa a que na sessão anterior fizera referência, e que vai incluir no seu X Volume da *Historia e Genealogia*, que está no prelo.

O Sr. Frazão de Vasconcelos apresentou um relatório da Camara Municipal de Cascais, no qual se trata de um fantástico brasão para aquela vila, ficando encarregado de estudar o mesmo senhor o assunto.

O Sr. Rodrigues Simões apresentou alguns interessantes exemplares de encadernações brasonadas e uma carta de brasão inédita concedida em 1638 a Francisco da Silva de Noronha.

Lastimou-se profundamente o falecimento do grande historiador e especialista em heráldica e genealogia, Sr. Anselmo Braamcamp Freire.

O Presidente apresentou o seu parecer sobre o brasão do Bombarral, o qual foi aprovado e vai publicar no referido X Volume da sua obra *História e Genealogia*.

*

Efectuou portanto a Secção de Heráldica e de Genealogia da Associação dos Arqueólogos Portugueses, oito sessões em 1921, sendo a seguinte a assistencia :

O Sr. Francisco Nogueira de Brito, uma vez; o Sr. Conde do Almarjão, cinco vezes; o Sr. Frazão de Vasconcelos, oito vezes; o Sr. Dr. Frederico Perry Vidal, sete vezes; o Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima, sete vezes; o Sr. João Pestrello, uma vez; o Sr. Jordão de Freitas, trez vezes; o Sr. José Rodrigues Simões, sete vezes; o Sr. Dr. Alves Pereira, uma vez; o sr. Francisco Augusto Garcez Teixeira, duas vezes; o Sr. Júlio Nunes de Freitas, seis vezes; o Sr. José Ferreira Braga, cinco vezes; o Sr. Henrique Quirino da Fonseca, uma vez; o Sr. Jesuino Artur Ganhado, quatro vezes; o Sr. Matias de Araujo Lima, duas vezes; o Sr. Visconde de Santarem, uma vez; o Sr. Augusto Cesar da Silva, uma vez; o Sr. Luis Chaves, uma vez; o Sr. Francisco de Melo Brayner de Loureiro Almeida de Vasconcelos, uma vez; Afonso Dornelas, sete vezes.

*

Aqui fica, pois, relatada a história da Secção de Heráldica e de Genealogia da Associação dos Arqueólogos Portugueses, desde a sua primeira sessão até fins de 1921, em que ao todo effectuou 18 sessões, tomando durante o ano de 1921 a inte-

ressante fase de ser solicitada por alguns Municípios de estudar o seu selo e portanto o brasão, o que lhe dá um aspecto e auctoridade muito apreciavel.

E' de esperar, pois, que com tão bons elementos como são aqueles que a compõem, muito haja a lucrar o desenvolvimento dos conhecimentos heráldicos e dos estudos genealógicos.

Muito util seria que para demonstração da sua existência e dos seus trabalhos, a Associação dos Arqueólogos criasse uma publicação onde incluisse, já não digo o extracto de todas as suas communicações, mas pelo menos o extracto da parte scientifica da sua acção.

Lisboa, Março de 1922.

O PRESIDENTE

Affonso de Dornellas

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE NUMISMÁTICA

Determina o art.º 60.º do nosso Estatuto que, na sessão da Assembleia Geral de Estudo do mês de Março, as secções de que trata o art.º 57.º do mesmo Estatuto, apresentem um breve relatório dos trabalhos effectuados durante o ano anterior.

E' deste encargo que o signatário do presente documento, na sua qualidade de secretário-relator da secção de Numismática, vem hoje desempenhar-se, penitenciando-se ao mesmo tempo por não haver dado cumprimento àquella disposição estatutária dentro do prazo legal.

Ao entrar no assunto, começarei por vos dizer, que, sendo este o primeiro relatório apresentado pela nossa secção, tem êle de abranger um periodo mais amplo do que aquele que a lei lhe prescreve, pois tem de relatar-vos todos os factos que se teem dado desde a sua instalação, a qual teve lugar no dia seis de Maio de 1910.

A contar desse dia, é forçoso confessar-vos que a vida desta secção tem sido irregular e improduttiva, como irregular foi logo o seu início, pois teve de celebrar-se a solenidade da instalação fora deste histórico edificio, que é nossa séde, o que só encontra desculpa em dificuldades então insuperaveis, nomeadamente o estado de saude sempre precário do nosso então presidente, o Ex.º Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, infelizmente já hoje falecido.

Foi tambem causa do pouco desenvolvimento que esta secção tem tido, e naturalmente continuará a ter, a falta de inscrição de sócios que apreciem e cultivem, com conhecimento de causa, este interessante ramo da arqueologia, aliás muito apreciavel sob varios pontos de vista, especialmente artístico, histórico, iconográfico e económico.

A Numismática é uma sciência, cujo estudo preenche as aspirações de espiritos cultos, que procuram occupação agradável e instruttiva, servindo-lhes simultâneamente de recreio proveitoso.

Coleccionar, diz Francesco Gnechi, é, sem contestação, um prazer inigualavel, seja qual fôr a especialidade scientifica da colecção, mas, nem em todos existe um interesse igual ao da colecção numismática, que nos faculta, por assim dizer, o

estudo da Humanidade nas suas relações religiosas, civis, sociais, políticas e económicas. Os monumentos que representam essas diversas relações, isto é, os *numismas*, encontram-se hoje no estado, de forma, de côr, de pêsso e de matéria, em que estavam no dia em que foram postos em circulação, embora contem séculos ou milhares de anos de existência.

São ainda esses *numismas* que nós empunhamos, que nós analisamos e estudamos, os legítimos representantes de civilizações que passaram, das várias autoridades, dos reis, dos príncipes, das cidades e povos que os fizeram cunhar, e, como tais, falando presentemente a mesma língua de então, são testemunhas coevas, e incorruptíveis de factos, alguns dos quais a história mesmo não dá notícia. Servem para corrigir datas erradas, para rectificar legendas de inscrições mal interpretadas e são de infinita duração se forem carinhosamente conservados.

Uma colecção de moedas dá lugar a um útil e proveitoso estudo, se for guiado pelas leis e ensinamentos da Numismática.

E', portanto, para lamentar que esta Secção tenha sido tão abandonada, como vamos demonstrar, em presença das poucas actas que possuímos, lavradas no longo periodo de doze anos.

Foi a primeira elaborada pelo distinto numismático e talentoso escritor, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Arthur Lamas, sendo a sessão presidida pelo extinto Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, à qual assistiram os Ex.^{mos} Snrs. Dr. José Leite de Vasconcellos, (vice-presidente), Gabriel Pereira, Ascensão Valdez, D. Fernando de Almeida e Roberto Schore, não podendo ter comparecido por motivos justificados os restantes sócios, membros da secção, os Ex.^{mos} Snrs. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Henrique de Campos Ferreira Lima, Dr. Alvaro de Azevedo e o signatário do presente relatório. Foi esta sessão, como se disse, a de instalação, acidentalmente realizada no dia 6 de Maio de 1910, em uma das salas da sede da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, ao Rossio. Os assuntos que então se versaram recaíram sobre a apreciação dos antigos dinheiros, conhecidos por *Contos para contar* e sobre a apresentação de folhetos escritos em português sobre Numismática, os quais foram bastante apreciados pela sua raridade.

O Snr. Roberto Schore apresentou cinco decalques de moedas portuguesas muito interessantes, que o mesmo snr. disse existirem no Muséu Britânico de Londres, entre os quais figura, como *inédito*, um ceutil de cobre de Afonso V, tendo aos lados das torres um *C* e um *E*. (*Ceuta*).

Foi apresentada a ideia de se estudarem convenientemente as colecções de moedas que existem em Museus estrangeiros, algumas das quais são, entre nós, apenas conhecidas de nome.

Pelo snr. Dr. Arthur Lama foi lido um belo trabalho seu, sobre uma medalha muito rara do Cardial D. Jorge da Costa (Cardial de Alpedrinha), que hoje existe na *Escole des Beaux Arts*, de Paris.

E assim se inaugurou esta secção, que, como adiante se verá, esteve inactiva durante onze anos e onze dias, porque a segunda sessão teve lugar a 17 de maio de 1921.

A esta segunda sessão, que foi presidida pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. José Leite de Vasconcellos, assistiram mais os Ex.^{mos} Snrs. Conde do Almarjão, Henrique de

Campos Ferreira Lima, Júlio Nunes de Freitas, Dr. Perry Vidal, José Rodrigues Simões e D. José Pessanha, secretariando o signatário deste relatório.

Dentre outros assuntos de antes da ordem da noite, tratou-se do numisma a que a nota anterior se refere, cujo decalque o Snr. Roberto Schore apresentou, como inédito na sessão de 1910, o que o mesmo signatário do presente relatório refutou, provando que o ceitil de D. Affonso V, com as letras C e E, não era um inédito, por isso que já em Janeiro de 1903, isto é, sete anos antes, o «Archeologo Portuguez», no seu VIII.º Vol., a pág. 24, tinha publicado uma monografia sua, em que se historiava o referido numisma, até então desconhecido, exemplar que por essa ocasião mostrou, por fazer parte, havia longo tempo, do seu medalheiro.

O Snr. Rodrigues Simões, na qualidade de membro da Direcção, disse que muito se congratulava em ver novamente a funcionar uma Secção tão útil como é esta, que ha tantos anos se achava inactiva e à qual desejava todas as prosperidades.

Foram muito apreciadas umas Revistas estrangeiras de Numismática apresentadas pelo Ex.º Sr. Presidente e bem assim alguns trechos da sua bela obra, que então se achava em via de publicação intitulada, *Da Numismática em Portugal*.

O Ex.º Sr. D. José Pessanha fêz uma interessante oferta dalgumas medallas para a nossa colecção e o Snr. Nunes de Freitas lembrou que seria vantajoso que a nossa Secção se puzesse em contacto com algumas associações de numismática do estrangeiro. Bôa ideia sem duvida em que de certo muito teriamos a lucrar, mas talvez irrializável, por nos faltarem elementos de permuta com essas associações.

No dia 20 de junho do ano transacto, realizou-se a 3.ª sessão, à qual assistiram, além dos membros da secção, os Ex.ºs Snrs. Garcez Teixeira, Dr. Felix Alves Pereira e Frazão de Vasconcelos o que, até certo ponto, deu uma prova evidente do interesse que os nossos assuntos iam despertando. Mas, chegou a época de férias e suspenderam-se os nossos trabalhos.

Dessa sessão última não damos, por enquanto, notícia, por estar a respectiva acta ainda dependente de leitura e aprovação, o que até agora se não tem podido realizar por vários motivos, aliás muito atendíveis.

Lisboa, 29 de Abril de 1922.

O SECRET.º RELATOR:

José Ferreira Braga

RELATÓRIOS DA GERÊNCIA DE 1922

No cumprimento das disposições estatutárias, a Direcção vem hoje gostosamente, mas em poucas palavras, para não abusar do precioso tempo de V. Ex.^{aa} dar conta do seu mandato, relativo ao anno de 1922.

Conquanto não se trate duma iniciativa sua, a Direcção não pode deixar de se congratular pelo facto de ter sido durante a sua gerência que se inaugurou nesta casa o Museu da Cidade de Lisboa, folgando de ter assim ensejo de prestar pública homenagem aos nossos consócios Jesuino Ganhado, Afonso de Dornelas e Gustavo de Matos Sequeira, que tanto e tão brilhantemente concorreram para esse acto de tão benéficos resultados para a colectividade scientifica a que nos honramos de pertencer. Como está na memória de todos, o Museu foi inaugurado em 10 de Junho p. p., sendo a cerimónia presidida pelo Chefe do Estado e assistindo a ela os vereadores do município de Lisboa e os representantes de várias câmaras municipais do país, então na capital para assistirem ao congresso municipalista. Do discurso de abertura se encarregou o nosso ilustre consócio Matos Sequeira e não surpreendeu ninguem a forma brilhante como S. Ex.^a fêz as honras desta casa, saüdando em frase finamente burilada, aos nossos hóspedes e fazendo ressaltar, inteligentemente, as vantagens que para o culto do passado resultaram da aliança firmada nesse dia, sob todos os aspectos festivo, entre a Camara Municipal de Lisboa, proprietária de grande número de objectos expostos no Museu, e a Associação dos Arqueólogos Portugueses, a cuja guarda os mesmos foram confiados.

Um dos primeiros cuidados da Direcção foi assegurar a continuação das nossas publicações, de forma a manter a comunicação espirital entre a nossa Associação e as sociedades scientificas do país e do estrangeiro.

Para esse fim, logo que tomou posse, a Direcção reuniu conjuntamente com a Comissão de Redacção, sendo resolvido suprimir o antigo Boletim e substituí-lo por uma publicação anual, intitulada «Arqueologia e História», formando volumes não inferiores a 160 páginas. Nesta ordem de ideias, assentou-se em várias medidas de natureza administrativa, tendentes a assegurar à publicação, não um character luxuoso, porque o não permitem os meios de que dispomos, mas um aspecto decente, que lhe facilite um bom acolhimento por parte do publico estudioso.

O primeiro volume, referente a 1922, está prestes a ver a luz da publicidade.

*

Tambem a Direcção consagrou os melhores esforços e o seu maior carinho em conseguir que pelo Governo fôsem aprovadas as bases da futura reforma dos

nossos estatutos, sendo com o maior júbilo que comunicamos a V. Ex.^{as} que os desejos desta agremiação acabam de ser coroados do melhor êxito.

Em decreto com N.º 8630, publicado no «Diario do Governo», de 20 de Março p. p., assignado pelo Chefe do Estado e por todos os ministros, o governo da Republica não só definiu os fins da Associação dos Arqueologos Portuguezes como tambem nos reconheceu a posse das ruinas da Igreja do Carmo e nos concedeu a respectiva tôrre e sacristia, concessão esta a efectivar em momento oportuno.

Acresce que foi tambem decretado que as insígnias da nossa Associação possam ser usadas em actos officiais, a par com as condecorações do Estado, que nos foi concedida a isenção de franquia postal e bem assim que os objectos destinados ao nosso Museu sejam trasportados gratuitamente nas linhas do Govêrno.

Tudo isto, meus Senhores, eleva de tal forma esta colectividade, conquista-lhe um tal prestígio, que é de molde a que todos nos felicitemos pelos bons resultados obtidos, consequência não só do esforço de todos nós, os que hoje vivemos aqui, mas tambem e muito principalmente do esforço daqueles, já hoje, infelizmente, mortos, que nesta Associação nos precederam, e cujo trabalho inteligente, honesto e patriótico deveras concorreu para facilitar a vitoria agora obtida.

*

Dos outros actos, simples questões de gerência interna, não é necessário fazer a enumeração a V. Ex.^{as}, nem grande interesse apresenta a sua exposição minuciosa, que se encontra nas actas da reunião da Direcção. A parte mais interessante, a que se refere ao movimento dos sócios e ao nosso estado financeiro, consta do relatório do Sr. Rodrigues Simões, pelo qual se verá que temos conseguido fazer face a todas as despesas desta Associação, que já por duas vezes augmentámos o ordenado dos nossos empregados e que estamos habilitados a satisfazer a enorme despesa que nos acarreta a publicação da «Arqueologia e Historia». Foi para isso necessário lançar mão de recursos extraordinarios, de que V. Ex.^{as} teem conhecimento, como foram a elevação das quotas e o augmento, de 2 para 3, e, mais tarde, de 3 para 5 tostões, dos bilhetes de entrada no nosso Museu.

Devemos, entretanto, ponderar que, mantendo na medida do possível o critério de que os museus são locais de estudo, cujo acesso por conseguinte se deve facilitar, a Direcção nunca recusou licença às colectividades que lha solicitaram para aqui virem instruir-se. Foi obedecendo a esta ordem de ideias, que, no decorrer do ano p. p., recebemos a visita dos alumnos da Escola Primaria n.º 28 e do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional.

Devemos tambem informar V. Ex.^{as} que vão ser lidos os relatórios do conservador sr. Coronel Garcez Teixeira e do bibliotecário sr. Quirino da Fonseca.

*

Terminando, é dever nosso registar que a Direcção tem mantido as mais cordiais relações com várias corporações e personalidades de destaque, das quais temos recebido as maiores demonstrações de deferência e carinho por esta Associa-

ção, sendo justo especializar, além dos altos poderes do Estado, o Ex.^{mo} Sr. Luciano Freire, Vice-Presidente do Concelho de Arte e Arqueologia, a Camara Municipal de Lisboa e o Comando da Guarda Republicana.

Lisboa, 7 de Abril de 1923.

PELA DIRECÇÃO :

Julio Nunes de Freitas

RELATOR

MUSEOGRAFIA

Catlogação. Não progrediu tanto quanto era nosso desejo a Catalogação já iniciada no ano findo.

Os múltiplos serviços dos conservadores não permitiram adiantá-la sensivelmente.

Esta causa levou até o relator a solicitar a Assembleia Geral a demissão do cargo de conservador, que acumula com o de vice-presidente da Direcção e com o de representante da Associação na Comissão de Monumentos. Este pedido de demissão não lhe foi aceito, sendo pela mesma Assembleia Geral deliberada a eleição de um novo conservador, eleição que recaiu no sócio sr. Cordeiro de Sousa.

E' de esperar que da muita intelligência e da assiduidade deste nosso companheiro nos trabalhos do Museu resulte um avanço sensível nos trabalhos de Catalogação.

O inventário do Museu da cidade está em dia.

Aquisições. Foi certamente o ano que findou um dos mais prósperos, pelo que respeita a aquisições para o Museu da Associação, e para o da Cidade.

Seguem as aquisições :

— 3 machados de cobre, sendo um deles incompleto, oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. João Augusto Nunes de Andrade.

— Uma lápide com inscrição, proveniente da casa da guarda do Campo do Bonfim, Setubal, oferecida pelo Ministerio da Guerra.

— Alguns pequenos objectos provenientes das escavações no local do novo edificio do Banco Ultramarino, oferecidos pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal.

— A medalha, prémio da Faculdade de Medecina, de Paris, oferecida pelo Ex.^{mo} Sr. Vieira da Silva.

— 5 litografias de Lisboa, Antiga, oferecidas pelo Ex.^{mo} Sr. Vieira da Silva

Uma moeda hespanhola, antiga, oferecida pelo Ex.^{mo} Sr. João de Abreu.

— 1 Cabeceira de sepultura, proveniente de escavações no Largo de S. Domingos (Museu da Cidade).

— 114 moedas estrangeiras, oferecidas pelo Ex.^{mo} Sr. Eduardo da Cunha e Costa (Picôas).

— 1 Azulejo, emoldurado proveniente do Convento das Comendadeiras de Santos-o-Novo.

— Alguns fósseis provenientes do local onde se está construindo o novo edi-

ficio da Companhia do Crédito Predial, na R. Augusta, oferecidos pelo Ex.^{mo} Sr. Vieira da Silva.

1 — Azulejo emmoldurado, proveniente do local da Estação do Rocio, oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Eugenio R. de Carvalho Leitão.

1 Tijolo romano, oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Vieira da Silva.

— 28 Lápides sepulcrais, uma sola de um pequeno sapato, um anel, uma corrente de prata, um crâneo serrado, proveniente do Antigo Convento das Albertas, depositados pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

— Uma reprodução fotografica da ordem do Armistício do dia 5 de Outubro de 1910, oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Joaquim Rodrigues Simões.

— Uma corôa e almofada de mármore, oferecida pelo Ex.^{mo} Sr. Cristiano José Vicente.

— 2 Cipos, uma mó, 2 tijolos e 8 fragmentos decolunas, todas de origem romana, provenientes de escavações na R. das Canastras, oferecidos pela Internacional Mercantil Limitada.

— Uma sereia, um leão, um cinzeiro em 2 pedras, uma pedra com inscrição, um capitel de marmore, proveniente do Convento de Odivelas, oferecido pelo Ministério da Guerra.

— 8 pedras com embutidos, e uma pia de pedra, com pé, provenientes de demolições no Largo da Sé, oferecidas pela Companhia do Credito Predial.

Objectos saídos do Museu — Tendo-se verificado que os objectos que tinham dado entrada no Museu, como legado do falecido Dr. Hoffe eram destinados pelo doador ao Museu Etnologico e não ao da nossa Associação, foram entregues àquele Museu.

Tambem a Direcção resolveu, em sessão conjunta com os Conservadores, trocar com a Academia de Belas Artes alguns objectos que existiam nas nossas arrecadações, pelas duas lapides e 15 fragmentos do Antigo Convento de S. Francisco, a que atrás se fez referência.

Os objectos saídos foram alguns modelos em gesso de trechos architectónicos de edificios estrangeiros, que haviam sido da antiga aula de architectura, a «maquete» da estátua de Julio Cesar Machado, e alguns quadros pintados em tela transparente, que tambem haviam servido naquela aula.

Museu da Cidade. — Durante esta gerência teve lugar a inauguração do Museu da Cidade, na séde da Associação.

No boletim a saír de «Arqueologia e Historia», virá largamente relatado a história do fundação deste Museu, motivo porque se não fará aqui menção circunstanciada do facto.

A inauguração feita sob a Presidencia do Chefe de Estado, e com a presença de numerosos sócios e membros do Congresso Municipalista, foi o primeiro acto official deste.

O museu ficou instalado na nossa sala principal mas o seu grande desenvolvimento, tornou necessário ampliá-la já até a 1.^a sala do lado norte, que se acha em transformação para ficar adequada a este fim.

Neste museu deram entrada numerosos objectos depositados pela Camara Municipal, e que se acham registados no respectivo inventário.

Para conservador privativo do Museu da Cidade, cuja direcção se acha incumbida à Secção de Arqueologia Olissiponense, foi escolhido o nosso distinto consócio Sr. Augusto Vieira da Silva.

Justo é aqui registar o valioso auxilio material prestado pela Camara Municipal de Lisboa, sem o qual bem difficil seria a tarefa da Associação de organizar as salas e coligir os objectos, com os fracos recursos de que dispõe.

Frequência — Durante o ano findo continuou o nosso museu a merecer as sympathias do publico. Se a sua frequência não atingiu a do ano anterior, o seu rendimento foi bastante superior ao daquele. As circunstâncias difíceis do período que atravessamos, obrigaram a elevar o preço da entrada até 50 centavos, mas assim mesmo a frequência pouco fraquejou, o que deu lugar a que o rendimento do museu fôsse o principal elemento de que a Direcção dispôs, para poder realizar os melhoramentos que noutra lugar do relatório são descritos.

São os seguintes os números representativos das entradas e respectivo rendimento nos anos de 1921 e 1922.

Bilhetes simples — de familia — minimo de entradas — produto			
1921 = 1992	68	8332	1.632\$00
1922 = 6043	64	6363	1.867\$00

Edifício Histórico do Carmo, em 28 de Março de 1923.

O Conservador-relator

Francisco Augusto Garcez Teixeira

RELATORIO SÔBRE OS SERVIÇOS BIBLIOTECÁRIOS DA ASSOCIAÇÃO

Cumprindo-me informar sôbre os serviços bibliotecários durante o ano de 1922, cuja gerência findou, sinto dizer que tais serviços não tiveram o desenvolvimento correspondente aos vossos e meus desejos, quanto aos melhoramentos bem necessários na nossa Biblioteca.

A carestia das publicações tipográficas e dos trabalhos de encadernação, não permitiram o conveniente engrandecimento do nosso pecúlio bibliográfico, ao passo que a elevação das taxas postais impedia a remessa de correspondência que promovesse o recebimento de novas obras e, em especial, a solicitação da parte que nos falta, de importantes publicações periódicas que em tempo se receberam com regularidade, decerto porque regular também fora a publicação do nosso Boletim e respectiva troca com essas publicações.

Avultado beneficio já se conseguiria para a Biblioteca desta colectividade se todos os Ex.^{mos} consócios se dignassem cumprir as disposições estatutárias relativas á oferta das suas publicações, e succede até que, acêrca da maioria desses consócios, incluindo os mais produtivos e sabedores, a respectiva catalogação vai permanecendo muda e naturalmente cubiçosa de algum carinho por parte desses illustres confrades que lhe devem as suas produções.

Ouso pedir a consideração de V.^{as} Ex.^{as} para essas numerosas e injustas lacunas da nossa Biblioteca, certo que os devedores não de supri-las com o interesse sempre votado aos melhoramentos desta Associação.

A Biblioteca possuía em fins de 1922, 2:635 obras, tendo dado entrada 113 obras durante esse ano, julgando dispensável mencioná-las, pois constam dos números 2:522 a 2:635 do respectivo registo de entrada.

Catalogaram-se 172 provas fotográficas pertencentes ao arquivo da Associação.

Iniciou-se a divisão dos verbetes onomásticos que simplificará a consulta.

Dispenderam-se, nos serviços da Biblioteca, durante o ano findo, 263\$09, sendo 142\$30 com a encadernação de 66 volumes, ao preço medio de 2\$15 por volume, quando essa média fôra de 1\$53 em 1921.

Com a exígua aquisição de 7 obras modernas das especialidades desta Associação, dispenderam-se todavia 101\$50, pelo que se verifica que a leitura erudita está sendo um privilégio apenas facultado a pessoas com a dupla fortuna do dinheiro e da curiosidade de saber. requisitos que se não acomodam geralmente no mesmo individuo ou entidade, donde resulta que a nossa Biblioteca terá de se abster das aquisições necessarias e por assim dizer indispensaveis ao proveito dos consultores.

Iniciando-se brevemente a nova publicação associativa sobre Historia e Arqueologia, pareceu vantajoso organizar-se o indice de nomes e assuntos de todo o texto dos numerosos volumes de boletins da Associação dos Arqueólogos publicados até ao presente, durante as consecutivas fases da existencia desta Associação, indice que compreende 2:204 verbetes e cuja publicação facilitará a consulta de valiosissimos elementos de estudo contidos naqueles Boletim e representando, com esplendor, a longa actividade scientifica e verdadeiramente patriótica desta colectividade, orgulhosa afirmação que por certo me desculpareis.

Concluindo este singelo resumo, apraz-me revelar, ainda uma vez, o dedicado labor que, mesmo nos serviços da Biblioteca, assiduamente prestou e presta o Ex.^{mo} Sr. Director, coronel Garcez Teixeira, em espontâneo e relevante auxilio do meu encargo, muito deficientemente desempenhado por motivos reconhecíveis, incluindo as minhas várias occupações officiais.

Lisboa, 1 Março de 1921.

O BIBLIOTECÁRIO

Henrique Quirino da Fonseca

VIDA INTELLECTUAL DA ASSOCIAÇÃO

Em conformidade com o § 1.^o do art. 75.^o dos nossos *Estatutos*, venho apresentar, à Assembleia Geral desta Associação, um resumido relatório sobre a sua vida intellectual durante o passado ano de 1921, pedindo desculpa de, por varios motivos, só hoje me desempenhar deste devêr.

Como se verá por esta breve exposição, foram de grande valor os trabalhos realizados pela nossa Associação e tambem foi grande a actividade dispendida. Eles confirmam os justos créditos alcançados por esta Associação em perto de sessenta anos de existência e demonstram, suficientemente, a sua vitalidade.

Como nos relatórios anteriores, apresenta este duas divisões principais : a primeira relativa ás *manifestações internas* e a segunda ás *manifestações externas*.

a) — SUAS MANIFESTAÇÕES INTERNAS

1) — *Boletim*.

Publicaram-se, apenas, os n.ºs 8 a 12 do *Boletim*, reunidos num único folheto, concluindo assim o tomo XIII da 5.ª série. E', relativamente, pouco para uma Associação como a nossa, que precisa demonstrar, com as suas publicações, que vive e produz alguma coisa util e de interêsse, mas a crescente carestia de tudo quanto se refere à arte tipografica, explica, plenamente, este facto.

Oxalá o próximo ano seja mais favorável á publicação do orgão desta Associação, que representa a melhor forma pela qual ella comunica com o país e com o estrangeiro e se torna mais conhecida a sua existência. Uma Associação scientifica como esta, que não publica o fruto dos seus trabalhos, o resultado das suas investigações, é como se realmente não existisse.

2) — *Secções de estudo*.

Das diversas secções de estudo que a nossa Associação compreende estiveram em actividade a *olissiponense*, a de *heráldica* e a de *numismática*.

A vida das secções é que concorre para a vida e brilho da nossa colectividade. Passêmos, pois, em revista o que ocorreu nas três secções.

Olissiponense:

Pelo nosso consócio sr. Afonso Dornelas, foram feitas duas interessantes comunicações: uma que intitolou *A cela de Nun'Alvares*, publicada, depois, no nosso *Boletim* e outra sôbre a construção dum metropolitano em Lisboa, publicada no jornal *O Seculo*.

O nosso consócio sr. capitão de fragata Quirino da Fonseca apresentou uma interessante comunicação acêrca do engenheiro Eugenio dos Santos de Carvalho, cujo retrato a óleo existe na sala da nossa biblioteca.

O sr. Conde do Almarjão e quem subscreve este relatório apresentaram um resumido relato da sua visita ao panteão da casa de Bragança, em S. Vicente de Fóra, visita efectuada com o fim de determinar o local certo em que devia existir o túmulo de el-rei D. Afonso VI e de verificar um êrro de data que se encontra numa placa pregada no túmulo del-rei D. Pedro II.

Heráldica:

Esta secção, que não tornára a reunir depois de 1912, renovou as suas sessões quinzenais, neste ano.

O nosso consócio o sr. Frazão de Vasconcelos fêz uma interessante comunicação sobre o *Brasão de Armas da Vila de Almeirim*, já impressa no *Boletim*; outra sôbre a *Genealogia de Antonio de Albuquerque Coelho*, o célebre heroi do livro *Jornada*, de Vellez Guerreiro, que publicou, com diversos documentos, em curioso folheto; outra sobre uma sepultura brasonada de Fernão Soares, cavaleiro da casa del-rei D. João III, existente no convento de N. S. da Serra de Almeirim e ainda outra sôbre a genealogia da familia Calataud.

O presidente da secção, o sr. Dornelas, apresentou um curioso e bem documentado estudo sôbre uma lápide existente em Mazagão, referente ao adail-mor Luís

de Loureiro, a fim de responder a uma consulta apresentada, pelo sr. dr. Perry Vidal, em nome de Mr. Weisgerber, *controleur civil chef de circonscription des Doukkala*, e a decifração dum antigo brasão observado num sino encontrado em Quilôa.

O sr. Quirino da Fonseca apresentou uma desenvolvida genealogia da representação actual de Fernão de Magalhães.

O sr. dr. Perry Vidal leu uma interessante comunicação acêrca do túmulo de Egas Monís, existente em Paço de Sousa.

Diversas camaras municipais do país, no louvavel intuito de unificarem e rectificarem os seus respectivos brasões, se dirigiram a esta Associação, pedindo a sua opinião sôbre este importante assunto e sôbre a sua forma exacta. Tem este facto um alto significado para esta colectividade, pois representa não só uma grande honra para ela, mas tambem uma valiosa manifestação da consideração em que é tida.

Dirigiram-se a esta Associação, sobre este assunto, as camaras municipais da Marinha Grande, Sesimbra, Bombarral e Figueira da Foz.

A secção de Heráldica, a quem foram submetidas as respectivas consultas, encarregou o seu presidente, o sr. Dornelas, da elaboração dos projectos relativos aos brasões das três ultimas câmaras e de dar o seu parecer acêrca do projecto de brasão da Marinha Grande, da autoria do conhecido pintor viziense, o sr. Almeida e Silva. Este parecer está já impresso no *Boletim*.

O nosso consócio o sr. Rodrigues Rimões apresentou uma proposta para a realização duma exposição de heráldica na nossa Associação em 1921, tendo sido nomeada uma comissão para a levar a efeito.

Numismática :

Esta secção teve a sua ultima reunião em 6 de maio de 1910 e voltou a celebrar as suas sessões em 17 de maio de 1921.

O seu illustre presidente, o sábio arqueólogo sr. dr. Leite de Vasconcelos, leu, por varias vezes, alguns capitulos do seu importante trabalho, em publicação, *Da numismática em Portugal*.

O sr. Ferreira Braga fêz uma comunicação sobre um ceutil inédito de D. Afonso v. Quem subscreve este relatório apresentou uma comunicação sobre as *Medalhas criadas e concedidas pela Junta do Porto em 1847*.

Além destes trabalhos apresentados nas diversas secções, temos ainda a mencionar outros que o foram em assembleias gerais.

O sr. coronel Garcez Teixeira fêz as seguintes interessantes comunicações : *A cruz manuelina de Tomar*, publicada no *Boletim* ; *Cabeceiras de sepulturas*, tambem impressa no *Boletim* ; *Um ex-voto de Leiria e A sinagoga de Tomar*.

O sr. dr. Perry Vidal apresentou uma valiosa comunicação sôbre o túmulo de Egas Monís, comunicação lida tambem na secção de heráldica, como dissemos.

O sr. Dornelas fêz uma comunicação sobre *Queluz — Vila do Principe da Beira*, um relatorio sobre a visita da Associação a Queluz, em 10 de junho de 1921, uma comunicação sôbre um vitral holandês comemorativo da viagem de Fernão de Magalhães, outra sôbre a carga do navio alemão *Cheruschia* e ainda outra sôbre a capela do Paço de Sintra.

O sr. dr. Jordão de Freitas leu uma interessante comunicação sobre o *Palacio e Quinta de Belas e seus Senhores*.

O sr. Luís Chaves leu o seu curioso trabalho *A política dos monumentos*.

O sr. P.^o Ernesto Sales, bibliotecário da Biblioteca do Ministerio da Guerra, estranho á nossa Associação, apresentou, por intermédio de quem subscreve este relatório, o seu valioso trabalho intitulado: *O foral e o pelourinho de Frechas*.

3) — Sessões literárias.

Três brilhantes sessões literárias, que tiveram uma numerosa e escolhida assistência, se realizaram na sede da nossa Associação.

A primeira, em 20 de Janeiro, na qual o sr. Matos Saqueira, presidente da secção olissiponense, proferiu o elogio histórico do eminente autor da *Lisboa antiga*, o Visconde de Castilho, nosso falecido sócio de mérito, e em que foi inaugurado o seu retrato a carvão, devido ao ilustre artista José Malhõa. Este elogio está publicado no *Boletim*.

A segunda sessão teve lugar em 8 de Maio. Nela realizou o sr. Quirino da Fonseca a sua interessantíssima conferência sobre *O Brasão da Cidade de Lisboa*, publicada depois no *Boletim* e em separata.

Em 22 de Maio realizou-se a terceira sessão, destinada a comemorar o quarto centenário da viagem de circumnavegação do grande português Fernão de Magalhães, com a assistência do encarregado dos negócios do Chili.

Nesta sessão falou o sr. Dornelas sobre *Fernão de Magalhães na terra, no mar e no ceu — Sua morte e glória*. Esta conferência acha-se publicada num dos volumes da obra *História e Genealogia* e em separata sob o titulo *Em prol de Fernão de Magalhães*.

Nesta sessão tratou também, com tôda a proficiencia, da *Arqueologia naval no tempo de Fernão de Magalhães* o sr. Quirino da Fonseca, que publicou depois este trabalho em folheto.

Estas sessões literárias concorrem, sem dúvida, para exaltar o nome desta Associação, que se orgulha de contar, no seu seio, sócios tão distintos.

Parece-me que, segundo uma praxe antiga, mas já esquecida desta Associação, se deveriam fazer, sempre, os elogios dos seus sócios falecidos, em sessões solenes.

b) — SUAS MANIFESTAÇÕES EXTERNAS

1) — Visitas de estudo.

Neste ano, a visita anual que esta Associação costuma realizar no dia 10 de Junho, teve por objectivo o *Palácio* e a *Quinta de Queluz* e o *Palácio e Quinta dos Marquizes de Belas*. Dessa visita apresentaram os respectivos relatórios os srs. Dornelas e Jordão de Freitas, tendo o primeiro feito uma conferência prévia.

Nesta visita notou-se o abandono em que se encontram as diferentes dependências do palácio e o mau uso que se tem feito dos jardins. Ficou encarregado o sr. Dornelas de escrever uma memória sobre o assunto, a fim de ser entregue ao sr. Ministro do Comercio.

Em virtude da resolução tomada numa das reuniões da secção olissiponense,

uma comissão, composta pelo sr. Conde do Almarjão e por quem elaborou este relatório, foi visitar o panteão de S. Vicente de Fora.

Os srs. Garcez Teixeira e Dornelas e quem subscreve este relatório, foram ao Convento de Odivelas examinar e escolher para o nosso Museu alguns restos architectónicos e antigas inscrições.

2) — *A nossa representação aos congressos e solenidades.*

Como não podia deixar de ser, a nossa Associação foi convidada a fazer-se representar em vários congressos e solenidades.

Para representar a nossa Associação no 1.º Congresso da Associação Portuguesa para o progresso das sciências, no Porto, foram escolhidos os sócios, srs. dr. Leite de Vasconcelos, dr. Eduardo de Campos (Carcavelos), Pedro Alexandrino de Sousa e dr. Vieira Guimarães, como agregado.

O nosso consócio sr. Matos Sequeira foi escolhido para a representar na Junta Nacional constituída no Congresso Arqueológico Nacional reúnido em Tavira.

Tambem na festa da inauguração do monumento ao notável artista Rafael Bordalo Pinheiro, se fêz representar a nossa Associação.

3) — *Explorações arqueológicas.*

Não se realizaram neste ano.

Eis, muito sumariamente, o que colhi acêrca da vida intelectual desta Associação durante o passado ano de 1921, respigando nos livros das actas da direcção, da Assembleia geral, e das diferentes secções, e que tenho a honra de apresentar nesta Assembleia geral, pedindo me relevem a singeleza da exposição e qualquer omissão que tenha havido.

Lisboa, Edifício Histórico do Carmo, 29 de Julho de 1922.

O 1.º SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA GERAL,

Henrique de Campos Ferreira Lima

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE HERÁLDICA E DE GENEALOGIA

Em reunião da Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses, efectuada em 25 de Março de 1922, tive a honra de ser escutado por grande numero de Ilustres Sócios de tão prestimosa instituição, lendo-lhes um relato da vida da Secção de Heráldica e de Genealogia, desde os projectos para a sua organização e estabelecimento, em 9 de Março de 1901, até à sua fundação em 4 de Abril de 1910 e daqui até 31 de Dezembro de 1921.

Hoje vou ocupar a atenção da ex.^{ma} Assembleia Geral para lhe falar da vida e obras da mesma Secção, durante o ano de 1922.

Aquele sonho que a Associação dos Arqueólogos Portugueses tem mantido por dezenas de anos, de ver as suas secções de estudo em produtiva actividade, já deixou de ser sonho, em parte, para ser uma palpável realidade.

E assim, indicando os seus estatutos, os últimos, os postos em vigor em 22 de Novembro de 1918, dia do quinquagésimo quinto aniversário da sua fundação, indicando os seus estatutos, repito, a existência de cinco secções, em que é consti-

tuida a sua divisão, é com prazer que aqui registo estarem em actividade a maioria dessas secções.

Funcionam regularmente a 3.ª, 4.ª e 5.ª, ou seja a de Numismática, Diplomática, Sigilografia e Bibliologia; a de Heráldica e Genealogia; e a de Arqueologia Olissiponense.

E' notável este facto, na época presente.

Aí por fóra, além destes muros históricos que nos cercam, além deste lugar que foi e que é santo, pois que o Altar de Nossa Senhora do Monte do Carmo foi substituído pelo Altar da Patria, além deste lugar em que a mesma claridade que então iluminou as preces de fervor religioso, hoje ilumina preces de fervor patriótico, aí por fóra, como eu ia dizendo, além destas muralhas, nem para ganhar dinheiro há desejo de trabalhar. Aqui neste lugar, que foi e que é santo, todos nós, animados de tão grande entusiasmo, trabalhamos voluntariamente e até pagamos para trabalhar.

E', portanto, a vida da nossa Associação um exemplo apreciável em tão monstruosa época.

Mas, apenas tenho que me referir à Secção em que os meus queridos companheiros de trabalho, num requinte de amável generosidade, me mantem como Presidente.

Vejamos, pois, como viveu e o que produziu a Secção de Heráldica e Genealogia em 1922.

A primeira reunião, em 1922, efectuou-se em 13 de Janeiro, referindo-se o Presidente a um quadro que parecia ser de origem holandesa, que se encontrava exposto no estabelecimento do sr. Francisco Grandela. No mesmo quadro notou a existencia dum brasão que parecia ser da casa de Brabante. Este brasão é ladeado por dois retratos que talvez venham a ser identificados, o que dependerá de um mais minucioso estudo.

Ainda o Presidente apresentou um parecer sobre um provável brasão para a cidade da Figueira da Foz, o qual foi aprovado.

Em 27 do mesmo mês de Janeiro, reuniu-se novamente a Secção de Heráldica e Genealogia, sendo apresentados trabalhos impressos de três sócios: «Bettencourt», por Jacintho de Andrade Albuquerque Bettencourt; «Famílias de Sarzedas», por Francisco Nogueira de Brito, de colaboração com o sr. Godofredo Ferreira, e «Em prol de Fernão de Magalhães», por quem subscreve este relatório.

O Presidente disse já ter identificado os retratos e o brasão existentes no quadro a que se referiu na sessão anterior e que é propriedade do sr. Francisco Grandela. As personagens são portuguesas, e chamaram-se Simão Rodrigues d'Evora, 1.º Barão de Rhodes e sua primeira mulher, Ana Lopes, os quais fundaram em Anvers um hospital com a invocação de Sant'Ana, no ano de 1606.

Ainda o Presidente, referindo-se a uma lápide brasonada encontrada em Mazagão e de que tratou em uma das sessões do ano anterior, diz que é a reprodução do brasão de armas concedido em 1641 a Gaspar Rodrigues Torres de Abreu, que de facto viveu largo tempo nas Praças Portuguesas do Norte de Africa.

O sr. Frazão de Vasconcelos fêz uma comunicação sobre o brasão que usou o chantre da Sé de Evora, Manuel Severim de Faria.

O sr. Rodrigues Simões, falando dos serviços prestados à Arte e à Arqueologia pelo falecido Bispo Conde de Coimbra, D. Manuel Bastos Fina, dá a noticia de que em homenagem a este ilustre Príncipe da Igreja se pensa em colocar o seu brasão na Sé Velha de Coimbra, que tanto lhe deve.

Em 10 de Fevereiro de 1922, reuniu-se a Secção de Heraldica e Genealogia, referindo-se o sr. Alberto Gusmão Navarro à impossibilidade de continuar, como era seu grande desejo, a publicação do «Tombo Historico e Genealogico de Portugal», tal como era, pela extraordinária carestia do material e mão de obra, mas que ia tentar completar o 2.º volume, seguindo depois com outra publicação, com a mesma orientação mas mais modesta.

Esta noticia foi muito apreciada, principalmente pela extraordinária falta que faz uma publicação neste género, onde os estudiosos passam colaborar e publicar o produto dos seus estudos.

O sr. Frazão de Vasconcelos, secretário assiduo desta Secção, referiu-se ao primeiro número de 1922 da *Revista Araldica*, de Roma, onde o sr. Francisco Carrelli publica um trabalho sobre S. Francisco Xavier e os Pereiras, no qual faz referências a vários escritores portugueses, entre os quais o sr. Gusmão Navarro, que em tempo publicou um estudo sobre o Papa Paulo IV que era da Familia dos Pereiras.

O sr. Ferreira Braga apresentou um extenso trabalho genealógico da Familia Pimenta de Avelar, de Torres Vedras, publicado no jornal daquela localidade, *O Almonda*, pelo seu autor o sr. Artur Gonçalves.

O presidente apresentou o seu VIII volume da sua obra *História e Genealogia*.

Em 24 de Fevereiro foi efectuado a 4.ª sessão de 1922, tendo o Presidente lido uma carta que recebera do sr. dr. Artur da Mota Alves, para definir qual seria o brasão de Amarante, o que foi resolvido se estudasse quando o mesmo senhor enviasse uns elementos que lhe iam ser solicitados.

O brasão que se julga ser de Amarante é constituído pelo de Portugal com umas setas applicadas noutra disposição diversa da seta que aparece no brasão de Almeirim.

Fêz a sua apresentação o sr. Dr. Antonio de Meneses.

Em 10 de Março novamente reuniu a Secção de Heraldica, sendo lidos os elementos enviados pela Câmara Municipal de Sesimbra para se poder decifrar o enigma do brasão que agora usa a mesma Câmara.

Pela primeira vez assistiu às sessões desta Secção o sr. D. Antonio Pedro de São Paio, já conhecido como estudioso dos assuntos de que se occupa a mesma secção.

O sr. Dr. Perry Vidal apresentou o projecto do capa do seu livro sobre os descendentes do Rei Senhor D. João VI. Fêz o mesmo senhor um largo relato desta sua obra que estava sendo impressa.

O sr. Rodrigues Simões apresentou um interessante nobiliário manuscrito e iluminado, obra que deve ser do seculo xvii e que foi muito apreciado. Referiu-se ainda, o mesmo senhor, a uma campanha levantada num jornal de Coimbra sobre a colocação do brasão do Bispo Conde, na Sé Velha, como em outra sessão se relatou, o que foi lamentado pelos presentes.

O Presidente apresentou o ix volume da sua obra *História e Genealogia*, que foi recebido com aquelas amáveis referências com que os seus colegas tão amavelmente sempre o distinguem.

Em 24 de Março, novamente se reuniu a mesma secção, na qual o sr. Rodrigues Simões se congratula por ver publicado num jornal as referências de censura que tinha feito sobre a reprovação da colocação do escudo das armas do Bispo de Coimbra na Sé Velha da mesma cidade.

O sr. Dr. Francisco de Almeida e Vasconcelos apresentou um exemplar das *Pandectas*, edição de 1537, tendo na encadernação, impresso, um ex-libris que deverá ser o mais antigo que se conhece, pois que na mesma encadernação está a data de 1557.

O sr. D. José Pessanha, diz ter sido nomeado pela Comissão de Monumentos Nacionais para formular uma resposta, depois de prévio estudo, sobre o brasão de Setubal que a Camara daquela cidade tinha solicitado da referida Comissão de Monumentos. Refere-se o mesmo sr. ao facto de ter feito um exame ao «Tesouro da Nobreza» na Torre do Tombo, não tendo podido chegar a uma conclusão definitiva.

O Presidente da Secção disse que não devia ser seguido o desenho que está no «Tesouro da Nobreza», salvo se se retirasse da composição do brasão a esfera armilar, que não podia fazer parte de qualquer brasão de Cidade ou Vila por ser emblema particular de El-Rei D. Manuel I.

O mesmo Presidente disse que o «Tesouro da Nobreza» estava longe de ser uma autoridade, era apenas um repositório de desenhos de brasões, dos quais muitos não passavam de tremendos erros de heráldica.

O sr. D. José Pessanha, disse que ia formular o seu parecer nesse sentido.

O sr. Dr. Perry Vidal disse que já tinha sido publicado o Almanaque de Gotha do corrente ano de 1922 e que o ultimo volume do *Livro de Ouro da Nobreza Italiana* contém brasões de familias portuguesas.

O mesmo senhor propôs um voto de sentimento pela morte do distinto linha-gista Conselheiro Jaime Forjaz de Serpa Pimentel, sendo recordados pelos presentes os trabalhos do mesmo senhor.

Em 7 de Abril reuniu novamente a Secção, fazendo a sua apresentação o novo consocio sr. José Paulo Pereira.

Foi tomado conhecimento dum pedido da Câmara Municipal de Azambuja para ser estudado o seu brasão e estandarte.

O sr. Rodrigues Simões apresentou uma interessante obra impressa intitulada *Plani-História*, contendo a Arvore Genealógica da Casa Real Portuguesa.

O Secretário da Secção apresentou uma prova dum brasão, gravura do

seculo xviii, contendo as armas dos Coutinhos e Costas, erradamente brasonado. O Presidente leu o parecer do brasão de Sesimbra que foi deliberado se enviase á respectiva Câmara Municipal.

Tomou-se conhecimento de que a Câmara Municipal do Bômbarral aprovou e vai adoptar o brasão que se lhe propôs.

Voltou a reunir a Secção em 21 do mesmo mês de Abril, sendo lido um officio da Câmara Municipal de Setubal pedindo se lhe dessem dados sobre a história do seu brasão que aparece com varios aspectos.

Vila Franca de Xira tambem pede que se lhe estude o brasão. O Presidente leu o parecer do brasão da Azambuja, que foi aprovado, dizendo o relator que em breve apresentaria uma noticia histórica detalhada sobre o mesmo brasão.

O sr. Dr. Perry Vidal apresentou um catálogo de encadernações de alto valor, na maioria brasonadas, editado pela casa inglesa Maggs Brothers. Referiu-se, o mesmo senhor, com detalhes, á ascendência do illustre aviador Sacadura Cabral, que se liga com as familias de Pedro Alvares Cabral e Gonçalo Velho.

Em 2 de Junho seguinte reuniu novamente a Secção, sendo tomado conhecimento de pedidos das Câmaras Municipaes de Vagos e de Fronteira para se lhes estudarem os respectivos brasões.

O Presidente referiu-se ao convite da Câmara Municipal de Lisboa para a Secção nomear um dolegado ao Congresso Municipalista que se ia reunir nesta cidade, e onde se ia estudar a heráldica dos Concelhos, conforme uma proposta do mesmo Ptesidente feita á Assembleia Geral e por esta enviada á Câmara Municipal de Lisboa.

A Assembleia Geral elegeu para fazer parte do referido congresso o sr. Gustavo de Matos Sequeira, que além de ser um illustre membro da Secção de Heráldica, é Presidente da Secção de Archeologia Olissiponense, o que foi acolhido pela Secção com prazer.

O sr. Coronel Garcez Teixeira pede o auxilio da Secção para o estudo da pedra brasonada que acaba de conseguir e que veio do Convento de Santa Joana para o nosso Museu.

O Presidente diz ser o brasão da Ordem Dominicana.

Reuniu a Secção em 23 de Julho seguinte, sendo tomado conhecimento de pedidos para se estudarem brasões de Alcobaça, Ilhavo e Colares.

Como no interregno das sessões o Presidente tomasse conhecimento do pedido de Ilhavo e da urgência com que era feito, resolveu estudar o assunto, do que pediu desculpa, apresentando um parecer que foi aprovado.

O sr. Júlio Nunes de Freitas leu o seu parecer sobre o brasão de Fronteira, sendo aprovado com alterações propostas pelo Presidente.

O Secretário, sr. Frazão de Vasconcelos, apresentou uma carta de brasão inédita datada do 1728 e conferida a Rafael de Sousa Machado, sendo o mesmo

brasão constituído pelos escudos dos Sousas, Machados, Magalhães e Meneses.

O mesmo senhor fez uma larga exposição sobre o verdadeiro nome do descobridor da Ilha Fernão de Noronha, que é Fernão de Loronha. A sua erudita comunicação foi muito apreciada por todos os motivos e ainda pela actualidade de tal trabalho que foi despertado pelo heroico feito dos grandes portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que ali se acolheram na sua gloriosa e patriótica viagem aérea ao Braisl.

O mesmo sr. Frazão de Vasconcelos apresentou o seu interessante trabalho *Ligeiros apontamentos sobre a familia de Manuel Severim de Faria*, separata do Instituto de Coimbra.

Em 10 de Novembro de 1923, terminadas as longas férias que tanto atrazam os estudos, houve nova sessão, sendo tomado conhecimento de pedidos das Câmaras Municipais de Belmonte e Extremoz para que se estudassem os respectivos brasões.

O sr. D. Antonio Pedro de São Paio, refere-se a várias pedras brasonadas do Concelho de Vila Franca de Xira, referindo-se ao brasão dum cardinal, num chariz da Alhandra.

O sr. Frazão de Vasconcelos pede que sejam colhidos elementos sobre a permissão do uso da tiara nos brasões patriarcaes de Lisboa.

O sr. Mena Junior comunica ter sido encontrada na Igreja dos Paulistas a sepultura de Denis de Melo e Castro, primeiro conde das Galveias, fazendo uma interessante comunicação sobre os serviços deste General das Guerras da Restauração, iniciadas em 1640.

O Presidente leu em seguida um estudo justificativo da existência dum filho do casamento do Rei D. Afonso v e da Excelente Senhora, D. Joana, filha de Henrique iv de Castella e conhecida pela Beltraneja. Este trabalho foi feito a pedido do ex.^{mo} sr. Conde de Sabugosa, antigo Presidente da nossa Secção de Heráldica e Genealogia.

Em 24 de Novembro seguinte, reuniu a Secção em que o Presidente leu o parecer do brasão de Extremoz, que foi aprovado.

O sr. D. Antonio Pedro de São Paio fez uma interessantíssima comunicação sobre o esmalte heráldico «Purpura», chegando à conclusão, brilhantemente demonstrada, de que este esmalte é da cor das ametistas orientais, roxo retinto, profundo e brilhante que caracteriza as ametistas da India, Pérsia e Ceilão.

Em 8 de Dezembro reuniu a Secção, apresentando o sr. Júlio Nunes de Freitas uma proposta do sócio da nossa Associação sr. Mário de Sá, para se industrializar o estudo da heráldica e da genealogia.

Não se alcançando bem a ideia de sua ex.^a, resolveu-se pedir-se-lhe para na próxima reunião vir elucidar-nos.

O sr. Alberto de Gusmão Navarro, propõe se organize um registo de todos os titulares existentes no momento da mudança das instituições, em 5 de Outubro de

1910, para se organizar uma resenha da sua descendência, até ao presente indicando-se quem tem direito a usar os mesmos títulos.

O sr. D. Antonio Pereira Coutinho fez uma interessante comunicação sobre a familia do navegador Bartolomeu Dias, que se extinguiu apenas em duas gerações, após a sua e que a representação dessa curta familia se encontra na Casa de Soidos pelo casamento do único filho daquele navegador, de nome Antonio Dias de Novais com Joana Fernandes, filha de Fernão Pires, ascendente dos Marqueses de Soidos.

Fica, portanto, destruída a lenda de que o general italiano Diaz, hoje Duque da Vitoria, descenda do navegador português Bartolomeu Dias.

Em 29 de Dezembro efectuou-se a última sessão de 1922 que completa o número de 32 sessões que já conta esta Secção.

Um caso interessante se deu nesta sessão. Por motivo absolutamente justificado, faltou pela primeira vez o Secretário sr. Frazão de Vasconcelos, sendo substituído neste cargo, nesta sessão, pelo antigo Secretário e entusiasta pelos estudos de Heráldica e Genealogia, sr. Jacinto de Andrade Albuquerque de Bettencourt, que durante anos residiu em S. Miguel e que agora volta à actividade associativa por novamente residir em Lisboa.

Pela primeira vez assistiu o sr. Antonio Caldeira Pires.

O Presidente apresentou projectos justificados dos brasões de Alcobaça, Cascais, Vila Franca de Xira, Belmonte, Vagos e Setúbal.

O Presidente refere-se à fundação do Instituto Varnhagem, no Rio de Janeiro, que acha do maior interesse para os estudos desta Secção, pois também conta na sua composição uma secção de Heráldica e Genealogia, portanto trabalhando a aquela secção conjuntamente poderemos completar muitos trabalhos que evidentemente nunca ficariam completos sem termos informações seguras do Brasil.

O sr. Conde do Almarjão pede informações o mais completas possível sobre os brasões das cidades e vilas de Portugal para enviar para a América do Norte para ali serem publicadas num jornal.

São indicados os livros, se bem que incompletos e com bastantes erros, que existem.

O sr. Alberto de Gusmão Navarro, para justificar a sua proposta sobre o registo dos titulares portugueses, apresenta elementos dos Condes da Idanha a Nova e Viscondes do Sardoal, de Proença a Nova e de Assentis.

O sr. Rodrigues Simões propõe que se enviassem circulares a todos os titulares pedindo esclarecimentos, ficando encarregado de redigir essa circular o sr. Jacinto Bettencourt.

Ainda o sr. Simões propõe, o que é aprovado, que se officie á ex.^{ma} Viuva do Conselheiro Jaime Forjaz de Serpa Pimentel, pela satisfação de vermos publicado o IV volume da importante obra do seu falecido marido—*Livro de Linhagens*.

O sr. Conde do Almarjão propõe, e é aprovado, que se faça um registo de todas as peças de louça brasonadas.

O sr. Caldeira Pires propõe uma visita ao Palácio de Queluz, citando o facto curioso de em todo o palácio não existir um único escudo real.

A assistência às 14 sessões foi a seguinte : Afonso Dornelas, assistiu a 14 sessões; José do Amaral Frazão de Vasconcelos, a 12; José Rodrigues Simões, a 12; José Ferreira Braga, a 10; Julio Nunes de Freitas, a 8; D. Antonio Pedro de São Paio, a 6; Frederico Gavazzo Perry Vidal, a 6; Henrique de Campos Ferreira Lima, a 6; Jesuino Artur Ganhado, a 5; Francisco de Melo Breyner de Almeida e Vasconcelos, a 4; Alberto de Gusmão Navarro, a 3; Antonio de Meneses, a 3; Conde do Almarjão, a 3; José Paulo Pereira, a 3; Carlos da Silva Carvalho, a 2; Adolfo de Oliveira Santos, a 1; Antonio Caldeira Pires, a 1; António Cesar de Mena Junior, a 1; D. Antonio Xavier da Gama Pereira Coutinho, a 1; Cardoso Martha, a 1; Jacinto de Andrade Albuquerque de Bettencourt, a 1; João Pinto, a 1; D. José Pessanha, a 1; Luís de Freitas de Andrade Albuquerque de Bettencourt, a 1.

Trabalhos impressos, comunicações, pareceres e estudos com uma certa abundância foram produzidos pela Secção de Heráldica e Genealogia da Associação dos Arqueólogos Portugueses, conforme o rápido relato que atraz fica. Agora sejam-me permitidas algumas observações de ordem geral.

Estão as Cidades e Vilas de Portugal manifestando o desejo de rectificar, restaurar, ou criar o seu brasão, o seu selo e o seu estandarte.

Manifestação extraordinária de amor pelas tradições e de consideração pela história.

Em todos os tempos e com todas as civilizações cabem estes sintomas que não são mais que o desejo de viver sobre bases do maior respeito.

O esquecimento e o abandono pelas coisas da nossa terra, pelas ninharias, que afinal são tudo, pela razão da nossa existência, pelos mil nadaes que formam o grande monumento da nossa história, são um tremendo perigo para a colectividade, porque mostram absoluta ausência de patriotismo.

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, que sempre tem vivido num regime indelevelmente vinculado, do mais puro patriotismo, que juntando no seu seio pessoas de todos os credos politicos e religiosos e até com ausência absoluta de politica ou de religião, tem sido escolhida, sem o menor reclame, sem a mais leve insinuação, para estudar os brasões de algumas Cidades e Vilas de Portugal.

Tem esta colectividade, com certeza, uma grande satisfação por este facto, pois que deduz com facilidade que é esta circunstância motivada por ser conhecida a sua existência, os seus fins e a sua indole, e assim muitas Câmaras Municipaes do nosso país tem vindo até nós, apresentando consultas e pedidos, e aceitando sem restrições a nossa opinião, que é sempre baseada no produto do nosso estudo.

Este crédito que merecemos com tanta simplicidade, é o melhor atestado, já não digo do nosso saber ou dos nossos conhecimentos, mas do nosso patriotismo e da certeza de que estudamos os assuntos com aquele amor e aquele carinho que são tão necessários para quem investiga, deduz e conclui.

De todos os pontos de Portugal têm partido pedidos para a Secção de Heraldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que assim, entregando-se a estudos provenientes de consultas de estranhos, tem criado uma situação nova no nosso

meio associativo, produzindo trabalho novo e criando relações com o público, respondendo às suas consultas e satisfazendo os seus pedidos.

De todos os pontos de Portugal teem partido para a Secção de Heráldica solicitações que, dentro do praso de tempo necessário, são satisfeitas e digo que são satisfeitas, porque todos nos teem agradecido o nosso trabalho, adoptando para o brasão da sua terra aquele que concertámos debaixo do que nos pareceu a melhor razão e o melhor critério, e aproveitando para o seu standarte a côr que indicámos em face da côr das peças principais do escudo.

Tem tido a Secção de Heráldica uma grande satisfação nestes factos, vindo apresentá-los à Assembleia Geral dos Arqueólogos Portuguezes, com a esperança de que justiça lhe seja feita, considerando-lhe o seu trabalho com o útil e como honroso para as tradições desta velha instituição, que sempre se tem imposto pela força colossal do seu patriotismo e do seu amor pelo estudo e pela sciência.

E' apenas uma Secção desta illustre e já histórica instituição que vem, com altivez, porque não dizê-lo, bradar na presença de V. Ex.^{aa}, que tem empregado todos os seus esforços e tôda a sua actividade para mais alto, se possivel fôr, levantar o nome, mundialmente conhecido e venerado, da Associação dos Arqueólogos Portuguezes.

Não é a Secção que máis responsabilidades tem dentro dos estudos da Arqueologia, pois que essas seriam as de Arqueologia pré-histórica, proto-histórica e clássica, e a de Arqueologia medieval, do renascimento e tempos posteriores; Mas se é a de menor importância, tratando da Heráldica e da Geneologia, ou seja um pouco de Arte e de História e nada mais, vem demonstrar que pelo menos procura honrar as tradições da Associação dos Arqueólogos Portuguezes.

Em 1923, além de outros estudos continuará a Secção de Heráldica e Genealogia estudando os brasões das Cidades e Vilas e procurará conseguir permissão para, pela ocasião da passagem do 60.º aniversário da fundação desta Sociedade Scientífica, ou seja no dia 22 de Novembro próximo futuro, as salas do nosso Museu serem transformadas numa exposição de peças armoriadas, de faiança, de metal, de tecido, colecção de ex-libris brasonados, sinetes, retratos, cartas de brasão, obras de Heráldica e de Genealogia, Arvores de Costado iluminadas, enfim inúmeros objectos em que o brasão ponha a nota interessante de Arte e de História.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1923.

O PRESIDENTE DA SECÇÃO

Afonso de Dornellas

biografia do primeiro capitão-mor e alcaide da Torre de Belem, Gaspar de Pavia realizou uma interessante conferência.

Em 20 do mesmo mês o sr. César da Silva fez uma conferência sobre o Convento dos Terceiros.

Em 28 de Abril foram lidos os relatórios da Direcção do Conservador do Museu, do bibliotecário, da comissão revisora de contas e da Secção de Heráldica relativos ao ano de 1921.

Em 4 de Maio o sr. Dr. Ludovico de Menezes, numa interessante comunicação, deu uma ideia de um trabalho de Heráldica que será publicado em breve e que será posto a venda.

Também nesse dia fez uma comunicação camuflada o sr. Dr. Artur Lamas que fez ver a importância do trabalho de Heráldica.

De crer que a ext. faça imprimir este seu curioso trabalho de investigação.

O ano de 1923 pode ser considerado por esta Associação como um dos mais fecundos e mais brilhantes.

Realizaram-se 25 assembleias gerais, administrativas, de estudo e extraordinárias, a que concorreu não só um grande numero de sócios, como também tiveram uma selecta assistência de muitas pessoas estranhas à Associação.

Resumidamente, faremos o relato dos mais importantes assuntos nelas tratados.

Na primeira sessão, realizada em 1 de Fevereiro, leu o sr. Dr. Reinaldo dos Santos o ultimo capitulo do seu valioso trabalho sobre a *Torre de Belem*, mais tarde publicado numa elegantissima edição.

Na sessão de 24 do mesmo mês o sr. capitão de fragata Quirino da Fonseca fez uma interessante comunicação sobre o valor militar da Torre de Belem nos tempos antigos.

Na mesma sessão foi apresentado um trabalho sobre Ilhavo, da autoria do sr. Rocha Madaill, em que vem incluído o parecer da nossa Secção de Heráldica sobre o brasão daquela vila.

Em 10 de Maio o sr. Dr. Caldeira Coelho leu a sua conferência sobre a *legislação relativa à protecção aos monumentos*, assunto de uma altíssima importância. Foi depois publicado em folheto.

Na sessão de 13 do mesmo mês o sr. Cordeiro de Sousa fez uma comunicação acerca das lápides sepulcrais do convento das Albertas e em especial sobre uma que mostra o nome de uma freira, a Condessa dos Arcos e da Calheta, D. Ignês Maria de Noronha.

O sr. Cordeiro de Sousa tem-se dedicado, louvavelmente, á laboriosa tarefa de inventariar e historiar as lápides do nosso Museu.

Em 31 de Março realizou uma erudita conferência sobre o homem fóssil em Portugal o sr. Dr. Joaquim Fontes, conferência cuja impressão todos os estudiosos desejam ver feita.

Nesse mesmo dia, o sr. dr. Artur Lamas fez uma curiosa comunicação sobre a antiga ponte da Junqueira, que saiu depois impressa no 2.º volume da *Arqueologia e Historia*, órgão da nossa Associação, e em separata.

Na sessão de 7 de Abril o sr. Dr. Reinaldo dos Santos, tomando para assunto a

biografia do primeiro capitão-mór e alcaide da Torre de Belem, Gaspar de Paiva realizou uma interessante conferência.

Em 26 do mesmo mês o sr. Cesar da Silva fêz uma conferência sôbre o Convento dos Jerónimos.

Em 28 de Abril foram lidos os relatórios da Direcção, do conservador do Museu, do bibliotecário, da comissão revisora de contas e da Secção de Heráldica, relativos ao ano de 1922.

Em 2 de Maio o sr. Dr. Ludovico de Meneses, numa interessante comunicação, deu uma ideia geral do plano do seu livro acêrca de Camilo Castelo Branco, que brevemente será posto à venda.

Tambem nesse dia fêz uma comunicação camiliana o sr. Dr. Artur Lamas, que versou a identificação do local da casa habitada por Simão Botelho, no sítio da Junqueira.

E' de crêr que s. ex.^a faça imprimir este seu curioso trabalho de investigação.

Em 26 de Março foi lida uma comunicação enviada pelo sr. Robalo acêrca das ruínas de umas povoações célticas na serra da Coelheira.

Ainda nessa sessão, o sr. Quirino da Fonseca apresentou novos e importantes dados para a biografia do capitão-mór da Torre de Belem, Gaspar de Paiva, referentes à sua estada na Índia e em Malaca.

Em 30 de Maio houve uma comunicação do sr. Ludovico de Meneses sôbre alguns ascendentes de Camilo Castelo Branco.

Na sessão de 20 de Junho realizaram-se estas comunicações: uma sôbre a cidade e monumentos de Tomar (com projecções), pelo sr. coronel Garcez Teixeira e outra sôbre os nomes dados aos nossos antigos navios, pelo sr. Quirino da Fonseca. A propósito desta ultima, leu o sr. dr. Leite de Vasconcelos um capítulo do seu novo livro, no prelo, *Etnografia portuguesa*.

Em 28 do mesmo mês a sr.^a D. Maria do Carmo de Sousa Coutinho fêz uma comunicação sôbre a comendadeira santa, D. Sancha Martins.

No dia 30, ainda do mesmo mês, o sr. Dr. Xavier da Costa leu dois curiosos e importantes documentos, um *Regulamento técnico e disciplinar da Aula Régia de desenho e pintura da cidade do Porto*, manuscrito assinado pelo grande artista Domingos Antonio de Sequeira, e outro referente ao notavel escultor Machado de Castro, desenvolvendo sôbre um e outro interessantissimas considerações.

Nessa sessão o sr. Dr. Ludovico de Meneses tratou tambem de vários assuntos: ruínas de Ossonuba (Algarve), tecidos de linho de Limões (Ribeira de Pena) e custo do calcetamento do Rossio.

Em 28 de Julho, o sr. Afonso de Dornelas leu a memória intitulada *Santa Maria de África, Padroeira de Ceuta*, que havia elaborado para concorrer aos jogos florais que, em Agôsto, se deveriam realizar em Ceuta por ocasião das festas de beleza, a que o mesmo senhor e os srs. Drs. Joaquim Fontes, Jacinto e Luís Bettencourt foram assistir como delegados da nossa Associação.

Nesse mesmo dia, o sr. Quirino da Fonseca leu o prefácio do seu livro sôbre arqueologia naval.

Em 8 de Setembro, numa sessão publica extraordinária, com a assistência do Secretário do sr. Ministro da Instrução, Encarregado de Negocios de Espanha,

Vice-Consul de Espanha, Adido militar espanhol e capitão D. Mariano Ferrer Bravo, foram distribuídos os diplomas e prémios conferidos aos srs. Dornelas e á sr.^a D. Lutegarda de Cairés, pelos trabalhos apresentados naqueles jogos florais.

Nessa sessão, o sr. Dornelas leu a saludação que, em Ceuta, dirigiu às autoridades espanholas, em nome das colectividades portuguesas de cuja representação estava encarregado: a Associação dos Arqueólogos Portugueses e a Academia das Sciencias de Lisboa.

Em 22 de Setembro realizou uma interessante comunicação sobre Ceuta e seus monumentos, acompanhada de projecções, o sr. capitão D. Mariano Ferrer Bravo.

Em 3 de Novembro o sr. D. José Pessanha fêz uma comunicação sobre a Igreja de Lourosa e o sr. Dr. Xavier da Costa outra sobre Domingos António de Sequeira, desenhador de medalhas, publicada já no 2.º vol. da *Arqueologia e Historia* e em elegante separata.

Em 10 desse mês, o sr. Ludovico de Meneses fêz uma conferência sobre a fabricação e aplicação da púrpura na antiguidade.

Ainda em 17 de Novembro, o sr. D. José Pessanha proferiu o elogio de D. Vicente Lamperes y Romêa, notavel architecto e arqueólogo espanhol, recentemente falecido, e apresentou uma comunicação sobre as igrejas de Lourosa e de S. Pedro de Balsemão.

O sr. Matos Sequeira, que havia realizado uma visita a Olivença com os srs. Alberto Sousa e Rocha Junior, fêz uma breve comunicação sobre esta antiga cidade portuguesa, sobre a qual vai publicar, juntamente com o sr. Rocha Junior, um curioso trabalho de investigação histórica, com desenhos e aguarelas daquele illustre artista.

Em 22 de Novembro comemorou-se o 60.º aniversário da fundação desta colectividade com uma comunicação do sr. dr. Valério Cordeiro sobre o histórico convento do Carmo e outra do sr. Matos Sequeira sobre a *Rua Nova dos Ferros*, publicada, ha pouco, no seu belo livro *Tempo passado*.

Em 30 de Novembro, iniciou-se a discussão do projecto dos novos estatutos da nossa Associação, discussão que prosseguiu nas sessões realizadas em 5, 12, 14 e 19 de Dezembro.

Nesta sessão o sr. Dr. Xavier da Costa apresentou o projecto de restauração da capela dos Coimbras, em Braga, trabalho do architecto sr. Vilaça. Para o discutir e apreciar foi nomeada uma comissão composta pelos srs. D. José Pessanha, Matos Sequeira e Alberto Sousa.

Em 14 de Dezembro foram solenemente recebidos os delegados enviados pela cidade de Ceuta, com a assistência do sr. Ministro de Espanha.

Houve uma conferência do sr. Dr. Joaquim Fontes sobre os aspectos arqueológicos de Tetuan e o sr. Dornelas leu o relatório da viagem realizada a Ceuta e outras cidades do norte de África pela missão portuguesa, a que já se fêz referência.

Em 15 de Dezembro foi lido o relatório da comissão nomeada para apreciar o plano da restauração da capela dos Coimbras.

Como se depreende por estas ligeiras notas, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, durante o ano findo, manifestou, de uma forma verdadeiramente no-

tável, a sua actividade e vitalidade, continuando assim a manter as suas antigas e honrosas tradições.

Lisboa, Edifício Histórico do Carmo, 16 de Dezembro de 1924.

O 1.º SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA GERAL

Henrique de Campos Ferreira Lima

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

Ex.^{mos} e presados Consócios :

Em cumprimento das disposições estatutárias vimos dar-vos conta da nossa gerência no ano de 1923.

Nos relatórios parciais, respectivamente, do Museu, da Biblioteca e da Tesouraria, encontrareis minuciosamente descrita a parte mais importante da nossa gerência, podendo constatar-se um progresso notável em todas as manifestações da nossa vitalidade associativa.

Não tem aqui cabimento a referência às sessões de estudo e às conferencias e sessões solenes realizadas no nosso grémio. Esse aspecto da vida associativa será, segundo preceituum os estatutos, posto em foco pelo ilustre 1.º Secretario da Mesa da Assembleia Geral; mas não queremos deixar de aqui referir que quasi todas essas retiniões foram efectivadas por iniciativa da Direcção.

Desejamos tambem informar-vos do estabelecimento de relações com várias colectividades scientificas nacionais e estrangeiras, implicando a permuta das respectivas publicações, o que veio enriquecer a biblioteca, actualizando a bibliografia de alguns ramos dos estudos associativos. Da Direcção partiu tambem e iniciativa da comemoração do 60.º aniversário da fundação da Associação.

Tambem, neste ano, a Direcção conseguiu publicar mais um volume da *Arqueologia e História*, que é o II, que em virtude da resolução tomada pela assembleia geral, depois do último aumento das quotas, será distribuído gratuitamente a todos os sócios nacionais. E' este um facto importante para qualquer agremiação scientifica, por isso fazemos votos para que as futuras gerências prossigam a publicação desta nova série do orgão official da Associação.

Não prenderemos a vossa atenção com o relato do dia a dia da nossa gerência, com a nota de todas pequenas resoluções administrativas, que podereis conhecer circunstanciadamente pelo livro das actas da Direcção, ao vosso dispôr.

Já no relatório do ano transacto nos referimos à publicação, que este ano se fêz, de um Decreto em que o Govêrno concede à nossa Associação várias regalias, como sejam a posse da actual sede e da sacristia e tórre, estas actualmente utilizadas pelo Comando Geral da Guarda Republicana, isenção de franquia na correspondência associativa, a confirmação do direito de ter um representante na Comissão de Monumentos da 1.ª Circunscricção, e, em resumo, o character de colectividade official que a Associação fica possuindo.

Este Decreto, que tem o n.º 8630 e a data de 9 de Fevereiro de 1923, ficou constituindo como que a carta orgânica associativa. A Direcção completou esta

sua iniciativa elaborando umas bases de Regulamento interno, em harmonia com o citado Decreto, bases que a Assembleia Geral aprovou com ligeiras alterações e que aguardam a aprovação de Sua Ex.^a o Ministro da Instrução.

São estes os factos principais da gerência.

O 1.º SECRETARIO DA DIRECÇÃO

José do Amaral Frazão de Vasconcellos

RELATORIO DOS CONSERVADORES DO MUSEU

Embora com pequeno desenvolvimento, não deixou de progredir o serviço da catalogação, que tão importante é. Na sala de arqueologia pré-histórica algumas dezenas de objectos ficaram já descritos nos respectivos verbetes.

Como subsídio para o catálogo, o penultimo dos signatários iniciou o estudo das pedras epigrafadas do Museu, estudo que começa a ser publicado no 2.º volume da *Arqueologia e História*.

Melhoraram-se as instalações do Museu, pintando-se alguns armários; disporam-se com ordem alguns azulejos existentes; dispôs-se convenientemente a lápida indiana adquirida, em 1922, alterou-se a arrumação de alguns objectos, tanto nas salas como nos móveis, de maneira a dar-lhes maior realce; e foram convenientemente armados os cruzeiros da Ajuda e do Hospital de S. Lázaro e o túmulo medieval desta ultima procedência.

Como melhoramento de há muito desejado, conseguiu-se a construção, por parte do Estado, das valetas calçadas ao longo da nave central e o devido esgôto para as águas pluviais, e a construção de uma faixa calçada para cómodo acesso das salas.

O publico continuou a mostrar predilecção pelo nosso Museu, apesar do aumento de custo dos bilhetes de entrada (que se tornou indispensavel em virtude do aumento das despesas), o que se pode verificar no seguinte mapa comparativo do numero de visitantes e do rendimento em alguns annos anteriores e dos desta gerência :

Anos	Número de visitantes	Rendimento
1879	1.867	184\$00
1901	1.630	156\$70
1912	2.234	237\$20
1922	6.299	1.867\$90
1923	6.765	3.880\$50

Estes números foram obtidos em detrimento da facilidade da visita gratuita, porque, além de frequentado ao publico nos dias estabelecidos, foi tambem facilitado a grupos que o visitaram e que foram :

Grupo Esperantista Lisboa Verda Stelo, Escola Primária Superior de Aldegallega, grupo de alunos do consócio Dr. Valerio Cordeiro, dois grupos de praças do cruzador «Republica», do comando do nosso consócio Sr. Quirino da Fonseca,

dois grupos da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio e um grupo do Asilo Maria Pia. Estes grupos foram acompanhados, sempre que isso foi possível, por um dos conservadores.

A despesa efectuada com o Museu importou em 297\$80.

As entradas de objectos para o Museu foram as que seguem adiante. Todas as entradas foram registadas devidamente num registo especial que se iniciou este ano.

Por falta de transporte, alguns objectos não puderam ser recolhidos, mas esse facto ficou registado num outro livro especial, tambem iniciado este ano, que permitirá às gerências futuras fazerem a recolha, quando vier a oportunidade.

Seguem a relação dos objectos entrados, e a dos objectos oferecidos ou adquiridos e ainda não recolhidos :

1. — Escudo das armas reais, esculpido em cinco pedras, do reinado de D. Manuel II, que se destinava ao edificio do quartel da Guarda Municipal. Entrou em Maio de 1923. Oferecido pelo Ex.^{mo} Comandante da Guarda Nacional Republicana.

2. — Antigo cruzeiro, com inscrições e faltando-lhe os degraus. E' constituido por três pedras e faltando-lhe tambem a caixa das esmolas. Provém do interior de uma capela abandonada no sítio do Cruzeiro da Ajuda. Depositado pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

3. — Lápida da sepultura de Luis Craveiro. Provém dos Depósitos da Azinheira. Entrada em Março de 1923. Oferecida pelo Ministério da Marinha.

4. — Lápida do Asilo dos Inválidos de Marinha. Entrou em Março de 1923. Proveniente dos Depósitos da Azinheira. Oferecida pelo Ministério da Marinha.

5. — Lápida sepulcral de Bento da Costa de . . . Entrou em Março de 1923. Proveniente dos Depósitos da Azinheira. Oferecida pelo Ministério da Marinha.

6. — Craneo encontrado nas escavações junto ao cruzeiro que tem o n.º 2 de entrada. Entrou em 16 de Março de 1923. Oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Armando Porfírio Rodrigues, administrador do Palácio da Ajuda.

7. — Bilha de barro encontrada nas escavações junto ao cruzeiro que tem o n.º 2 de entrada. Oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Armando Porfírio Rodrigues.

8. — Grade ferro, de varanda. Proveniente do antigo Convento do Carmo, de Lisboa. Oferta do Ex.^{mo} Comandante da Guarda Republicana. Entrou em 24 de Março de 1923.

9. — Cabeceira de sepultura ornamentada em ambas as faces e ainda com florões pequenos nos dois topos. Proveniente de Bucelas. Oferecida pelo sócio Ex.^{mo} Sr. Artur de Albuquerque. Entrou em 17 de Abril de 1923.

10. — Tres notas do Banco Nacional Ultramarino. Oferta de um visitante.

11. — Balança romana de ferro, e peso de chumbo. Oferta do sócio Ex.^{mo} Sr. Artur Rotalo. Proveniente de Famalicão (Guarda). Entrou em Maio de 1923.

12. — Peçaço de cano metalico. Idem, idem.

13. — Cinco fragmentos de cerâmica. Idem, idem.

14. — Túmulo medieval de Esteves Pais, com inscrição. Proveniente do Hospital de S. Lázaro. Oferecido pela Direcção dos Hospitais. Entrou em Julho de 1923.

15. — Cruzeiro manuelino. Proveniente do Hospital de S. Lázaro. Oferecido pela Direcção dos Hospitais. Entrou em Julho de 1923.

16. — 1 medalha religiosa — 1 dita do Centenário de Contente — 1 dita de Vasco da Gama — 3 pêsos — 4 senhas de cartão da Alfândega do Funchal — 3 senhas de metal de Vicente Oliveira — 9 ditas da Alfândega do Funchal — 1 dita do Pavilhão Oliveira — 2 fichas particulares, de metal — 2 ditas idem, de folha. Oferta do sócio Ex.^{mo} Sr. dr. Carlos Meireles da Silva Carvalho. Entraram em Julho de 1923.

17. — 4 fósseis provenientes do sítio da Cova da Moura em Lisboa (Bairro Novo da Lapa). Oferta do Ex.^{mo} Sr. José Maria Tavares de Oliveira. Entrou em 12 de Outubro de 1923.

18. — Sinete (só a parte metálica) com as armas de S. Francisco. Proveniente do antigo Convento de S. Bernardino. Oferta do sócio Ex.^{mo} Sr. Cesar da Silva. Entrou em 17 de Novembro de 1923.

19. — Pedra de anel imitando aço, com brasão de José António de Castro Pereira, feita em Paris. Oferta do Ex.^{mo} Conde de Castro e Sola. Entrou em 28 de Dezembro de 1923.

OBJECTOS AINDA NÃO RECOLHIDOS

1. — Lápida sepulcral existentes nas obras do Conservatório. Oferecida pela Administração Geral das Obras e Monumentos Nacionais.

2. — Três pedras brasonadas que existiam na muralha de suporte da Calçada de Santa Apolónia e adquiridos à Companhia Portuguesa de Caminhos de Ferro, por 108\$000, importância do seu arranque da mesma muralha.

3. — Alguns capitéis provenientes do antigo Colégio dos Nobres. Oferta da Faculdade de Ciências.

4. — Algumas pedras do Convento de Odivelas, além das que já deram entrada e que foram oferecidas pelo Ministerio da Guerra.

5. — Pedra lavrada proveniente dos Paços da Ribeira. Oferecida pela Administração Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Sede da Associação, em 31 de Dezembro de 1923.

Francisco Augusto Garcez Teixeira

Jesuino Artur Ganhado

José Maria Cordeiro de Sousa

Felix Alves Pereira.

SECÇÃO DE HERÁLDICA E DE GENEALOGIA

Encerrei o relatório de 1922, lembrando que em 22 de Novembro de 1923 completava a Associação dos Arqueólogos Portugueses 60 anos de interessante existência, sendo necessário que alguma coisa se fizesse para comemorar essa data, como se fêz quando se completaram 50 anos.

Em nome da Secção de Heráldica e de Genealogia, pedi permissão para, na referida data, haver uma exposição de peças brasonadas espalhadas pelas salas da Associação, o que foi plenamente aprovado.

Depois foi nomeada uma Comissão especial pela Assembleia Geral para que uma grande exposição de heráldica fôsse levada a efeito.

Grandes projectos vieram mostrar a impossibilidade de tal exposição, dissolvendo-se a referida Comissão.

Hoje vem a Secção de Heráldica pedir licença á Ex.^{ma} Assembleia Geral para levar a efeito uma pequena exposição ou apenas um mostruário de objectos brasoados.

Bastam os objectos de cada sócio e pouco mais para alguma coisa de interessante se fazer.

*

Vejamos agora o que fêz a Secção de Heráldica e de Genealogia durante 1923. A primeira reunião foi em 10 de Janeiro e nela o Sr. Conde do Almarjão pediu referências de obras sobre os brasões das Cidades e Vilas portuguesas para serem publicadas em jornais de Boston, cidade da América do Norte, onde o Consul Português, Sr. Fernando Abecassis, desejava fazer tal publicação.

O Sr. José Paulo Pereira propôs que esta Secção estudasse todos os brasões das Cidades e Vilas de Portugal, mesmo sem prévia solicitação das autoridades locais.

*

Em 24 do mesmo mês, houve a 2.^a sessão em que foi lido um officio da Câmara Municipal de Santo Tirso, pedindo se estude o Brasão para esta Vila, e outro de Santarem pedindo se estudem as côres do brasão desta cidade.

Foram dados os merecidos louvores ao Sr. José Paulo Pereira pelo interessante artigo intitulado *Bandeiras e Brasões Municipais*, que publicou no jornal *O Mundo* de 14 do mesmo mês de Janeiro e no qual aquele nosso ilustre consócio mostra as vantagens de todas as terras terem o seu símbolo, referindo-se eruditamente aos sêlos e bandeiras municipais e aos trabalhos da nossa Secção de Heráldica.

*

Em 7 de Fevereiro foi deliberado comunicar à Direcção que a Secção de Heráldica e de Genealogia não concordava com a proposta do Sr. Mário de Sá sobre a industrialização dos estudos da mesma Secção.

O Presidente apresentou uma interessantissima Monografia sobre Ilhavo, intitulada *Illiabum*, da autoria do Sr. Antonio Gomes da Rocha Madaíl que com amáveis referências inclui o parecer da Secção sobre o Brasão da mesma Vila.

Todos os presentes a esta sessão assinaram uma proposta para o Sr. Rocha Madaíl ser inscripto sócio correspondente da nossa Associação.

*

Em 21 de Fevereiro foi lido um pedido do Administrador do Concelho de Belmonte para que o Brasão desta Vila fôsse estudado.

O Sr. Jacinto de Andrade Albuquerque Bettencourt disse que por ocasião da recente comemoração, em S. Miguel, do quarto centenário da morte do grande historiador e genealogista Gaspar Frutuoso, representou a nossa Associação e portanto esta Secção.

O Sr. Rodrigues Simões propôs que se registasse na acta o regozijo da Secção por se ter terminado a publicação do *Armorial Português* e que tal facto se comunicasse ao seu autor Sr. C. L. dos Santos Ferreira.

No dia 7 de Março o Sr. Jacinto de Bettencourt apresentou um projecto de circular para enviar a todos os titulares e representantes de titulares para preencherem um questionário especial para se organizar um registo, conforme de há muito está deliberado se faça.

O Presidente da Secção leu o seu parecer sôbre o Brasão de Colares, que foi aprovado.

*

Em 21 do mesmo mês de Março, o Sr. Jacinto de Bettencourt leu um seu trabalho sôbre o navegador Antão Gonçalves Baldaia e a sua familia.

O Sr. Rodrigues Simões propôs um voto de congratulação por o *Diário do Govêrno* do mesmo dia inserir um decreto considerando official a nossa Associação e dando-lhe regalias muito apreciáveis.

O Presidente leu o seu parecer sôbre o Brasão de Alcobaça, que foi aprovado, e fêz uma ultima leitura do parecer sôbre o Brasão de Estremoz.

*

Em 11 de Abril foi lido um officio da Sociedade de Geografia para serem estudados os Brasões das Províncias Ultramarinas.

O Sr. Rodrigues Simões apresentou quatro opúsculos e oito cartas de Louis Bouly de Lesbain, dirigidas em 1895-1897 ao Visconde Julio de Castilho, e uma minuta de uma carta deste ao referido escritor francês, sôbre assuntos de genealogia.

Foi nomeado o Sr. Jacinto de Bettencourt para estudar estes documentos e dar o seu parecer.

O Presidente leu o parecer do Brasão de Vila Franca de Xira, que foi aprovado.

*

Em 25 do mesmo mês de Abril foi lido um officio do Sr. Dr. José Troncho de Melo, Presidente da Junta de freguesia do Luso, pedindo para o respectivo brasão ser estudado.

O Sr. Frazão de Vasconcelos apresentou uma interessante árvore genealógica da Familia Tôrres, de Italia, que tem a sua origem na Familia Tôrres de Portugal.

O Sr. Jacinto de Bettencourt apresentou o seu parecer sobre as cartas e opúsculos de Louis Bouly de Lesbain e sobre a minuta do Visconde Castilho.

O Presidente leu os seus pareceres sobre os Brasões de Vagos, Belmonte e Caria, da Beira Baixa, que foram aprovados.

*

No dia 23 de Maio, o Presidente comunicou sentidamente à Secção que dois dias antes tinha falecido o Senhor Conde de Sabugosa, verdadeira perda nacional, pelas suas excepcionais qualidades, e perda de grande pesar para a Secção de Heráldica e de Genealogia, pois que na sua primeira sessão, em 4 de Abril de 1910, foi Sua Ex.^a que presidiu e nela foi sua Ex.^a eleito Presidente. Foi portanto o primeiro Presidente da mesma Secção.

O Sr. Jacinto de Bettencourt leu um comovente elogio das extraordinárias qualidades do Sr. Conde de Sabugosa.

Nada mais se tratou nesta sessão, como manifestação de intimo sentimento.

*

Em 13 de Junho o Presidente, propôs que na acta ficasse registado o nosso pesar pelo falecimento do Sr. Conde da Folgosa, avô do nosso consócio Sr. Conde do Almarjão.

O Sr. Jacinto de Bettencourt leu uns interessantes elementos para a História da Secção de Heráldica nas suas diligências junto de um projectado Conselho Heráldico de Portugal.

O mesmo Sr. fêz uma comunicação sobre o Vice-Rei das Canárias, Jean de Bettencourt e a sua suposta ascendência, resolvendo-se consultar qualquer instituição francesa da especialidade, propondo o Sr. Frazão de Vasconcelos que se solicitasse do nosso consócio Sr. Marquês de Faria que apresentasse uma consulta a alguma das instituições francesas de que fás parte.

O Sr. Frazão de Vasconcelos apresentou uma monografia da autoria do Sr. Dr. Santos Farinha, referente ao Palácio de Palhavã, que inclui um estudo genealógico sobre os Condes de Sarzedas.

Ainda o Sr. Frazão de Vasconcelos fêz uma comunicação sobre um documento de 1424 em que claramente se dá o nome de quinas aos escudetes das armas nacionais, devendo este documento ser o mais antigo até hoje conhecido com tal referência.

O Presidente apresentou o seu parecer sobre o Brasão de Luso que foi aprovado.

*

Em 27 de Junho, o Sr. Julio Nunes de Freitas fêz uma comunicação sobre um brasão existente em Nogueira de Trás-os-Montes, no solar do Sr. Alfredo Vitor de Azevedo.

O Presidente ofereceu o X volume da obra *História e Genealogia* e em

seguida fêz uma comunicação sôbre Santa Maria de África, Padroeira de Ceuta e sôbre o brasão desta Cidade.

*

Em 11 de Julho, o Presidente da Secção disse ter recebido convite do Alcaide de Ceuta para assistir às festas que se realizaram em Agôsto próximo, e, como tencionasse ir, fêz um estudo sôbre o Brasão e Bandeira da mesma Cidade, que apresentou como parecer e que foi aprovado.

O Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima apresentou uma obra intitulada *Genealogia do ramo primogênito das famílias Andrade Pinto e Campos de Andrade*, da autoria dos Srs. Sérgio Bizarro de Andrade Pinto e Ernêsto Campos de Andrade.

O Sr. D. António de São Paio apresentou a decifração do brasão de que na sessão anterior o Sr. Julio Nunes de Freitas se havia ocupado.

Parece ser das Famílias: Vás Fernandes, das Astúrias — e Ribeiros.

O Sr. Frazão de Vasconcelos comunicou que a Real Academia Galega, da Corunha, e o Instituto Geográfico e Arqueológico Pernambucano ofereceram a permuta das suas publicações que incluem estudos Genealógicos e Heráldicos.

*

Em sessão de 25 de Julho, o Presidente apresentou o parecer para o Brasão e Bandeira do Luso, que foi aprovado.

O Sr. Coronel Garcez Teixeira referiu-se a umas pedras brasonadas existentes em edificios dependentes da Estação de Santa Apolónia, sendo resolvido pedir à Direcção para as solicitar à Companhia dos Caminhos de Ferro, para o nosso Museu.

*

Em 23 de Outubro houve uma sessão extraordinária para estudar a forma de levar a efeito uma exposição de objectos brasonados, não conforme tinha sido proposto no final do relatório desta Secção de 1922, mas com muito maior amplitude, conforme tinha sido resolvido pela Assembleia Geral. Foi nomeada uma Comissão especial para organizar a mesma exposição.

*

Em 7 de Novembro o Sr. Frazão de Vasconcelos leu a resposta a uma consulta da Secção sôbre a Família Bettencourt de Portugal e Espanha, que o nosso consócio Sr. Marquês de Faria obteve da Biblioteca Nacional de Paris. O Sr. Jacinto de Bettencourt, que já conhecia a referida resposta à consulta, apresentou um minucioso trabalho referente ao assunto.

Ainda o mesmo Sr. Jacinto de Bettencourt leu um seu estudo sôbre a Cruz de Jerusalem.

O Sr. D. António de São Paio, fêz uma comunicação sôbre a origem da Família Lusignan.

Deixando apenas de haver uma sessão por falta de número, efectuou a Secção de Heráldica e de Genealogia da Associação dos Arqueólogos Portugueses quinze sessões, assim frequentadas :

Conde de Almarjão.....	4	Sessões
António Caldeira Pires.....	2	»
José Paulo Pereira.....	10	»
Afonso de Dornélas.....	16	»
Henrique de Campos Ferreira Lima.....	7	»
D. António de São Paio.....	6	»
Frazão de Vasconcelos.....	10	»
José Rodrigues Simões.....	11	»
Luís de Albuquerque Bettencourt.....	8	»
Jacinto de Albuquerque Bettencourt.....	11	»
Alberto de Gusmão Navarro.....	1	»
Mario Leitão da Veiga.....	4	»
Francisco Augusto Garcez Teixeira.....	6	»
Cardoso Marta.....	5	»
José Augusto Mendes da Cunha Pereira Saraiva.....	9	»
Paulo B. Ferreira.....	1	»
Victor Santos.....	1	»
Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio.....	3	»
Júlio Nunes de Freitas.....	3	»
Jesuino Ganhado.....	2	»
Frederico Gavazo Perry Vidal.....	1	»
Francisco de Almeida e Vasconcelos.....	1	»

Tem continuado a ser a Secção de Heráldica e de Genealogia solicitada para estudar os Brasões e Bandeiras das Cidades e Vilas e até aldeias, e, assim, durante 1923, foram adaptados, segundo parecer da mesma Secção, Brasões e Bandeiras estudados para : — Colares — Alcobaça — Extremoz — Vila Franca de Xira — Vagos — Belmonte — Caria da Beira Baixa e Luso.

São portanto mais oito localidades que ficam com os seus brasões e bandeiras definidas em face da história local.

É interessante o facto de constantemente aparecerem pedidos desta natureza, feitos pelas autoridades locais, que aceitam geralmente sem qualquer observação o que a Secção de Heráldica tem estudado e apresentado como satisfação dos mesmos pedidos.

Procura pois a mesma Secção, por todas as fórmulas, levantar o nome da nossa veneranda Associação, que já conta 60 anos de gloriosa existência.

Procura a mesma Secção continuar a merecer a confiança que nela depositam.

Lisboa, 3 de Abril de 1924

Afonso de Dornelas

RELATÓRIOS DA GERÊNCIA DE 1924

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

A resolução por nós tomada, e já posta em prática em 1922 e 1923, de relatar separadamente o movimento do Museu e da Biblioteca, tira a este relatório dois dos seus mais importantes capítulos da gerência da vossa Direcção, que neste ano termina os seus trabalhos e depõe nas vossas mãos o mandato que lhe foi confiado.

Da forma como a vossa Direcção se desempenhou nos dois primeiros anos da sua gerência falam os relatórios respectivos, que V. Ex.^{ma} se dignaram aprovar com louvor, que ficou expresso e que nos serviria de estímulo, se de tal carecessemos, para prosseguirmos na nossa missão no ano agora findo. Não só os relatórios parciais a que aludimos merecem a vossa atenção. O da Tesouraria demonstra também que a vossa Direcção não descuroou, neste ano, as diligências efectuadas nos dois anos transactos. E mercê, em grande parte, do director-tesoureiro, senhor José Rodrigues Simões, a nossa Associação vê-se hoje de posse de um saldo positivo relativamente elevado, nunca conseguido na sua já longa existência, não obstante as muitas despesas feitas, como miudadamente podereis vêr nas nossas contas.

A vossa Direcção, no ano de 1924, reuniu-se em sessão quinze vezes e alguns dos seus membros visitaram assiduamente a sede associativa, acompanhando os diferentes trabalhos a efectuar.

Deixando os actos administrativos de somenos importância, que, contudo, podereis saber pelo nosso livro de actas, destacamos os seguintes, os quais, com os referidos nos relatórios parciais, constituem a principal da nossa gerência.

No principio do ano, em harmonia com o praticado anteriormente, autorizámos, na nossa séde, a realização da exposição de aguarelas e desenhos do nosso consócio senhor Alberto Sousa, estando o nosso Museu franco ao público durante uma quinzena, mas sendo a Associação compensada da suspensão da cobrança de entradas por uma percentagem sôbre as vendas efectuadas pelo expositor.

Autorizámos também que os proprietários da Fábrica de Cerâmica «Constância», senhores Leopoldo Battistini e Viriato Silva, efectuassem no nosso Museu uma exposição de louças e azulejos, imitação do antigo, iniciativa que, pelo seu cara-

cter especial, pareceu à vossa Direcção dever animar. Nesta exposição, como na anterior, foi grande a afluência de visitantes. O Museu esteve tambem franco ao público, sendo a Associação compensada pelos expositores.

Ainda com o mesmo espirito de auxiliar todas as iniciativas de utilidade social, nas modalidades que cabem dentro dos fins desta Associação, autorizou a Direcção que a Comissão do Centenário e Monumento de Camilo Castelo Branco effectuasse na nossa sede, de dia e depois de encerrado o Museu, as suas reuniões, permitiu a realização de sessões promovidas por essa Comissão e contribuiu com 50000 para a subscrição do Monumento a Camilo.

Consegui a vossa Direcção, neste ano, a publicação de mais um volume, o III, da *Arqueologia e Historia*, elevando a sua tiragem para 400 ex., em virtude do agrado com que foram recebidos os dois numeros anteriores, já exgotados.

Na comemoração do centenário do grande Épico Luis de Camões, a Direcção levou a efeito, nas nossas salas, uma exposição bibliográfica camoneana, com o concurso de alguns dos nossos consócios e de pessoas estranhas à Associação.

Esta exposição foi tambem muito concorrida, contribuindo para que a nossa Associação seja mais conhecida e devidamente apreciada.

No dia 14 de Agôsto, em harmonia com o disposto nos Estatutos, o nosso Museu esteve franqueado ao publico, fórma pela qual esta colectividade se associa às homenagens a D. Nuno Alvares Pereira. Porém, como na imprensa apparecesse a noticia de que a fachada da nossa sede seria iluminada, a Direcção reuniu-se especialmente para tratar do assunto, resolvendo não permitir essas iluminações, nem ornamentações, para que não lhe tinha sido solicitada autorização.

Na ocasião das festas ao Condestável, foi esta casa honrada com a visita inesperada de S. Ex.^a o Presidente da República, que era acompanhado pelos Ex.^{mos} Presidente do Ministério e Ministro da Guerra e por outras entidades officiais. Foi Sua Ex.^a recebido e cumprimentado, por parte da Associação, por membros da Direcção e outros sócios que se encontravam no edificio.

Solenizando-se em 25 de Dezembro o 4.^o Centenário da morte de D. Vasco da Gama e tendo a Secção de Heráldica e Genealogia proposto a abertura, nesse dia, da sua projectada exposição de objectos brasonados, a Direcção concordou, tendo o senhor Afonso de Dornelas obtido que a referida exposição figurasse no programa official das festas. Como estas foram adiadas, adiada foi tambem a nossa exposição.

Várias sessões de assembleia geral de estudo, para apresentação de trabalhos scientificos, foram effectuadas a pedido da Direcção, mas da forma como decorreu o ano scientifico da nossa Associação vos dirá, segundo a disposição estatutaria, o dignissimo primeiro secretário da Mesa da Assembleia Geral.

Para terminar, desejamos informar de que neste ano fizemos varias diligências no sentido de ser aprovado o novo Regulamento interno desta Associação e a sua publicação na folha official, mas não o conseguimos ainda.

Outro assunto, bem a nosso pesar, fica igualmente para a nova gerência — o cumprimento da resolução da assembleia geral de ser mudado do seu lugar actual o túmulo de D. Fernando I, de fórma a tornar mais amplo o recinto das sessões e a dar um melhor aspecto à sala.

Juntamos a este Relatório uma nota dos actos principais da nossa gerência no triénio 1922-1924, de alguns dos quais resultaram importantes benefícios para a Associação.

Edifício Histórico do Carmo, sede da Associação do Arqueólogos Portugueses, em 31 de Dezembro de 1924.

PELA DIRECÇÃO :

O 1.º SECRETARIO (RELATOR)

José Augusto do Amaral Fração de Vasconcelos

BIBLIOTECA

Continuou durante este ano a verbetação onomástica de cada obra, tendo-se concluído a das obras que têm autor conhecido e a das obras que foram publicadas por corporações ou entidades oficiais. Resta ainda verbetar as restantes, que são em pequena minoria.

Quanto à verbetação por assuntos, já começada, espera a Direcção que as Secções de Estudo o façam nos assuntos que a cada uma delas diz respeito, sendo intuitivo que tão violento trabalho não seja exigido a um só indivíduo.

O número de obras novas matriculadas durante o ano foi de 149, além de grande número de volumes e fascículos de continuações gerais.

A maioria destas obras foi obtida por ofertas.

A despesa com a Biblioteca foi a seguinte :

Acquisição de livros.....	} 1.101\$95
Encadernações.....	
Expediente e diversos	

Como se vê, pode considerar-se este ano da gerência como um ano favorável à Biblioteca. Pena é que, durante êle, tivéssemos a lamentar o afastamento da assiduidade do serviço da Biblioteca do nosso ilustrado consócio Sr. Quirino da Fonseca, que, em virtude do serviço profissional, teve de sair de Lisboa, afastamento que deve prolongar-se ainda por alguns meses, o que o levou a solicitar a demissão do cargo de bibliotecario, que a Direcção resolveu não apresentar à Assembleia Geral, em vista de já estar então próximo o fim da gerência.

Por este motivo é este relatório apresentado pelo signatário.

Edifício Histórico do Carmo, 31 de Dezembro de 1924.

Servindo de Bibliotecario :

Francisco Augusto Garcez Teixeira

MUSEU

Continuou a catalogação dos objectos do Museu, estando concluído o original para a primeira folha do catálogo, compreendendo objectos expostos nas naves.

No 3.º volume da *Arqueologia e História*, em distribuição, publicou o segundo dos signatários a 2.ª série das «Inscrições Portuguesas do Museu», que, com a 1.ª série, já publicada, constituem uma contribuição para o catálogo.

Começou-se a arrumação definitiva dos objectos lapidares do Museu, nas capelas das naves.

Para facilitar a entrada dos objectos pesados, adquiriu-se um aparelho diferencial da força de 300 quilos, a respectiva cabrilha, e uma corda de 18^m, objectos cuja falta tornou algumas vezes perigosa a entrada dos objectos pesados na porta principal.

Além da exposição Alberto Sousa, que anualmente se realiza na nossa sala principal, realizou-se este ano também uma exposição camoneana, durante a Semana de Camões, efectuada quasi que só com elementos da Associação, que, além de dar uma boa receita, pois foi visitada por perto de 500 pessoas, constituiu uma apreciável manifestação da vida associativa e dos elementos de que ela hoje dispõe.

Também durante o mês de Julho se efectuou, no Museu, uma exposição dos productos cerâmicos, artisticos, estilo antigo, da Fábrica Constância L.da. Esta exposição, além de animar uma indústria artística e tão nacional, permitiu franquear gratuitamente ao publico o Museu, que foi frequentado por milhares de visitantes, sem gravame, e até mesmo com vantagens economicas, para a Associação.

A despesa feita com o Museu foi de 1.816\$37, devendo, para a sua apreciação, ter-se em vista que foi pintada a porta principal, adquiriu-se material para obras de arrumação neste ano e que já fica para o ano futuro, está-se tratando com óleo de linhaça o túmulo gótico de D. Fernando 1, armou-se a reprodução do retábulo de S.ª Cruz, e recolheram-se os objectos que constam da lista junta.

O Museu foi franqueado gratuitamente à visita, das : »Hora de Arte», Escola de Reforma, Asilo dos Cegos e Escola Fonseca Benevides, tendo estas visitas sido acompanhadas, sempre que foi possível, por algum director.

Os CONSERVADORES :

Garcez Teixeira

J. M. Cordeiro de Sousa

RELAÇÃO DOS OBJECTOS ENTRADOS

Oferta do Ex.º Sr. Anibal da Rocha Monteiro :

1 nota de 2\$500 réis de Luanda.

1 cédula de 50 cent. de Angola.

Oferta do Ex.º Sr. José de Sommer Ribeiro :

Um cipo romano com inscrição, em 3 fragmentos, 2 troços de colunelo.

1 fecho manuelino de 4 nervuras.

1 pedra ovoide, para uso desconhecido, proveniente de demolições no palácio junto ao Arco de Jesus.

Oferta da Academia de Belas Artes :

Uma reprodução em gesso dos capiteis do templo romano em Evora.

Adquirida pela Associação: 1 pedra com brasão de armas (Freitas e Abreu?) com corôa. Proveniente da muralha de suporte da Calçada de S.^{ta} Apolónia.

Adquirida pela Associação: 1 pedra com brasão de armas (Freitas e Abreu?) sem corôa. Proveniente da muralha de suporte da Calçada de S.^{ta} Apolonia.

Adquirida pela Associação: 1 pedra com escudo nacional, sem corôa. Proveniente da muralha de suporte da Calçada de S.^{ta} Apolonia.

Oferta do sócio Ex.^{mo} Sr. Afonso Dornelas: 1 medalha de latão.

Oferta da Escola de Belas Artes: Reprodução em gesso de um retábulo, de S.^{ta} Crux, em Coimbra.

Oferta do Ex.^{mo} Sr. Miguel de Sequeira: 1 pedra com inscrição em latim. Proveniente do antigo Convento dos Marianos.

Oferta do Ex.^{mo} Sr. General J. Joaquim Caldeira Pires: Desenho em tela, emoldurado, com vários Monumentos Portuguezes, desenhados pelo mesmo senhor em 1878.

Oferta do Ex.^{mo} Sr. Manuel Francisco Fidalgo: 2 azulejos espanhóis, do século xvi, provenientes do antigo Paço das Negros, da Ribeira de Muge.

Oferta do Ex.^{mo} Sr. Frazão de Vasconcelos: 2 fragmentos de azulejos espanhóis do século xvi. Provenientes das ruínas do Convento de N.^a S.^a da Serra, de Almeirim.

Oferta do Ex.^{mo} Sr. Augusto de Melo Nogueira: 4 moedas da República, de 1\$00, \$50, \$20 e \$10.

7 de 5, 10 e 20 centavos. Idem. Idem.

Oferta da Camara Municipal do Seixal:

1 lápida com as armas do Carmo, e com inscrição.

Oferecido pelas Obras Publicas:

1 fragmento de ombreira (?), estilo manuelino. Proveniente da demolição no edificio dos Ministerios, ala poente do Terreiro do Paço.

Oferta de um visitante:

1 nota de \$50 centavos, de Angola.

1 moeda de prata de 8 pense inglesa.

1 » » » de 1 shilling.

Oferta de outro visitante:

1 nota de Angola de 5\$00.

RELATÓRIOS DAS GERÊNCIAS DE 1925-26

RELATÓRIO DA ASSEMBLEIA GERAL

DESDE 1 DE JANEIRO A 30 DE JUNHO DE 1925

Em cumprimento do artigo 58.º do *Regulamento interno* da Associação dos Arqueólogos Portugueses, venho, como 1.º secretário da Mesa da Assembleia Geral, que em 30 de Junho de 1925 terminou o seu mandato, apresentar um resumido relatório dos trabalhos efectuados pela mesma assembleia durante o período que decorreu de 1 de Janeiro a 30 de Junho do corrente ano.

Houve dez sessões, sendo três administrativas e as restantes de estudo.

Aquelas realizaram-se no dia 12 de Fevereiro, 12 de Março e 20 de Junho.

Na primeira sessão de estudo, realizada em 15 de Janeiro, houve uma comunicação do Sr. Dr. Artur Lamas acêrca de diversos desacatos cometidos em igrejas de Lisboa e arredores, como os de S.^{ta} Engrácia, da Capela Real, de Odivelas e do Carmo, este ultimo documentado com a leitura da cópia do processo e sentença relativos a uns indivíduos que, por ocasião da Semana Santa, açoítaram alguns frades com os próprios silícios de que êles usavam para se penitenciarem.

Nesta mesma sessão o Sr. Dr. Joaquim Fontes fêz um desenvolvido relato da forma como se desempenhou, em Madrid, nas festas camoneanas, da missão para que havia sido nomeado, de ali representar esta Associação, e o Sr. Afonso de Dornelas realizou uma comunicação sôbre as antigas e valiosas tapeçarias de Pastrana alusivas à tomada de Arzila.

Na segunda sessão de estudo, em 29 de Janeiro, fêz uma comunicação sôbre a *Historia da Heráldica* o Sr. Conde de São Paio (D. António).

Na sessão de estudo de 28 de Fevereiro, a terceira da série, houve uma comunicação do Sr. Dr. Artur Lamas sôbre a casa do principal Lázaro Leitão, ao Calhariz, onde hoje funciona a Caixa Geral de Depósitos, e o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos leu um capítulo do seu livro consagrado ao uso da barba em Portugal.

A quarta sessão de estudo realizou-se em 28 de Março. Nela houve, além de uma comunicação do Sr. Cordeiro de Sousa sôbre uma inscrição da Sé de Lisboa referente a Bartolomeu Joães, uma comunicação do Sr. Dr. Joaquim Fontes sôbre uma viagem arqueológica que realizou à Galiza, onde examinou a estação paleolítica de Pasage e a citânia de S.^{ta} Tecla.

Em 16 de Abril, na quinta sessão de estudo, houve as seguintes comemorações: uma do Sr. Coronel Garcez Teixeira sôbre *Uma iluminura do século XV*, representando uma vista de Tomar, iluminura pertencente ao livro 4.º da *Extremadura* da série *Leitura Nova*, existente no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, e outra do Sr. Ludovico de Meneses sôbre alguns contos populares comuns ao Algarve e à Boémia e sôbre outros assuntos etnograficos.

Na sexta sessão de estudo, efectuada em 11 de Junho, o Sr. Cardoso Gonçalves apresentou uma comunicação sobre uma antiga usança que se realizava, ainda há anos, na vila de Fronteira, distrito de Portalegre, e o Sr. Dr. Manuel Heleno leu uma comunicação sobre *A origem da moeda*.

Na última sessão de estudo, a sétima, que teve lugar em 27 de Junho, apresentou o sr. Dr. Joaquim Fontes uma comunicação sobre o *antropopiteco* do professor Darth e sobre outros assuntos relativos ao homem primitivo.

Nessa mesma sessão o sr. Afonso de Dornelas descreveu a forma carinhosa como foram recebidos, na zona do protectorado espanhol em Marrocos, os delegados portugueses que ali estiveram nas festas de beleza realizadas em 1923 e fez uma comunicação sobre a veneração e culto pela memória do infeliz rei D. Sebastião, que ali teve ocasião de verificar que existe ainda entre os mouros, e referiu-se ao respeito com que ali são conservados os antigos monumentos portugueses.

Como se conclui, por este resumido relatório, não foi estéril, antes pelo contrário, foi bastante fecundo, este curto período de vida associativa, constatando-se assim, mais uma vez, a continuação do ressurgimento da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que, segundo todos esperamos, continuará a manter as suas gloriosas tradições.

Edifício Histórico do Carmo, 31 de Julho de 1925.

O 1.º SECRETÁRIO DA ASSEMBLEIA GERAL:

Henrique de Campos Ferreira Lima.

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO, DE 19 DE MARÇO DE 1925

A 11 DE JULHO DE 1925

Ilustres e presados consócios:

Cumprindo a disposição regulamentar que impõe ao secretário a obrigação de fazer um relatório referente à actividade da Direcção, venho depôr nas vossas mãos, esta exposição sucinta dos factos passados, desde que tomámos posse em 19 de Março de 1925, até ao dia 30 de Junho último.

Apagada foi a acção da Direcção, porque, além de tudo, era apenas de 3 meses a sua vigência e, logo de começo, foi combinado limitarmo-nos ao expediente, sem que nos abalançassemos a grandes trabalhos, que não teríamos tempo de concluir e sem que alargássemos as despesas, além da receita mensal de quotas e de entradas no Museu.

Esta Direcção nunca funcionou completa, pela renúncia do nosso presado consócio, Sr. Dr. Artur Lamas, ao lugar de vice-presidente, para que fôra eleito; e também funcionámos sem tesoureiro, porque o nosso ilustre consócio, Sr. Coronel Azevedo e Silva, persistiu no seu propósito de não aceitar esse cargo, para que também fôra eleito.

Como resolvêssemos não tocar no depósito que a Associação tem à sua ordem no Montepio Geral, desempenhou as funções de tesoureiro, o 2.º secretário, Sr. José

Paulo Pereira, no que foi grandemente auxiliado pelo empregado Santos, com a nossa plena satisfação, pelo que é merecedor dos nossos melhores agradecimentos.

Logo no dia da nossa posse, intercedeu esta Direcção pela suspensão da praça a que ia proceder-se para venda de um troço das antigas muralhas de Évora, tendo a satisfação de registar que as suas diligências não foram infrutíferas e as muralhas não foram vendidas.

Começámos a renovar e modificar a instalação eléctrica, para o que autorizámos a verba de Escudos 250,000, não tendo havido tempo para a concluir.

Fêz-se um pau de bandeira novo para pôr sobre o portão de entrada do Museu; está concluído, faltando apenas a sua colocação e, porventura a modificação das braçadeiras de ferro que o devem segurar.

Continuou-se a impressão do IV volume da «Arqueologia e História», sem que a Direcção tenha dispendido qualquer importância, além do custo do papel, por ter resolvido só pagar a impressão do livro, depois de êle concluído, para assim ir fazendo mensalmente uma reserva monetária, que a habilitasse a saldar tal encargo, oportunamente.

A oficina gráfica é que, conhecendo o amor e dedicação que o Sr. Rodrigues Simões tem pela nossa Associação, conseguiu que êste nosso presado consócio lhe desse, por conta, Escudos 2.000,000.

É a Associação, pois, devedora daquela importância ao nosso prestante consócio citado, que felizmente foi eleito, de novo, tesoureiro da Associação.

Várias lápides, como consta das 7 actas da nossa Direcção, dêram entrada no nosso Museu, sendo o seu transporte graciosamente ordenado pelo nosso prestantíssimo consócio Sr. Jesuíno Ganhado, cujos serviços, sempre dedicados e constantes, são crêdores dos nossos mais sinceros agradecimentos.

Tendo sido solicitado à Associação que nomeasse dois seus delegados, para fazerem parte do júri de admissão e classificação dos trabalhos dos concorrentes ao concurso para o monumento a erigir a Camilo, foram nomeados os Srs. Dr. Xavier da Costa e Alberto de Sousa e, tendo-se escusado o primeiro dêstes senhores, pelos seus afazeres profissionais, foi substituído pelo Sr. Soares O' Sullivand.

Temos o prazer de registar, na nossa curta Direcção, duas valiosas ofertas: uma, do oficial de artilharia Sr. Jorge Pereira de Carvalho, de um belo machado da idade da pedra polida; outra, do nosso ilustre consócio, Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, de um busto de Camões e vários livros para a nossa biblioteca.

Interinamente, estava desempenhando o lugar de bibliotecário, o Sr. Coronel Garcez Teixeira, até ao momento em que teve de se ausentar para Vizeu, tendo sido substituído nesta interinidade pelo nosso presado consócio Sr. Cordeiro de Sousa.

Propositadamente, deixamos para o fim, a referência, que entendemos de toda a justiça fazer, ao Sr. Frazão de Vasconcelos, que era o secretário da Direcção a que sucedemos e que felizmente está no Conselho Dirigente que agora tomou posse.

Êste nosso dedicadíssimo consócio, além de ter conseguido que os depósitos do Arsenal de Marinha nos cedessem gratuitamente a vergôntea para o mastro que se fêz e de ter tomado à sua conta a direcção da impressão dos regulamentos,

interno e das insígnias, nunca nos abandonou com o seu experiente conselho e com o seu entranhado zêlo pelo bom nome e lustre desta Associação.

É, pois, crêdor dos nossos mais justos, mais sinceros e mais rendidos agradecimentos.

Esta Direcção, que cessou o seu mandato em 30 do passado e continuou, sem êle, até ao dia 11 de Julho corrente, tem a grande satisfação de ser substituída por um Conselho Dirigente composto de homens que, pelos seus trabalhos de alto valor e pelo seu passado ilustre, se impõem ao nosso respeito, estima e consideração e sente-se feliz por ter fechado uma fase da nossa vida associativa, que foi brilhante por vezes, não pela nossa efémera acção, mas que não deixa, exceptuando êstes últimos 3 meses, de ficar vincada a letras de oiro na história desta casa.

Lisboa, 31 de Julho de 1925.

O 1.º SECRETÁRIO RELATOR :

Jacinto de Andrade Albuquerque de Bettencourt.

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

Ex.^{mos} Consócios :

O artigo 29.º do Regulamento, entre as atribuições do secretário geral, menciona a de elaborar um relatório para ser presente anualmente à assembleia geral.

Encontrando-me, por força das circunstâncias, desempenhando interinamente o cargo de secretário geral, vou procurar cumprir êste preceito regulamentar.

Sabem V Ex.^{as} que o Regulamento interno actual principiou a vigorar em 1 de julho de 1926. Devo, pois, começar por dizer que o nosso Presidente, sr. Dr. Xavier da Costa, iniciou os seus trabalhos, no referido mês de Julho, por instalar as secções de estudo e os novos corpos associativos. Assim, em 14 instalou a Secção de Arqueologia pré-histórica; em 15 a de Heráldica e Genealogia; em 16 a de Numismática e Sigilografia; em 17 a de Estudos Olissiponenses; em 18 a de Bibliologia e Diplomática, e em 23 a de Arqueologia histórica. Em 24 instalou o Conselho Técnico e em 27 o Conselho Dirigente.

Quiz e conseguiu S. Ex.^a comunicar na assembleia geral do fim daquele mês que a Associação se encontrava plenamente funcionando dentro das novas normas.

Logo no princípio da gerência, se reconheceu a conveniência de aumentar as jóias e quotas dos sócios. O assunto foi tratado na sessão, muito concorrida, de 27-12-1925, do Conselho Dirigente, o mais alto corpo associativo, em que têm voto 27 associados, o qual aprovou por unanimidade, as novas jóias e quotas propostas. As quotas dos sócios efectivos passaram a ser de 5\$00 mensais e as dos correspondentes de 20\$00 semestrais. As jóias, para ambos, ficaram as estabelecidas na assembleia geral de 19 de Dezembro de 1923, isto é, 20\$00, sem direito à insígnia. Relativamente aos sócios estrangeiros, manteve as disposições anteriores, pelas quais êstes sócios pagam, por uma vez sómente, 50 francos, podendo em casos extraordinários e quando a assembleia geral assim o julgar conveniente, ser dispensados de qualquer pagamento. O mesmo Conselho resolveu também que estas últimas

disposições se poderiam aplicar aos sócios nacionais quando a assembleia geral o autorizasse.

Nessa mesma sessão do Conselho Dirigente se resolveu a colocação, nas capelas laterais das naves, dos brasões e inscrições lapidares, o que se iniciou, assim como a mudança do túmulo de D. Fernando e a construção de dependências, obras estas que exgotaram as reservas associativas, ficando a Associação devedora ainda de uma elevada importância, o que mais circunstanciadamente consta do relatório da tesouraria que vai ser presente a V. Ex.^{as}. Se aludo a estes factos é unicamente para informar V. Ex.^{as} de que, não obstante as grandes despesas feitas, o Conselho Administrativo conta poder ainda este ano distribuir o V volume da *Arqueologia e História*, de que já estão impressas 24 páginas com um valioso trabalho epigráfico do nosso consócio sr. Cordeiro de Sousa.

Entre os factos de que justamente nos podemos orgulhar, pelo brilho e bom nome que trouxeram à nossa colectividade, conta-se, em primeiro lugar, o Curso de Arqueologia pré-histórica aqui professado com a mais alta competência pelo nosso ilustre consócio sr. Dr. Joaquim Fontes. As lições do sr. Dr. Joaquim Fontes ficam marcando na nossa vida associativa como um acontecimento perdurável.

Temos depois as conferências e as exposições. Entre as primeiras, citarei, por ordem cronológica, a do sr. Afonso de Dornelas, sobre o Livro do Armeiro-mór, a do nosso Presidente, sr. Dr. Xavier da Costa, sobre «Vieira Lusitano, poeta e abridor de aguasfortes», a do sr. Henrique Loureiro, sobre os Paineis do Museu das Janelas Verdes; outra do sr. Afonso de Dornelas, sobre as Tapeçarias de D. Afonso V, a do sr. Cardoso Gonçalves, sobre o Missal Pontifical de Estevam Gonçalves Neto, a do sr. Marquês de Jacome Correia, também sobre os Paineis do Museu das Janelas Verdes, e, por fim, a de Monsenhor Gustavo Couto, sobre a «História e Antiguidade da Igreja de Santo Estevam, de Lisboa».

Nas exposições destacarei a de leques, que constituiu um verdadeiro acontecimento. Tendo feito parte da comissão organizadora, mal me ficaria tecer-lhe elogios, nem quero dizer que os mereça, pela minha parte pelo menos. O que, sem dúvida, não merece é censura. E, contudo, teve-as numa revista de Lisboa e subscritas por um nome literário muito reclamado. Foi essa a única nota discordante nas agradáveis apreciações da imprensa de Lisboa, Porto e Brasil. Censurou-nos esse crítico a organização, que não obedeceu a um critério de épocas ou estilos. É certo, mas todos sabem que os expositores que nos honraram com a sua cooperação nos manifestaram o desejo de que os seus núcleos não ficassem dispersos. Também nos censurou a falta de um catálogo. Como se houvesse o direito de exigir à Associação dos Arqueólogos, que nada recebe do Estado, aquilo que só poucos museus nacionais possuem, apesar das importantes verbas dispendidas desde há muitos anos com pessoal especializado!

A exposição de leques foi inaugurada com uma brilhantíssima conferência pelo nosso consócio sr. Dr. Luís de Oliveira Guimarães.

Foi também interessante a exposição aqui feita pelo sr. Luís Caetano Pereira de Carvalho, do seu notável trabalho «Planta em relêvo de uma parte de Lisboa, na escala de 1:100», que chamou ao Museu do Carmo grande concorrência. O Conselho Administrativo e a Secção de Estudos Olisiponenses aproveitaram a exposi-

ção do trabalho do sr. Pereira de Carvalho para o acompanharem de algumas plantas e vistas antigas de Lisboa, pertencentes à Associação e a alguns consócios, entre os quais é justo mencionar os srs. Conde do Almarjão, Matos Sequeira, Dr. Xavier da Costa e Jesuino Ganhado.

Esta exposição abriu em 13 de Maio, dia de feriado municipal, sendo precedida de uma conferência pelo nosso vice-presidente, sr. Matos Sequeira, que, como sempre, prendeu com a sua palavra erudita e elegante a atenção da numerosa assistência.

Últimamente, por iniciativa do sr. Afonso de Dornelas, cuja dedicação pela nossa Associação constantemente se evidencia por novas provas, realizou-se uma exposição de vistas antigas de Sintra. Conquanto de interesse mais restrito, esta exposição foi também muito apreciada, dando a conhecer alguns raros exemplares em gravura e litografia.

As exposições parciais que a Associação vem realizando visam a tornar conhecidas as colecções particulares, são como que um inventário a que o estudioso recorrerá quando, por conveniência dos seus trabalhos, disso tiver necessidade.

Como V. Ex.^{as} sabem, o nosso estimado consócio sr. Rodrigues Simões, logo no início da nossa gerência, desejou abandonar o seu lugar de tesoureiro, tendo sido substituído pelo também nosso estimado consócio sr. Júlio Nunes de Freitas. Como o sr. Júlio de Freitas se desempenhou da missão que lhe foi confiada, numa ocasião em que a situação das finanças associativas parecia desanimadora, vão V. Ex.^{as} ter ocasião de saber pelo seu relatório, no qual os números falam com toda a precisão.

Também não pudemos contar com a colaboração efectiva, no seu cargo de secretário geral, do sr. Afonso de Dornelas. Por motivos estranhos aos seus desejos, S. Ex.^a há já alguns meses que pediu a sua substituição, que se fez, passando para secretário geral o 2.^o secretário, sr. dr. Manuel Heleno. O sr. Afonso de Dornelas pediu agora a demissão de secretário. É de toda a justiça, porém, registrar, como noutra lugar já fizemos, que o sr. Dornelas não deixou de colaborar conosco quer na presidência, bastante trabalhosa, da Secção de Heráldica e Genealogia, quer como conservador e conferencista, quer ainda como organizador de exposições.

Duas perdas sensíveis para a nossa colectividade e para o nosso coração sofremos neste ano: a dos illustres consócios Dr. Artur Lamas e almirante Hipácio de Brion, que a morte nos arrebatou.

Os seus elogios foram aqui feitos pelo nosso presidente sr. Dr. Xavier da Costa, e, com relação ao dr. Artur Lamas, também pelo nosso venerando Presidente de Honra sr. Dr. José Leite de Vasconcelos.

A assembleia geral reuniu-se 19 vezes no ano social findo. A frequência a essas sessões consta do respectivo livro. Devo, porém, salientar que o nosso Presidente sr. Dr. Xavier da Costa, presidiu a 18 dessas sessões, tendo unicamente faltado a uma, por motivo de doença, em que foi substituído pelo vice-presidente sr. Dr. Felix Alves Pereira. Ainda sobre assiduidade quero também pôr em destaque a do nosso respeitável e estimado consócio sr. Mena Júnior, que compareceu a 17 sessões.

Termino o meu desataviado relatório por agradecer à imprensa, especializando o *Diário de Notícias*, *Século*, *Correio da Manhã*, *Época* e *Diário da Tarde*, as referências feitas à nossa Associação e o interesse que os nossos trabalhos lhes têm merecido. Espero que V. E.^{as} me acompanharão neste agradecimento.

Edifício Histórico do Carmo, em 31 de Julho de 1926.

O SECRETÁRIO GERAL, INTERINO :

Fração de Vasconcelos.

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE NUMISMÁTICA

É apenas para não deixar de cumprir o preceituado no artigo 58.º do Regulamento Interno que a Secção de Numismática, por meu intermédio, tem a honra de se dirigir a V. Ex.^{as}, pois que, na realidade, nenhum relatório de verdadeiro interesse pode apresentar-se, tomando por base as duas únicas sessões — a de 14 de Janeiro e a de 26 de Março — que a Secção realizou durante o primeiro semestre do ano corrente.

O longo período de suspensão de garantias que se seguiu à revolta de 18 de Abril e depois outros motivos, igualmente alheios à nossa vontade, impediram que a Secção voltasse a manifestar a sua vitalidade.

No entanto, dois factos de importância devo assinalar.

Consiste um dêles em ter sido a Secção de Numismática, no intuito de facilitar a vida nova que nos prescreve o actual Regulamento, a primeira que teve a honra de propôr candidatos a sócios titulares, tendo recaído a escolha nos Srs. Dr. Artur Lamas, Dr. Manuel Heleno, Major Henrique de Campos Ferreira Lima e Dr. Luís Xavier da Costa que, mercê desta circunstância, com tanto brilho e honra para a Associação dos Arqueólogos Portugueses, ocupa hoje o lugar de seu presidente.

O outro facto, a que me referi, foi a consulta apresentada à Secção pelo Sr. Dr. Manuel Heleno, no final da sessão de 26 de Março, acêrca da melhor maneira de organizar uma colecção e, consequentemente, o respectivo catálogo — optando pela ordem dos metais, tal como a indicam Aragão e outros numismatas ou pela ordem cronológica das emissões — consulta esta que ficou pendente e cuja resposta deverá revestir o maior interesse, pois se trata de fixar normas que habitem o coleccionador a dispôr as suas moedas segundo princípios científicos.

Devo ainda registar que numa das suas sessões teve a Secção o prazer de contemplar duas moedas de ouro, de grande valor, que lhe foram apresentadas pelo nosso digno consócio Sr. Dr. Silva Carvalho, sendo uma delas o *Justo*, de D. João II, e a outra os *Dois cruzados*, de D. Filipe II, com a sobrecarga 2.200, exemplar raríssimo e talvez único em Portugal, pelo qual o negociante Schulmann, de Amsterdão, pede 1.000 florins.

— Quanto a entradas de objectos no nosso museu de numismática, registaram-se as seguintes ofertas :

Do Sr. Afonso de Dornelas :

- 1 Moeda inglesa de cobre, de Eduardo VII ;
- 2 Moedas de XX réis, 4 de X réis e 1 de V réis, tôdas de D. Maria II e de datas diferentes ;
- 3 Moedas de V réis de D. Luís, tôdas de datas diferentes.

Da Sr.^a D. Maria do Carmo de Sousa Coutinho :

- 1 Pataco de D. João VI, de 1821 ;
- 1 Macuta carimbada, de D. Maria I e D. Pedro III, de 1785.

Da Comissão do Centenário de Camilo :

- 2 Cédulas camarárias de Vila Real de Santo António.

Do Sr. A. M. D. :

- 2 Cédulas camarárias de Arruda dos Vinhos.

Do Sr. Coronel Garcez Teixeira :

- 1 Moeda de prata francesa, moderna ;
- 1 Moeda de cobre indiana.

Do Sr. Joaquim Lopes da Fonseca, de Tondela :

- 3 Moedas, uma de 500, uma 1000 e outra de 2000 réis, comemorativas do Centenário da Independência do Brasil.

Do Sr. Joaquim Alves Pereira :

- 1 Moeda inglesa, de prata, de Jorge V.

O SECRETÁRIO :

J. Nunes de Freitas.

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE HERALDICA E GENEALOGIA

Depois do nosso Presidente, sr. Afonso de Dornelas, ter relatado, da circunstanciada maneira que V. Ex.^{aa} já tiveram ocasião de ouvir, o estabelecimento em 1901 da nossa Secção, a sua fundação em 1910, e o decurso da sua vida nos anos de 1921, 22 e 23, conforme os nossos estatutos, cabe pela primeira vez ao secretário desta Secção a tarefa do relatório desde então para cá. A troca de uma entidade pela outra, ordenada por estes estatutos, ainda que teoricamente lógica, praticamente, para este caso, redundou numa infelicidade, mas *ab dura lex sed lex*, e vou desempenhar-me o melhor que puder da obrigação.

Em primeiro lugar, abrangerá este relatório dois anos, o de 1924 pelos estatutos antigos só neste de 25 se deveria ter relatado e o de 1925, que, segundo os novos estatutos, o deve ser agora.

Por assim serem dois os anos acumulados, não imporei a V. Ex.^{sa} a minuta do que foi cada uma das sessões neste bienio; limitar-me-ei a assinalar as principais correntes da actividade da Secção.

Creio que não darei novidade se disser que a Secção de Heráldica foi das que mais tem trabalhado. Pode-se bem dizer que não houve uma sessão em que se não lesse uma memória sobre qualquer questão heráldica ou genealógica. Foram por exemplo as comunicações do sr. Jacinto d'Andrade Albuquerque de Bettencourt, — cito ao acaso — notas críticas ao livro do sr. Dr. Asdrubal d'Aguiar «O Rei Formoso e a Flor d'Altura» a 20-11-924, «A Nobreza Portuguesa», a 16-11, «A representação do titulo de Duque d'Aveiro», a 3-11, do mesmo ano, e a de 18-11 de 1925 em que com muita arte ficou curiosos personagens, e feriu interessantes notas da vida social na Ilha de S. Miguel no final do seculo XVIII, com especial referência aos Peireiras Ataides; a do sr. Afonso de Dornelas sobre a tenção da Rainha D. Leonor, a 4-11-925, e sobre genealogia dos Césares, Condes de Sabugosa, a 7-11 do mesmo ano; do sr. José Mendes da Cunha Saraiva sobre o conteúdo do Códice n.º 259 da Colec. Pomb. da Bil. Nac., a 30-11-924, e sobre o primeiro bispo de S. Paulo, D. Bernardo Rodrigues Nogueira e várias familias da vila de Santa Marinha, a 8-11-925; do sr. Frazão de Vasconcellos sobre o Paço dos Negros da Ribeira de Muge, a 21-11 deste ano; do sr. Rodrigues Simões sobre o epitáfio da Condessa de Barbacena, D. Maria das Dores José de Melo existente na igreja matriz das Caldas da Rainha; do signatário sobre os Vasconcellos Vilalobos do Alentejo, a 6-11-924, sobre o convento de Santo António de Castanheira, em Novembro deste mesmo ano sobre as armas dos Meneses, de Febo Moniz a 4-11-925, e sobre a heráldica no museu do Carmo (Continuação do inventario dos brasões, iniciado pelo sr. Afonso de Dornelas) a 17-11 ano corrente. A principal actividade da secção foi porem indubitavelmente a continuação do estudo dos brasões de armas das vilas portuguesas.

Os brasões das antigas vilas de Portugal são a adaptação heráldica dos emblemas municipais, ostentados nos selos dos municipios ou nas bandeiras das portas dos castelos quando estas não ostentavam as insígnias reais ou dos seus alcaides-mores. E pelo seu estudo e adaptação às regras da arte-ciência heráldica que se consegue fazer regressar estes brasões ao seu purismo, depois de bastas vezes terem sido deturpados por dilatado tempo, devido a muita asneira e muita ignorância: assim se fez por exemplo a Extremoz e a Barcelos.

Mas não nos temos limitado a reconstituir, integrados nesta dialectica, temos, a pedido official de muitas autarquias locais, proposto brasões de armas.

A este trabalho, que por vezes se tem tornado violento devido à afluência de pedidos, carinhosamente se tem dedicado o sr. Afonso de Dornelas, relatando todos os estudos e pareceres sobre estes brasões à excepção do de Fronteira que mereceu um interessante estudo do sr. Júlio Nunes de Freitas.

Foram assim estudadas e aprovadas propostas de brasões de armas para as seguintes villas: Certã, Barcelos, Benguela, Ilhavo, S. Tirso, Castanheira de Pera, Mealhada, Vila Real de S.^{to} Antonio, Silves, Caminha e Amarante.

E' de notar que todos estes municipios tem concordado com as nossas propostas e agradecido muito os estudos que o sr. Afonso de Dornelas, com uma de-

dicação, um desinteresse, um patriotismo, uma verdadeira benemerência, que é digna de toda a homenagem, tem sobre os seus brasões de armas elaborado. Ainda neste capítulo, numa das ultimas sessões do presente ano, se estudou (sendo relatores o sr. Afonso de Dornelas e o signatário) um assunto importante e sobre ele se tomou uma importante resolução. Refiro-me à sessão de 3 de Junho em que, depois do signatário ter feito uma comunicação sobre as corôas reais, o sr. Afonso de Dornelas apresentou a seguinte proposta :

Considerando o desejo, muitas vezes manifestado pelas autarquias locais, de verem os seus brasões de armas coroados; considerando que assim ficam os brasões de domínio esteticamente mais equilibrados, portanto mais belas — circunstância que nunca se deverá desprezar em boa heráldica — considerando que se as corôas murais simbolizam as antigas ou modernas fortificações de uma povoação, o mesmo será que dizer a própria povoação, porque antigamente, isto é, no tempo da heráldica viva, não havia povoação alguma — desde que tivesse importância — pelo menos cá na Península, e especialmente em Portugal — que não tivesse obras de defesa, considerando portanto que bem se poderá dizer que uma corôa mural simboliza uma vila, cidade ou aldeia, proponho que seja admitido o uso de uma corôa mural de prata em todos os brasões de armas das povoações portuguesas, distinguindo-se a sua importância pelo número de torres que a componham: de três para os lugares aldeias e freguezias, quatro para as vilas e cinco para as cidades, reservando a corôa mural de cinco torres de ouro para a capital da nação e para as capitais das provincias ultramarinas.

Ainda em matéria de orientação da emblemática nacional, temos obstado a muitos crimes de lesa bom gosto, bom-senso e bons principios. Assim, por exemplo, a seu pedido, propusémos o emblema para a Associação Commercial do Bombarral, — as armas da villa assentes sobre os emblemas do comércio — obstando a um disparate heráldico que a direcção da mesma Associação se propunha, na melhor boa-fé, adoptar à imitação do não menos disparatado emblema da sua congénere de Lisboa.

Mas não foram só estas comunicações e o estudo dos brasões municipais o que nos occupou a atenção. O descobrimento das cartas de brasão inéditas, a identificação de brasões de armas, e o conhecimento de obras sobre a especialidade foi igualmente o objecto do nosso cuidado. Assim, os srs. Jorge de Faria Machado de Sampaio, Afonso de Dornelas e Jacinto de Bettencourt, nas sessões de 28 de Maio e 11 de Junho de 1924 deram conhecimento á Secção da existência das cartas inéditas passadas a Sebastião de Faria, José Ignacio Machado de Faria e Maia, Antonio de Sequeira Preto e a Vicente Rodrigues Vieira; e o signatario igualmente identificou um brasão de armas existente no nosso museu que o sr. Afonso de Dornelas julgára ser de Pimentéis e Maldonados; e é na realidade o brasão de Diogo Velho.

Ao conhecimento da Secção se trouxeram os seguintes livros :

Uma coleção genealógica, ms. da autoria de Jacinto Leitão Manso de Lima, adquirido pelo sr. Conde do Almarjão, um ms. sobre a Ilha da Madeira, de Gaspar Frutuoso, adquirido pelo sr. Afonso de Dornelas, um nobiliário ms. em 4 vols., adquirido pelo sr. Mannel Borges d'Oliveira; «Heraldische Atlas von H. G. Ströhl»,

bela e artistica obra onde se pode estudar a evolução da arte heráldica atravez os séculos, gostos e modas; «Le Blason des armes suivi de l'armorial des villes châtelaines, cours géodelles, seigneures et familles de l'ancien conté de Flandre, par Corneille Goilliard, roi et héraut d'armes de l'Empereur Charles Quint», interesantíssima obra onde pela primeira vez se explicou as regras do brasão; «l'Heráldique des Provinces Belges», magnifica obra de revivescência do purismo heráldico, cujo conhecimento é a bem dizer indispensavel a quem estude a constituição das armas de domínio; «A Invasão dos Judeus», curiosa obra do nosso consócio sr. Mario Saa, onde se narra um dos mais interessantes problemas ráccicos, antropológicos, e genealógicos que podem preocupar portugueses; e «Saúdades da Terra», vol. 1 do Liv. iv, do P.º Gaspar Frutuoso, a preciosa obra sôbre os Açores que por uma benemerita comissão está sendo publicada.

Foram ainda apresentados, mas êstes com a recomendação de oferecidos à biblioteca por intermédio da Secção de Heráldica: a Descendência de S. M. El-Rei D. João VI, encarecido e já consagrado trabalho do nosso consócio Sr. Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal; o Brasão de Alcobaça, e «Genealogia dos Césares, Condes de Sabugosa», do Sr. Afonso de Dornelas; documentos sôbre a representação do titulo de Conde d'Alvelos, do Sr. Francisco Perfeito de Magalhães e Menezes (Conde de Alvelos), e o 1.º fasciculo do grande e célebre nobiliário do Padre Jacinto Leitão Manso de Lima de que um grupo de genealogistas quási todos nossos consócios, para salvar a obra do inevitável desaparecimento a que a tinta com que está escrita a condenou, está tirando cópias stencilografadas.

Não terminarei sem me referir a um acontecimento que teve lugar êste ano, de alta importância e muita honra para esta Secção: a realização da exposição de peças armoriadas, uma das suas mais acarinhadas aspirações, projectada havia anos, e que num golpe de rápida decisão se pôde efectuar. O que foi êsse concurso artistico, não terei necessidade de o dizer a V. Ex.ª. V. Ex.ª certamente o puderam apreciar com seus próprios olhos, e muitos concorreram para êle com a sua muito boa vontade. De resto, melhor do que nós o poderíamos dizer, disseram-no os jornais, e di-lo o «Diário do Governo» no louvor que publicou.

Sempre direi contudo a V. V. Ex.ª, como minha opinião muito pessoal, que difficilmente se tornará a retinir e expor uma colecção tão grande de peças armoriadas, especialmente de cerâmica, arreios e encadernações. Conforme proposta aqui aprovada, publicar-se-á um catálogo que já deve estar começado a imprimir, ilustrado com magnificas fotografias gentilmente tiradas pelo nosso consócio Sr. Coronel Azevedo e Silva. Contamos que saia a público no próximo inverno.

Vou fechar, mas antes de dar êste relatório por terminado, quero encerrá-lo com duas propostas: uma é minha, a outra foi votada por unanimidade na última sessão de heráldica. Já várias vezes se tem ventilado nas nossas sessões a permuta da nossa revista com outras nacionais e estrangeiras; algumas associações scientificas teem chegado mesmo a propôr-nos a troca de publicações; a questão tem ficado relegada para ser apreciada em assembleia geral; não quero deixar fugir a ocasião. Portanto, considerando a grande vantagem que poderá receber a Associação dos Arqueólogos Portugueses da permuta da sua revista com as de associações congêneres, ou congêneres de algumas das suas secções, proponho que seja apro-

vada e autorizada em princípio a troca da nossa publicação intitulada «Arqueologia e História» com os boletins das associações congêneres ou congêneres de algumas das suas secções, e desde já com os boletins da «*Société Suisse d'Héraldique*», *Revista Araldica*, *Instituto Ibero-Americano*, *Real Academia Galega da Corunha* e o *Instituto Geográfico e Arqueológico Pernambucano*.

Proponho mais que, e é esta a segunda proposta, considerando os muitos trabalhos que nesta Secção são apresentados, e considerando que na sua maioria são de alto interesse para o estudo das especialidades que nela se cultivam, a Associação dos Arqueólogos Portugueses conceda licença que, debaixo dos seus auspícios, se publique um boletim à parte, da Secção de Heráldica e Genealogia, cujos encargos serão privativos da mesma secção sem outro onus para a Associação, e cuja redacção, direcção e publicação seja da exclusiva competência da mesma Secção, e caso este desejo muito ardente dos seus membros se não possa realizar, se reservem sempre na publicação «Arqueologia e História» umas certas páginas para nela serem publicados os trabalhos desta Secção.

Lisboa, 30 de Julho de 1925.

O SECRETÁRIO :

Conde de São Payo, (Antonio).

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE BIBLIOLOGIA E DIPLOMÁTICA

Ex.^{mo} Senhores :

Em cumprimento do disposto no Regulamento interno da nossa Associação e na minha qualidade, nada ambicionada, de Secretário da Secção de Bibliologia e Diplomática, venho apresentar a V. Ex.^{as} o breve relatório da breve vida que a Secção teve durante este ano. Três vezes a Secção reuniu, além da sessão de instalação, presidida pelo nosso muito ilustre Presidente, o Ex.^{mo} Senhor Dr. Xavier da Costa.

Não querendo exemplificar, tenho o prazer de vêrfazendo parte da Secção nomes ilustríssimos; mas, se me é lícito recordar e evocar o nome de alguém, permitam-me V. Ex.^{as} que refira o do Senhor Presidente da Secção, Ex.^{mo} Senhor Dr. José Leite de Vasconcellos.

Na 1.^a sessão o Sr. Vice-Presidente fêz uma notável apologia da Bibliologia e da Bibliografia.

Na 2.^a sessão tratou-se dos sócios titulares da Secção e da organização dos respectivos processos.

Na 3.^a o Ex.^{mo} Senhor Dr. Xavier da Costa propôs uma exposição de livros ornados e com belas portadas, devidas a bons gravadores portugueses, ideia que foi aceita com alvoroço, sendo nomeada uma comissão para tratar do assunto.

O autor d'este relatório referiu a descoberta dum autógrafa de Luís de Camões, sobre o qual estão fazendo aturados estudos alguns homens de sciência, a fim de ser como tal reconhecido e comprovado.

Por fim, o signatário levantou um elogio à Universidade de Coimbra pelo belis-

simo empreendimento, por parte da sua Imprensa, publicando obras raras e de difficil consulta, enaltecendo o nome do seu digno Director, Sr. Dr. Joaquim de Carvalho.

O Senhor Vice-Presidente propôs que as palavras do Secretário fôsem levadas ao conhecimento de S. Ex.^a e por sua parte o Ex.^{mo} Sr. Dr. Xavier da Costa propôs que a Direcção tomasse a si essa manifestação, tão justa, como oportuna.

Alguna coisa, Ex.^{mos} Srs., pois, se fêz.

Do interesse que a Secção está despertando é lícito supôr que êste ano produza mais e melhores frutos.

O SECRETÁRIO

Frederico Gavazço Perry Vidal.

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE ESTUDOS OLISSIPONENSES

Esta secção, devido talvez à falta de comparência do seu presidente, aliás justificada pelos seus muitos afazeres profissionais, ou à dos socios inscritos, não reünio senão duas vezes, das seis que foi convocada tendo comparecido na primeira, que foi a 9 de Janeiro do ano corrente os sócios, Augusto Vieira da Silva, Francisco Soares O'Sullivand, Frazão de Vasconcelos e o signatário dêste relatório; nesta reünião apreciou-se uma vista de Lisboa apresentada pelo nosso consócio Vieira da Silva na sua conferência de 23 de Dezembro de 1924, resolvendo-se que esta Secção instasse junto da comissão do Boletim para que ali fôsse publicada tanto a vista como a conferência, tratando-se tambem de vários assuntos de menor importância.

No dia 23 do mesmo mês e ano, compareceram os sócios Frazão de Vasconcelos, Augusto Vieira da Silva e o signatário dêste, não chegando a reünir por falta de número. Na de 6 de Fevereiro p. p. igualmente se não reünio por falta de número. Na de 17 de Abril do ano corrente tratou-se de uma proposta do nosso consócio Henrique de Campos Ferreira Lima, para se officiar à Câmara Municipal a fim de alterar o letreiro da Rua Bartolomeu da Costa, pela razão que então apresentou, proposta esta que foi enviada à Direcção para os fins convenientes.

Tambem nesta sessão foi apresentado a esta Secção, pelo nosso consócio Manuel Cardoso Marta, um maço de bilhetes de teatro, electricos, lotarias e de renda de casas, bentinhos, etc., que foram destinados à parte Olissiponense do Museu desta Associação, o que é digno de agradecimento. Ainda se marcou nova reünião para 5 de Junho, em que compareceram 3 associados, pelo que não houve sessão. Em virtude disto, tomei a resolução de não mais convocar reüniões da Secção.

Sala das sessões, em 31 de Julho de 1925.

Jesuino Artur Ganhado.

RELATORIO DA SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Excelentíssimos consócios :

Durante o ano associativo de 1925-1926, a Secção de Arqueologia Histórica renitiu 7 vezes, tendo feito interessantes comunicações os Ex.^{mos} Srs. Neves, Quirino da Fonseca e Dr. Jordão de Freitas, acêrca do aproveitamento das quedas de água da Ilha da Madeira, no século XV, para serração das madeiras destinadas à construção de navios.

Foi encarregado o conservador eleito pela Secção, para, de acôrdo com os conservadores eleitos pelas outras Secções, proceder a nova arrumação e catalogação dos objectos expostos no museu, trabalho que se encontra bastante adiantado, tendo-se dado nova disposição aos objectos da época lusitano-romana, retirando-se outros a que não se atribuiu bastante merecimento para figurarem no museu e pondo-se em evidência alguns que, apesar do seu valor, passavam despercebidos entre a desordem em que estavam algumas das vidraceiras e que dava às salas do museu o vergonhoso aspecto da velha Feira da Ladra.

Esta arrumação será ainda demorada, dada a falta de tempo, e as dificuldades porque está passando a Associação, mas o catálogo, ou, antes, um inventário ir-se há organizando metódicamente e dentro do tempo que fôr possível dedicar a êsse trabalho.

Entendo dever chamar a atenção de V. Ex.^{as} para a entrada no museu de uma estela discoide que reputo de grande valor arqueológico, pela raridade das suas insculpturas, pois é o único exemplar de que tenho conhecimento, em que existe uma inscrição.

Cumpre-me também comunicar que brevemente será recolhida numa das salas a curiosa tampa do túmulo de São Frei Gil, salvando-a de uma destruição lenta mas evidente.

Seria grave injustiça não fazer referência ao interêsse dado às sessões da Secção pelo seu illustre presidente que sempre encontrou ocasião de proporcionar aos seus consócios o prazer das suas elegantes e eruditas dissertações sôbre os assuntos em discussão.

Lisboa, 25 de Novembro de 1926.

O SECRETÁRIO DA SECÇÃO :

J.-M. Cordeiro de Sousa.

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE NUMISMÁTICA

Tendo entrado em vigor, em 1 de Julho de 1925, o actual Regulamento Interno, aprovado por Portaria n.º 4:360, de 14 de Fevereiro do mesmo ano, foi a Secção de Numismática reinstalada, em 16 de Julho, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Juís Xavier da

Costa, illustre presidente desta colectividade, tendo sido eleita a respectiva mesa, que ficou composta dos Ex.^{mos} Srs. Dr. José Leite de Vasconcelos, como presidente, Dr. Artur Lamas, como vice-presidente, ficando como secretário e conservador o signatário deste relatório.

Desde então até 30 de Junho do ano corrente, realizaram-se seis sessões, não tendo o Dr. Artur Lamas assistido senão às duas primeiras, visto que o seu falecimento inesperado veio privar a Secção de Numismática — já tão duramente experimentada no ano anterior com a morte de Ferreira Braga — dum dos seus mais brilhantes e valiosos elementos. Em consequência de tão infausto acontecimento, foi escolhido para a vice-presidência, em sessão de 18 de Dezembro do ano findo, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Domingos Heleno, sendo na mesma sessão feito, por S. Ex.^a o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, o elogio do falecido Dr. Lamas.

Durante o ano registaram-se, ambas da parte do Ex.^o Sr. Dr. Heleno, duas comunicações de importância: — a primeira sobre o valor das moedas dos nossos primeiros reinados, indicando a maneira de calcular, aproximadamente, o seu poder de aquisição; a segunda acerca do início da cunhagem de moeda por meio de prensa.

Em várias sessões occupou-se também a Secção da pergunta já anteriormente formulada por aquele nosso illustre consócio: — *Como devemos ordenar uma colecção de moedas?* — sendo lidas e apreciadas as respostas dos Ex.^{mos} Srs. Raúl Couvreur, Henrique Loureiro, Dr. Constantino Fernandes, Augusto Viana de Moraes, Dr. Azevedo Borralho, Dr. Raúl Duque (Coimbra), José Frois (Boafazinha), João Guilherme Pereira (Benavente), Augusto da Costa Monteiro (Coimbra), capitão Elias Garcia e bem assim a do signatário. Como, porém, algumas das respostas se afastam muito do questionário formulado, e como além disso faltam ainda respostas de pessoas cuja opinião é de tódta a justiça e maior interesse ouvir, a Secção resolveu aguardar mais algum tempo antes de se pronunciar definitivamente sobre tão importante assunto.

Quanto à sua colecção de medalhas, moedas e cédulas, a Secção regista com prazer que ela teve grande aumento durante o ano, devido às ofertas dalguns visitantes e dos Ex.^{mos} Srs. Quirino da Fonseca, Frazão de Vasconcelos, Raúl Couvreur, Tomás de Azevedo e Silva, Francisco Leal, Luciano Ribeiro e Dr. Joaquim Moreira Fontes, tendo merecido a oferta dêste nosso muito illustre e prestimoso consócio especial referência na reunião da Assembleia Geral de 25 de Março p. p., pois foi deveras importante, compondo-se de 3 medalhas, 24 moedas de prata, 135 de cobre e 9 senhas, peças estas que entraram no nosso medalheiro, além de vários duplicados que archivámos.

Desta oferta e de tódta as outras vai anexa a êste relatório uma nota detalhada.

Por último, cumpre-me apontar que, aproveitando um relativo desfôgo da nossa situação financeira, o Conselho Administrativo, procurando dar satisfação a pedidos instantes dalguns conservadores, destinou uma pequena verba para o arranjo de várias vitrines, adequando-as melhor ao fim a que se destinam, de forma a dar ao nosso Museu uma ordem que se preste a uma mais fácil catalogação e consiga prender e educar a atenção do visitante.

Nesta ordem de ideias, a Secção de Numismática não é das menos beneficiadas, e conquanto lhe fique faltando ainda muito espaço, certo é que muito melhorou, como poderá verificar-se logo que esteja completa a arrumação a que se está procedendo.

O SECRETÁRIO :

Júlio Nunes de Freitas.

OFERTAS AO MUSEU — SECÇÃO DE NUMISMÁTICA

Visitantes :

1 Cédula camarária de Chaves ; 1 da Guarda ; 1 de Lagôa ; 1 de Vila Rial de Santo António.

D. Mariana Augusta de Almeida Pimentel de Moura Coutinho do Amaral Fração :

1 Medalha de cobre comemorativa da inauguração da estátua equestre de D. José I.

Francisco Leal :

4 Cédulas camarárias de Santo Tirso ; 2 de Ovar ; 1 de Penafiel ; 1 de Braga ; 3 de Aveiro ; 1 de Matozinhos ; 1 de Vila da Feira ; 1 de Vila do Conde ; 3 dos Carris de Ferro do Pôrto ; 1 da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimarenense.

Fração de Vasconcelos :

1 Espadim (D. Afonso V).

Raúl Couvreur :

1 Cédula de 50 centavos de Angola ; 4 Reproduções em gesso de moedas portuguesas, raras, existentes no Museu de Londres.

Quirino da Fonseca :

2 Cédulas emitidas pelo govêrno para a província de Angola, ambas de 50 centavos ; 1 cédula de 1 escudo do Banco Ultramarino para Moçambique ; 3 cédulas do Banco Ultramarino para Angola (10, 20 e 50 centavos).

Tomás de Azevedo e Silva :

1 Cruzado em prata de D. João Regente (1825).

Luciano Ribeiro :

7 Moedas estrangeiras.

Cordeiro de Sousa :

1 Nota de 1.200 réis do antigo Banco de Lisboa.

Dr. Joaquim Fontes :

3 Medalhas ; 15 moedas de prata portuguesas, de D. Manuel I a D. Luís I ; 6 moedas de prata, estrangeiras ; 22 moedas de cobre, romanas ; 38 moedas de cobre, portuguesas, e 83 estrangeiras, e 9 senhas.

RELATÓRIO DO BIBLIOTECÁRIO

Manda o Regulamento Interno da Associação dos Arqueólogos Portugueses, pelo seu número cinco do artigo cinqüenta, que o Conservador encarregado de desempenhar as funções de bibliotecário da sua Biblioteca, elabore um relatório anual expondo a vida e movimento desta.

Cumpre-me, em virtude das funções que me foram cometidas, vir dizer a V. Ex.^{as}, embora sucintamente, qual foi o movimento da Biblioteca da nossa Associação durante o ano de Estudos que teve princípio em Julho de 1925 e terminou em Junho de 1926, inclusivé.

Das obras entradas na Biblioteca durante êste período, tiveram já V. Ex.^{as} detalhado conhecimento pelas listas que mensalmente organizei, e tive a honra de ler nas respectivas Assembleias Gerais de Estudo, que se realizaram no decorrer daquele ano na nossa Associação.

As espécies bibliográficas que deram entrada na Biblioteca, além das publicações periódicas, que são em elevado número e dum grande valor, tanto as nacionais como as estrangeiras, foi superior a uma centena, como se verifica do respectivo livro de matrícula existente na Biblioteca.

O aumento do número de volumes com que se enriqueceu a nossa Biblioteca no referido ano, deve-se, em parte, à oferta dos nossos excelentíssimos consócios.

Do valor dêstes trabalhos, não' ousou falar, porque seria petulância da minha parte referir-me aos autores consagrados que os firmam.

Sem o mais leve intuito de censura e salvo o necessário respeito, estou certo que o número de espécies bibliográficas a que acima me referi, seria muito mais elevado, se alguns dos nossos excelentíssimos consócios cumprissem, sôbre êste ponto, as disposições estatutárias expressas no número quatro do seu artigo décimo primeiro.

E, para terminar, direi que, devido ao período algo melindroso por que tem passado a nossa Associação, não se promoveu a aquisição das espécies bibliográficas que apareceram no mercado, nem tão pouco a encadernação de obras já existentes e que disso necessitavam.

Lisboa, Edifício Histórico do Carmo, Sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Sala da Biblioteca, em 25 de Novembro de 1926.

O CONSERVADOR :

José da Cunha Saraiva.

SECÇÃO DE ESTUDOS OLISSIPONENSES

Em obediência às disposições regulamentares desta Associação e na qualidade de modesto secretário da Secção de Estudos Olisiponenses, cabe-me a honra de vir relatar, ainda que rapidamente, os trabalhos desta Secção, o resumo da sua actividade desde a data da sua instalação, a dentro da nova lei orgânica, em 17 de Julho do ano findo de 1925.

Conferida a posse nessa mesma data ao actual corpo dirigente, momentos antes eleito com as formalidades legais, sob a presidência do Ex.^{mo} Sr. Presidente do Conselho Director desta Associação, foram desde logo iniciados os trabalhos que normalmente foram seguidos até 20 do corrente mês, respectivamente em 21 de Novembro e 12 de Dezembro do ano findo e 23 de Janeiro, 20 de Fevereiro, 20 de Março, 20 de Abril, 22 de Maio e finalmente 20 de Novembro corrente.

O interêsse sempre manifestado pelos estudos desta Secção revela-se pelo nú-

mero de presenças às suas reuniões mensais, e pela variedade e interessantes comunicações nelas produzidas.

Entre outros assuntos de menos interesse e mero expediente, cabe especial menção, pela amplitude e acertada critica histórica como foram tratados, os seguintes estudos, teses e comunicações :

A projectada modificação do Arco de Bandeira que a Câmara Municipal de Lisboa tencionava levar a efeito com o fim do alargamento do mesmo, que facilitasse o trânsito de veículos, descongestionando o tráfico das ruas próximas; emitiu esta Secção o unânime voto de protesto contra qualquer modificação no mesmo Arco, o que felizmente não se effectuou. — Protecção à vista panorâmica e ao monumento das Aguas Livres, na encosta da Serra do Monsanto, altamente prejudicada com as repetidas construções feitas a esmo, de barracas de tijolo e somente de madeira sem obedecerem a qualquer plano ou critério estético. — A constante modificação e alteração dos nomes das ruas da capital foram objecto de veementes protestos e acalorada discussão em várias reuniões, emitindo a Secção o formal voto de que sejam conservadas as antigas e tradicionais designações, em especial os nomes de character histórico, protestando contra tais alterações quasi sempre injustificáveis. — Sobre o livro «Monumentos Sacros de Lisboa e seus Arredores» de Luís Gonzaga Pereira, existente na Biblioteca Nacional, cujo estado de conservação é o mais deploravel possível, emitiu a secção o voto de que com a maior urgência seja reparado, sob a cruel ameaça de se perder uma obra de tal vulto para os estudos citadinos. — A aquisição para o nosso museu de uma balança da época de D. João VI existente na alfândega de Lisboa, prendeu a atenção da Secção, não se tendo verificado o seu transporte pela dificuldade de arrumação e de exposição condigna — Com referência ao prodigioso trabalho devido à incomparável paciência e habilidade do sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho que está executado em relevo uma grande parte da cidade de Lisboa, cuja minúcia se admira nos mais infimos detalhes, emitiu a Secção o voto de que tal trabalho figuram na exposição effectuada por ocasião da Festa da Cidade, que de facto se realisou. — Ainda sobre reproduções citadinas foram emitidos votos de caloroso louvor ao distinto pintor Roque Gameiro pela publicação da sua excelente obra denominada «Lisboa Velha» e ao distinto aguarelista e nosso prestimoso consócio Alberto de Sousa pela publicação a obra «O Traje Popular em Portugal nos séculos XVI e XVII». — O Convento dos Jerónimos e seu anexo foram objecto de amiudadas comunicações e reclamações pelas muitas e variadas mutilações causadas pelos alunos da Casa Pia nas suas horas de recreio, emitindo a Secção vários votos de protesto e de que sejam levadas ao conhecimento do Director daquele estabelecimento de ensino. — Outros muitos assuntos de interesse histórico e estética citadina foram tratadas nesta Secção, como a criação do Panteão Nacional, a interdição de passagem a veículos por baixo do Arco da Rua Augusta, a conclusão e aproveitamento do templo de Santa Engrácia, a adaptação do anexo do Mosteiro dos Jerónimos a Museu Nacional, como foi determinado, mas sem execução, onde seriam reunidos os museus ethnográfico, de Marinha e Colonial. O uso e abuso de plantação de palmeiras, principalmente, junto a monumentos históricos cuja vizinhança nada se casa e muito os prejudica, etc., etc.

Tais foram os trabalhos desta Secção nas suas 9 reuniões, cuja actividade é de notar como uma das primeiras na laboriosa tarefa da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Edifício Histórico do Carmo, em 25 de Novembro de 1926.

O SECRETARIO :

Luiz de Albuquerque Bettencourt.
